

MAURO CORDEIRO ANDRADE

A EXPERIÊNCIA DE FREUD

escrita e invenção da psicanálise

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras: Literatura Comparada, sob a orientação da Profa. Dra. Lucia Castello Branco.

Belo Horizonte
Março de 2008

*A Celso e Sylma,
fonte das letras para mim
início da experiência*

*À Tina:
receba ela
estas páginas*

(In memoriam)

AGRADECIMENTOS

A Lucia Castello Branco, pelo apoio vivo e constante, desde a primeira hora, e pela confiança e aposta permanentes na pesquisa;

A Ruth Silviano Brandão: presença generosa e solícita, no reencontro com as letras e no curso da pesquisa;

A Vania Baeta, por sua existência, próxima e distinta da minha: amor inédito;

Aos professores Ram Mandil, César Guimarães, Jacyntho Brandão, Eliane Robert Moraes, e a Ana Maria Portugal e paulo de andrade, pela leitura atenta e o trabalho de argüição;

A Ana Maria Portugal, paulo de andrade, Juliana Gambogi e Cynthia Barra, presentes em momentos variados do curso da escrita;

A Jean-Michel Rey, Annie Tardits, Ernest Ilisca e Lélia Dias, por toda a sua generosidade em terra estrangeira;

A João Barrento, sempre solícito às demandas no trânsito das línguas;

A todos aqueles, mais próximos no dia-a-dia, por laços de amizade, de afeto, de sangue, de letra, de trabalho.

Esta pesquisa contou com o apoio (essencial) da CAPES e do CNPq.

*Eis aqui alguns resíduos de minha última investida.
Eu só consigo compor os detalhes no processo de escrever.
Esse processo segue completamente os ditames do inconsciente,
segundo o bem conhecido princípio de Itzig,
o cavaleiro de domingo: “Itzig, aonde você vai?”
“E eu sei? Pergunte ao cavalo.”
Eu nunca comecei um único parágrafo
sabendo de antemão aonde terminaria.*

Sigmund Freud

*A experiência-limite é assim a própria experiência:
O pensamento pensa aquilo que não se deixa pensar!
o pensamento pensa mais do que pode pensar,
numa afirmação que afirma mais
do que se pode afirmar!
Esse mais é a experiência*

*Experiência da não-experiência.
Desvio de todo visível e de todo invisível*

Maurice Blanchot

*Que Freud ait forgé son propre destin,
déjà l'œuvre d'art qu'il a créée
dans l'élément du langage,
suffit à en témoigner*

Ludwig Binswanger

RESUMO

Esta pesquisa procura, através da leitura de alguns textos de Sigmund Freud, assinalar o movimento de sua experiência — particularmente aquela de sua escrita. Essa experiência/acontecimento revela a força de criação de uma obra e de invenção de uma prática clínica — a psicanálise. O pensamento de Maurice Blanchot — acerca da experiência da escrita —, à medida que se aproxima da experiência freudiana, fornece-nos a base teórica para tal pesquisa. E, com o “retorno a Freud”, o pensamento sobre a *letra*, e a passagem da “literatura” à “laturaterra”, Lacan leva além o trabalho de estabelecer alguns fundamentos das relações entre literatura e psicanálise.

RÉSUMÉE

Cette thèse cherche à déceler dans les textes de Sigmund Freud le mouvement de son expérience et plus particulièrement de celle de son écriture. Cet expérience-événement dévoile l'élan créatif de l'oeuvre, lié à la création d'une pratique clinique — la psychanalyse. Dans ce sens, la pensée de Maurice Blanchot à propos de l'expérience de l'écriture, à la mesure qu'elle se rapproche du travail freudien, encadrera théoriquement cette thèse. À côté de ce rapprochement, et avec son "retour à Freud", ses réflexions sur la *lettre* et le passage de la "littérature" à la "litturaterre", Lacan mène au-delà les éléments fondamentaux du rapport entre littérature et psychanalyse.

SUMÁRIO

PRIMEIRO CAPÍTULO: UM HOMEM DE LETRAS.....	9
Seguir sendo um Homem de Letras.....	11
Biografia: Standard ou Hagiografia?.....	15
Notas acerca das relações entre Freud e a Literatura.....	25
A experiência literária.....	37
SEGUNDO CAPÍTULO: A FONTE DAS LETRAS.....	46
TERCEIRO CAPÍTULO: RETORNO À EXPERIÊNCIA.....	77
Na Filosofia.....	81
A Etimologia.....	87
A experiência interior.....	90
A experiência de escrita.....	94
Corte e recorte.....	102
QUARTO CAPÍTULO: O CURSO DA OBRA.....	108
Tratamento Psíquico (ou Anímico).....	115
O “primeiro livro”.....	122
Outro primeiro livro.....	131
QUINTO CAPÍTULO: A TERCEIRA MARGEM – O ALÉM DE FREUD.....	144
Retorno ao <i>Projeto</i>	149
Um passo além.....	168
A EXPERIÊNCIA LITURATERÁRIA.....	191
ANEXOS	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	204

PRIMEIRO CAPÍTULO

UM HOMEM DE LETRAS

*Eu tenho podido cumprir meu destino por uma via indireta
e realizar meu sonho: seguir sendo um homem de letras,
mesmo que sob a aparência de um médico*

Sigmund Freud

SEGUIR SENDO UM HOMEM DE LETRAS

Esta singular confissão não parece ter despertado muito interesse entre comentadores, estudiosos, praticantes ou curiosos da psicanálise. Como uma declaração aparentemente sem muita importância, jogada ao vento na circunstância de uma entrevista, estaria destinada a desaparecer, não fosse as alusões a um complexo emaranhado de relações, envolvendo *destino, sonho, aparência, via indireta*, numa sintaxe paradoxal: *realizar um sonho* — algo no porvir —, *de seguir sendo* — algo já da experiência. E o objeto, ou realização, ou destino aí colocados: *ser um homem de letras*.

Embora diante de uma tão grave condensação — de vida, obra, percurso, experiência —, não podemos deixar escapar a ênfase da pequena frase, do pequeno enunciado, em que, de maneira quase fortuita, Freud declara um sonho. Essa condensação talvez não incomode psicanalistas ou conhecedores de sua obra. Ela contém, é verdade, algo do cerne da experiência psíquica, particularmente no que é, ampla e exaustivamente, exposto e estudado no livro dos sonhos. *Cumprir um destino, realizar um sonho, utilizar uma via indireta, portar alguma outra aparência*, tudo isso está lá, generosamente oferecido ao leitor d’*A interpretação dos sonhos*,¹ livro considerado *fundador* da psicanálise.

Essa entrevista escapou aos olhos sagazes e atentos dos mais conhecidos biógrafos de Freud, ou historiadores da psicanálise.² E, se não escapou, não lhes chamou a atenção, nem lhes pareceu digna de importância. Temos notícia de que foi citada por Kon, Flem e Ruitenbeek,³ autores desconhecidos fora dos círculos acadêmicos de pesquisa. Devemos admitir que, em meio ao enorme corpo teórico — da obra de Freud —, de toda a correspondência, exegese, biografismo e, ainda, devaneios nas mais diversas formas de expressão sobre sua obra, uma tal declaração deveria mesmo passar despercebida. Ela parece fazer um desvio, cavar uma via indireta, repousar nas sombras de todo cânone teórico já produzido pela psicanálise e outras disciplinas — ao modo como sabemos ser

¹ FREUD. *ESB*, IV e V.

² Cf JONES, 1989 (1953/55/57); GAY, 1989 (1988); SCHUR, 1975 (1972); MANNONI, 1994 (1968); SACHS, 1977 (1944); ROBERT, 2002 (1964); RODRIGUÉ, 1995; ROUDINESCO, 1986.

³ KON. *Freud e seu duplo*: reflexões entre psicanálise e arte; FLEM. *La vie quotidienne de Freud et de ses patients*; RUITENBEECK. “A visit to Freud” In: *Freud as we knew him*. (Agradeço esta informação a Ana Paula Ávila Pinto.)

necessário ou inevitável, tantas vezes, a uma idéia essencial, a espera. Ela só pode mesmo ser *entre-vista*.

Esse sonho de Freud, assim declarado, obliquamente, em uma entrevista sem muita importância, será elevado aqui à importância de *fundamento*. Mas ele não aparece nos variados repertórios de seus sonhos, disseminados ao longo da obra⁴, e nem no vasto corpo exegetico sobre ela. Na verdade, ele sequer fora sonhado, tal como estamos acostumados, no senso comum e em psicanálise, a nos referir ao ato de sonhar e ao *sonho* — uma das mais significativas formações do inconsciente.⁵ Não se trata de um *sonho* de que possamos dizer que realiza um desejo.⁶

Seguir sendo um homem de letras, dito cinco anos antes de sua morte, aos 83, ressoa surdamente, com o poder de, ao menos, atrair nossa atenção. Mais que de um desejo, a realização revelada aí é de toda uma vida, ou da experiência do autor. Pensar em Freud como um homem de letras, antes de pensá-lo como psicanalista? Deixemos esse aparente absurdo nos guiar por algum tempo. Façamos, temporariamente, uma suspensão do juízo certo e inquestionável, que atesta o contrário. Veremos, mais adiante, que o julgamento do próprio Freud, acerca do que diz de si mesmo, naquela entrevista, contém outras implicações e outros vieses, que, esperamos, possam nos auxiliar nessa suspensão que tentaremos levar em frente.

“Homem de letras” é expressão corrente, com duas conotações prevalentes e inequívocas: homem sábio e escritor. Não nos deteremos na primeira e, quanto à segunda, a parte “estandardizada”⁷ de sua obra (em 24 volumes), e a suposição de Fichtner, de que a produção epistolar de Freud tenha alcançado a cifra de 20.000 cartas,⁸ bastam para significá-la. Rodrigué cita o artigo de Fichtner — e escreve seu livro seis anos depois deste

⁴ Na página 565 do volume V da edição da *ESB* com a qual estamos trabalhando, encontramos, no Apêndice B, uma “Relação dos trabalhos de Freud que versam extensa ou predominantemente sobre os sonhos”, cobrindo o período de 1895 a 1938.

⁵ O sonho, o esquecimento de palavras ou de nomes, o lapso, o ato falho em geral, o chiste e os sintomas. Esses fenômenos expressam, de alguma forma, a realização de um desejo inconsciente.

⁶ Como uma das teses centrais d’*A interpretação dos sonhos*, “O sonho é a realização de um desejo” é o título do capítulo III desse livro. (*ESB*, IV)

⁷ Neologismo nosso que expressa as características da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Dentre outras questões sabemos que muitos de seus artigos, prevalentemente do período anterior a 1900, não estão incluídos nesta edição. Encontramos o verbete “standard” no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Cf. mais adiante a discussão sobre o “standard”.

⁸ FICHTNER. As cartas de Freud como fonte histórica. *Revista Internacional de História da Psicanálise*, p. 54.

—, e afirma que 4.200 delas foram publicadas; 3.650 estariam censuradas; supõe que umas 2.000 não estariam totalmente perdidas; e conclui: “Dez mil cartas de extratexto acompanhando o texto teórico, dando pé para imaginar um hipertexto totalizante.”⁹ Podemos declinar o entusiasmo de “hipertexto” simplesmente para *texto*, e descartar “totalizante”, como destituído de sentido, para nós. Estamos diante do *texto* freudiano. Só possuímos, essencial e absolutamente, o *texto*. Obra escrita, legado do escritor, um homem de letras.

o texto _____ *ao fechar o dele*
quis dar-lhe um corpo de fulgor e de penetração que se não confundisse com o físico, belo ou degradado. Um corpo integralmente feito de linguagem.

Deu-lhes aliados ou comunicantes, sem os quais o *vazio provocado* da linguagem não consegue ser continuado.

Fê-lo, por fim, re-visitar a sua espantosa intuição inicial, despindo-a radicalmente de qualquer psicologia e posicionando-a como sémem de um novo pensamento sobre o mundo. *Nele e aqui*, houve essa possibilidade aberta. Foi essa *Aparição* que ele nos trouxe, e que ficou por pensar. Grande notícia e frágil livro.¹⁰

De Freud, eis o que nos é dado: possuímos, essencial e absolutamente, o *texto*. Grande notícia, apesar de tantos livros. Não exatamente. Temos imagens, e até sua voz, gravada em algum aparelho antigo, cuja sonoridade, hoje, nos parece bastante estranha. Mas, essencialmente, temos o texto. E a imagem fundamental não existe: a mão do escritor, empunhando a pena, no ato de escrever. Essa imagem não existe. Só se pode *escrevê-la*. Teremos, assim, outros textos, tantos outros que o texto de Freud incita a escrever.

“Que cela soit donc rappelé à qui lirait ces pages en les croyant traversées par la pensée du malheur. Et plus encore, qu’il essaie d’imaginer la main qui les écrit : s’il la voyait, peut-être lire lui deviendrait-il une tâche sérieuse.”¹¹ Este último trecho de *L’arrêt de mort*, brado do escritor, dá-nos um indício daquela imagem — *essai d’imaginer* —, e mais: talvez tornar a leitura uma tarefa séria. Grave o gesto, grave a tarefa, o texto grafado, a pena de morte. “A morte é o sussurrar interminável da existência, que a obra faz

⁹ RODRIGUÉ. *Sigmund Freud: o século da psicanálise*, I, p.29.

¹⁰ LLANSOL. O sonho de que temos a linguagem. *Colóquio/Letras*, p.7 e 8.

¹¹ BLANCHOT. *L’arrêt de mort*, p.149.

murmurar.”¹² Eis o que temos — a obra, e a experiência que a ela conduz : o texto, sua escrita.

Essas nove frases — e um grande risco — da citação acima, de Llansol, poderiam ser nossa epígrafe. Mais do que isso, elas escrevem a suma, a súpula de nosso trabalho. Poderíamos, se possível, descansar ao pé delas, declarando que bastam para dizer o que queremos, com o texto freudiano aqui e em nosso horizonte.

Tomaremos frases e risco como outro sonho, agora nosso. É o modo como desejamos tratar o outro texto — o texto freudiano —, sendo o risco, portanto, matéria de sonhos, textos, e de sua escrita. Mas, na escrita, esse risco é muito mais do que um traço no papel, e o traço, ele mesmo, sem começo nem fim, infinito.

Blanchot supõe que Borges — quando dele trata, no *Aleph* — recebera o infinito da literatura. E assim o escreve:

La vérité de la littérature serait dans l’erreur de l’infini. Le monde où nous vivons et tel que nous le vivons est heureusement borné. Il nous suffit de quelques pas pour sortir de notre chambre, de quelques années pour sortir de notre vie. Mais supposons que, dans cette étroit espace, soudain obscur, soudain aveugles, nous nous égarions. Supposons que le désert géographique devienne le désert biblique: ce n’est plus quatre pas, ce n’est plus onze jours qu’il nous faut pour le traverser, mais le temps de deux générations, mais toute l’histoire de toute l’humanité, et peut-être davantage. Pour l’homme mesuré et de mesure, la chambre, le désert et le monde sont des lieux strictement déterminés. Pour l’homme désertique et labyrinthique, voué à l’erreur d’une démarche nécessairement un peu plus longue que sa vie, le même sera vraiment infini, même s’il sait qu’il ne l’est pas et d’autant plus qu’il le saura.¹³

Para alguém tomado pelo erro — errância — da escrita, esse acontecimento não possui começo nem fim. A origem não estaria exatamente no começo, ou o começo não estaria na origem, mas, talvez, no original. E, em matéria de uma obra escrita — realização na língua, numa língua —, a força dessa obra pode estar, também, para além do original. A obra de Freud testemunha isso. Uma obra sobre tradução, sobre escrita, sobre o infinito — infinito erro da escrita: ela não pára, com e apesar das traduções e de outras escritas. E de

¹² LÉVINAS, 4a capa de BLANCHOT. *Pena de morte*.

¹³ BLANCHOT. *Le livre à venir*, p.130-1.

que deserto se trata, qual labirinto? A experiência literária, esperamos, poderá nos dizer alguma coisa sobre isso.

BIOGRAFIA: STANDARD OU HAGIOGRAFIA?

Aos 28 anos, Freud comunica a sua noiva que acabara de fazer desaparecer a maior parte de seus escritos, iniciados então por volta de seus 14 anos de idade: “Destruí todas as minhas notas dos últimos 14 anos, bem como cartas, excertos de trabalhos científicos e os manuscritos das minhas monografias”.¹⁴

Essa carta, de 28 de abril de 1885, amplamente citada em grande parte de suas biografias e outros trabalhos — geralmente como desabafo dos biógrafos diante da espinhosa tarefa a que se propuseram —, traz ainda o manifesto júbilo do escritor, na fantasia que ele mesmo expressa, de *dificultar* o trabalho daqueles. Nenhum trabalho parece ter sido *mais* dificultado, a julgar pela proliferação do biografismo iniciado ainda em vida do próprio Freud.¹⁵ Mas, para ele, fazer desaparecer alguns de seus escritos — ato que veremos se repetir ao longo de sua experiência de escritor — pode ser algo que está para além de si mesmo.

Em contrapartida — ou estamos diante de mais uma dificuldade? — um fato bastante mencionado por seus biógrafos e outros estudiosos, e quase sempre utilizado para justificar o ato, muitas vezes considerado intrusivo ou inescrupuloso, de escrever sobre sua vida, é que ele mesmo, Freud, revelara publicamente, em diversos livros, detalhes íntimos, passagens da vida familiar e pessoal, como jamais seria esperado de qualquer homem de ciência. Isso pode ser amplamente comprovado em *A interpretação dos sonhos* e *A psicopatologia da vida cotidiana*. E assim, antes mesmo de ter examinado o que ele

¹⁴ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas: 1873-1939*, p.168-9.

¹⁵ Rodrigué — talvez o último biógrafo de Freud até o momento —, no prólogo de seu livro, fornece diversas informações sobre as biografias de Freud — por exemplo, a primeira tendo sido a de Wittels, de 1924 —; discute a “pulsão biográfica”, justifica mais uma biografia, a sua, mesmo confessando: “Duvido que exista, depois de Jesus Cristo e o tio-avô de Marie Bonaparte, um indivíduo mais biografado.” RODRIGUÉ. *Sigmund Freud*, volume I, p.26. Cf. também a nota 3 deste capítulo.

pronunciou acerca de estudos biográficos, constatamos que seu legado, vida/obra, já embaralha os fios desse tipo de empreendimento.

Vejamos o que Freud escreveu sobre a questão da biografia em 1910, em seu artigo “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”:

os biógrafos se fixam em seus livros de uma maneira toda especial. Muitas vezes escolhem o herói como assunto de seu estudo porque — segundo razões de sua vida emocional pessoal — desde o começo sentiram por ele uma afeição especial. Dedicam suas energias a um trabalho de idealização, destinado a incluir o grande homem na série de seus modelos infantis — revivendo neles, talvez, a idéia infantil que faziam de seu pai. Para satisfazer este desejo, eliminam até as características fisionômicas de sua personagem; apagam as marcas das lutas de sua vida, com resistências internas e externas, e nela não toleram nenhum vestígio de fraqueza ou imperfeições humanas. Apresentam-nos, assim, uma figura ideal, fria, estranha, em vez de uma pessoa humana com a qual nos pudéssemos sentir remotamente relacionados. Isto é lastimável, pois assim sacrificam a verdade em benefício de uma ilusão, e por causa de suas fantasias infantis abandonam *a oportunidade de penetrar nos mais fascinantes segredos da natureza humana*.¹⁶

Não deixa de ser enigmático o que Freud parece aludir ao final deste trecho. De qualquer maneira, também soa como amplamente inespecífico, aberto a muitas possibilidades. Mas já indica o que aparecerá mais adiante, de forma um pouco mais clara, como uma hesitação diante do gesto ou da realização biográfica: condenável, sob diversos aspectos, mas inevitável e profícuo, em outros.

Algumas referências, consideradas da maior importância nesse assunto, são as opiniões expressas por ele mesmo àqueles que, dentre seus biógrafos, pôde conhecer em vida (por exemplo, Wittels e Stefan Zweig). Em 18 de dezembro de 1923, escreve a Wittels:

¹⁶ FREUD, *ESB*, XI, p.118 (o grifo é nosso)

É desnecessário dizer que eu nunca teria desejado nem promovido tal livro. Parece-me que o mundo não tem motivo para reivindicar a minha pessoa e que nada aprenderá de mim enquanto meu caso (por múltiplas razões) não puder tornar-se completamente transparente.¹⁷

Schur esclarece que Freud fez duras críticas (embora não o destituísse de todo) ao trabalho de Wittels, e sugeriu-lhe mudanças nos pontos em que o relato lhe parecia distanciar-se da verdade.¹⁸ Alguns anos mais tarde, diante do livro de Stefan Zweig, *Die Heilung durch den Geist: Franz Anton Mesmer, Mary Baker Eddy, Sigmund Freud*, (Leipzig, 1931),¹⁹ a reação é um pouco diferente — carta de 7 de fevereiro de 1931:

Fato geral e notório é que uma pessoa não goste do próprio retrato, ou que não se reconheça nele. Portanto, dou-me pressa em exprimir minha satisfação por ter você identificado corretamente o traço mais importante, no meu caso.²⁰

Na mesma carta, ainda encontramos outros aspectos em que Freud manifesta seu desacordo com alguns pontos de vista do autor. Ou seja, em mais este exemplo, a apreciação de um texto biográfico mostra-se na impossibilidade de um juízo uniforme, de aprovação ou reprovação, ou revela uma hesitação entre essas duas posições.

Um ano antes, no discurso em agradecimento ao prêmio Goethe, e voltando a expressar-se de modo geral sobre o gesto biográfico, escreve:

Todos nós, que reverenciamos Goethe, nos submetemos, sem demasiado protesto, aos esforços de seus biógrafos, que tentam recriar-lhe a vida a partir dos relatos e indicações existentes. Mas o que podem essas biografias proporcionar-nos? Mesmo a melhor e mais integral delas não pode responder às duas perguntas que, somente elas, parecem merecer serem conhecidas. Ela não lançaria luz alguma sobre o enigma do dom miraculoso que faz um artista, e não poderia ajudar-nos a compreender melhor o valor e o efeito de suas obras.

Não obstante, penso que podemos considerar os esforços do biógrafo como legítimos.²¹

¹⁷ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*. 1873-1939, p.403. (O livro de Wittels é *Sigmund Freud: der Mann, die Lehre, die Schule*, Leipzig, 1924.)

¹⁸ Cf. SCHUR. *La mort dans la vie de Freud*, p.23-4.

¹⁹ Traduzindo: “A cura através do espírito: Franz Anton Mesmer, Mary Baker Eddy, Sigmund Freud”.

²⁰ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*. 1873-1939, p.468. Também citado em SCHUR. *La mort dans la vie de Freud*, p.24-5.

Mas essa história não tem fim. Em 1936, nos dias que se seguem a seu 80º aniversário (06 de maio), Freud encontra-se diante da tarefa de responder a tanta gente que o felicitara pela passagem — o que faz remetendo cartões com dizeres impressos de agradecimento, com alguma frase manuscrita sob a assinatura. Em 31 de maio, escreve a Arnold Zweig:

somente hoje (...) encontro tempo para escrever-lhe uma carta, provocada pela ameaça de que o senhor deseja tornar-se meu biógrafo. O senhor, que tem tantas coisas mais atraentes e importantes para fazer, que pode nomear reis e vistoriar a brutal loucura da humanidade do alto de uma torre de observação! Não, eu gosto muito do senhor para permitir que tal aconteça. Qualquer pessoa que se torne biógrafo compromete-se com mentiras, subterfúgio, hipocrisia, lisonja, e até com o ocultamento da sua própria falta de compreensão, pois a verdade biográfica não pode ser conseguida, e ainda que pudesse não poderia ser usada.²²

A ambivalência de Freud diante de iniciativas biográficas, no entanto, não repercutiu diretamente, como veremos, no imenso trabalho de seus seguidores mais próximos. E desse trabalho resultou a díade vida e obra: além da “biografia autorizada”, a tradução *standard* de seus trabalhos psicológicos, para citar um último exemplo, literalmente sacramentou seu artigo “*Selbstdarstellung*” como “autobiografia”, ou “estudo autobiográfico”.²³ Esta palavra alemã pode ser traduzida, naturalmente, com mais de uma solução, mas, compondo-se de duas partes — “selbst” e “darstellung”, ambas dicionarizadas —, e do alemão corrente, é notório que tenha prevalecido a versão que enfatiza a “biografia”. Existe, no alemão, até mesmo o vocábulo preciso que poderia resultar em “autobiografia”: *autobiographie*.²⁴ Mantendo a partícula *selbst* como “auto” ou “por si mesmo”, *darstellung* poderia ser trazido, ao português, como “representação”, “interpretação”, “caracterização”, “descrição”, “exposição”,²⁵ e mesmo “apresentação”. Há,

²¹ FREUD, *ESB*, XXI, p.244-5.

²² FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas: 1873-1939*, p.496. Este trecho é citado também em MANNONI. *Freud: uma biografia ilustrada*, p.21, mas com uma confusão de data e destinatário. Mannoni atribui o trecho à carta de 10.05.36 a outro Zweig, Stefan.

²³ FREUD, *ESB*, XX, p.11-92.

²⁴ LANGENSCHIEDTS. *Dicionário de bolso: das línguas portuguesa e alemã*. Tomo segundo, p.1050.

²⁵ LANGENSCHIEDTS. *Dicionário de bolso: das línguas portuguesa e alemã*. Tomo segundo, p.1050. p.754.

por exemplo, duas traduções francesas, e elas são simples e corretas: *Sigmund Freud présenté par lui-même* e *Autoprésentation*.²⁶

Roudinesco documenta a questão da ambivalência de Freud diante das iniciativas biográficas a seu respeito, remetendo o leitor à “lista dessas reações freudianas”, realizada por Mijolla, em 1993.²⁷

A grande biografia, autorizada e “oficial”, foi enfim escrita nos anos 50, por Ernest Jones, remanescente do grupo inicial do movimento psicanalítico, reunido em torno de Freud, e criador da Associação Psicanalítica de Viena, predecessora da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Jones obteve a autorização e o apoio necessário dos descendentes de seu biografado. Teve acesso a todo o material que a família se dispôs a revelar ao mundo, incluindo o conjunto das cartas de Freud a Wilhelm Fliess — correspondência que teve lugar entre 1887 e 1904, e passou a ser considerada a maior fonte de informação sobre a vida de Freud nesse período. Essas cartas permaneceram desconhecidas do grande público, e até mesmo dos psicanalistas, até 1950 (ano da edição alemã), ou 1954 (edição inglesa, com maior difusão).

A vida e a obra de Sigmund Freud foi escrita em três volumes, editados em Londres, um a cada dois anos, em 53, 55 e 57.²⁸ Seu caráter “oficial” é reforçado pelo fato de sua edição ter sido contemporânea do início do grande empreendimento que foi a tradução inglesa da obra (cuja edição, progressiva, dos vinte e quatro volumes, estende-se de 1953 a 1974), por James e Alix Strachey. Esse trabalho recebeu a peculiar denominação de *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud (SE)*. Trata-se de uma edição com vasto aparato crítico, cujas notas e “introduções do editor inglês” frequentemente remetem à biografia de Jones. Com exceção de dois ou três volumes, e alguns artigos esparsos, toda a obra de Freud disponível em língua portuguesa é baseada na *Standard Edition*.²⁹

²⁶ Cf. ROUDINESCO. *Dicionário de psicanálise*, p.201.

²⁷ ROUDINESCO. *Dicionário de psicanálise*, p.202.

²⁸ JONES. *A vida e a obra de Sigmund Freud* (para edição brasileira).

²⁹ “Duas edições completas da obra de Freud em alemão foram realizadas: uma durante sua vida, os *Gesammelte Schriften (GS)*, a outra depois de sua morte, as *Gesammelte Werke (GW)*, publicadas primeiro em Londres, depois em Franckfurt. As *GW* se tornaram, universalmente, a edição de referência. (...) A edição inglesa, realizada por James Strachey (...) é a única edição crítica da obra de Freud. É por isso que, mais ainda que as *Gesammelte Werke*, é uma obra de referência no mundo inteiro.” In: ROUDINESCO. *Dicionário de psicanálise*, p.272.

Não deixa de ser notável a convergência e a contemporaneidade dos trabalhos que resultaram, de um lado, no maior empreendimento editorial — em termos de abrangência e de aparato crítico — da obra, e de outro, na biografia mais documentada da vida de Freud. Steiner informa-nos que a idéia de preparar uma *Standard Edition* em inglês pertence a Jones, o responsável pelo contato entre o casal Strachey e Freud:

Na década de 1920, Jones e os Strachey tinham tido numerosos pontos de divergência sobre a tradução de Freud (Meizel, K.,1986); subsiste, porém, o fato de que a *Standard Edition* reflete não só suas idiossincrasias pessoais, mas também o projeto de Jones: criar um Freud cientista inglês aceitável pelo *establishment* científico e psiquiátrico. De fato, Jones e Strachey nunca deixaram de se consultar sobre os problemas técnicos e as questões de interpretação, inclusive na década de 1950, quando eles trabalharam em paralelo na biografia de Freud e na *Standard Edition*.³⁰

Jochen Kemper dedica-se à análise do que ele designou como *Standard Freud*: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra de Freud.³¹ Na verdade, a análise é concentrada na *Standard Edition (SE)*, com um capítulo final sobre a *Edição Standard Brasileira (ESB)*. O livro é rico em referências, segue de perto os trabalhos de Ricardo Steiner,³² a correspondência entre Freud e Jones, a perigrafia da *SE* — toda ela de autoria de Strachey —, e as várias edições progressivas dos trabalhos de Freud e de suas traduções, além de outras referências.

Após os elogios ao estilo de Freud, chegando a valorizar uma afirmação de Bourguignon (um dos coordenadores da atual equipe que trabalha na tradução de Freud para o francês), segundo a qual “o ‘freudiano’, com seu universo conceitual e com seus significantes específicos, representa na verdade um dialeto altamente especializado dentro

³⁰ STEINER citado por MIJOLLA. *Dicionário Internacional da Psicanálise*, p.1793 (verbete *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*) (A referência a Steiner é: “To explain our point of view to English readers in english words”.)

³¹ KEMPER. *Standard Freud*: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana.

³² STEINER, A worldwide international trade mark of genuiness?, 1987, *Int. Rev. Psycho-Anal.*, 14:33; Some thoughts about tradition and change arising from an examination of the british psychoanalytical society’s controversial discussions (1943-1944), *Int. Rev. Psycho-Anal.*, 1985, 12:27; *Introduction – The complete correspondence of Sigmund Freud and Ernest Jones 1908-1939*, editor R.A. Paskauskas, The Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge, Mass. E Londres, 1993, citados na bibliografia de KEMPER, *Standard Freud*: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana , p.154.

do próprio alemão”,³³ Kemper nos informa sobre a história do grande projeto político-institucional empreendido por Jones, com o auxílio de Strachey. Tratava-se de nada menos do que “uma edição ‘definitiva’ das obras do mestre, uma edição em inglês ‘mais completa e mais fidedigna’ do que as versões alemãs anteriores”.³⁴ Ele explica ainda o significado de *standard*, pretendido pelos editores, como um “padrão de excelência nunca antes atingido”,³⁵ mas também como uma espécie de marca registrada mundial da obra, referência definitiva, que regulamenta, evita desvios, estabelece significados. Para tanto, fora criado, ainda em 1921, o *The glossary committee*, por Jones, com a função de fixar a terminologia com que seria feita a tradução inglesa. Esse comitê evoluiu para o *Glossário para o uso de tradutores de trabalhos psicanalíticos*,³⁶ de 1924, e, mais tarde, para o *Vocabulário*,³⁷ a partir do qual seria, efetivamente, realizada a versão *standard*.

A análise de algumas cartas da época, trocadas entre Jones, Strachey e outros envolvidos no mesmo projeto, sugerem a Steiner “um fervor apostólico, quase pentecostal”. “Tendo recebido a mensagem diretamente do mestre, Jones e Strachey estariam mais bem preparados do que os outros para garantir sua transmissão definitiva”.³⁸ Kemper não poupa expressões como “depurar Freud dele mesmo”, ou “sua leitura subjetiva de Freud se tornaria a Bíblia e a garantia de uma psicanálise ‘pura’, sem que seus fiéis tivessem qualquer idéia de quanto Jones&Strachey se desviara de Freud”.³⁹

Atingimos aí a hagiografia. Quanto ao capítulo final, sobre a Edição Standard Brasileira, é suficiente dizer, aqui, que ele traz como epígrafe a seguinte frase de Sérgio Paulo Rouanet: “A tradução brasileira de Freud é a pior tradução de Freud jamais perpetrada.”⁴⁰

³³ KEMPER. *Standard Freud: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana*, p.22.

³⁴ KEMPER. *Standard Freud: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana*, p.53.

³⁵ KEMPER. *Standard Freud: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana*, p.55.

³⁶ JONES, *et al.* Glossary for the use of translators of psycho-analytic works. *Supplement* n. 1, *Int. J. Psycho-Anal.*, 1924, 5: 1-16. [citado por KEMPER, *Standard Freud: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana*, p.73]

³⁷ STRACHEY, A. (1943) — *A new german-english psycho-analytical vocabulary*, Bailière, Tindall and Cox, Londres. [apud KEMPER, *op. cit.*, p. 73]

³⁸ STEINER citado por KEMPER. *Standard Freud: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana*, p. 57.

³⁹ KEMPER. *Standard Freud: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana*, p. 65 e 61.

⁴⁰ ROUANET citado por KEMPER. *Standard Freud: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana*, p. 123.

Existem muitos outros trabalhos sobre essa verdadeira saga da tradução *standard* da obra freudiana. Assinalamos aqui, tão-somente, os mínimos indícios do tratamento a que esse texto fora submetido — com críticas tão fundamentais quanto precisas, embora sem poderem ser consideradas “completas” nem “definitivas” —, e em escala destinada a ser global e planetária. E mais, a escrita da biografia oficial, a nosso ver também merecedora da qualificação *standard*, inscreve-se no mesmo espírito, no mesmo empreendimento. Como se pudéssemos dizer: eis finalmente o conjunto, vida e obra, oficiais e estabelecidos. Foram feitos para serem lidos juntos, numa espécie de simbiose, ou numa constante auto-referenciação mútua. Standard.

Não obstante, os méritos da *SE* são reconhecidos por todos os historiadores e estudiosos da psicanálise. Particularmente quando se leva em conta as condições excepcionalmente difíceis que escritor e obra atravessaram ou estiveram obrigados a enfrentar, durante os acontecimentos mundiais dos anos 30 e 40. Apesar de tudo, alguns aspectos importantes de uma obra foram estabelecidos, como um *corpus*, por exemplo, e um aparato crítico abrangente. Mesmo assim, podemos afirmar, hoje, que *completo*, *estabelecido*, *definitivo*, *puro* ou *depurado* são epítetos absolutamente impróprios, inadequados, para se referirem a conceitos ou a o que quer que seja da obra freudiana. E outra avaliação, próxima do consenso, é de que a força dessa obra supera, pelo menos até certo grau, as perdas lamentáveis e inevitáveis de toda tradução. Nas palavras de Patrick Mahony: “ela (a *SE*) permanece como um testemunho da grandeza de Freud, cujos textos, como o da Bíblia ou o de Shakespeare, transcendem as limitações da tradução e têm cativado gerações, na sua diversidade linguística”.⁴¹

Ilse Grubrich-Simitis — psicanalista em Frankfurt e, desde os anos 60, co-editora das edições em língua alemã dos textos de Freud, na Editora S. Fischer —, em seu livro *De volta aos textos de Freud*: dando voz a documentos mudos, apresenta-nos pormenorizadamente a história dessas edições, que atravessaram a maior parte da vida do autor e seguem até hoje. Isso inclui toda a dificuldade de travessia dos acontecimentos trágicos do século XX, particularmente para um escritor judeu da Europa Central e para uma obra, incidente na civilização, como a psicanálise.

⁴¹ MAHONY. *Freud como escritor*, p.210.

A “Introdução” desse livro começa por referir a onda de críticas à *SE*, que teve um crescimento progressivo a partir dos anos 80, mas que levou a autora a uma apreciação crítica e científica da questão. Assim, ela reconheceu a inexistência — até hoje, nos países de língua alemã — da reunião das diversas pré-condições para um empreendimento da envergadura de uma edição na língua em que Freud escreveu, abrangente e crítica, cujo exemplo, inigualado ainda hoje, é justamente a *SE*. Dá notícias de esforços atuais e semelhantes em outros países, como na França — tradução das *Gesammelte Werke* sob a direção científica de Jean Laplanche —, e discute a difícil questão da tradução em si. Inscreve a justificativa de seu trabalho da seguinte maneira: “o lema *O retorno aos textos de Freud* não é apenas para reforçar o direito dos textos a um exame do que é dito a seu respeito. Vou *retornar aos textos de Freud* também no sentido de uma oposição contra a obrigatória preocupação com a pessoa de Freud.” E revela-nos sua fonte de inspiração, que, mesmo conservando a dicotomia entre “científico” e “literário”, parece conter as maiores ressonâncias com a nossa pesquisa:

Através de uma feliz coincidência de leitura, descobri o programático ensaio de Jean Starobinski, “Le texte et l’interprète”. Ele trata, principalmente, do posicionamento do intérprete frente ao texto literário; mas alguns dos princípios ali formulados pareceram-me válidos também para o intérprete, o editor do texto científico — por exemplo: “Garantir a mais forte presença e a maior independência do texto” para que possa “expor sua peculiaridade e preservar seu distanciamento”; mais ainda, “reforçar seus aspectos materiais” que lhe dão “um perfil mais claro, forma mais precisa”, e se fazer seu aliado — “justamente no que concerne à sua força de contrapor-se a nós”.⁴²

Este trecho nos incita a uma decisão de *apresentar* os textos — mais do que *interpretá-los* ou *representá-los* —, tanto quanto isso é possível. Mesmo que tenhamos aceitado a tarefa, com a irreparável perda inerente à tradução, já que não podemos trabalhar com os originais, na língua de Freud. O desejo, assim expresso, é de que os textos falem por si mesmos, ainda que isso possa significar mais um devaneio do que um desejo realizável. Nesse sentido, será importante, em muitas passagens de nossa pesquisa, apresentar as versões disponíveis, em português, francês ou espanhol — mesmo que as

⁴² GRUBRICH-SIMITIS. *De volta aos textos de Freud: dando voz aos documentos mudos*, p. 19 e 16.

citações sejam longas —, certos de que este será o gesto mínimo na tentativa de *garantir a mais forte presença e a maior independência do texto*, ou *reforçar seus aspectos materiais*, ou ainda, *fazer-nos seus aliados, justamente no que concerne a sua força de contrapor-se a nós*.

Além da história das edições, a autora dedica a parte principal de seu trabalho à análise de manuscritos e do processo da escrita freudiana, e termina com um estudo sobre uma futura edição crítica, alemã, dessa obra.

Este pequeno comentário, iniciado com a famosa citação de uma carta de Freud a sua noiva, pode ser encerrado, sintetizando nosso pensamento, com duas citações de Rodrigué, no prólogo de seu livro: “o biógrafo não pode ir além dos limites de sua própria compreensão; isto é, não pode ir além de sua própria autobiografia”.⁴³ E ainda esta outra, atribuída a Nietzsche: “O homem pode esticar ao máximo seu conhecimento, tendo a impressão de ser o mais objetivo possível, mas, em última análise, produz somente sua biografia.”⁴⁴

Podemos agora deixar o campo das biografias e voltar nosso olhar para o texto freudiano. O biógrafo não produz senão *sua* autobiografia. Uma obra é, ela própria, a biografia de seu autor. Mesmo assim, deixaremos o vasto corpo de informações e construções — muitas delas úteis e valiosas — sobre a vida de Freud a cargo de quem disso se ocupou, embora algumas vezes tenhamos de recorrer a elas. Mas a “biografia” que vamos preferir, no trabalho de encontro com a escrita de Freud, é outra. Entretanto, ela também não existe. Ou melhor, pode existir, no acontecimento do encontro, “tarefa séria de leitura”.⁴⁵ Pois quem há de falar aí é o texto — não mais alguma desenvoltura dos eventos, presumidos ou documentados, e narrados sobre a vida de alguma *personagem*, por mais publicamente reconhecida, ou mais autoral que ela seja.

Fazendo um *mea culpa*, como crítico literário, Blanchot assim se expressa sobre o modo de se referir a um escritor, depois de morto:

⁴³ Edward Glover no prólogo de Hilde Abraham e Ernest Freud, *A psycho-analytic Dialogue: the Letters of Sigmund Freud and Karl Abraham, 1907-1926*, New York, Basic Books, 1965, p. ix (citado em RODRIGUÉ. *Sigmund Freud. O século da psicanálise*. 1895-1995, Vol I, p. 35)

⁴⁴ RODRIGUÉ. *Sigmund Freud. O século da psicanálise*. 1895-1995, p. 34.

⁴⁵ Cf. nota 11 acima.

Parler d'un écrivain d'aujourd'hui comme d'un home qui (...) (je résume quelques compte-rendus bien intentionnés), c'est donner la pensée en spectacle et créer un personnage de fiction sans le moindre souci des délicatesses de la vérité. D'où vient ce besoin de ne chercher le vrai qu'au niveau de l'anecdote et par le faux du pittoresque? Certes, nous le savons, chacun de nous est menacé par son Golem, grossière image d'argile, notre double d'erreur, la dérisoire idole qui nous rend visibles et contre laquelle, vivants, il nous est donné de protester par la discrétion de notre vie; mais voici que, morts, elle nous perpétue: comment l'empêcher de faire de notre disparition, fût-elle la plus silencieuse, le moment où, condamnés à apparaître, nous devons répondre précipitamment à l'interrogatoire public en avouant ce que nous ne fûmes pas? Et quelques fois ce sont nos plus proches amis, dans la bonne intention de parler à notre place et pour ne pas nous abandonner trop vite à notre absence, qui contribuent à ce travestissement bienveillant ou malveillant sous lequel on nous verra désormais. Non, il n'y a pas d'issue pour les morts, ceux qui meurent après avoir écrit, et je n'ai jamais distingué dans la posterité la plus glorieuse qu'un enfer prétentieux où les critiques — nous tous — faisons figures d'assez tristes diables.⁴⁶

NOTAS ACERCA DAS RELAÇÕES ENTRE FREUD E LITERATURA

A primeira notícia que temos sobre alguma apreciação a respeito da escrita de Freud é dele mesmo. Trata-se de uma carta da juventude (de 16 de junho de 1873), aos 17 anos, endereçada a seu amigo Emil Fluss. Num tom de pilhéria, o missivista comenta os resultados de suas provas de conclusão do ensino médio, acentuando que o único *excelente* obtido fora na prova de alemão. Segue-se a passagem sobre a observação do professor de Freud acerca de seu “estilo idiótico” — segundo o caracterizava o poeta e filósofo alemão Herder (1744-1803) —: “um estilo ao mesmo tempo correto e característico.” E o autor da carta continua:

⁴⁶ BLANCHOT. *L'entretien infini*, p.301.

Fiquei convenientemente impressionado com este fato espantoso, e não hesito em disseminar o feliz acontecimento, o primeiro em seu gênero, da maneira mais ampla possível — a você, por exemplo, que até agora provavelmente não havia percebido que se tem correspondido com um estilista de alemão.⁴⁷

Muitos anos depois, em 02 de fevereiro de 1896, Alfred Freiherr von Berger, um professor de história da literatura na Universidade de Viena e diretor do Burgtheater (Teatro Municipal), escreve uma resenha dos *Estudos sobre a histeria*, livro publicado no ano anterior, conjuntamente por Breuer e Freud. O editor da edição completa da correspondência entre Freud e Fliess comenta esse artigo numa nota de pé de página:

Berger escreve que, desde o momento em que deparou com o livro, por mero acaso, no verão anterior, “não se passou um só dia sem que eu lesse repetidamente algum capítulo ou, pelo menos, algumas páginas”. Porquê? Porque o livro tocava sua sensibilidade artística (*künstlerische Empfänglichkeit*). (...) Berger, que certamente sentiu o pleno impacto do livro, foi o único crítico a fazê-lo. Escreve a respeito da obra num estilo próprio e requintado, com total admiração pelas realizações literárias, artísticas e científicas dos autores.⁴⁸

Apesar do “Prêmio Goethe” de literatura, da cidade de Frankfurt — recebido por Freud em 1930 — ter reafirmado ao mundo psicanalítico as qualidades literárias de seus escritos, as relações entre sua obra e a literatura — e o campo de irradiações de suas incidências — sempre foram obscuras e ambíguas.

Em algumas passagens do livro de Jones, encontra-se o que parece representar as linhas mestras dessas relações. Assim, comentando o prêmio Goethe: “Freud foi considerado por autoridades competentes um mestre da prosa alemã.”; mais adiante: “Seu principal mérito literário era a peculiaridade de seu estilo”; e ainda: “Foram estas qualidades, com a extraordinária pureza e felicidade da construção de suas frases, que levaram muitos alemães a estimarem-no como escritor”. Mas Jones, como “estrangeiro”,

⁴⁷ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas: 1873-1939*, p.14; p.242 da edição francesa: FREUD. *Lettres de jeunesse*. Citado também em MANNONI. *Freud: uma biografia ilustrada*, p.28; JONES. *A vida e a obra de Sigmund Freud*, I, p.33.

⁴⁸ MASSON. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*, p. 172.

desautoriza-se a “discorrer sobre as virtudes do estilo”.⁴⁹ Ao final de seu terceiro volume, na Parte 2 (“Recapitulações históricas de alguns temas”), em capítulo intitulado “Literatura”, Jones escreve que não tem a “intenção de discutir o amplo tema da influência de Freud sobre a literatura em geral”, e fornece uma lista de autores que trataram do assunto. Esclarece que pretende se limitar a três temas: “As contribuições de Freud para nossa compreensão da atividade criativa e o estudo de certas produções literárias; uma pequena exposição sobre seu interesse pela literatura; e uma nota sobre seus contatos com figuras literárias.”⁵⁰

Essas posições podem ser resumidas em três pontos: 1) o mais importante, aqui, para nós: considerações sobre o *estilo*; 2) influências da psicanálise nos estudos e produções literárias (geralmente resultando numa *psicanalização do texto* ou num texto com forte teor psicanalítico) e, seu inverso, obras da literatura que se mostraram fundamentais em diversos momentos da construção da obra freudiana; 3) obras e autores preferidos de Freud e contactos pessoais com alguns deles. E, ainda, uma quarta seria: alguns textos críticos avançam numa análise de natureza “estrutural”, procurando demonstrar a íntima relação entre um texto, sua estrutura, seu “funcionamento” e o conteúdo de que ele trata. No entanto, isso é reputado, enfim, como atributo ou “funcionalidade” do estilo (ver abaixo Mahony), podendo ser, assim, incluído ao item 1 de nossos pontos.

Além desses três pontos, assinalaremos aqui uma frase de Jones que tem o poder de nos provocar e, ao mesmo tempo, condensar o que apontamos mais acima como característico das relações entre a obra de Freud e a literatura: “podemos estar certos de que o destino de Freud não o teria levado pelo caminho que levou se suas faculdades criativas tivessem encontrado expressão literária.”⁵¹ Essa afirmação poderá ser melhor apreciada no contexto da grande querela em torno da questão de saber se a obra de Freud pertence à

⁴⁹ JONES. *A vida e a obra de Sigmund Freud*, 2, p.396-7. [JONES é originário do País de Gales.]

⁵⁰ JONES. *A vida e a obra de Sigmund Freud*, 3, p.408. Alguns exemplos da lista de Jones — que se encontra como nota desse mesmo capítulo, à p.508 —: *The Writer and the Psycho-analysis*; “The Unconscious Element in Literature and Philosophy”; *The Psychological Novel*; *The Seven Types of Ambiguity*; “Kunstler und Psychoanalyse”; “Psychology and Literary Criticism”; *Freudianism and the Literary Mind*; *Psychoanalytic Explorations in Art*; “Psychoanalysis and the Study of Creative Imagination”; *Psychoanalyse und Literaturwissenschaft*; “Psycho-Analysis and the Problem of Aesthetic Value”; “The influence of Psycho-Analysis in Modern Literature”...

⁵¹ JONES. *A vida e a obra de Sigmund Freud*, 3, p.408.

ciência ou à arte. Comentaremos, mais adiante, algo sobre isso. Retornaremos também à questão do estilo.

Gay, no maior trecho de seu livro — duas páginas — dedicado a essas questões, discorre sobre a predileção de Freud em literatura e ainda sobre alguns de seus juízos críticos literários.⁵²

O livro de Schur não se detém, em nenhum momento, diretamente, sobre qualquer relação da obra freudiana com a literatura. Mas dá uma especial atenção às cartas, em todos os períodos de sua vida. E traz, como anexo, em quase cinquenta páginas, os textos originais de várias cartas então inéditas. Schur começara a trabalhar em seu livro antes que Jones tivesse terminado os três volumes de sua biografia, nos anos 50.

Mannoni escreve, na primeira linha de seu livro, *Freud: uma biografia ilustrada*, a seguinte frase: “Com notáveis qualidades literárias, a obra de Freud não pertence em primeiro lugar à literatura: ela visa uma verdade.” Bastaria essa frase para termos uma idéia da posição do autor, pelo menos nesse livro, frente à questão, já levantada, das *relações obscuras e ambíguas* (p.26 acima); essa frase traz ainda, implícita, a difícil questão da oposição entre “verdade” e “literatura”. Sua sentença nos chama mais ainda a atenção por tratar-se de autor conhecido por um clássico artigo sobre denegação, “Je sais bien, mais quand même...” (“Eu bem sei, mas mesmo assim...”), de 1963, além de outros trabalhos, muito importantes, prevalentemente na interface entre escrita e psicanálise, entre ficção e realidade psíquica.⁵³

Marthe Robert — *La révolution psychanalytique: La vie et l’œuvre de Freud* —, em capítulo sobre “Freud et la littérature”, ressalta o interesse apaixonado de Freud pela literatura, como fica evidenciado pela disseminação de citações e alusões literárias ao longo de seus livros e cartas. Ainda na opinião dessa autora, muito mudou em nossa concepção da literatura, da condição e das tarefas do escritor, a partir das contribuições de Freud. Ela comenta alguns de seus textos dedicados a obras literárias e aponta, no entanto, uma posição bastante *suis generis* de Freud:

⁵² GAY. *Freud: Uma vida para nosso tempo*, p.164-6.

⁵³ Cf. os trabalhos: sobre a correspondência com Fliess, *L’analyse originel, Fictions freudiennes*; “Schreber como escritor”; *Lettres personnelles à monsieur le Directeur* – ficção em torno de sua análise pessoal.

Tandis que les auteurs comme Jung, Rank, Reik, Abraham ou Jones appliquaient à la littérature des connaissances psychanalytiques solides, développées pour la plus part avec beaucoup de pénétration et de talent, Freud écrivait les essais littéraires comme il avait écrit *La Science des rêves* ou la *Psychopathologie de la vie quotidienne*: en poursuivant sa propre analyse.⁵⁴

Parece termos aqui uma opinião diversa daquela prevalente entre os estudiosos que se dedicam às relações entre a obra freudiana e a literatura, uma vez que Robert sugere outra razão para que Freud tenha se ocupado de ensaios literários, ou seja, alguma razão que o leva, simplesmente, a escrever. As duas obras citadas nesse trecho são contemporâneas do que se convencionou chamar, nas biografias de Freud, e na história da psicanálise, de sua “auto-análise”. Embora essa idéia seja polêmica, tanto para psicanalistas quanto para historiadores, ela está sempre associada à *escrita* de cartas e do livro dos sonhos, e às *origens*. Será, também por nós, discutida mais adiante.

Por uma feliz coincidência, o artigo de Walter Muschg — “Freud als Schriftsteller”—⁵⁵ fora publicado no mesmo número da revista em que o secretário dos Curadores do Prêmio Goethe divulgava, através de uma carta, de 26 de julho de 1930, a premiação daquele ano.⁵⁶ Trata-se do primeiro estudo, de que temos notícia, dedicado inteira e explicitamente à escrita de Freud, realizado por um professor de literatura. Muschg tornou-se titular dessa disciplina, na Suíça, em 1937. A riqueza e a precisão de suas enunciações impossibilitam completamente o exercício de um resumo desse artigo.

Anotaremos aqui o que nos pareceu inevitável. Primeiro ponto: o escritor é inseparável do psicólogo, “le créateur de la psychanalyse se présente parmi ses contemporains avec une œuvre d’écrivain d’une ampleur et d’une richesse rares”.⁵⁷ A sustentação das análises é basicamente ancorada nas qualidades *estilísticas*, com ênfase naquelas que conferem ao texto suas linhas de força: a atração que exerce sobre a atenção

⁵⁴ ROBERT. *La révolution psychanalytique*: La vie et l’œuvre de Sigmund Freud, p.373-389. Os textos de Freud comentados são: *Gradiva*, *La création littéraire et le rêve éveillé*, *Le Thème des trois coffrets*, *Un souvenir d’enfance de Goethe*, *Dostoievski et le parricide*.

⁵⁵ “Freud écrivain”, na versão francesa.

⁵⁶ *Die Psychoanalytische Bewegung* 1930 (2), 5. In: SCHOTTE, Introduction à la lecture de “Freud écrivain”, *La psychanalyse*, Paris, n. 5, p.51-68, 1959, onde ficamos sabendo também, que este artigo fora publicado, “mais de 20 anos depois” (da primeira publicação, em 1930) em *Die Zerstörung der deutschen Literatur*, Bern, Francke, 1956, p.153-197. A presente tradução, francesa, é pois, sua 3ª publicação. Cf também *ESB*, XXI, p.238.

⁵⁷ MUSCHG. Freud écrivain, p.69.

do leitor, a mestria na forma de narrar, a conjugação entre forma e sentido, o emprego das figuras de linguagem. Muschg alia o *savoir-faire* à *autenticidade*, para afirmar, com toda a força, o que podemos ver nisso: “Un style qui s’avère ‘bon’ à cette épreuve, n’est propre qu’à la vérité.”⁵⁸

Fazendo uma severa crítica ao “alemão dos médicos”, nada menos que intragável para o crítico literário, o autor o contrapõe ao exemplo do primeiro livro de Freud (1895): “Déjà les *Études sur l’hystérie* portent au front l’exigence littéraire. On y découvre l’empreinte d’un don extraordinaire de restituer les idées sous une forme qui puisse être saisie par les sens.”⁵⁹ Comentando também um artigo de 1893 — “Notas necrológicas para Charcot” —, ou seja, nem de longe algo representativo de seus *primeiros escritos*, Muschg escreve:

Voilà un art de conter, un art qui repose sur le plaisir de donner forme aux choses et de s’y arrêter, sur le désir de présenter les divers mouvements de l’âme dans leur vie organique, et non comme des coupes apprêtées pour le travail de laboratoire. (...) Ainsi déjà, les débuts de Freud contiennent les éléments qui annoncent le prosateur de haut rang: une tendance spontanée à la narration, *un amour sensuel inné du mot*, le goût des métaphores, la sensibilité sonore et rythmique, *l’union avec la poésie et la vie quotidienne du langage*.⁶⁰

Observamos, nesse artigo, uma reafirmação da importância do estilo, das potencialidades estilísticas, mas, diversamente de outros exemplos, aqui isso é enfatizado para descrever a força e a importância da escrita e de sua relação com a verdade, e não simplesmente para afirmar que os textos são “bem escritos”. Não estamos simplesmente diante de um cientista que, por acaso, escreve bem e fora reconhecido pelos escritores de seu tempo. Muschg busca descrever a essência dessa escrita, que seria muito pobremente qualificada apenas de “criativa”, ou “literária”, e já destaca algo que diferencia radicalmente o escritor de que está falando: *alguém que tem um amor sensual inato pela palavra, e a união com a poesia e a vida cotidiana da linguagem*. Isso é reforçado nesta

⁵⁸ MUSCHG. Freud écrivain, p.71.

⁵⁹ MUSCHG. Freud écrivain, p.77 (o destaque, sublinhado, é nosso)

⁶⁰ MUSCHG. Freud écrivain, p.78-9. (destaque nosso)

outra passagem, na qual vemos a afirmação de um *éthos passionné*, e, podemos dizer, uma de suas conseqüências inevitáveis — a tomada do/pelo *sonho*:

Que l'on considère les volumes de l'édition complète de Freud — qui dute devant eux que la besoin d'écrire fut ici plus puissant que celui de parler? Un amour ardent du mot qui dure se degage de ces volumes. On y reconnaît une volonté et un besoin de presenter l'existence propre dans l'écrit d'une manière englobante, sans faille; un désir d'accomplissement integral s'y manifeste. Ces livres expriment, non seulement la plenitude de pensée d'une vie riche, mais aussi l'humanité de l'écrivain et son éthos passionné.

Pour chercheur comme il l'était, Freud est parvenu à usurper pour soi le maître-mot de tous les poètes: le mot rêve. Celui-ci lui revint comme l'essence même d'un theme scientifique souverainement élu, bien sûr — mais de quelle manière s'est-il aussi emparé de ses charmes sonores.⁶¹

Muschg segue sempre apaixonado pelo objeto de sua apreciação, com aprofundadas análises de livros representativos de todo o longo período de atividade da escrita freudiana. A ênfase maior recai sobre *A interpretação dos sonhos*, embora não deixem de ser revirados, debulhados, vários outros livros.⁶² Outro ponto forte é a importância dada à *metáfora arqueológica*, longamente trabalhada pelo autor desse artigo. Metáfora da maior importância para nós, visto que, começo e recomeço, aparecimento, desaparecimento e reaparecimento estarão sempre à nossa espreita, no trabalho constante de tratar, além do sonho, a escrita.

Uma referência especialmente importante é o livro de Patrick Mahony — *Freud como escritor* —, cujo manuscrito é de 1979, e a 1ª. edição de 1982. Em 1986, o autor acrescenta um pós-escrito para a 2ª. edição. Fato notável, e incomum, é que toda a pesquisa gira em torno da *escrita* de Freud.

⁶¹ MUSCHG. Freud écrivain, p. 81-2.

⁶² *Um estudo autobiográfico* (1925), *A história do movimento psicanalítico* (1914), *Conferências Introdutórias sobre psicanálise* (1916-7), *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901), *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), *Uma neurose infantil* (1918), *Análise de uma fobia de um menino de cinco anos* (1909), *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905), *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal-estar na civilização* (1930), *Esboço de psicanálise* (1940), *A questão da análise leiga* (1926) e outros artigos.

O autor inicia fazendo uma ampla retrospectiva dos indícios da importância desse tema na própria obra freudiana, e dos estudos a ele já dedicados.⁶³ Reconhece a dificuldade da tarefa — desenvolver uma pesquisa original e abrangente sobre a “específica identidade de Freud como escritor” —, e lança seu desafio com uma afirmação que nos chama a atenção: “Freud não foi somente o fundador da psicanálise e seu mais brilhante teórico; ele também se apresenta como o mais notável escritor na história dessa disciplina”.⁶⁴ Concordamos com Mahony, desde que a ênfase dessa frase seja claramente apontada: *fundador e escritor* estão aqui fundidos, e independem da sintaxe comutativa entre sujeito e predicativo.

Segue comentando os principais trabalhos dedicados prevalentemente à escrita freudiana, e sintetiza este vôo panorâmico da seguinte forma:

É em torno da consideração de Freud como cientista ou artista que a mais séria pesquisa acadêmica sobre seu trabalho como escritor se situa, e um amplo estudo deste aspecto é o que aqui se pretende. Estas posições críticas podem ser colocadas nos termos de duas questões: em primeiro lugar, será Freud, acima de tudo, um escritor científico cujo poder estético acha-se subordinado a finalidades expositivas e fins persuasivos? Em segundo lugar, a suposta antítese entre ciência e arte não faz injustiça à combinação ímpar encontrada nos escritos de Freud? As definições alternantes freqüentemente aplicadas aos termos básicos da discussão e a própria ambivalência de Freud com relação a sua identidade artística não ajudam a resolver estas questões. Estamos familiarizados com o reconhecimento por parte de Freud de que a literatura estética teria antecipado a psicanálise na investigação das camadas profundas da psique humana. Estamos também acostumados com o fato de que o Freud dos primeiros tempos teve uma aceitação mais calorosa na literatura do que nos círculos científicos. E temos presente ainda sua observação de que os relatos históricos de seus casos podiam ser lidos como romances (*S.E.* 2: 160). Teria sido Freud predominantemente um artista? Ou principalmente um cientista? Não faltam defensores para as duas posições.⁶⁵

⁶³ Cf. “As Dimensões dos Escritos de Freud: Uma Visão Geral” in: MAHONY. *Freud como escritor*, pp 19-44. Os principais autores de trabalhos considerados por MAHONY importantes neste campo, além dos de MUSCHG e SCHOTTE são: Walter Schonau: *Sigmund Freuds Prosa: Literarische Elemente seines Stils*; François Roustang: *Du chapitre VII*; Robert Holt: “Lendo Freud”; Steven Marcus: “Freud and Dora: Story, History, Case Hystory”.

⁶⁴ MAHONY. *Freud como escritor*, p.20.

⁶⁵ MAHONY. *Freud como escritor*, pp.28-9.

Alternância de opiniões, dos estudiosos; ambivalência de Freud em relação ao campo onde inscrever seus escritos — arte ou ciência —; a susposta antítese entre ciência e arte, e outra, entre literatura e verdade: Mahony pretende escapar desses impasses em seu trabalho. Sua análise é minuciosa, da estrutura de composição de alguns textos, da evolução da escrita neles, ou de seu funcionamento, mostrando como uma certa “performance” (força persuasiva, argumentativa, etc) é articulada ao conteúdo que Freud está desenvolvendo ou introduzindo. Demonstra, por exemplo, como em *Totem e tabu*, um livro sobre a origem e seus mitos, “o texto termina com um retorno ao início da história, porém esse final (e também o começo!) não é concebido para ser o final. (...) Sua especulação volta majestosamente ao tempo que antecedeu o ato, além do princípio histórico”.⁶⁶

Análises semelhantes são desenvolvidas em outros capítulos, sobre a força de atração da audiência, ou sobre a dialética entre certeza e dúvida presente nos textos de Freud. E todo esse trabalho converge para a tese central do livro, muito bem desenvolvida e documentada no capítulo “A funcionalidade do estilo”. Nesse ponto, Mahony faz afirmações importantes, como, por exemplo, aquela que aponta para a noção de obra, ao escrever: “Numa análise final, O Livro dos Sonhos de Freud consiste não apenas de *A interpretação dos sonhos*, mas de todos os vinte e três volumes de textos reunidos na *Standard Edition* e mais suas incontáveis cartas.”⁶⁷ Aqui há uma ressonância com o “hipertexto” de Rodrigué. Mas, ainda nesse capítulo, o autor faz severas críticas à tradução na *Standard Edition*, pelo “simples” fato de que o que é escrito, no texto original, no presente do indicativo — os relatos de casos clínicos ou de sonhos — é vertido, na *SE*, para o pretérito. Dessa maneira, observa Mahony, ao escrever, Freud *revive* a experiência que está narrando (experiências psíquicas), sendo, ela própria, a escrita, experiência. Ele diz: “Nega-se, assim, ao leitor inglês a evidência clara de que, ao escrever o caso todas as noites, Freud o revive e dramaticamente o reproduz.”⁶⁸ Um outro exemplo, mais enfático e explícito, pode ser verificado nessa passagem:

⁶⁶ MAHONY. *Freud como escritor*, p.56. Cf. no mesmo capítulo, análise semelhante sobre a “compulsão à repetição” como tema central e ao mesmo tempo forma de funcionamento da escrita em “Além do princípio do prazer”.

⁶⁷ MAHONY. *Freud como escritor*, p.148.

⁶⁸ MAHONY. *Freud como escritor*, p.157.

Os leitores da *Standard Edition* inglesa das obras de Freud não podem apreciar, por exemplo, o fato de que no caso do Homem dos Ratos Freud apresenta cinco cenas em tempos diversos, utilizando-se sempre do presente: a infância do Homem dos Ratos, seu tratamento psicanalítico, as notas de Freud ao processo analítico, a revisão subsequente por ele realizada para a versão editada do caso clínico, e finalmente o aliciamento, por parte de Freud, de seus leitores, como co-observadores clínicos. Essa prosa estereofônica gravada em cinco canais ficou reduzida ao simples uso do tempo verbal pretérito na tradução de Strachey.⁶⁹

Vemos, assim, que a escrita — que revivifica a experiência de que está tratando — fica intensamente adulterada enquanto experiência ela mesma. A perda de algo essencial de seu estilo, na tradução da *SE*, significaria uma perda muito comprometedor para a apreensão, enfim, da própria psicanálise. Em nota de rodapé, nessa mesma página, Mahony cita outro autor (Ornston), segundo o qual, “o tempo verbal subjuntivo, utilizado por Freud para expressar a incerteza acerca dos processos inconscientes, tende a ser transformado por Strachey numa afirmação factual expressa em tempo verbal indicativo”.

O pós-escrito de *Freud como escritor*, de 1986, tem o título “A leitura psicanalítica de Freud”. A ênfase continua sendo a de uma análise centrada na vasta riqueza estilística, aliada a incursões interpretativas de cunho analítico, mas traz algumas novas afirmações bastante contundentes. Assim: “em todos os seus textos Freud continuamente revela suas reflexões sobre o ato de escrever em si, uma atitude que o deixa na companhia de outros autores criativos”. Isso já seria suficiente para declarar o quanto Mahony se aproxima de nossa hipótese central. Na verdade, ele já coloca Freud como um escritor, no sentido mais pleno dado pela modernidade a esse conceito: a idéia de que o escritor está incessantemente escrevendo sobre sua própria experiência, ou seja, sobre o ato de escrever.⁷⁰ Mas ele vai mais longe nesse sentido. Comentando uma passagem de *A interpretação dos sonhos*, Mahony escreve:

⁶⁹ MAHONY. *Sobre a definição do discurso de Freud*, p.31.

⁷⁰ Cf. COMPAGNON. *Os cinco paradoxos da modernidade*, particularmente à p.10, quando lembra Octavio Paz: “A tradição moderna (...) é uma tradição voltada contra si mesma, e esse paradoxo anuncia o destino da modernidade estética, contraditória em si mesma: ela afirma e nega ao mesmo tempo a arte, decreta simultaneamente sua vida e sua morte, sua grandeza e sua decadência. A aliança dos contrários revela o moderno como negação da tradição, isto é, necessariamente tradição da negação; ela denuncia sua aporia ou seu impasse lógico.” É esta aporia que coloca, inevitavelmente, o escritor debruçado sobre a experiência de escrever.

A conclusão que se impõe a nós pela leitura desta passagem é inevitável: *a psicanálise começou com uma cura pela fala e pela escrita*. Se nos permitirmos ser plenamente conscientes dessa origem da psicanálise, estaremos então preparados para fazer uma justa apreciação do lugar central do ato de escrever na vida de Freud.⁷¹

Eis, então, um estudioso sensibilizado por tantas “qualidades” de uma escrita, a ponto de inferir que a importância dela não pode ficar aquém do conteúdo de que trata, nem tampouco reduzida ao estatuto de uma forma, por mais elevada que ela seja considerada pelos interesses de natureza “literária”.

Entre nós, pode-se destacar o trabalho de Ana Paula Ávila Pinto — *Sigmund Freud, homem de letras*: quando teoria e ficção se enredam. Neste, além de descrever a importância da atividade de escrita em toda a vida do autor, até o ponto de reconhecer aí uma “dicção ficcional” como um de seus centros de força, a autora dirige sua pesquisa ao período em que, “após abandonar sua elaboração inicial da teoria da sedução, [Freud] esteve às voltas com a sistematização da importância da fantasia na constituição do psiquismo”. Chega então ao “*homem de letras*, letras científicas e literárias, posto que, em suas teorias, a ficção surge entrelaçada pela fantasia”.⁷²

Sérgio Paulo Rouanet escreveu, em dois volumes de quatrocentas e trinta páginas cada um, minucioso estudo sobre dez autores indicados por Freud, em 1906, a pedido de um editor vienense. Este lhe pedira — assim como a outros intelectuais da cidade — a indicação de “dez bons livros”. Rouanet explica o método de sua pesquisa: “começando por um estudo biográfico do autor, em que procurarei inseri-lo em seu meio e em seu tempo, destacando em seguida a presença desse autor, em geral no pensamento de Freud, e terminando por uma análise específica da obra selecionada”.⁷³ Vemos, assim, um peculiar exemplo de onde pode chegar a amplitude de interesses causados pelas relações de Freud com a literatura.

Ana Maria Portugal Saliba, em seu livro *O vidro da palavra: o estranho, literatura e psicanálise*, parte da análise de um artigo de Freud de 1919 — “*Das Unheimliche*” (“O Estranho”), que tem como referência principal um estudo do conto “*Der Sandmann*”, “O homem de areia” de E.T.A. Hoffmann —, e afirma que Freud, além desse livro de

⁷¹ MAHONY. *Freud como escritor*, p.197. (o grifo é nosso)

⁷² PINTO. *Sigmund Freud, homem de Letras*: quando teoria e ficção se enredam, p.7.

⁷³ ROUANET. *Os dez amigos de Freud*, 1, p.16.

Hofmann, “aborda mais vinte e uma obras literárias. Fato que consideramos paradigmático da importância do literário para Freud”.⁷⁴

Ines Loureiro dedica um capítulo de seu livro — *O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico* — a uma análise do *estilo* freudiano, no qual segue de perto as reflexões de Mahony. A tese de seu livro é a da psicanálise como enclave do e no romantismo.⁷⁵

Em *Freud e seu duplo: reflexões entre psicanálise e arte*, Noemi Moritz Kon inspira-se em uma carta de Freud ao escritor vienense Arthur Schnitzler. Nessa carta, confessa ter evitado, durante anos, o amigo, por receio de encontrar nele seu *duplo*. A autora investiga, de modo geral, as relações entre psicanálise e arte, e, em particular, a arte de que se trata em Freud: sua escrita. Por esse caminho, ela é conduzida a uma afirmação que nos parece da maior importância, pela proximidade ao fundamento de nossa hipótese: “A força de literatura de Freud cria a psicanálise.”⁷⁶ A experiência de escrita em Freud, como experiência-limite, o conduz à invenção da psicanálise, diremos nós.

Para analisar o *estilo* freudiano, Kon segue também, e de perto, as proposições de Mahony. No entanto, não deixa de fazer avançar suas análises — para além de considerações sobre o *estilo* —, quando, ao citar este último autor, aponta: “a autoterapia de Freud não foi apenas uma cura pela escrita, foi também uma cura pela publicação”.⁷⁷ Isso chama nossa atenção, pelo fato de introduzir um novo e fundamental aspecto, que diz respeito à escrita e, particularmente, à experiência que a envolve: qual o lugar e a importância da publicação na experiência literária?⁷⁸

Maria Barcelos de Carvalho Coelho, em *Arte/Clinica: a revelação do escritor - uma leitura dos fragmentos da escrita de Sigmund Freud entre os anos 1887 e 1904*, apesar da abrangência de tão sugestivo título, trabalha na vertente de uma aproximação da escrita freudiana com a de Marcel Proust, tendo como pano de fundo o pensamento estético de Gilles Deleuze, particularmente em seu último livro, *Crítica e clínica*: “Tenta-se, através dessa abordagem deleuziana, demonstrar o registro sensível da escrita e a inventividade

⁷⁴ PORTUGAL. *O vidro da palavra: o estranho, literatura e psicanálise*, p.17.

⁷⁵ Cf. LOUREIRO. *O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico*, principalmente a “Apresentação”, p.11-14, e “A escrita de Freud e o estilo romântico”, p.251-262.

⁷⁶ KON. *Freud e seu duplo: reflexões entre psicanálise e arte*, p.182.

⁷⁷ MAHONY citado por KON. *Freud e seu duplo: reflexões entre psicanálise e arte*, p.143.

⁷⁸ Cf BLANCHOT. *Le livre à venir*, p 333-40.

singular de Freud, quando o analista descobre e escreve sobre a ‘linguagem’ do inconsciente”.⁷⁹

Uma última apreciação, do caráter da *ESB*, e da natureza da escrita de Freud, pode ser lido nesse artigo, de Marilene Carone e Paulo César Souza:

A edição brasileira é lamentável não apenas pela infidelidade ao pensamento, como pela descaracterização do estilo de Freud. O apóstolo da clareza nas coisas da alma só poderia escrever de modo absolutamente claro. Mas pouco restou da precisão, da cristalinidade, da cadência bela e serena do original. Foram qualidades assim, especificamente literárias, que lhe valeram o prêmio Goethe em 1930, e a admiração de Thomas Mann e seus pares. Anos depois de sua morte foi instituído um prêmio Sigmund Freud de prosa alemã, atribuído em 1967 à decididamente não-freudiana Hannah Arendt.⁸⁰

A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Os aspectos “literários” da obra de Freud ocuparam, como vimos, alguns autores, que trabalharam a partir de diferentes enfoques. Deixando à parte os estudos centrados nas questões da *mútua influência entre psicanálise e obras literárias*, e aqueles dedicados às *relações entre Freud e o mundo literário* (obras de sua predileção, opiniões e relações pessoais com autores, etc.), podemos constatar que os estudos em torno de considerações sobre o *estilo* são os que mais se aproximam da questão da escrita em si, exercendo forte atração e mesmo pressão sobre aqueles que se dedicam a este tema. É como se houvesse um ponto de atração, um foco iluminador, que prendesse a atenção do crítico; como se fosse impossível, ou muito difícil, fazer considerações sobre essa escrita, sem se referir ao estilo, sem navegar por seu instrumental.

Além de tudo, *estilo* é justamente o que se opõe a *standard*. O que é apontado rica e minuciosamente como estilo, na verdade, discorre, descreve, aspectos diversos da escrita. Sugere-nos uma galeria de procedimentos e qualidades, virtudes do autor, aspectos de sua

⁷⁹ COELHO. *Arte/Clinica: a revelação do escritor*, p.5.

⁸⁰ SOUZA (org.). *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*, p.159.

inteligência ou potências de sua genialidade. Tal como uma galeria, ou depósito, um armazém de potencialidades teoricamente descritíveis, no elenco infinito do universo das “ferramentas” necessárias à criação. Os componentes e a combinatória que resultam no “estilo de Freud” aproximam-no da esfera criadora e sua designação: escritor criativo. Mas esse tipo de análise, comum ao campo literário, ainda não corresponde a nosso enfoque, ou ao ponto a partir do qual nos ocuparemos da experiência freudiana.

Não deixa de ser notável, portanto, o fato de uma obra tão incidente e grave, essencialmente construída, alicerçada no funcionamento e performances da linguagem, no uso que se faz da língua (e suas inumeráveis repercussões), não haver despertado suficiente atenção sobre sua gênese, sobre o que lhe possibilitou existir. Estranho fenômeno: a escrita dessa obra, uma obra exatamente sobre *escritas* — que se sonham (o sonho); que se pronunciam (a fala); que se somatizam (sintomas); que se desatam (delírios); que se projetam (alucinações); que se realizam (atos); enfim, que se escrevem (efeito de sua força de verdade e de transmissão) —, não ter atraído a atenção sobre si mesma, para além das preocupações com o *estilo*.

Onde encontramos análises, documentações, formulações sobre as qualidades literárias do texto freudiano, não encontramos qualquer manifestação sobre a *experiência* que a isso conduz, ou sobre suas significâncias. Por isso a afirmação do primeiro parágrafo não pode ser de todo sustentada, se não extrairmos de “literários” aquilo que nos interessa mais de perto, a *experiência literária*.

Na tentativa de circunscrever, na medida do possível, a experiência como literária, seguiremos o pensamento de Maurice Blanchot e de Silvina Rodrigues Lopes. Para ambos, a reflexão sobre experiência literária emerge de uma outra, que lhe antecede, mas com a qual não há coincidência: a *experiência da arte*.

Lopes nos esclarece que isso resulta da definição da obra de arte como objeto estético, o que conduziu à identificação da estética com a filosofia da arte. O paradigma desse pensamento é o da *harmonia*, “o mesmo das *Cartas Sobre a Educação Estética do Homem*, de Schiller”.⁸¹ Nesse paradigma, encontramos ainda, como necessárias, a manifestação de uma subjetividade e uma comunicabilidade universal, com uma confluência e um elemento comum que seria o sentimento de prazer, e, portanto,

⁸¹ LOPES. *A legitimação em literatura*, p.456.

dependência de uma experiência de percepção/fruição. No entanto, em literatura, não há como reduzir as obras a objetos destinados a uma apreensão perceptiva de uma aparência. Experiências recentes (ela cita Duchamp e Warhol) conduziram à cisão entre teoria da arte e estética, levando à afirmação de que “nenhuma obra de arte existe como tal senão em relação com uma interpretação”.⁸² A partir de comentário a outros pensadores, a autora chega à questão da *representação* como dialetização das categorias anteriores — sensível/inteligível. E, assim, atinge a singularidade da experiência literária:

O problema que a literatura permite levantar em relação à noção de experiência é o de se alguma vez esta poderá ser uma simples recepção, passiva ou ativa. Até que ponto é que escrever, ou ler, pode consistir na representação de um objeto, se nós sabemos, como Austin teoriza, que há no uso da linguagem uma força ilocutória que permite que a fala seja acto? Mas até que ponto é possível falar de um acto de escrita ou de leitura quando sabemos que toda a escrita tem como condição a iteralidade? Como, se esta é um princípio da linguagem e sem linguagem não há representação (Kant: “intuições sem conceitos são cegas...”) *Como pois falar de uma experiência de “representação” sem ter em conta que ela excede simultaneamente qualquer hipótese de objectividade (adequação a um representado) e subjectividade (puro acto, inteiramente presente a uma consciência)?*⁸³

Dessa forma, a autora já aponta os grandes impasses da questão da *representação*. A escrita, em si, além do referente que constrói, já é também referência, acontecimento. A indecidibilidade entre esses dois movimentos torna essa experiência irredutível à questão da representação. Ela afirma: “Em oposição à continuidade e à transparência do sentido, a experiência literária é dispersa e sem garantias — improvável, no duplo sentido de dela não haverem provas (pois só ela é a prova) e de não caber em qualquer previsibilidade, participando sempre do inesperado, da surpresa.”⁸⁴ Chegamos, assim, aos problemas que a escrita coloca: “quem escreve?”, “o que é escrito?”, “ficção ou realidade?”.

A autora cita o poeta português — Herberto Helder — que diz, em *Photomaton & Vox*, “A experiência é uma invenção. Sou um registo vivamente problemático”, e comenta :

⁸² LOPES, LOPES. *A legitimação em literatura*, p.456

⁸³ LOPES. *A legitimação em literatura*, p.457. (grifo nosso)

⁸⁴ LOPES. *A legitimação em literatura*, p.460

“Dizer que a experiência é uma invenção não é aqui mais uma vez remeter a literatura para o domínio das ficções que se separam da dita ‘vida real’ — fábulas, apenas —, mas afirmar que a *experiência de cada um na sua absoluta singularidade é uma escrita*.”⁸⁵

Assim, vamos nos aproximando da percepção de que não podemos falar de uma experiência como se ela pudesse figurar, em nossa enunciação, apenas como seu objeto. Sobretudo a experiência que, para ser vivida, não pode prescindir de uma escrita, ainda que seja por um ato de fala. Sendo ato de escrita, com semelhante gravidade, a experiência funde, borra os limites entre sujeito e objeto, subjetividade e objetividade. Enfim, para Silvina R. Lopes, a experiência já *é uma escrita*. Pelo menos é o que a vemos reiterar nesta passagem:

O que a literatura dá a pensar é a experiência como uma escrita. É nessa medida que ela mostra que toda experiência é pobre porque incomensurável. Como condição da experiência está a sua divisão, a divisão do “eu” entre a lealdade que deve ao mundo dos trocos ou da transmissibilidade e a que deve ao apelo da paixão, a esse ponto cego, em excesso sobre o sujeito como frágil fronteira do mundo.⁸⁶

Partindo também da reflexão sobre a *experiência da arte*, Blanchot chega à formulação do que ele designa “a experiência original”, original no sentido de uma radicalidade que vai além da experiência estética: “L’œuvre d’art est liée à un risque, elle est l’affirmation d’une expérience extrême”.⁸⁷ Tomado, ele mesmo, pela questão da obra, para além da filosofia e do pensamento estético, enfatiza o *risco* e o *exílio* sempre presentes nos testemunhos dos escritores de quem, ele, Blanchot, refaz — pela leitura —, a experiência. Assim, Saint-John Perse, “en nommant l’un de ses poèmes *Exil*, a aussi nommé la condition poétique”.⁸⁸ Condição de estar sempre fora de si mesmo, e, muitas vezes, fora da linguagem de que se serve. Nesse sentido, o exílio é o próprio *risco* do poeta.⁸⁹ *Nós, nós infinitamente arriscados...*: Blanchot se sente interpelado por esse verso

⁸⁵ LOPES. *A legitimação em literatura*, p.460 (grifo nosso).

⁸⁶ LOPES. *A legitimação em literatura*, p.462.

⁸⁷ BLANCHOT. *L’espace littéraire*, p.316.

⁸⁸ BLANCHOT. *L’espace littéraire*, p.318.

⁸⁹ Houaiss indica, na etimologia de “experiência”, o elemento de anteposição *perig*, de “perigo” e diversos outros derivados semânticos. HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

de um dos *Sonetos a Orfeu*, de Rilke. Pois arriscar a linguagem é uma das formas desse risco.

E ainda, a morte. Citando Emmanuel Lévinas, filósofo contemporâneo, Blanchot mostra-nos a designação da *morte* como “a possibilidade extrema, absolutamente própria, do homem”. Isso significa que “l’origine de la possibilité est en l’homme liée au fait qu’il *peut mourir*”,⁹⁰ mas, contrariamente ao brado do poeta, “O Seigneur, donne à chacun sa propre mort”,⁹¹ ninguém morre *sua* morte. Morre-se sempre outro. Simplesmente *morre-se*, “au niveau de la neutralité, de l’impersonnalité d’un Il éternel.”⁹² Esse anonimato, isso, neutro, inapreensível, o não situado, não circunscrito, não simbolizado, a própria ordem da impossibilidade, tudo aqui é índice, para Blanchot, do *exterior*, condição do que chamamos linguagem.⁹³ E aí é situada a experiência de que se trata:

Cette expérience est celle de l’art. L’art, comme image, comme mot et comme rythme, indique la proximité menaçante d’un dehors vague et vide, existence neutre, nulle, sans limite, sordide absence, étouffante condensation où sans cesse être se perpétue sous l’espèce du néant.⁹⁴

A experiência do *nada* não responde positivamente, ou não conduz a seu contrário, isto é, não afirma nada, um conteúdo qualquer, qualquer coisa. A proximidade da região “de um exterior vago e vazio” só tem o poder de repetir, de insistir, “o eterno murmúrio do retorno”. “C’est en ce sens qu’il y a aux environs de l’art un pacte noué avec la mort, avec la répétition et avec l’échec.”⁹⁵ O que resulta no recomeço, *ressassement éternel*. É por isso que tal experiência sempre aponta para a questão da origem, do começo. Mas começo que, sendo ele mesmo experiência, não pode senão atravessar a região vazia do nada, do exterior vago e nulo, onde a possibilidade é a da impossibilidade, onde a promessa é a do fracasso, e onde a condição inexorável é a da repetição.

Eis, enfim, a *experiência original*, em que Blanchot experimenta, ele mesmo, a *experiência literária*. A ênfase que mais nos interessa aqui pode ser lida neste trecho:

⁹⁰ BLANCHOT. *L’espace littéraire*, p.321.

⁹¹ BLANCHOT. *L’espace littéraire*, p.323.

⁹² BLANCHOT. *L’espace littéraire*, p.323.

⁹³ Foucault desenvolve a idéia do *exterior*, e do *ser da linguagem*, no conhecido artigo, dedicado a Blanchot, *La pensée du dehors*. FOUCAULT. *Dits et Écrits*: I 1954 - 1975, p.546-567.

⁹⁴ BLANCHOT. *L’espace littéraire*, p.326.

⁹⁵ BLANCHOT. *L’espace littéraire*, p.326.

Le recommencement, la repetition, la fatalité du retour, tout ce à quoi font allusion les expériences où le sentiment d'étrangeté s'allie au déjà vu, où l'irrémissible prends la forme d'une répétition sans fin, où le même est donné dans le vertige du dédoublement, où nous ne pouvons pas connaître mais reconnaître, tout cela fait allusion à cette erreur initiale qui peut s'exprimer sous cette forme: ce qui est premier, ce n'est pas le commencement, mais le recommencement, et l'être, c'est précisément l'*impossibilité* d'être une première fois.⁹⁶

E como, para Blanchot, a poesia é o que converge para a experiência, de que já recolhemos os vários nomes — *experiência radical*, *experiência da arte* e, enfim, *experiência literária* —, ele pode ainda dizer: “C'est pourquoi le poème est la pauvreté de la solitude. Cette solitude est l'entente de l'avenir, mais entente impuissante: l'isolement prophétique qui, en deçà du temps, annonce toujours le commencement.”⁹⁷

Aqui vemos convergir, também, os pensamentos desses dois autores: Blanchot e Lopes. A pobreza da experiência, que deixa irremediavelmente sem resposta, sem preenchimento, a possibilidade do começo, tornando-o eternamente recomeço. A travessia de um certo espaço, vazio, nulo, vago, inacessível, de impossibilidade. Dessa forma, essa experiência está fadada ao erro, à errância, confundindo-se com a própria vida. A vida como uma escrita, assim como a escrita tomando a vida. Não foi isso que vislumbramos, apesar de tudo, ao nos depararmos com os registros gráficos da vida e da obra de Freud de que já dispomos, como demonstrado no início deste capítulo?

Temos aqui os elementos — *a experiência literária* — com que esperamos realizar o encontro com a escrita freudiana. Avançaremos em direção ao *espaço*, também *literário*, sem dispensar o que já lhe fora atribuído, por outros, como sendo da ordem do *poético*, e da ordem do *começo*.

O que nos chama no texto freudiano?

⁹⁶ BLANCHOT. *L'espace littéraire*, p.326-7

⁹⁷ BLANCHOT. *L'espace littéraire*, p.333

o texto _____ *ao fechar o dele*
quis dar-lhe um corpo de fulgor e de penetração que se não confundisse com
o físico, belo ou degradado. Um corpo integralmente feito de linguagem.

Deu-lhes aliados ou comunicantes, sem os quais o *vazio provocado* da linguagem
não consegue ser continuado.

Fê-lo, por fim, re-visitar a sua espantosa intuição inicial, despindo-a radicalmente de
qualquer psicologia e posicionando-a como sémem de um novo pensamento sobre o
mundo. *Nele e aqui*, houve essa possibilidade aberta. Foi essa *Aparição* que ele nos
trouxe, e que ficou por pensar. Grande notícia e frágil livro.⁹⁸

Este fragmento, de Maria Gabriela Llansol, fala-nos de pelo menos *dois* textos: este
("o texto ___") que trabalha sobre outro ("o *dele*"). Texto sobre texto, escrita sobre escrita.
Resta-nos, inicialmente enigmática, a proposição imediata: *ao fechar...*, pois o que vemos é
uma singular abertura, aliás explícita mais abaixo — "essa possibilidade aberta". Ampliando
a leitura, aquém e além do fragmento, deparamo-nos com a multiplicidade de textos: este,
que está aí recortado, faz parte de um dos excertos expurgados do manuscrito do livro
Inquérito às Quatro Confidências Diário III. —,⁹⁹ e, juntamente com outros excertos,
compõe o pequeno texto "O sonho de que temos a linguagem", publicado na Revista
Colóquio / Letras, um ano após a publicação do diário.

Naquele diário — "_____ havia a continuação absolutamente necessária do *Diário*
para deixar ver e ler até que ponto tudo nascia do mesmo tronco"—,¹⁰⁰ Maria Gabriela
Llansol dialoga com o escritor português, então falecido, Vergílio Ferreira. Ou melhor, seu
texto dialoga com o dele. Por isso o texto quer dar um *corpo integralmente feito de*
linguagem, para além do corpo físico e suas vicissitudes. O outro autor é, então, seu
companheiro filosófico: aquele que faz a experiência, e a testemunha, mesmo sem saber
explicá-la, sustentando uma evidência enigmática.¹⁰¹ Companheiros filosóficos: ambos,

⁹⁸ LLANSOL. O sonho de que temos a linguagem *Colóquio/Letras*, p.7 e 8.

⁹⁹ LLANSOL. *Inquérito às quatro confidências* — Diário III.

¹⁰⁰ LLANSOL. *Inquérito às quatro confidências* — Diário III, p.41.

¹⁰¹ Cf LLANSOL. *Inquérito às quatro confidências* — Diário III, p.27 e ss.

mutuamente, na experiência da escrita. Texto sobre texto, “aliados ou comunicantes, sem os quais o *vazio provocado* da linguagem não consegue ser continuado”.¹⁰²

Aparição. Trata-se de um livro de Vergílio (1959), de cuja “espantosa intuição inicial” o texto que trabalha sobre ele — o Diário — quer abrir o “novo pensamento sobre o mundo”, “e que ficou por pensar”. O livro de 1997 “fecha”, abrindo o de 1959, continuando a *experiência*, absolutamente necessária: tudo nasce do mesmo tronco, a multiplicidade de textos revela-se também una: na escrita.

Trata-se do *sonho de que temos a linguagem*. E mais um sonho se apresenta aqui. Ou trata-se, ainda, do mesmo sonho, do qual fizemos o *fundamento* de nossa busca: “seguir sendo um homem de letras, mesmo que sob a aparência de um médico”?

Interessa-nos, além do expurgo que retorna, além do que passa e do que permanece — o corpo físico, o corpo de fulgor —, essa apuração da verdade de fatos alegados, o *inquérito*, e, precisamente, a quarta confidência: “é sobre o desejo e a repulsa da identidade. Há um lugar edênico. (“Não, não diga nada”). De facto, deram-nos um nome, o nome por que nos chamam, mas não é um consistente — é um verbo. O nosso verbo, por exemplo, é escrever.”¹⁰³

Retornemos a Freud:

Todo mundo acredita que eu me ateno antes de mais nada ao caráter científico de meu trabalho e que minha meta principal é o tratamento das enfermidades mentais. É um tremendo erro que tem prevalecido durante anos e que tenho sido incapaz de corrigir. Eu sou um cientista por necessidade e não por vocação. Sou, na verdade, por natureza, artista [...] e disso existe uma prova irrefutável: em todos os países onde a psicanálise tem penetrado, tenho sido melhor compreendido e aplicado pelos escritores e artistas que pelos médicos. Meus livros, de fato, se parecem mais a obras de imaginação que a tratados de patologia [...] *Eu tenho podido cumprir meu destino por uma via indireta e realizar meu sonho: seguir sendo um homem de letras, mesmo que sob a aparência de um médico.* Em todo grande homem de ciência está o gérmen da fantasia; mas nenhum propõe, como eu, traduzir a teorias científicas a inspiração que a literatura moderna

¹⁰² Cf LLANSOL. *O livro das comunidades*, p.9-10, onde a autora “introduz” seu texto nomeando as “três coisas que metem medo: (...) A primeira chama-se vazio provocado, a segunda é dito o vazio continuado, e a terceira é também chamada o vazio vislumbrado.”

¹⁰³ LLANSOL. *Inquérito às quatro confidências* — Diário III, p.48. Cf LLANSOL. *Na Casa de Julho e Agosto*, p.139-68, sobre o “espaço edênico”.

oferece. Na psicanálise, o senhor encontrará reunidas, mesmo que transformadas em jargão científico, as três grandes escolas literárias do século XIX: Heine, Zola e Mallarmé estão reunidos em minha obra sob o patrocínio de meu velho mestre, Goethe.¹⁰⁴

Freud viveu oitenta e três anos (setenta e oito deles em Viena, na Áustria), entre 1856 e 1939; sua vida foi tomada pela escrita; nessa experiência ele se entregou à descoberta, invenção e transmissão de sua obra: a *psicanálise*.

O verbo — nome próprio — de Freud, nesta tese, será *escrever*. Já temos o verbo. Já podemos passar. Passemos, então, ao texto.

¹⁰⁴ Entrevista de Sigmund Freud ao escritor italiano Giovanni Papini, realizada em Viena, em maio de 1934. ANSERMET. Prefácio. In: GROSRICHARD. *La psychose dans le texte*, 1989. (Trad. Ana Paula A. Pinto - inédito) (grifo nosso)

SEGUNDO CAPÍTULO

A FONTE DAS LETRAS

*Tu trouveras en moi une source orale d'information
et une source écrite dans mes notes et mon Journal*

*vês como as palavras me escorrem do coração e, da
pena, as letras*

Sigmund Freud

[folha avulsa, sem data]

Comunicado Oficial

O remetente desta acaba de receber a incumbência de intimar o senhor Eduard Silberstein a fazer à sua mãe a seguinte proposta: o senhor e a senhora Freud¹ estariam inclinados* a receber em sua casa ele e o seu irmão Karl** e conceder um quarto para ambos no seu novo apartamento², que passarão a ocupar dentro de dois meses, bem como assinar-lhes as desculpas por doença*** e averiguar se lhes apetece o nosso almoço etc. O remetente, portanto, solicita que o destinatário leve ao conhecimento de sua mãe esta oferta.

O remetente

1Jacob Freud (1815-1896) e Amalia, nascida Nathansohn (1835-1930).

* Os demais também nada têm a objetar, pelo que é do conhecimento do remetente.

** que, dizem, é um traquinas de marca maior.

2Presume-se que se trate da mudança da família Freud da Glockengasse, 30, para a Pfeffergasse, 5, que deve ter se realizado entre 1869 e 1870.

*** de que não têm necessidade.

Essa passagem — versão brasileira das cartas de S. Freud a E. Silberstein¹ — é o fragmento de escrita mais antigo de Freud de que temos conhecimento. Como nos informam as notas de rodapé (as duas primeiras notas numeradas, e as marcadas com * são

¹ FREUD. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. 1871 – 1881; FREUD. *Lettres de jeunesse*. A primeira é a edição brasileira. A segunda é a edição francesa, mas inclui, além dessas cartas, 9 documentos dirigidos por Freud a outro amigo da época, Emil Fluss — daí um título mais abrangente como *Cartas da juventude*. Grande parte das cartas a E. Silberstein foram escritas pelo jovem Freud em castelhano; as demais foram escritas em alemão. As cartas dirigidas a E. Fluss foram todas escritas em alemão. *A edição brasileira contém os originais das cartas escritas em castelhano, e as traduções, destas e das outras, escritas originalmente em alemão*. Trata-se pois de uma edição bilíngüe — castelhano, e português. *A edição francesa só contém traduções*. Nenhuma das duas, pois, traz os originais alemães. A numeração dos documentos é a mesma nas duas edições, acompanhando a edição alemã. A citação das cartas será pelo número, seguido da inicial do destinatário, S (para Silberstein) ou F (para Fluss). Trechos das mesmas poderão ser citadas em mais de uma versão (castelhano, português, francês), seja por divergirem frontalmente, seja porque a diferença entre elas tenha valor para nós.

notas do editor desse livro de cartas) seu conteúdo faz alusão a algo que teria se passado entre 1869 e 1870, época em que o escritor tinha treze anos. Folha avulsa, sem data, destinatário e remetente sem seus nomes próprios, uma comunicação quase anódina — um convite entre adolescentes —, designada como “oficial”, as pontas de um humor que não se deixa passar despercebido, uma perigrafia zelosa em informar dados que, porventura, ajudem a localizar, identificar, situar, fixar. Esse papel avulso, rabiscado, foi incluído numa coletânea de cartas, e editado em livro, em 1989, em Frankfurt, organizado por Walter Boehlich. Em sua “Nota preliminar do Editor”, ele nos informa dados acerca de publicações anteriores, avulsas ou em pequenos conjuntos, de algumas cartas ou trechos delas, nos anos 60.²

Esse bilhete carrega em si o incômodo de representar, não se sabe bem como, algumas marcas de tudo o que se costuma colocar no lugar da origem. De sua soltura, desgarramento, folha avulsa que pode nos escapar devido ao menor descuido, ou a qualquer rajada de vento, é necessário arrancar algo de menos diáfano, dar-lhe peso ou densidade, forjar alicerces donde ela não mais se desprenda. Daí todo o aparato que hoje a suporta: arquivo, biblioteca, instituição, livro, historiografia, exegese, perigrafia.³

É o papel que nos incomoda, o pequeno trapo? Não pode ser. Conformados com a impossibilidade de estabelecer a origem — como aparece a escrita? quando surgiu o escritor? — ou, antes, até mesmo aliviados com ela, com essa impossibilidade, tentamos apreender, nesse mesmo trapo de papel, um ponto ou um instante que nos ajude a seguir ao lado de uma escrita que insiste, que prossegue, que não conseguimos deitar de lado. Não sabemos a dimensão disso que nos foi legado como resto, esse conjunto de cartas da adolescência, dos anos 1871 a 1881. O fato é que ele nos coloca na incômoda posição de estar diante de algo que nos afeta e que nos traga como leitores: há ali um escritor.

² FREUD. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. 1871-1881, p. 9. (nota de rodapé)

³ FREUD. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. 1871-1881, p. 9. (nota de rodapé)

Viena, 12.12.1871 [cartão postal]

Le ruego á Vm, que vine mañana debajo á la setima clase, porqué no habrá tiempo de venir á el.

Quedo su atento servidor
Cipion⁴

Esse é o terceiro documento do livro. O pequeno cartão postal é significativo pelo fato de ter sido escrito em uma língua estrangeira e, pela primeira vez, indicar um pseudônimo do autor. Na parte da correspondência escrita em castelhano, e dirigida a E. Silberstein, Freud assina sempre “Cipion” e se dirige ao amigo como “Querido Berganza”.

Em uma novela, anterior às aventuras de D. Quijote de la Mancha, Cervantes conta a história de um alferes que sai de um hospital nas cercanias de Valladolid, após ter muito sofrido com “El casamiento engañoso”: ele tenta enganar uma “mujer de gentil parecer”, mas acaba sendo ele o engando. O tal alferes encontra um amigo, conta-lhe todo o ocorrido e, por fim, anuncia-lhe que “otros sucesos me quedan por decir que exceden a toda imaginación”.⁵ Trata-se da conversa que o alferes escutou na penúltima noite de seu tratamento, e que fora travada entre os dois cachorros encarregados da guarda do referido hospital: “y es que yo oí y casi vi com mis ojos a estos dos perros, que el uno se llama *Cipión* y el otro *Berganza*”.⁶ Da longa apresentação dessa “maravilhosa história”, na qual o alferes não é poupado de todo o esforço para persuadir seu interlocutor da veracidade do relato, faz parte o seguinte diálogo:

y así, muchas veces, después que los oí, yo mismo no he querido tener por cosa soñada lo que realmente estando despierto, con todos mis cinco sentidos, tales cuales Nuestro Señor fue servido de dármelos, oí, escuché, noté, y, finalmente, escribí, sin faltar palabra por su concierto; de donde se puede tomar indicio bastante que mueva y persuada a creer esta verdad que digo. Las cosas de que trataron fueran grandes e diferentes, y más para ser tratadas por varones sábios que para ser dichas por bocas de perros; así que, pues yo no las pude inventar de mío, a mi pesar e contra mi opinión, vengo a creer que no soñaba y que los perros hablaban.

⁴ FREUD. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. 1871-1881, p.16.

⁵ CERVANTES. *Obras completas*, tomo II, p. 260.

⁶ CERVANTES. *Obras completas*, tomo II, p. 261.

— ¡Cuerpo de mi! — replicó el licenciado —. ¡Si se nos há vuelto el tiempo de Maricastaña, cuando hablaban las calabazas, o el de Esopo, cuando departía el gallo con la zorra y unos animales con otros!

— Uno de ellos sería yo, y el mayor — replicó el alférez —, si creyese que esse tiempo há vuelto, y aun también lo sería si dejase de creer lo que oí, y lo que vi, y lo que me atreveré a jurar com juramento que obligue, y aun fuerce, a que lo crea la misma credulidad. Pero puesto caso que me haya engañado y que mi verdad sea sueño y el porfiarla disparate, ¿no se holgará vuesa merced, señor Peralta, de ver escritas en un coloquio las cosas que estos perros, o sean quien fueren, hablaron?

— Como vuesa merced — replicó el licenciado — no se canse más em persuadirme que oyó hablar a los perros, de muy buena gana oiré esse coloquio, que por ser escrito y notado del buen ingenio del senõr alférez ya le juzgo por bueno.

— Pues hay en esto otra cosa — dijo el alférez —: que como yo estaba tan atento y tenía delicado el juicio, delicada, sutil y desocupada la memoria, merced a las muchas pasas y almendras que había comido, todo lo tomé de coro, y casi por las mismas palabras que había oído lo escribí otro día, sin buscar colores retóricas para adornarlo, ni que añadir ni quitar para hacerle gustoso.⁷

Assim, pois, é feita a passagem entre as duas partes da novela, editada no livro *Novelas ejemplares*, de Miguel de Cervantes, por volta de 1604 ou 1605: “EL CASAMIENTO ENGAÑOSO Y COLOQUIO DE LOS PERROS”. A segunda parte tem o seguinte título: “COLOQUIO QUE PASO ENTRE ‘CIPION’ Y ‘BERGANZA’ – PERROS DEL HOSPITAL DE LA RESSURECCION, QUE ESTA EN LA CIUDAD DE VALLADOLID, FUERA DE LA PUERTA DEL CAMPO, A QUIEN COMUNMENTE LLAMAN LOS PERROS DE MAHUDES”.⁸

A novela desenrola-se diante de nós de maneira “exemplar”, não só pelos elementos tão singulares que já apareceram no diálogo destacado — ouvir, ver, crer, não crer, ficção, realidade, sonho, vigília, anotar, lembrar, acrescentar, suprimir, inventar, testemunhar, “delicado o juízo, delicada, sutil e desocupada a memória” —, mas, ainda, pela promessa/exigência de que a história continue. O narrador já nos havia advertido que só escrevera a primeira parte, a narrativa que Berganza faz de sua vida.

⁷ CERVANTES. *Obras completas*. tomo II, p.261-2.

⁸ CERVANTES. *Obras completas*. tomo II, p 255-95: “El casamiento engañoso y coloquio de los perros”, em *Novelas Ejemplares*. Por algum motivo, o jovem Freud escreverá sempre Sevilha em lugar de Valadollid.

Ao final da novela, o narrador promete escrever a segunda parte (o relato que faria Cipion de sua vida), com a seguinte advertência — provocada pela complacência de seu interlocutor, que afirma que o colóquio está bem composto, mas fingido, e que nunca teria se passado — : “Con ese parecer me animaré y me dispondré a escribirle, sin ponerme más en disputas com vuesa merced si hablaron los perros o no.”⁹

Essa segunda parte, continuação da história — a história de Cipion narrando suas aventuras —, ficou por escrever-se. O que mais nos impressiona, sabendo que alguma forte impressão tenha causado essa história no jovem escritor — não sabemos quando, antes dos quinze anos, Freud deparou-se com ela —, é que Berganza faz longos relatos, vai e volta, dispersa-se em narrativas paralelas, filosofa, divaga, emociona-se, avança, recua. E, Cipion, que o escuta, faz pequenas marcações, pequenas sínteses, pequenos comentários. Eis alguns poucos exemplos, todos eles intervenções de Cipion no relato de Berganza:

“— Pues ¿qué viene a inferir de eso?”

“ Sea esta la manera, Berganza amigo, que esta noche me cuentes tu vida y los trances por donde has venido al punto en que ahora te hallas.”

“ Habla hasta que amanezca, o hasta que seamos sentidos; que yo te escucharé de muy buena gana, sin impedirte sino cuando viere ser necesario.”

“ Vete a la lengua, que en ella consisten los mayores daños de la humana vida.”

“ Hiciste muy bien, por ser prerrogativa de la hermosura que siempre se la tenga respeto.”

“ Esa fue respuesta de un simple; pero tú, si eres discreto o lo quieres ser, nunca has de decir cosa de que debes dar disculpa. Di adelante.”

“ Basta, Berganza; vuelve a tu senda y camina.”

“ Pues ¿ahora no puedes decir lo que ahora se te acuerda?”

“ Digo que te la cuentes antes que pases más adelante en el cuento de tu vida.”

“ Mejor lo hará el Cielo. Sigue tu historia y no te desvies del camino carretero com impertinentes digresiones; y así, por larga que sea, la acabarás presto.”

“ Tienes razón, Berganza. Mira si te queda más que decir.”

Igualmente digno de nota, nas primeiras falas de Cipion, é a ênfase colocada no fato de que “Lo que he oído alabar y encarecer es nuestra mucha memoria, el agradecimiento y gran fidelidad nuestra: tanto, que nos suelen pintar por símbolo de la amistad”. E, logo

⁹ CERVANTES. *Obras completas*, tomo II, p.294-5.

adiante, “uma figura de perro, em señal que se guardaron en la vida amistad y fidelidad inviolable”.¹⁰

Histórias. De que mais, de onde mais podem surgir escrita e escritor? Por dez anos, entre os quinze e os vinte e cinco, anos da mais plena e intensa juventude e da voracidade de sua “formação” — as cartas dão inequívoco testemunho do que, algures, foi chamado de “bulimia intelectual”¹¹ do jovem Freud —, os amigos sustentaram, não só amizade e fidelidade, mas alguma identificação com os protagonistas de Cervantes. Além disso, “fundaram” a A.E. — *Academia Espanhola* —, com apenas dois membros: exatamente os amigos que se escrevem, que não podem e não querem separar-se, pela amizade que os une. Mas isso é inevitável, porque moram em cidades diferentes. Uma “Academia” com estatutos, funcionamento e mitologia próprias, enfim, com sua grande história.

Freud entra na novela cervantina? É esta que entra em sua vida? O destaque que demos às intervenções prevalentes de Cipion — há outras, em menor número, e um pouco mais longas — não nos poupa a imediata associação com algo da estrutura da psicanálise, seus atores, seu funcionamento. E o jovem estudante, apaixonado pelas letras, autodidata de uma língua distante da sua o suficiente para dificultar a leitura de um autor canônico de sua cultura, toma para si — a partir de “alguma” identificação — o lugar daquele que futuramente será o psicanalista. E, obviamente, Freud não inventa a psicanálise aos dezesseis-dezessete anos. No entanto, estamos diante do que parece desenhar um quiasma, uma inversão. Nessa correspondência, de mão única, até mesmo pelas circunstâncias históricas — as cartas recebidas pelo jovem Sigmund, de cada um deles, desapareceram —, só escutamos a voz de Freud. Só presenciamos sua escrita, sua letra. É ele quem fala, quem escreve. É ele quem conta sua vida, seus sentimentos, os entornos de sua existência, o trabalho de seu espírito. O outro está desaparecido, e só pode ser entrevisto, inferido, no texto do primeiro.

É que a experiência, aqui, não é a da psicanálise — ela ainda não existe —, mas uma outra. A psicanálise não existe ainda, formulada, fundada na pena, na experiência

¹⁰ CERVANTES. *Obras completas*, tomo II, p.263.

¹¹ Expressão utilizada pelo tradutor francês das cartas, em sua “Note Liminaire”. O editor, na edição brasileira dessas cartas, fala em “fúria de leitura”, no posfácio, à p.241. Cf. a carta 44, de 11.04.1875, em que Sigmund discute longamente os filósofos que anda lendo, e faz citações de diversos autores. Na carta 28, de 04.09.74, ele escreve: “Os membros da Academia Espanhola pertencem àquelas pessoas modernas cujo dia soma mais de 12 horas de trabalho e cuja noite, devido ao cansaço, não conhece sonho algum. Eu em meio a um turbilhão de compromissos...”

clínica de Freud. De qualquer maneira, seus traços e funcionamento (efeitos?) já aparecem subsumidos numa outra, que, nesse momento, é a que Freud testemunha: a experiência da escrita. Tudo, nessas cartas, leva a alguma relação com essa experiência, e à literatura. Já vislumbramos em que ele se inspira e como ela começa. Vejamos um pouco mais detalhadamente algumas de suas preciosidades.

A conversa dos cachorros, entre 1871 e 1881, é riquíssima (ou muito incisiva, desde o início) em referências às nascentes da escrita no mundo ocidental: os clássicos gregos e latinos; a Bíblia; e muitas outras, nascentes da literatura, do pensamento, das ciências. Seria fora de lugar fazer, aqui, tal relação detalhada. Basta indicá-los.

Vienna, el 3.8.1872

Antes del partido

Querido Berganza

Os escribo pronto despues de recibida vuestra carta gratísima, aprovechandome del poco tiempo, que me queda antes del partido. Estoy mui alegre de que aconsentais á mis propuestas, excepto los articulos de la Ichth. Y de los enlaces ajenos. Que quanto á esos no me atristo mucho de que no convienen, los primeros tocan solamente a mí, y el tercero es cosa vuestra. Ya podeis imaginaros, quanto estamos de prisa para encajonar (empacotar) y preparar todo lo necesario, pero de eso no hablemos, pues no es cosa, que os pudiese alegrar ó divertir.

Mas de mi compañero de viaje, os tengo que referir las cosa mas chistosas — Intento hacerle aficionarse á su querida presunta, la Amorska y a ese fin le cuento todo el dia acontecimientos de Roznau tocantes á ella. Ya no piensa que en ella, ya suspira e se perece de amor. El está apasionado de irse á Freiberg pero soltando lo cree un pied-à-terre para lograr á Roznau. Vosotros ya sabeis, si le mostraré la Amorska verdadera ó no, ademas que ni siquiera está allí!!

En poco tendreis relatos muy minuciosos de mi (ó nuestra) demora em Freiberg (Montelibre como se llamará en l.p.d.l. A.E.) pero antes estoy aguardando vuestras nuevas y creo, que en la quietud y ociosidad de la patria (Montelibre y Braila) ya tendremos materia de escribiros, puesto que el desiderio [no] nos precise á hacerlo — Espero que esa vez como todas la vinideras cumplireis con el aconsiento, que habeis hecho á la ventaja de vuestro.

Cipion

Tendran mejor facha mis cartas cuando estaré en Montelibre — Si aun no estais cansado del miserable Castellano, volvais la hoja y hallaréis en alemán un escrito muy memorable:

Descrição de nossa aventura, vivenciada depois da partida de D. Berganza. (10, S)

Segue-se, em alemão, a narrativa das aventuras. Nesse último exemplo, vemos a prática autodidata da língua espanhola; sintaxe e expressão francesas que se misturam; a invenção de vocábulos pela tradução literal de um nome próprio (Montelibre por Freiberg); os assuntos amorosos, próprios e alheios; a intromissão (ou, poderíamos dizer também, o aproveitamento) do latim: *desiderio*, por desejo; a tentativa de outro neologismo, formado pelo espanhol Amor e uma (falsa?) desinência feminina tcheca: *Amorska*, designando algo como “adorada” ou “l’aimée”, segundo as notas das duas edições de que dispomos. Notamos ainda o humor que faz reiterar a posição, a importância, a significância dessa troca de cartas, no “l.p.d.l. A. E.”, ou seja, “los perros de la Academia Espanhola”.

E, por fim, a frase meio truncada, meio enigmática, “y creo, que en la quietud y ociosidad de la patria (Montelibre y Braila) ya tendremos materia de escribiros, puesto que el desiderio [no] nos precise á acerlo”. Primeiro esclarecimento: entre parênteses a pátria de cada um, Montelibre, de Freud, e Braila (cidade natal de Silberstein, próxima à foz do Danúbio, na Romênia). Entre colchetes, uma intervenção, **no texto original**, considerada necessária pelo editor. E sua estranha e contraditória explicação:

Uma exceção representam as cartas e os cartões-postais escritos em idioma estrangeiro, nos quais, por motivos compreensíveis, *não se fez nenhuma correção*. A tradução não os acompanha, de forma alguma, sempre literalmente, ou seja, não procura substituir o canhestro espanhol por um alemão igualmente canhestro, mas, isso sim, objetiva, tão bem quanto possível, *ir ao encontro do estilo de Freud*. *Não se quer transpor o que ele realmente escreveu, mas reconstruir o que ele quis dizer, ou seja, o que teria escrito se não se tivesse utilizado de um idioma que lhe era estranho*. Fica implicitamente entendido que um processo desses vem sempre fundamentado em hipóteses que, a rigor, mal podem ser comprovadas, razão pela qual abdiquei de anotar a cada passo o que me levou a adotar as minhas “soluções”. Pelo processo oposto e mais fácil, *Freud teria sido reduzido a uma gaguez* e, ao mesmo tempo, teria imposto ao leitor grande esforço para

entendê-lo, o qual, em circunstâncias melindrosas, *não teria nem ao menos a possibilidade de deduzir do “errado” o que fosse “certo”*.

(...) os cortes estão entre parêntesis angulados ([...])¹²

Portanto, fica claro que o *no*, acrescentado à frase que destacamos, foi julgado necessário pelo editor devido a “um corte” no texto, exigindo, pois, uma complementação, para evitar a “gaguez” do autor. O editor decidiu interferir no texto, pelo imperativo que o toma de “não querer transpor o que ele realmente escreveu, mas reconstruir o que ele quis dizer”. Mas vejamos as duas traduções de que dispomos da frase original: “e creio que na quietude e ociosidade da terra natal (Montelivre e Braila), já teremos matéria para vos escrever, desde que o desiderato [não] nos obrigue a fazê-lo”.¹³; “et crois que dans la quiétude et l’oisiveté de la patrie (Montelivre et Braila), nous trouverons matière à correspondre, si toutefois le désir nous y pousse”.¹⁴

São muitas as questões levantadas por esta frase truncada, e suas traduções. No centro, explicitada, nada menos do que a própria escrita em questão, e algo de suas exigências, que aparecem em seu entorno, como camadas progressivamente mais complexas: *quietude, ociosidade, pátria* (portanto, agitação, ocupação, o estrangeiro). E, por fim, o *desejo*. O que podemos deduzir das relações entre desejo e escrita, a partir de três versões de idiomas tão próximos, senão exatamente a *gaguez* que ali irrompe, corta, quebra a frase, exige (permite?) intervenção, e nos abandona no terreno da ignorância, do indecível, enfim, no desamparo?

Freiberg, 17 de agosto de 1872

Caro Berganza,

(...) Digo-te de antemão que não abordarei em minhas cartas nenhuma de minhas excursões, por ter coisas mais importantes a te relatar. No entanto estou te escrevendo um diário de viagem, que redijo tão-somente para ti, e pelo qual ficarás ciente de mais coisas do que, no fundo, deverias ter conhecimento. (...) Esta necessidade de me

¹² FREUD. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. 1871-1881, p.10 (grifo nosso).

¹³ FREUD. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. 1871-1881, p.24.

¹⁴ FREUD. *Lettres de jeunesse*, p.38.

comunicar está me levando a escrever um livro que poderás ler na primeira semana da volta às aulas. (...) Quero facilitar para mim próprio estas confissões, redigindo-as em nossa língua burocrática. (...) Vamos a las niñas. Cuatro hay y de tres hablaremos. Pero me ha cansado mucho el escribir tales cosas, que no merecen, en lengua castellana y me veo precisado á decir otras que mas lo mereciesen en aleman. ¿Y porque solo hablaríamos de tres si cuatro son? ¿No le he prometido de abrirme a Vm? Hablemos francamente. ¿Quien podria leer esa cartilla escepto Vm? Vejo-me obrigado a lastimar que tenha dispersado as minhas forças, o que não quero mais que se repita, já que, seja como for, isso se encontra no meu diário. Por isso quero apenas dizer que he tomado inclinación para la mayor llamada Gisela que partirá mañana y esa ausencia me devolverá una firmedad de la conducta que hasta aqui no he conocido – Vm, considerando mi caracter propio, se imaginará con razon que en vez de avicinarme, me he alejado de ella y nadie, ni ella misma siquiera, sabe de eso más que su majestad el Rey de los Turcos. No temo seros ridiculo informandoos de eso, porque sabeis, como todos somos locos y tontos y necios y ojalá que fuese la ultima necesidad nuestra! (...) E, por fim, cansado desse tom seco, não é a vida uma das coisas mais maravilhosas que existem neste mundo? (...) Encerro esta carta, obra-prima dentre todas as asneiras já produzidas pela A.E....

[À present, j'en ai assez de ce ton sec; la vie n'est-elle pas une des choses les plus stupides qui existe sur terre? (...) Je termine cette lettre, le plus grand chef-d'œuvre de non-sens que l'A.E. ait jamais produit...] (12, S)

Esta carta é exemplar acerca das significações que pode ter para seu autor (e para nós que buscamos o escritor), além de sua curiosa estrutura. Nela se anuncia a necessidade que leva a escrever um livro e a existência de um diário — nenhum dos dois chegou até nós, entretanto. E nela vemos, ainda, a dificuldade do jovem escritor para falar das coisas do coração: anuncia, rodeia, afasta-se do assunto, muda de idioma, retorna à língua materna, mas aí não permanece. Desqualifica a língua que escolhera para confidenciar ao amigo sua paixão, mas não deixa de utilizá-la. Após a confissão, a ironia que aproxima amor e loucura. Por fim, a satisfação com a “obra-prima” da A.E. — de asneiras ou de *non-sens* —, restando-nos, por conta da traição tradutória, a dúvida sobre a qualificação da vida, entre *maravilhosa* e *estúpida*.

Freiberg, 4 de setembro de 1872

¡Queridísimo Berganza!

J'ai peine à pardonner que tu me parles si peu de toi, mais une certaine résignation touchante qui s'exprime dans chaque ligne de ta lettre me dissuade de te réclamer plus que tu ne peux offrir. (...)

A mim fazes uma injustiça, ao me atribuíres um ânimo melancólico e triste. Ponha isto na conta de meu insensato estilo que jamais me permite expressar o que quero (...). Tu trouveras en moi une source orale d'information et une source écrite dans mes notes et mon Journal, qui te rendront l'histoire de ce mois aussi claire qu'il est possible. (...) J'avais besoin de m'exprimer complètement, et cela je ne pouvais le faire que dans ma langue maternelle.

Quelle drôle de lettre, vas-tu t'écrier. (...)

L'inclination a fait son apparition comme un beau jour de printemps ; seuls mon absurde hamletisme, ma timidité mentale m'ont empêché de trouver agrément et plaisir à m'entretenir avec cette jeune fille, à demi naïve, à demi cultivée.

(...)

Assez là-dessus, tu vois comme les mots sortent en foule de mon cœur et les lettres de ma plume.

[Chega disso, vês como as palavras me escorrem do coração e, da pena, as letras.] (...)

Poderia continuar te escrevendo infinitamente (...)

J'espère une chose: que ton prochain courrier me dédommagera de la sécheresse qui régnait le dernier, et que tu voudras bien me répondre tout de suite, encore sous l'effet de ces lignes. Peut-être que tu me feras savoir que tu n'es pas encore mort pour moi. (14, S)

Ainda sob o torvelinho dos sentimentos provocados pelo encontro com a moça — que merecerá um lugar na historiografia, como aquela que provocou o primeiro *affaire* amoroso de Freud —, o jovem escritor é incisivo, penetrante, autocrítico, espirituoso, irônico, severo e irredutível nas exigências colocadas pela amizade.

No recorte que fizemos, deixamos de fora um longo trecho, no qual aparecem análises psicológicas de fina argúcia, sobre um outro colega de escola, imerecedor de sua confiança e, sobretudo, sobre uma outra mulher : a mãe de Gisela.

Aos dezesseis anos de idade, é surpreendente a operação de descrever, com maestria, as qualidades da mãe, para justificar sua (dele, Sigmund) fuga diante do desconhecido — a paixão por Gisela. Ele vai dizer que teria transferido para a filha a admiração que sentira pela mãe dela. As palavras escorrem-lhe do coração, e da pena, as letras. Muitos anos mais tarde, tudo isso será reescrito, por ele mesmo, de diversas maneiras, com enquadres psicológicos e teóricos, sempre nos limiares que a escrita impõe. Muitos dirão que se trata de fronteiras entre história e ficção, sonho e realidade, ciência e arte. O que nos parece ineludível é a experiência que nos toma, também a nós, no que diz respeito a uma obra que já se escreve.

confidentiel

Vienne, 18 septembre 1872

Cher nouvel ami,

Je tiens ma promesse de vous relater mon voyage, une fois de retour dans mon ancien domicile; mais Dieu sait quel tourbillon m'a si vite emporté de Freiberg, j'ai presque perdu le souvenir du passé et, comme étourdit, je laisse tout glisser sur moi, questions, compliments et congratulations, sans ouvrir la bouche.

J'aurai peine à me retrouver dans mes souvenirs de la veille. Je confesse la vérité sans fard, mais à vous seulement ; et j'espère qu'aucun œil étranger ne verra ces lignes. Si cela devait quand même se produire, et que vous ne soyez pas en mesure de l'empêcher, ne me l'écrivez pas, car alors c'en serait fait de la vérité, et vous ne recevriez plus que de phrases lisses comme anguilles, dont vous ne retireriez rien.

(...)

Le temps, pour moi, ne s'écoulait pas moins agréablement. J'attendais, j'espérais, et pensais entre-temps à Freiberg. Je n'avais pas encore eu le loisir, jusqu'alors, de passer en revue ces six semaines. J'arrivai ainsi à Vienne. Une fois encore, je vis la mère nerveuse et l'enfant blonde, et me jurai de noter où, dans la foule viennoise, je les recontrai à nouveau. — Ainsi s'achève mon petit roman. Je serais navré que vous eussiez attendu davantage et pensiez que tout ça ne vaut pas que l'effort « d'être tu ».

Je vous ai fidèlement communiqué ce que j'avais à vous écrire et vous épargnerai l'effet que Vienne produisit sur moi. Je me sentais écœuré. (1, Fluss)

Aqui estamos diante de um verdadeiro *trompe-l'œil*. As cartas estão em sua ordem cronológica, da forma como são disponíveis atualmente. No verão daquele ano, Sigmund passara seis semanas de férias em Freiberg, sua terra natal, de onde saíra aos três anos de idade. De lá escrevera, como vimos, a Eduard/Berganza. De retorno a Viena, escreve agora a outro colega, Emil. Ele tem muito a contar, encontra-se *écœuré*. Seu preâmbulo — os dois primeiros parágrafos — nos leva a crer que abrirá seu coração ao novo amigo, a quem, no entanto, já adverte, sem rodeios, da gravidade que encerra uma amizade. E, de seu aturdimento, temos alguma noção, pelas cartas anteriores. Esperamos, então, mais um relato — talvez com outras impressões, outros pensamentos, outro tratamento — do que fora vivido em Freiberg, e de alguém que anuncia, com todas as letras, a atitude do escritor, aquele que procura subtrair-se ao mundo, abstrair-se das circunstâncias anódinas — chegar em casa, fazer cumprimentos, responder a questões e congratulações familiares — e lembrar-se do vivido para poder escrever o que tem a contar. Ainda mais: o autor encerra seu *petit roman* dando os indícios fundamentais do *affaire* recém-vivido: mãe e filha.

Bem no meio do romance (o trecho suprimido aqui), brilha a seguinte frase: “À partir de Prerau, deux belles étoiles ont lui au-dessus de moi”¹⁵ (1, F) 1872, dezesseis anos, leitor voraz, amante da literatura. A imagem legada por Baudelaire, da *passante*,¹⁶ atravessa o texto dele, Sigmund, e também o nosso, aqui: instante e eternidade.

Terá sido esse seu primeiro romance? Não sabemos. O que podemos saber é que estão aí: a paixão (o amor), a musa (a mulher), o afastamento (a solidão), a escrita (experiência).

Apesar de tudo isso, o missivista faz um longo e detalhado relato de sua viagem de volta — de Freiberg a Viena —; descreve as pessoas que cruzam seu olhar e seu pensamento, dentro do trem e nas paradas, até se deter em uma mulher, nervosa, e suas duas filhas, tendo sido a *mayor* a que prendera sua atenção. Na chegada, elas desaparecem em meio à *foule viennoise*. Sigmund jura apreender ali algum instante: uma derradeira visão, a de *noter* onde poderá reencontrá-las. E de fazer o registro, anotar, com a escrita que nos lega — eternidade.

¹⁵ Prerau é uma pequena cidade da linha de ferro entre Freiberg e Viena.

¹⁶ BAUDELAIRE. *Les fleurs du mal*, p.137.

Resta a indagação: quem é a passante? a mulher, a escrita? “A escrita vem como o vento, nua, é de tinta, a escrita, e passa, como nada mais passa na vida, nada, exceto ela, a vida” observaria, algum tempo depois, uma escritora.¹⁷

Vienne, 7/2 1873

(...)

Quelques remarques amusantes, qui me sont venues à l’esprit en cours de lecture, ne vous seront pas épargnées. (...)

Combien j’admire le subtil instinct que la nature dans sa bonté nous a accordé en ces matières. Votre lettre contient une phrase des plus modestes, simples et anodines; je tiens pourtant que c’est la plus chargée de sens que vous ayez jamais écrite: « J’étais récemment sur la glace, elle aussi. » Un historien peut-il s’exprimer de manière plus objective? Que des choses pourtant se cachent derrière ces mots! Permettez-moi de dépeindre ce qui s’est passé. Soudain votre humeur se gâte, vous ne supportez plus de rester chez vous, un pressentiment bizarre vous assaille; presque sans y penser vous saisissez vos patins; vous vous précipitez vers la place fatale presque comme si le destin vous poussait. Et là, merveilleux enchaînement de circonstances, *vous* trouvez Otilie.

(3, F)

Sigmund reafirma a força que anima amizade e cartas. Não se poupa, nem ao amigo: pinta um quadro, eleva uma imagem, a partir de uma pequena, anódina frase. Demonstra, descreve — numa operação de desconstrução poética — como uma simples frase pode condensar um momento epifânico: o encontro com a amada.

Continua escrevendo a ele nos meses seguintes. Numa dessas cartas, anuncia uma confissão importantíssima, que, por enquanto, será deixada de lado. E não deixa de explicitar certas *remarques amusantes* que o movem: talvez o suspense, talvez a suspensão, entre cartas e leituras, ou entre vida e escrita. Essa carta é assim finalizada: “Il me faut que j’achève ma lettre d’aujourd’hui plus tôt que je ne voudrais, en laissant du même coup votre curiosité insatisfaite”. (4, F).

¹⁷ DURAS. *Escrever*, p.48.

Um mês e meio depois, escreve:

À cette époque, je ne l'avais pas défini avec plus de précision, en partie pour créer un mouvement de curiosité, qui eût été alors flatteur pour moi, en partie parce que je ne me croyais pas encore moi-même. Aujourd'hui, c'est aussi ferme que peut l'être un plan humain (mais chacun peut devenir une tour de Babel), et aujourd'hui peux aussi m'exprimer plus librement. Ne serez-vous pas déçu, si je soulève le voile? Eh bien, voilà: j'ai décidé de devenir naturaliste ¹⁸ (...) Je jetterai les yeux dans les archives millénaires de la nature, je serai peut-être même témoin de ses processus éternels et partagerai mon acquis avec tous ceux qui veulent aussi apprendre. Vous voyez que le secret n'avait rien de si effrayant; il est plutôt effrayé, de son insignifiance.

(...) Je serais heureux d'avoir deviné votre attente; je lis les *Odes* d'Horace, vous les vivez.

Petit post-escriptum.

Ne trouvez-vous pas "*shocking*" qu'Otilie doive apprendre le métier de couturière? Ou bien, dans ce cas aussi, avez-vous découvert le noyau poétique de la chose? (5, F)

Silvina Rodrigues Lopes mostra como a escrita de cartas cria a ilusão da intersubjetividade. Na experiência da escrita, não havendo, rigorosamente, nenhum destinatário para o escrito, a inexistência dos lugares marcados para o "eu" e para o "tu" ameaça incessantemente o escritor. "Todos os textos literários se constituem como 'cartas' para nada (o que não significa que sejam cartas para o vazio), 'textos para nada' (Beckett). Por isso não têm destinadores nem destinatários".¹⁹ O campo da literatura estaria fora daquele da intersubjetividade. Vários autores dão testemunha do "desaparecimento de si" nessa experiência e da sua inevitável intransitividade. De qualquer modo, entraríamos, aqui, nas considerações sobre a ilusão do autor como fonte da escrita, e sobre a ilusão do leitor como destinatário da mesma. Citando a autora:

No fundamental, um texto literário não tem destinatário. O seu apelo ao interlocutor dá-se no abandono dos territórios do humano em direção a um *aquém, interminavelmente aquém*, da imposição de significações. É na resistência à quase necessidade dessa imposição, e portanto à socialidade que a sustenta, que o literário se afirma como

¹⁸ *Naturforscher*, lit.: explorateur de la nature (N.d.T.)

¹⁹ LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p.138.

abertura de sentido. Não sendo por isso um destinatário, o interlocutor é aquele que recebe a garrafa atirada ao mar com a menção “sem retorno”. Naquilo que lê, ele tem de escavar o ritmo que “mantêm a humanidade nas suas ligações” (Arquíloco), tem de passar aquém do ponto frágil que é a emergência de um sujeito, um “eu” diante de um “tu”.²⁰

Veremos, mais à frente, como Blanchot refere-se a isso, designando o *exterior* da linguagem. Mas, em texto dedicado à amizade — *Pour l'amitié* —, e tratando, mais especificamente, de uma das vicissitudes da escrita, ele também utiliza a imagem da garrafa ao mar: “(l’écriture est peut-être testamentaire, la bouteille à la mer revient toujours.)”,²¹ dando-nos mais fortemente a idéia de uma não-destinação da escrita.

A escrita de cartas, por seu caráter, a princípio, privado, parece subverter essa realidade, criando uma zona intermédia entre aquela do “autor” — que escreve em seu nome e poderia responder por isso —, e uma outra, onde ninguém responde, já que o pressuposto “destinatário” está ausente da cena da escrita, e, além disso, está sujeito, por diversas circunstâncias, a não receber a carta, cabendo esta última a qualquer outro, em seu possível desvio. Desenha-se, assim, uma zona com a função de exceder à intransitividade, de aceder ao aquém, interminavelmente aquém. O fundamental na escrita epistolar, segundo Lopes, estaria “no facto de sua escrita ser suportada imediatamente por uma amizade, ou idéia de amizade, que faz colocar em primeiro plano aquilo que é, ou se deseja que seja, excepção à incomunicabilidade”.²²

Essa relação tão estreita entre troca epistolar e amizade é assim explicitada por Silvina Rodrigues Lopes:

Assim, é a partir do desejo de fuga à incomunicabilidade, e conseqüentemente do desejo de abandono dos limites estritos das imagens do “eu”, que a escrita de cartas pode funcionar, em relação a uma obra filosófica, literária ou artística, como zona intermédia, ancoragem na realidade, lugar de confirmação da existência, de abastecimento de forças, sem o qual não haveria testemunho possível, elas são um testemunho inultrapassável do

²⁰ LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p.139-40 (grifo nosso).

²¹ BLANCHOT. *Pour l'amitié*, p.11.

²² LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p.142.

estado de solidão do criador e da insuportabilidade a que essa exigência absoluta conduz. É aí que a escrita da carta e a amizade se fazem coincidentes.²³

Não obstante, é preciso ressaltar que, a obra, segundo Blanchot, embora solitária, não é incomunicável. O que nos permite pensar, com Lopes, a “incomunicabilidade” com a conotação de “intransitividade”. Mesmo assim, podemos observar todo esse movimento que transita, entre escrita e amizade, até mesmo fundindo-as naquelas últimas cartas, e chega ao apelo de um símbolo mítico: a *tour de Babel*, origem das línguas. Aqui, nessas últimas cartas que citamos, estamos fora da “Academia Espanhola”, criada por Freud e seu amigo Silberstein — Cipion y Berganza. Sigmund escreve a outro amigo (não se trata de *Berganza*), sem a necessidade de utilizar um outro idioma. Mesmo assim, a força e a incidência da reafirmação de experiências como amizade e escrita — aqui evidentes pela confiança, dramatizada, adiada e, depois, considerada insignificante; e, no final, pela consideração reveladora de que, para o jovem escritor, a vida, aquela que partilha com o amigo e a que emerge da literatura, da poesia, também se confundem — serão por nós consideradas como traço fundador da escrita, a fonte das letras para esse escritor. A vida emerge da escrita e com ela se confunde. Don Quijote y Academia Española. *A verdade tem estrutura de ficção*, veremos mais à frente.

Poderemos verificar, ainda, sua marca permanente em toda a correspondência, essa que se estende entre 1871 e 1881. Isso conferiu unidade e estrutura a esse objeto bizarro — porque não passa da reunião e edição conjunta de um número arbitrário de papéis escritos —, que a nossos olhos parece tão trivial: o livro. Um livro. Outros se farão, fundados da mesma maneira: cartas de amor à noiva, cartas a outros amigos.

Nas cartas da juventude, vemos, disseminados, vários traços, esses traços, que marcarão fortemente também uma outra amizade do escritor, mais intimamente — do ponto de vista da história, e progressivamente da desenvolvimento da doutrina psicanalítica — ligada às “origens”, ao “nascimento” da psicanálise. Trata-se da correspondência com Wilhelm Fliess, entre 1887 e 2002. Trataremos disso em capítulo posterior.

Voltemos aos “perros en el hospital de Sevilla”. Encontraremos, em seu *coloquio*, todos os elementos apontados acima por Lopes :

²³ LOPES, *Literatura, defesa do atrito*, p.142.

Infelizmente não estou conseguindo concluir o prometido relato bíblico, não mais estou sentindo o impulso de recriar artisticamente o que vivenciei, *este* interesse foi reprimido por outros (...). Por isso, sê mais generoso, em breve deverás estar recebendo, igualmente, quilométricas epístolas. Se a sorte te for obsequiosa, pega-a pelos cabelos, Tu, a quem quero denominar πολυμήχανος [epíteto que Homero aplica a Odisseu: “polivalente” na versão brasileira, “industrioux”, na francesa] se encontrares sequer um meio que seja para realçar tua glória e me escrever uma carta de peso. (15, S)

Reparemos nas datas: Sigmund volta a escrever nos dias 11.07 (carta 16); 16/17.07 (carta 17); e ainda uma outra que fora extraviada. Na carta 18, o escritor comunica ter tido conhecimento desse extravio (daquela que estaria entre a 17 e a 18, atualmente disponíveis), com enorme pesar, pois essa carta acompanhava a encomenda que o amigo havia feito de um livro e, muito mais importante e grave, continha “un joyau d’idylle biblique”. Em 24.07 (carta 18), ele acredita ainda que a carta possa ser recuperada :

Car, à parler franchement, la perte, si perte il devait y avoir, serait grande. Non pas tant celle du livre ou de l’argent. Trois guldens, ça se retrouve, mais la lettre, la lettre sera perdue, et rien ne la ramplacera. Et dans cette lettre justement, ô destinée jalouse, dans cette lettre il y avait une petite composition, une étude biblique avec des motifs modernes, une chose que je ne serais pas capable de faire une seconde fois et dont je suis fier, comme de mon nez et de mon baccalauréat. Cela t’aurais réconforté comme un baume; on ne vois pas du tout en lisant le texte qu’il a été écrit dans une chambre. Il est d’un sentiment si tendre, si naïvement biblique et fort, si mélancolique et gai, il est... au diable, il est perdu, c’est ce qui m’enrage. [É tão suscetível, tão bíblicamente ingênuo e vigoroso, tão melancólico, e está — com os diabos, está perdido, o que me magoa].
(...) Si tu me réponds sur les ailes de l’aigle ou avec la promptude de l’éclair, tu n’auras fait que ton devoir. (carta 18, S)

Nas próximas três cartas, o lamento continua, mas vai se modificando. Elas são longas, contêm muitos outros assuntos, mas o padecimento da perda e o trabalho que o jovem escritor revela, ao tratá-lo, chamam-nos a atenção:

(...) Encore que ma lettre disparue contienne un joyau d'idylle biblique, que je serais sûrement incapable de refaire, car mon aimable bonne humeur est depuis longtemps allé au diable. (...)

Quelque raison que tu puisses avoir eue de ne pas m'écrire, réponds-moi tout de suite après réception de ces lignes, si je ne peux pas écrire et lire des lettres, je crains, à force de m'ennuyer mortellement, d'attraper + + + le choléra + + +.[quando não posso escrever ou ler cartas, fico com medo de um tédio mortal... pegar + + + o cólera + + +.]²⁴ (19, S)

C'est bien en vain que tu tentes de me consoler de la perte de mon esquisse biblique; voilà des années que je n'ai subi une perte analogue. Mon malheur n'est pas diminué du fait que tu ignores ce que tu as perdu, car la chose t'était destinée.

(...) Suffit pour aujourd'hui, réponds-moi bientôt, je suis très avide de correspondance. (20, S)

(...) À l'instar d'Hérodote, je commence à croire à la malignité du destin. Puissent s'égarer dix autres de mes gribouillages et se conserver par contre cette unique, incomparable lettre! Que des choses élevées tu y aurais trouvées concernant précisément cette injonction! Ne me parle pas d'un succédané. Si un jour le soleil éclate en morceaux et que nous devons vivre dans l'obscurité, par quoi le remplaceras-tu? Si l'océan se dessèche et les sources du ciel se tarissent, quel succédané proposeras-tu pour l'eau? Donc ne me parles pas de produit de remplacement. C'est perdu, pour toujours, et ne reviendras plus. (...)

Me pesa mucho que ni tu ni yo observen la ley de la A.E. que prescribe hacer uso y uso frecuente de la Noble Lengua Castellana. (...) Unos tontos pensamientos me pasan por la cabeza (...). En los dias del grandisimo trabajo es decir una semana antes la † difunta † Maduridade me he ocupado muy deveras la tentativa de construir un sistema de los numeros, porque hé notado, que todo lo que pasa en el mundo real tiene su igual, quiero decir su equivalencia en el mundo de los numero<s>...

Cipion

Miembro vitalicio de la

Famosa A. E. Señor del

Lias y Principe de la

Greda (21,S)²⁵

²⁴ No verão de 1873, o cólera, passando pela Galícia, foi trazido a Viena (nota do editor alemão).

²⁵ O editor alemão, em seu prefácio/posfácio, informa-nos que esses termos, "Lias" e "Greda", foram retirados de um poema de Josef Viktor von Scheffel, "O Ictiossauro", e está relacionado, no *coloquio*, ao "episódio Gisela". *Lias* é denominação própria do período jurássico. *Greda* é um tipo de barro, argila. Cf. FREUD. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*: 1871-1881, p.235.

Em outro capítulo, mais adiante, veremos o caso de outra carta extraviada, no seio de outra correspondência (com Fliess, 1887-2004), com outras conseqüências, mas água do mesmo rio corrente, rio de escrita.

Por enquanto, examinemos algumas outras referências a cartas e amizade, iniciando por uma curiosa observação de Sigmund, que enoda o elogio do amigo à gramática. E uma outra, na qual o escritor é o demiurgo, que traz não menos curiosa concepção da construção de uma carta, como uma obra de arte, como a criação do mundo, e enfim como um edifício.

(...) Possuis milhares de pequenos talentos, todos a serviço da amizade. Cheguei a me propor a indagar sobre tudo a respeito de ti e a tudo escutar do que me contassem sobre ti, mas foi quase demais o trabalho que isso me deu, já que, em cada frase, estão a declinar o Eduard em todos os seis casos: “o Eduard”, “do Eduard”, “ao Eduard”, “ó, o Eduard”, “da parte do Eduard”. ...

(...) (24, S)

Caro amigo

Ainda não se passaram dez minutos desde que o carteiro trouxe tua exótica carta, e já estou aqui sentado, qual um escrivão, a fim de literalmente preencher tua solicitação. De forma alguma me encontro em apuros para encher as páginas desta carta, pois faz oito dias que não vejo nenhum conhecido, razão pela qual não pude revelar nada do que se passa no meu coração. Mas acho que, para os devidos fins, a matéria-prima, de que deverá ser constituída esta resposta, terá de ser subdividida, para assim construir os três pavimentos e minha carta, que poderás então percorrer um após o outro.

Portanto:

first floor

De correspondencia literaria y amical en general y de nuestra en especial

(...)

A gente (os teólogos) vem há tempos se indagando por que o nosso querido Deus +++ levou seis dias para completar a sua obra da criação, o que ele poderia ter concluído num segundo. Todos os esclarecimentos dados até o momento não se agüentam de pé, só eu posso dar a interpretação correta. Ele queria mostrar a seus filhos humanos que, a cada obra, deve-se respeitar uma ordem e uma sequência corretas a cada etapa da execução; Deus poderia ter feito tudo concomitantemente, num segundo, e esta lição teria ficado

perdida para os homens no seu empenho de se assemelharem à divindade. Também as nossas cartas devem espelhar esta mesma ordem, não porém, uma ordem artificial e inânime, mas, isso sim, a ordem de uma obra de arte (...)

Second floor

En que se han alojado unas noticias de mí y de mis queridos queaceres y quenoaceres
(...)

Third floor

Adonde Vm hallerá grande coleccion de gente perdida, concurrida de todas las partes del mundo, como suelen habitar au troisieme étage
(...) [nesta parte há trechos em grego e em latim](26, S)

Na carta seguinte, o autor comenta, com agudo senso crítico, um fato acerca da família imperial, e, repentinamente, começa um parágrafo assim: “Quoi de plus éloigné d’un tel prince que *La dame aux camélias*? J’ai fait sa connaissance, bien que seulement dans un piètre moulage allemand, il y a deux ans à Freiberg. Je pense que, du moins pendant la lecture...”. Segue-se uma longa e fina análise literária, à qual vêm se juntar *Tristan et Iseult*, uma comparação das duas obras, uma reflexão sobre as relações entre poesia, ética e moral, e a seguinte frase: “là où la poésie n’a pas occupé assez fermement sa position exceptionnelle, la morale rentre dans ses droits” [“onde a poesia não ocupa o seu lugar de exceção, a moral volta a usufruir de seus direitos”, diz a versão brasileira] (27, S). Há consciência/experiência do poético, no jovem escritor.

Nos próximos três meses, são escritas cinco cartas. Nelas, Sigmund faz a proposição de que a A. E. tenha um periódico semanal, com o relato minucioso de tudo o que acontece com cada um de seus membros. Discorre longamente sobre escrever cartas, sobre a amizade e a necessidade de narrar o cotidiano, afirmando ser tudo isso necessário e destinado aos arquivos da A. E. Um dos pontos de destaque de seus relatos é também o conjunto de suas atividades escolares, seus professores, seu juízo sobre cada um deles. Por fim, uma curiosa passagem, cara ao escritor, quando fala do pedacinho de papel que conseguiu tirar de seu professor. Vejamos alguns trechos de tudo isso:

(...) Nos lettres qui, l'année une fois écoulée, constitueront sans doute l'ornement des archives de l'A.E. seront aussi pleines de variété que notre vie même. Nous y transmuérons la vie prosaïque des six jours ouvrables en l'or pur de la poésie et découvrirons peut-être qu'on peut trouver en soi-même et dans ce qui demeure et change autour de nous, un grand nombre de choses intéressantes, pour peu qu'on s'habitue à y prendre garde. (...) Si nous nous engageons sérieusement dans cette voie, je propose, pour sauvegarder le romantisme qui ne doit pas faire défaut à une A.E., de considérer chaque lettre comme un numéro d'un journal hebdomadaire (...) (28, S).

(...) É das mais desagradáveis a desilusão que se tem, quando, ao abrir às pressas uma carta de um amigo longínquo, a fim de se ficar sabendo as últimas novidades sobre como se encontra e o que faz, acaba-se lendo umas poucas palavras dizendo que no momento ele se sente enfadado e que não tem nada a nos escrever. Esta pessoa que escreve a carta acredita, com demasiada freqüência, que já cumpriu com o seu dever quando vai levar aos Correios um envelope em que consta nosso endereço. Se lá dentro há ou não qualquer coisa que vá nos compensar realmente de sua ausência ou de seu longo silêncio, é coisa que, para ele, costuma ficar por conta do diabo. Mas nisso se vê a iniludível característica de uma pessoa intimamente confusa e alheia a seus amigos, que é o fato de considerar que escrever cartas é carregar um fardo. Isso porque uma pessoa ponderada e que gosta de seus amigos sempre irá encontrar coisas que lhe ocuparão tanto a atenção, a ponto de fazer questão que para elas se volte igualmente o interesse de seus amigos, ou coisas que lhe causem tantas dúvidas que, a fim de poder julgá-las e serenar seu espírito, necessite do apoio dos amigos. A participação desinteressada em tudo o que acontece e diz respeito aos outros é, muitas vezes, não só a única, mas certamente a mais preciosa contribuição de um amigo. Sou da opinião, pois, que quem se familiarizou com o dever e já sentiu a viva necessidade de contatar amigos, não necessita de prévia disposição de espírito para escrever uma carta satisfatória. Ao contrário, pode criar ele mesmo este ânimo adequado e, em meio ao mais sombrio dos humores, distrair-se e sentir-se aliviado através da carta. Além disso, um concienzoso intercâmbio de missivas é uma forma, que não se deve subestimar, de economizar recordações e preocupações, das quais o escrevinhador negligente jamais consegue se livrar; diria até que, desde que se descobriram os Correios, ninguém mais esquentava as orelhas. O fato, porém, de eu ter escolhido uma forma bem-humorada para as nossas cartas deve-se a que, tendo desistido dessa coisa de escrever diários, ao longo dos seis dias da semana não tenho nenhuma oportunidade de descarregar em algum lugar o pouco de humor e de

boa disposição que, a par de todas as outras coisas, a gente vai produzindo nesses seis dias, com o que não estou dizendo que quero fazer de minhas cartas um hospício. Tu mesmo dispões de uma considerável provisão de humor e ironia, por que, então, ao exteriorizá-las, não poderiam elas ser de proveito para um amigo, pois o “humor da coisa”, como diz Pistol, a tudo sobrepuja? Aliás, a questão da forma é secundária, e se alguns dos pensamentos de Werther, tanto melhor — nada de coações na Academia Espanhola. (...) (29, S)

(...) uma carta necessita de uma certa concentração, um determinado sossego artístico, uma carta é sempre um exercício com vistas às assim chamadas artes liberais, para as quais a gente só sente pendor quando se consegue reduzir ao silêncio os superruidosos negócios e preocupações de todos os dias.

(...) Um segundo elemento anexo à carta consiste num bilhetinho que eu, depois da aula inaugural rasguei e tirei do professor. De maneira que o excelso pensamento de que esse pedacinho de papel suportou por horas a fio a pressão dos ombros de um célebre físico ou filólogo, ou até mesmo um filósofo, deverá, espero eu, ser para ti, à guisa de relíquia, especialmente valioso. (...) (30, S)

O jovem escritor, além de generoso demais com seu interlocutor, já que não economiza forças, tempo, ânimo, para cumprir o que considera um dever de primeira ordem de uma amizade verdadeira, desfia longamente suas considerações de caráter psicológico sobre presumidas funções de uma “simples” missiva. Além disso, uma carta exige as condições necessárias às artes.

Enfim, uma carta-poema, poema em prosa ou uma ode, ode-em-prosa: uma odisséia:

Vienne, 2 décembre 1874

Cher ami,

La rapide réponse qu’a reçue ma lettre “*accablé d’épreuves*”²⁶ me force à imiter ta célérité, afin que tu n’attribues pas à mon retard des raisons inexates mais en apprennes la vrai cause aussi vite que possible. Il est exacte que j’ai réfléchi durant cinq jours à ma

²⁶ Épithète homérique attachée à Ulysse. [nota do editor na edição francesa] (grifo nosso)

dernière lettre, puis, une fois écrite, que je l'ai portée pendant trois jours dans ma poche, semblable à un masurpial qui héberge ses petits dans son corps, même après leur naissance. Ensuite je l'ai revêtue de la chape d'une enveloppe, n'ai pas réussi pendant un jour entière à me souvenir de ton adresse, et enfin, une fois celle-ci revenue à mon esprit, je l'ai encore traînée — parce que je n'arrivais pas à m'en séparer — comme un inutile fardeau dans mes errances à travers les faubourgs lointains de Vienne jusqu'à ce qu'une gueule béante la reçoive dans l'Alservorstadt, d'où elle a suivi la voie de toutes les lettres, ou moins de la plupart, celles qui ne sont pas détournées.

Tu comprends qu'après de telles expériences, on ne se sente pas fier. Si tu t'étonnes que j'aie pu oublier si longtemps une chose si importante, je précise que très souvent je me suis souvenu deux fois par jour de mon devoir (de m'occuper de ta lettre), mais que je n'ai jamais trouvé le temps de mettre à profit ce souvenir qui venait par à-coups. À quoi me servait-il juste avant que je m'endorme, ou dans l'amphithéâtre de physiologie, ou précisément quand je m'étais fait une coupure à un doigt, puisque, dans tous les cas, je n'avais aucune boîte aux lettres à portée de main et que, sitôt dans la rue, j'oubliais de nouveau la lettre? Je m'explique cependant très bien ma distraction et m'étonne davantage que la lettre soit déjà partie avant ce dimanche plutôt qu'il y a deux semaines. C'est très injustement et seulement — pour m'exprimer en termes philosophiques — *per analogiam*, qu'on attribue une volonté propre à un malheureux étudiant en médecine harassé. Il n'est qu'une goutte d'eau qui, par un système compliqué de pression, est pompée d'une salle dans l'autre, d'un faubourg dans un autre, et qui doit s'efforcer, selon des lois purement mécaniques, de parcourir le chemin qu'il a à faire dans le plus bref délai et avec un minimum de frottement. (33, S)²⁷

Eis a odisséia do escritor — “assoberbado de provações” —, constrangido a enfrentar separação, perda, esquecimento, vontade, ocupação, automatismo. Mas também a odisséia da própria carta, como ele mesmo anuncia em suas primeiras linhas, ela também assolada por provações. Em verdade, o que vemos aqui é a fusão de ambos, como tantos traços já foram apontados nos excertos anteriores.

Inscrever-se na linhagem de Homero é algo que veremos reaparecer em outras cartas, além desta e da de número 15, como já havíamos observado. Na carta 37, vemos

²⁷ Essa mesma carta contém uma segunda parte, datada de 6 décembre, onde o autor faz a descrição do inverno *tel que le décrivent les poètes*, e ainda copia longos trechos de um livro *que je lis avec un grand plaisir*. “Trata-se do famoso catálogo dos ‘apetrechos que deveriam ser leiloados na casa de um colecionador’”. Num pós-escrito: *Pardonne l'écriture détestable de cette lettre*.

Sigmund reclamar com o amigo: “tu n’est pas un *homeride*; tu omets, en effet, dans ta description d’une personne appelée à jouer un premier rôle, de parler de la couler de ses yeux et de ses cheveux” [“de uma pessoa chamada a desempenhar um papel de herói”, na versão brasileira]. À carta 56, o escritor anexa o *Canto do casamento* (que corresponde ao documento n. 57 do livro), cuja autoria é “de um *homerida* da A. Esp”.²⁸

Em outubro de 1875, Sigmund envia ao amigo um poema, lamentando um presumido noivado daquela que fora a musa da A.E. Nas cartas de três anos antes, conforme vimos, já havia se iniciado a escrita dessa história. O editor brasileiro incluiu o que seria um “Esboço do Canto do casamento”. Este último é uma peça inigualável. Não tem data; a nota (de quem?) revela características maltrapilhas, cifradas (“escrita na linguagem estenográfica de Gabelsberger, na versão antiga...”), e o esforço de quem se aventurou a decifrá-la. Por fim, o lamento: por maior e mais tortuoso que tenha sido o trajeto entre a mão que o escreveu e as letras que chegaram até nossos olhos, ouve-se ali um lamento, o mal de amor do rapaz raro. O canto do homerida — “Canto do casamento” — é já outra coisa, trabalhado e retrabalhado, certamente. Assim se expressou D. Cipion:

En adiccion a esa carta hallerás un papel cobrido de versos, que la gente vertida en los clásicos llama hexas metros. Puedes imaginar, que solamente ocasion muy extraordinaria podia inspirarme á tanto alcance de poesia y cual esa ocasion es, en la lectura sabrás. Es verdad, que no sean todos hexametros, pero se hallan tambien unos versos con cinco ó siete piés, pero esos has de considerar como excepciones, que á la regla no tocan. Á decir la verdad no veo, porqué todos los versos se han de restringir al numero seis y porque no han de tener un mas ó menos, si con esa adiccion ó disminucion *corren mas pronto y es hermoso el poema*, lo que el mio no faltará de ser. (56, S)

Infelizmente não poderemos, aqui, apreciar a correnteza, o rio corrente dos versos de Sigmund, escritos em alemão. Sabemos também que ele não seguirá escrevendo hexâmetros, nem ousará, *avant la lettre* — apesar de já indicá-lo —, outras medidas clássicas da escrita poética. Mas sua escrita não escapará de *aventuras de realidade única no fortuito da linguagem*, como já temos conhecimento hoje diante de sua obra e como

²⁸ Homerida: filho de Homero. Esse canto, assim como seu “esboço”, encontra-se nos anexos desta tese. (aqui, grifo nosso)

podemos ler nesse outro excerto, sobre outro raro rapaz, aliás, apenas menos de dois anos mais velho que Sigmund:

Esse jovem, pois, assinou a experiência que teve com uma marca de experiente raridade. Causa-me a sensação de ter querido quadrangular, com a maior nitidez, a esfera do seu mundo. Que, no entanto, tinha outro nome oculto. Não secreto, nem místico, mas simplesmente ocultado. Quando parte para as suas *aventuras de realidade única no fortuito da linguagem* era como um antiquíssimo recém-nascido. Conjecturando factos numa linguagem que não podia deixar de existir — perfeitamente real, perfeitamente evidente —, surge-me como o mais nu, o mais existente dos poetas. O seu poema deixou no meu espaço o traço de um corpo iluminado pela sombra que ocultava.²⁹

A tradutora de Rimbaud que aqui fala poderia muito bem estar referindo-se a nosso escritor. Ou poderíamos nós mesmos fazermos nossas cada uma dessas palavras, diante dele, de seu texto, de sua obra.

A fonte das letras não pára de jorrar. O rio da escrita, como vemos, só faz avolumar-se. Seria impossível, no âmbito deste capítulo, seguir fazendo repertórios, os mais variados, segundo a riqueza dessas cartas. Acrescentaremos apenas alguns últimos fragmentos.

A descrição que faz do ato de se deixar fotografar:

Un événement survenu le jour même où je t'écrivais la première partie de cette lettre m'a poussé à remettre son achèvement jusqu'aujourd'hui. En un mot, Dame Soleil a bien voulu accorder un entretien particulier de quelques minutes à un de ses moindres enfants et sujets, ou, plus clairement, quoique aussi plus trivialement, je me suis fait reproduire par les rayons lumineux, autrement dit photographe. (...) (37, S)³⁰

A prova de amizade: presentear o amigo com um dos objetos mais preciosos de seu parco acervo, e o mais íntimo:

²⁹ LLANSOL Introdução: um fragmento do *Diário* de M. G. Llansol (1 de novembro de 1996/sexta). In: RIMBAUD. *O rapaz raro: iluminações e poemas*, p.9 (o grifo é do original).

³⁰ Rappelons que *Sonne, soleil*, est féminin en allemand (*N.d.T.*), à p.124 da edição francesa.

Par le même courrier, je t'envoie le *Don Quichotte*, l'exemplaire que tu connais et que j'ai lu; il m'est pour cela particulièrement précieux, et j'espère que tu le recevras autrement que si c'était un exemplaire neuf, payé d'un insignifiant sacrifice d'argent. (38, S)

Uma idéia que parece perseguir o escritor, reiterada nesses exemplos, e registrada também em todas as suas biografias: a destruição de escritos. Durante um bom tempo, já publicando livros, Freud costumava eliminar seus manuscritos. Aqui, nessas cartas da juventude, essa destruição é colocada como sacrificial — auto-de-fé —, e não deixa de provocar a hesitação de seu autor. Por fim, ele mesmo anuncia, numa carta posterior, a sua noiva, o ato destinado a dificultar a vida de seus biógrafos.³¹ Das primeiras trocas de cartas, só se conservaram aquelas destinadas a seus interlocutores, ou seja, as de Freud. Só bem mais tarde, a partir da primeira década do século XX, serão conservadas as cartas que ele próprio recebia.

Hoje me concedi um prazer de que há muito tempo vinha sentindo falta. Os papéis da A.E. (...) fiquei hoje folheando, lendo, regalando-me, com a lembrança de tempos passados. Queria te propor um Auto de Fé, mas já não tenho mais coragem para tanto (...) (39, S).³²

As-tu reçu le programme des cours? Je suis tout fier de ma dédicace et du sens nouveau que j'ai attribué à *perro e.l.h.d.S*. C'est là un des derniers exploits de la célèbre A.E. Je t'invite à passer chez moi par un beau soir d'hiver où nous brûlerons ensemble nos archives, dans un autodafé solennel. Par ennui, je tiens de nouveau un journal mais il ressemble à la vie que je mène; il est tout triste et sans intérêt. (69, S)

Um pouco da mitologia que animou durante dez anos a A.E. Um código presumido “secreto” pelos dois amigos. As considerações em torno da A.E. são abundantes nessas

³¹ Cf. FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas: 1873-1939*, p.168-9 (carta a Martha Bernays, sua noiva, em 28 de abril de 1885).

³² A página que se segue, com uma longa lista dos escritos desse arquivo, encontra-se nos anexos desta tese.

cartas. Parece-nos outra referência explícita à linhagem grega, desejada e explicitada, pelo menos por *Cipion*, segundo as fontes que nos restaram:

Otro punto es, que propone D. Cipion la introduccion de siguientes terminos en el estilo oficial de la A.E., cuales términos no son nuevos, pero viejos y bien conocidos y merecen ser sacados en limpio para el uso de los miembros de la A.E. Llamanse los miemb. d.l.A.E. “perros”, que es su mayor titulo, que tienen ni tendrán, llamese “Sevilla” el mundo, en que están y el hospital de sevilla el pais en que viven, es decir la Alemania. Llamese en fin el paradero, en que están, la “cerra” (ó si otra palabra es, que quiere decir “Dicke” y que el famoso Cervantes en el lugar, que V. Conoce, ha usado, sea otra palabra). Así los m.d.l.A.E. jamas digan de alguien “ha muerto”, sino ha salido de Sevilla, jamas digan, ha dejado la Alemania sino ha quitado el hospital de Sevilla y jamas digan, ha viajado en Alemania, de Viena á Berlin, sino digan, ha mudado de cerra. Viena llamese con otro nombre y así también Berlin, pero los nombres no quiero proponer, sino dejo á Vm de proponerlos, que viva mil docientos años.

y sea dos mil años mantenido
como desea Su D. Cipion (41, S)

(...)

Pense aussi, je le dis pour émouvoir le poète en toi: j’ai vu la mer, la *thalatta* sacrée, j’ai suivi les vagues de la marée, alors qu’elles quittaient la terre ferme en mugissant et j’ai ramassé des crabes et des étoiles de mer sur le rivage!

(...) (54, S)

Eis uma carta importante, pelo fato de representar o primeiro anúncio da consciência do jovem Sigmund sobre aquela que será a maior e mais longa convivência, em sua vida, com a morte. A partir dos anos 20, e até sua morte, em 1939, lutará contra um câncer na mandíbula, que exigirá diversas cirurgias e lhe trará enormes sofrimentos. Poderemos acrescentar, então, àquela série, da página 60 — a paixão (o amor), a musa (a mulher), o afastamento (a solidão), a escrita (a experiência) —, o padecimento (a morte).

Vienne, 6 mars 1874

Cher ami,

(...) Vous devez vous dire que si je garde aussi étrangement la chambre mon mal ne doit pas être extrême, et vous aurez raison. Ce fut l'ultime et faible éruption d'un cratère qui fut naguère redoutable, la dernière secousse d'une région de mon corps depuis longtemps en rébellion ouverte contre l'ordre et calme qui régissent dans mon organisme, — j'ai nommé ma mâchoire. Je suis réduit sous ce rapport à un pénible et triste dilemme. Si l'homme vit pour manger, je vis, moi, pour me gâter les dents, c'est-à-dire pour souffrir de maux de dents — triste finalité pour une vie. Et si l'homme mange pour vivre, mon existence se trouve du même coup intimement liée aux maux de dents, dont par conséquent je ne me délivrerai de ma vie — ce qui est un sort tout aussi triste et tout aussi digne de votre compassion. (7, F)

Mas, antes de suspender nosso sobrevôo pela fonte das letras, uma última carta, a penúltima do *coloquio entre Cipion e Berganza*, menos sofrida, em que, às vésperas de concluir o curso de Medicina, o estudante anuncia dois daqueles que permanecerão dentre seus maiores prazeres ao longo de toda a sua vida.

Viena 3 Octubre 1880

¡Querido Berganza!

Han se quebrado dos de los mas valientes dientes de mi boca, que mucho dinero me costará el repararlos y es esa una de las razones porqué ayer no vino á su rendezvous em el café, siendo muy estrecho em dineros. Ademas he hecho voto de no *jugar taroco* antes de ser doctor por el mucho tiempo y tambien dinero, que se me gasta. Mañana empiezan dos de mis cursos y estaré las tardes em casa mia estudiando y *fumando de mi pipa* que me he comprado. (...)

Te saludo y soy tu fiel

Cipion p.e.e.h.d.S.

m.d.l.A.E.y.o.s.

(78, S)³³

³³ Grifados por nós.

TERCEIRO CAPÍTULO

RETORNO À EXPERIÊNCIA

A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo corpo. Interagindo, eles definem uma prática (...). Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria — a vida humana — não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência — a sua e a dos outros — transformando-a num produto sólido, útil e único?

Walter Benjamim

A importância dada às cartas da juventude deve-se, tanto a sua própria contundência, em variados aspectos — alguns deles tentamos ressaltar —, quanto ao fato de serem muito pouco conhecidas, em meio ao que fora designado, alhures, “extratexto ou hipertexto de Freud”.¹ Nesse caso, como aludido nas primeiras páginas do capítulo anterior, nem de livro se trata, originalmente. Papéis avulsos: cartas; às vezes nem isso: bilhetes, cartões postais, poemas. Esse conjunto fora designado por nós “fonte das letras”. Não que pudéssemos encontrar ali algum começo, início mítico, um instante ou momento inaugural de escrita ou escritor. Mas encontramos ali, certamente, algo que flui, que corre, que se derrama, e que não deixa de nos afetar. A história fez o resto: até hoje, aqueles são, além de avulsos, os papéis escritos — conhecidos publicamente — mais antigos do escritor que estamos a perscrutar.²

Sabemos que o mais antigo não coincide com o original, ou com o começo. Abordamos implicações disso um pouco mais atrás ainda, ao final de nosso primeiro capítulo, no esforço de um recuo, ou de uma redução progressiva. Dos estudos que enfatizam os “aspectos literários”, remarcamos a ênfase em questões referentes ao “estilo”. Passando adiante, ou melhor, retrocedendo um pouco mais, tentamos assinalar uma anterioridade — antes de considerar aspectos formais da escrita —, perguntando-nos sobre a *experiência* implexa ali. É isso que permite expressões como *experiência literária*, ou *de escrita*, ou tantas outras, com variados epítetos. Desde o início, no entanto, já estávamos enredados com a *experiência*: A experiência de Freud, título de nossa tese.

Com essas primeiras cartas, acreditamos ter entrado na singular experiência da escrita freudiana. Mas ainda não sabemos: vejamos onde nos leva esta escrita. Como nos encontramos, ainda, no movimento de retrocessão, nossa indagação é sobre a *experiência*. Ponto. Esse vocábulo é de utilização geral em nossa língua, resultando em uma polissemia que acaba chamando atenção, devido ou a uma ampliação desmedida de sua conotação, ou a uma perda de sentido. Isso leva à delimitação de um campo, ou de um espaço, entre estes dois extremos. Mas, se, ao contrário, pensarmos não na abertura de um espaço, mas na contração do mesmo, podemos também inferir: o que quer dizer qualquer coisa não diz coisa alguma.

¹ Cf. p.13 do primeiro capítulo, acima.

² Não tivemos acesso a uma fonte indicada num artigo sobre a correspondência de Freud, que dá notícia de “uma carta bem sensata de sua infância que ele teria, provavelmente, escrito quando tinha 7 ou 8 anos a seu meio-irmão Emmanuel”. Esta carta seria de 1863. In: *Revista Internacional da História da Psicanálise*, p.48.

A princípio, nenhuma das duas conseqüências deve ser descartada sumariamente. O primeiro caso — o da polissemia — permite que tomemos, aqui e ali, pedaços ou franjas semânticas úteis à tentativa de precisão do termo. O segundo — o do esvaziamento — lembra-nos que uma palavra, tal como a utilizamos em psicanálise, em sua existência significante, é sempre vulnerável aos usos que dela se faz, nunca é o sentido que ela carrega.

Os usos correntes do termo *experiência* parecem confirmar essa destinação, de uma significância errante, oscilante no movimento de ampliação e contração, de fixação ou de inefabilidade, sempre invulnerável a uma apreensão paralisante pelo verbo *ser*.

Não há dúvida de que essa palavra é muito utilizada, tanto em situações do senso-comum quanto em ciências — exatas, naturais ou humanas. É mais corrente encontrá-la em conotações de *conhecimento, saber, habilidades, vivências, tentativas, experimentação*. De forma mais semelhante às conotações prevalentes, as que encontramos também em um dicionário, por exemplo, ou ouvimos em variadas situações cotidianas, significam: *experimentação* (as crianças, na escola, fazem a experiência com o feijão que germina no algodão embebido em água; os cientistas fazem experiências); *conhecimento obtido por meio dos sentidos* (encontraremos isso em algumas correntes filosóficas, embora possamos, sem dificuldade, também remeter essa conotação de experiência para nosso dia-a-dia); *conhecimento acumulado por meio de uma prática* (o domínio de alguma técnica; pensemos aqui num motorista, num costureiro, ou mesmo no campo da arte: num pianista, desenhista...); *conhecimento que se aprimora com o tempo* (não é incomum ouvirmos que alguém “tem muita experiência de vida”, ou que tal profissional é mais experiente do que outro); *vivências de variados estados físicos ou subjetivos*, muitas vezes em caráter absolutamente pessoal, envolvendo a percepção e os sentidos (dor, bem ou mal-estar, alegria, tristeza, angústia, etc). Como vemos, a experiência é sempre qualificada e/ou quantificada.

NA FILOSOFIA

No campo filosófico, não encontraremos unicidade de procedimentos nem de aproximações teóricas em torno da idéia de *experiência*, mas essa noção foi muitas vezes tomada como conceito fundamental, “nossa via de acesso ao real: tudo o que vem a nós de fora (experiência externa), na medida em que nos ensina algo.”³

Encontramos, na *Encyclopédie Philosophique Universelle*, a seguinte introdução ao conceito:

L’ambivalence de l’idée d’expérience, entre la passion et l’action, se remarque déjà dans son origine latine, *experiri* signifiant à la fois “éprouver” et “essayer”. Qu’il s’agisse du sens courant ou du sens philosophique, le mot désigne la rencontre de l’esprit et d’une réalité étrangère, d’où il reçoit information et formation.⁴

Essa introdução, tão genérica quanto ampla e ao mesmo tempo sintética, é bem representativa da conceituação possível desse verbete, em filosofia. Certamente que percorrer os caminhos que os mais importantes filósofos fizeram nessa matéria poderia mostrar-nos a diversidade de definições e também a importância, ou a inevitabilidade de pensá-lo. Mas nesse pequeno exemplo já encontramos núcleos essenciais, como a “ambivalência entre paixão e ação”; “provar e tentar (ou ensaiar)”; o “encontro do espírito e de uma realidade estranha (ou estrangeira)”; “informação e formação”. Veremos esses núcleos reaparecerem em outros momentos ou terrenos da conceituação de *experiência*, e, de modo geral, como o pensamento não dispensa polaridades, ou as “ambivalências”. Nessa pequena introdução, a polaridade fundamental pode ser declinada para as duas direções da ação — a que é provocada e a que é sofrida; atividade e passividade —, ressaltando, também como essencial, o encontro de entidades distintas: o espírito, ou o que seria próprio, do sujeito; e alguma realidade estranha a ele, da natureza, ou do objeto. Assim, “elle (l’expérience) témoigne de la double vocation de l’esprit humain dans sa relation au monde, passive et active, receptive et libre”.⁵

Desde os gregos, encontraremos a distinção entre a apreensão sensível da realidade e a atividade intelectual, mais ou menos equivalente à distinção entre

³ COMTE-SPONVILLE. *Dicionário filosófico*, p.232.

⁴ ENCYCLOPÉDIE Philosophique Universelle. II, Tome I: Les notions philosophiques, p.924.

⁵ ENCYCLOPÉDIE Philosophique Universelle. II, Tome I: Les notions philosophiques, p.925.

experiência e razão, tendo a primeira um caráter exterior, e a segunda, interior. A história da filosofia demonstrará como essas duas noções vão tornar complexas as maneiras de estabelecer relações mútuas e impedir que a discussão saia da dualidade “empirismo” / “racionalismo”: apreensão de uma realidade antes de qualquer juízo da mesma; ou a apreensão sensível, possibilitando o reconhecimento de uma realidade; ou um juízo, consistindo a própria experiência...

Encontramos em outro dicionário de filosofia:

Este termo tem dois significados fundamentais: 1º) a participação pessoal em situações repetíveis, como quando se diz: “x tem E. de S”, em que S é entendido como uma situação ou estado de coisas qualquer que se repita com suficiente uniformidade para dar a x a capacidade de resolver alguns problemas; 2º) recurso à possibilidade de repetir certas situações como meio de verificar as soluções que elas permitem: como quando se diz “a E. confirmou x”, ou então: “a proposição p pode ser confirmada pela E.”

O elemento comum dos dois significados é a possibilidade de repetir as situações, e isso deve ser considerado fundamental na significação geral do termo.

Dos dois significados enunciados, o 2º é o comum a todas as correntes do *empirismo*, ao passo que o 1º é historicamente anterior e ainda hoje é compartilhado por algumas correntes da filosofia.⁶

Mesmo a definição que se distancia do empirismo está, aqui, presa às noções — além da de repetição — de vivência, conhecimento, e de sua acumulação, praticamente anulando a possibilidade de uma experiência *nova* ou *única*. Mantém, não obstante, a contraposição interno/externo, correspondente, em geral, às duas definições prévias e fundamentais. A ênfase na repetição, embora restrinja o conceito, é muito importante para algumas definições que marcaram a sua história.

J. Ferrater Mora assinala também “dois sentidos primordiais para o conceito: a) a E. como confirmação ou possibilidade de confirmação empírica de dados; b) a E. como o fato de viver algo dado anteriormente a toda reflexão ou predicação”.⁷ Aqui vemos a mesma polaridade indicada anteriormente, mas com abertura maior para pensar a experiência sem a necessidade da repetição de alguma situação, assim como a

⁶ ABBAGNANO. *Dicionário de filosofia*, p.406

⁷ FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia*, tomo II, p. 968.

possibilidade da vivência — mas já diferenciada da conotação *empírica* explicitada no primeiro sentido. Vivência que em si mesma já é experiência (segundo sentido).

Da história do conceito, na filosofia, destacaremos apenas alguns momentos que chamam a atenção, seguindo esses últimos autores. “Aristóteles deu forma clássica a essa doutrina (o empirismo) na *Metafísica* e em *Analíticos posteriores*. Sua tese fundamental é a redução da E. à memória.”⁸ A memória aqui é a capacidade de conservar, no espírito, vestígios das sensações vivenciadas no mundo da realidade.

Autores medievais utilizaram outros termos para se referir aos dois ramos fundamentais da experiência, tal como já explicitado. Associado ao primeiro, encontraremos já o termo “científico” para qualificar o conhecimento, e também “experiência organizada”. Ao segundo fundamento, apontado por Ferrater Mora, encontraremos o conhecimento do mundo “interior”, ou “de caráter não-natural”. Nessa época, e por esta vertente, é marcante o fato de a experiência poder designar a “vida da fé” ou a “vida mística”.⁹

Francis Bacon insiste na sujeição à experiência não somente como fonte, mas também como fundamento último do conhecimento. Mas ele distingue a “experiência vulgar”, ou acidental, e a “experiência buscada”, ou científica. E afirma: “para os filósofos empiristas a experiência constitui a condição e o limite de todo conhecimento merecedor desse nome”.¹⁰

Para os filósofos ditos “racionalistas” — Spinoza, Leibniz —, a experiência, embora necessária, é julgada algo vago, “um acesso confuso à realidade”,¹¹ fonte de erros.

Embora o conceito de *experiência* em Kant seja bastante complexo, poderemos indicar, desde já, a posição de seu pensamento na introdução da *Crítica da razão pura*. Ali encontraremos: “nenhum conhecimento em nós precede a experiência, e todo ele começa com ela. Mas, embora todo o nosso conhecimento comece *com* a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente *da* experiência”.¹² Contudo, a investigação mais pormenorizada, a que se impõe o filósofo, o leva a distinguir “conhecimentos empíricos”, ou seja, aqueles derivados da experiência, também chamados *a posteriori*, de outros, independentes da experiência, ditos *a priori*, ou “conhecimentos puros”. Esse

⁸ ABBAGNANO. *Dicionário de filosofia*, p.407

⁹ Cf. FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia*, tomo II, p.969.

¹⁰ FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia*, tomo II, p.969.

¹¹ FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia*, tomo II, p.969.

¹² KANT. *Crítica da razão pura*, p.53.

filósofo marca um momento importante na história da filosofia: apesar da inevitabilidade de pensar a experiência, intensificou-se a investigação, cada vez mais profunda e sistemática dos pressupostos da razão. Daí uma expressão tão cara e importante: “condições de possibilidade”. “A crítica da razão tem por objeto precisamente o exame das condições de possibilidade da experiência.”¹³ Esta última frase é importante por estabelecer uma relação entre *experiência* e *possibilidade*. E ainda:

[Kant] estabelece as condições de possibilidade da experiência na mútua adaptação entre a experiência exterior (receptividade da sensibilidade) e a experiência interior (espontaneidade do entendimento). As formas *a priori* da intuição (espaço e tempo), assim como os conceitos puros do entendimento ou categorias, estabelecem as condições da experiência possível que determinam os limites do conhecimento legítimo. Como Kant assinalou a respeito das categorias, “tudo o que o entendimento extrai de si próprio, sem o recurso da experiência, não serve para qualquer outra finalidade que não seja o uso da experiência”.¹⁴

Vemos nessa última citação — mas também no pensamento de outros filósofos —, o esforço de integrar, fundir, articular os elementos daquela dualidade apontada desde o início desse rápido exame no campo filosófico. De qualquer maneira, é possível perceber um movimento alternante de contração e expansão. Há momentos em que a ênfase recai numa investigação pormenorizada, mais detalhada, sobre a “receptividade”, ou a “apreensão” do que é externo; há outros nos quais a ênfase recai no que é *a priori*, ou da “intuição”, ou “conceito puro”. Em outros momentos, o trabalho é o de pensar como esses pólos se conjugam, interpedem-se.

Para os idealistas alemães — segundo Ferrater Mora —, é função da filosofia buscar a razão do fundamento de toda experiência. Assim, “o saber propriamente dito não é, pois, experiência, mas saber do fundamento de toda experiência e, em última análise, saber do saber”.¹⁵ Essa idéia carrega outra, a de que a experiência seria uma conjunção entre a *coisa em si* e a inteligência. E o conhecimento seria tributário do

¹³ FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia*, tomo II, p.970.

¹⁴ CAYGILL. *Dicionário Kant*, p.139.

¹⁵ FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia*, tomo II, p.970.

processo de separá-las, dando primazia à segunda. Citando Fichte, no *Erste Einleitung Wissenschaftslehre* (1797), Ferrater Mora nos dá um exemplo claro do procedimento idealista:

Na experiência estão inseparavelmente unidos *a coisa*, aquilo que deve estar determinado independentemente de nossa liberdade e em relação a que nosso conhecimento deve ser dirigido, e a *inteligência*, que é quem deve conhecer. O filósofo pode abstrair uma das duas (e então ele abstraiu a experiência e elevou-se acima dela). Se abstrai a primeira, obtém uma inteligência em si, isto é, abstraída de sua relação com a experiência; se abstrai a última, obtém uma coisa em si, abstraída do que se apresenta na experiência; uma ou outra como fundamento explicativo da experiência. O primeiro procedimento chama-se *idealismo*, o segundo *dogmatismo*¹⁶

Hegel avança nesse procedimento dito “idealista”, designando como experiência a relação que a consciência pode ter consigo mesma. “O conteúdo da experiência é o real; e a mais imediata consciência desse conteúdo é justamente a experiência.” Daí chegou à “ciência da experiência da consciência”, e posteriormente à “ciência da fenomenologia do Espírito”. Esta última seria apenas o umbral da “ciência total”, ou do “saber absoluto”. Aqui a dualidade ou bipolaridade que reconhecêramos na história do pensamento e das designações filosóficas de *experiência* parece ter sofrido seu grande abalo: “A E. é, para Hegel, o modo como o Ser aparece na medida em que se dá à consciência e se constitui por meio dela. A noção de E. não é aqui, pois, nem E. interior ‘subjativa’ nem tampouco E. exterior ‘objetiva’, mas *experiência absoluta*”.¹⁷

Bergson destaca a “intuição” como experiência do que é dado sem mediação, ou seja, sem a antiga “apreensão sensível do mundo externo”. Husserl, de forma muito próxima, afirma a existência de uma “experiência pré-predicativa”:¹⁸ esta seria a experiência fenomenológica, ou o retorno às coisas mesmas.

Pensando o *homem* e o *ser*, Heidegger utiliza-se tanto da *experiência* (Erfahrung) quanto do *acontecimento* (Ereignis), em uma singular formulação (verificar mais adiante esses termos alemães e sua análise etimológica):

¹⁶ FERRATER MORA, *Dicionário de Filosofia*, tomo II, p.970.

¹⁷ FERRATER MORA, *Dicionário de Filosofia*, tomo II, p.970.

¹⁸ FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia*, tomo II, p.971.

Trata-se simplesmente de experimentar este ser próprio de, no qual o homem e o ser estão reciprocamente a-propriadados, experimentar que quer dizer penetrar naquilo que designamos *acontecimento-apropriação*. A palavra acontecimento-apropriação é tomada da linguagem natural. “*Er-eignen* (acontecer) significa originariamente: “*er-äugnen*”, quer dizer, descobrir com o olhar, despertar com o olhar, apropriar.

A palavra acontecimento-apropriação não significa mais aqui aquilo que em geral chamamos qualquer acontecimento, uma ocorrência. A palavra é empregada agora como *singulare tantum*. Aquilo que se designa só se dá no singular, no número da unidade, ou nem mesmo num número, mas unicamente.¹⁹

Badiou é tributário dessa forma de conceber o acontecimento (ou evento). Ele expressa a idéia da constituição do sujeito a partir da “fidelidade”, ou “perseverança” a um evento. Este último é caracterizado como acontecimento único, “diferente daquilo que há”. Tal fidelidade obriga o sujeito “a decidir uma nova maneira de ser” e uma “ruptura”, o que exige um excesso, um a-mais de si mesmo. Assim, o filósofo pode enunciar: “Faze tudo o que podes fazer para fazer preservar o que excedeu tua perseverança. Persevera na interrupção. Captura em teu ser o que te tomou e arrebatou.”²⁰ Vemos aí, então, a clara ressonância do acontecimento-apropriação, de Heidegger.

Todos esses exemplos, verdadeiros *flashes*, às vezes sugestivos, no mais das vezes vagos e inespecíficos, exemplificam bem a dificuldade do trabalho em torno do conceito, mas, ao mesmo tempo, a riqueza e amplitude do campo semântico em que nos encontramos. A exploração etimológica do mesmo confirmará isso. Mas concluiremos nosso “sobrevôo” filosófico com palavras ainda de Ferrater Mora:

A ausência de clareza no conceito deve-se ao fato de que freqüentemente não se sabe se é da experiência natural, objetiva ou “externa” ou de “experiência interna” que se fala, e tampouco se sabe se a experiência se refere a entes individuais, à maneira da realidade em relação à realidade como tal e imediatamente dada etc. É conveniente, portanto indicar sempre de que tipo de experiência se trata e particularmente se se trata de experiência externa ou interna, de experiência pura (no caso de que sua possibilidade seja admitida) ou não-pura, de experiência total ou de experiência particular.²¹

¹⁹ HEIDEGGER. Identidade e diferença. *Conferências e escritos filosóficos*, p.185.

²⁰ BADIOU, *Para um nova teoria do sujeito*, pp. 109-11-13.

²¹ FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia*, tomo II, p.972.

Também a filosofia não pode prescindir da qualificação ou quantificação da experiência.

A ETIMOLOGIA

A etimologia, em nossa língua, conduz-nos a *prova*, *ensaio*, *tentativa*, e aos elementos de composição *per-* e *perig-*. Nossas fontes são *periri* do latim, e *peirá* do grego. Daí, *através de*, *travessia*, *perigo*, *perito*, *experto*, *empíreo*, *empreender*, etc²².

Encontramos em Freud os termos alemães comumente traduzidos por experiência — *Erfahrung* — e vivência — *Erlebnis*. O primeiro traz a conotação de um saber acumulado, sedimentado após vivência. O segundo é aquilo que se vive, mas que, em Freud, pode ser referido tanto a coisas da terra (alimentos, arroz, feijão), quanto do cotidiano (fome, dores, traumas, doenças). Ana Portugal acrescenta na semântica de *Erfahrung*: “uma experiência que se acumula e se transmite, sendo, inclusive pré-existente ao indivíduo”; e de *Erlebnis*: “vivência do indivíduo privado, isolado; é a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, produzindo efeitos imediatos.”²³ Outra forma de comparar os dois termos seria, segundo Benjamin: “A experiência [*Erfahrung*] é o fruto do trabalho, a vivência [*Erlebnis*] é a fantasmagoria do ocioso”.²⁴ Fruto e trabalho; fantasmas e ócio. O primeiro termo remete a tradição e continuidade, enquanto o segundo leva às idéias de espontaneidade, descontinuidade e choque.

E sobre os usos que Freud faz dos dois termos:

Freud usa os dois termos: *Erfahrung* e *Erlebnis*. Para ele, a experiência sempre é experiência de uma vivência. Não há experiência se não há vivência, mas a vivência, por sua vez, tem que sedimentar-se na experiência, através da conservação dos vestígios. Assim se dá o desejo, conceito fundamental de toda a teoria e prática freudianas.²⁵

Nesse pequeno trecho é importante guardarmos as relações de ambos os termos com a “conservação dos vestígios”, que nos remeterá, mais à frente, às questões — centrais para a construção do aparelho psíquico por Freud — da percepção, do traço e da memória.

²² Cf. versão eletrônica do Dicionário HOUAISS : verbetes *experiência*, *perig-* e *per-*

²³ PORTUGAL. *O vidro da palavra*, p.121.

²⁴ BENJAMIN. *Passagens*, p.840.

²⁵ PORTUGAL. *O vidro da palavra*, p.123.

Retomando a etimologia, agora, além da latina, já com os termos utilizados por Freud, ou outros de sua língua, vamos encontrar, na definição de João Barrento: “experiência como travessia de risco”. Ele chama atenção para as proximidades entre *erfahren* (fazer uma experiência, passar por uma experiência) e *Gefähr* (perigo, risco):

De facto eu referi a experiência como “travessia de risco”, porque pensei nas duas etimologias, a latina e a alemã. O verbo latino para “passar por uma experiência”, “experimentar” é “ex-perior” / “ex-periri” (forma de acusativo, para experiência de alguma coisa), e significa fazer um percurso arriscado, isto é, que implica submissão a uma prova. O alemão tem a palavra *Erfahrung*. decomposta, dá *Er-* (partícula que tem muitas vezes o sentido de: vindo de um lugar e atravessando um espaço, que vai através de, aparentada à partícula *Ur-*, que quer dizer “das origens”) e – *fahrung* (verbo: *er-fahren*). *Fahren* é andar, viajar, atravessar. E *erfahren* (fazer uma experiência, passar por uma experiência) tem a mesma componente semântica de *Gefähr* (perigo, risco!). *Er-fahrung* e *Ge-fähr* associam-se. A partícula *Er-* dá o sentido de travessia, a partícula *Ge-* tem sentido passivo, de qualquer coisa que sofremos ou se abate sobre nós. Foi partindo dessas afinidades etimológicas que cheguei à idéia de experiência como travessia de risco.

Ereignis: acontecimento, ou seja aquilo que surge de uma origem (*Er- / Ur-*) e se apresenta com marca muito própria (*eigen*), quase como uma “revelação”.²⁶

Ereignis (acontecimento) é outro termo alemão fortemente associado ao campo de significância de *experiência*, embora não tenha sido privilegiado por Freud, ao contrário de filósofos contemporâneos — como vimos em Badiou e Heidegger. E seu interesse pode estar no que também é esclarecido por Ana Portugal: “*Ereignis* tem a etimologia em *er-augen*, vindo do olhar (*Eigen* = próprio). Para Heidegger, é um acontecimento do qual o sujeito apropria-se como seu, mas há o olhar aí, talvez como uma antecipação do desejo”.²⁷ Vanda Pignataro Pereira, refletindo sobre a *experiência*, também enfatiza o *acontecimento*, como aquilo que da experiência excede as possibilidades da língua em relatá-lo.²⁸ Elisa Arreguy Maia, partindo da definição do dicionário — muito próxima da de João Barrento —, acrescenta-lhe a importante questão

²⁶ BARRENTO. Comunicação pessoal, recebida em 29.07.07, por e-mail.

²⁷ PORTUGAL. Comunicação pessoal, via e-mail, em 01.09.07. João Barrento expressa opinião semelhante neste ponto.

²⁸ PEREIRA. Enlaçando a psicose no espaço ENTRE (II). *Transfinitos*, I, p.96.

do “ultrapassamento de limites”, e do “franqueamento”: “a experiência indica aí o ponto de um salto (e não de uma ‘acumulação’ ou de qualquer somatória).”²⁹

Vemos assim os elementos se ampliarem e a sensação é de ser impossível falar de *experiência*, a não ser por perífrases, cada vez mais amplas e complexas. Mas aqui já podemos valorizar alguns núcleos fortes que foram se acumulando na análise etimológica, tentando um exercício de sintetização, mesmo que não seja possível escapar à propagação de sentidos. Então: saber que se acumula e se transmite, exigindo trabalho; vivência que toma o indivíduo, em estado de ociosidade, causando-lhe impressão forte — choque — e necessidade de assimilação, com efeitos imediatos; travessia de riscos, franqueamento de limites, com uma força de “para-além”; acontecimento que se atravessa, vivencia-se, único; que se apropria do sujeito, exige excesso, e por ele é também apropriado.

“O que é uma travessia senão um sonho de que temos a linguagem?”³⁰ Vemos retornar, a nosso texto, uma ressonância que já havia se apresentado desde o início, luzindo aqui e ali, na enunciação, algo enigmática, recorrente, sugerindo até mesmo uma circularidade: *o sonho de que temos a linguagem*. Trata-se de algum sonho singular, do qual obteríamos uma linguagem, também especial? Teríamos a ilusão de possuir a linguagem? A linguagem que temos é que faz o sonho? De qualquer maneira, a *experiência* vem se impondo ao texto, como algo que atravessa. Como algo que exige atravessamento. Os textos se atravessam: este, o de Freud, o de Llansol, e tantos outros. É ainda a mesma escritora, no mesmo texto, que dirá: “sonho com o dia em que a presença que de nós ficará nos textos não será a do nosso nome próprio. Em que os signos da nossa travessia serão destroços de combate.”³¹ Travessia e combate já podem ser, a partir daqui, mesmo que transitoriamente, nomes da experiência.

²⁹ MAIA. *Textualidade Llansol: letra e discurso*, p.117.

³⁰ LLANSOL. O sonho de que temos a linguagem. *Colóquio/Letras*, p.12.

³¹ LLANSOL. O sonho de que temos a linguagem. *Colóquio/Letras*, p.18.

A EXPERIÊNCIA INTERIOR

Uma trajetória, muito além do pensamento, mas que se afirma dele também tributária, é a singular experiência de Georges Bataille. Seu escrito mais conhecido, ou de maior efeito para seus contemporâneos — e ainda a ser mais bem descoberto —, é o primeiro volume da “Suma Ateológica”: *A experiência interior*. Na apresentação às *Œuvres complètes* de Bataille, Foucault escreve: “la Somme Athéologique a fait entrer la pensée dans le jeu — dans le jeu risqué — de la limite, de l’extrême, du sommet, du transgressif”³².

Nesses escritos, o autor é tomado por toda conjunção/disjunção que possamos imaginar daquela lista que acabamos de atribuir à semântica deslizante e amorfa do termo experiência. Ele se coloca absolutamente à distância das experiências mística e filosófica. Mesmo que se utilize de uma e de outra como pontos de referência necessários, e até mesmo de seus métodos, em geral para negá-los, ou precisamente para marcar sua diferença. Sua busca é a dos extremos, do que pode e não pode ser vivido, do extremo dos limites, numa atitude em que toda a existência não é senão questionamento. Inatingível, sua consequência imediata é a renúncia à realização da experiência-toda, sem jamais, contudo, renunciar a sua incessante busca. Eis o paradoxo.

A ascese mística, aparentemente com propósito semelhante, para Bataille, é malograda, no sentido em que atinge seu objetivo: desligar-se dos objetos. Dessa forma, ela passa a ter um novo objeto para o sujeito da experiência, o desligamento, e sua consequência imediata: a *fruitio dei* que está sempre em seu horizonte. Mas para Bataille: “Le mot *Dieu*, s’en être servi pour atteindre le fond de la solitude, mais ne plus savoir, entendre sa voix. L’ignorer. Dieu dernier mot voulant dire que tout mot, un peu plus loin manquera”³³. Ao contrário, a experiência que interessa a Bataille não pode, jamais, ser concluída, ou ser satisfeita. “L’expérience à l’extrême du possible demande un renoncement néanmoins: cesser de vouloir être tout.”³⁴

³² FOUCAULT. Présentation. In: BATAILLE, *Œuvres complètes*, p. 5.

³³ BATAILLE. *L’expérience intérieure*, p.49.

³⁴ BATAILLE. *L’expérience intérieure*, p.34.

Quanto à filosofia, é necessário escapar “au sentiment de vide des interrogations intelligentes”.³⁵ Mas não é possível descartá-la simplesmente. A filosofia é, de certo modo, tomada na experiência, como podemos ver no trecho que se segue:

Mais en un autre sens, il s’agit de prendre la philosophie au mot, lorsqu’elle affirme, comme c’est le cas avec la phénoménologie, qu’elle cherche le contact avec les “choses-mêmes”. En ce sens, la maxime phénoménologique: “retour aux choses-mêmes!” est susceptible de recevoir une interprétation “mystique”: “l’expérience atteint pour finir la fusion de l’objet et du sujet, étant comme sujet non-savoir, comme objet l’inconnu” (*Œuvres V*, p.21). La philosophie proprement dite apparaît alors comme absorbée par l’expérience intérieure elle-même.³⁶

Há projeto e método, mas seu seguimento leva à sua abolição, por exemplo à contestação, à refutação de todo saber, de toda autoridade. No limite da negação, a experiência nega a si própria, passando, no entanto, inevitavelmente, a uma ação positiva, a uma afirmação de toda negação: a experiência nesse ponto extremo torna-se então ela própria autoridade. Esse é um ponto de impasse na narrativa de Bataille. Ele recorre a “alguns outros”, e obtém uma resposta que o apazigua momentaneamente: “l’expérience elle-même est l’autorité. (...) cette autorité doit être expié”.³⁷

Processo semelhante ocorre com o saber: sua sistemática refutação conduz ao não-saber. Mas este último, estranhamente, é sancionado e exerce seu efeito: “ici le non-savoir ne supprime pas les connaissances particulières, mais leur sens, leur enlève tout sens”.³⁸ Em certo ponto, Bataille faz equivaler “experiência interior” e “experiência do não-saber”.

Além do imo, coração da experiência, tal como explicitado, Bataille formula outra exigência: “Il ne peut avoir d’expérience intérieure sans communauté de ceux qui la vivent. Communauté s’entend dans um sens différent d’Église ou d’ordre.”³⁹ O ponto da diferença, para Bataille, é que *esta* comunidade só tem por objetivo a experiência e a experiência só existe se comunicada. O paradoxo estende-se aqui, pois, da irredutível impossibilidade de comunicar o que excede à consciência, aos conceitos e à palavra, funda-se a exigência e a necessidade de falar disso a outros. Mas dessa “comunicação”,

³⁵ BATAILLE. *L’expérience intérieure*, p.20.

³⁶ ENCYCLOPEDIE Philosophique Universelle, I, p.30.

³⁷ BATAILLE. *L’expérience intérieure*, p.67

³⁸ BATAILLE. *L’expérience intérieure*, p.67.

³⁹ BATAILLE. *L’expérience intérieure*, p.37.

impossível e necessária, Bataille ainda formula a condição: “L’expérience ne peut être communiquée si des liens de silence, d’effacement, de distance, ne changent pas ceux qu’elle met en jeu”.⁴⁰

A experiência interior, tal como descrita por Bataille, é o conjunto de anotações esparsas entre os anos de 1926 e o ano de sua primeira publicação, 1943, sob pseudônimo. Podemos tomar esse relato como parte da própria experiência. Não há texto inteiro, não há conjunto acabado, como se diz, “com um bom acabamento”. Trata-se de uma narrativa em que somos tragados pela extenuante ascese paradoxal, que alia interrogação, negação, exasperação, exultação, refutação, afirmação, expiação... Em atmosfera altamente especulativa, só palidamente podemos entrever a agonia de quem refuta o funcionamento discursivo pelo fato da especulação se perder nela mesma: se fechar em tautologia, ou se abrir em abismo.

Entre experiência mística (aqui, no sentido de *religiosa*) e experiência filosófica — descartada também a científica, seja aquela, embasada no empirismo, seja aquela outra, cujo suporte é a *experimentação* —, o autor escreve, descreve, relata outra, a que, na falta de melhor designação, chama de “interior”. Ele deixa-se levar.⁴¹ Uma obra escrita — *Œuvres complètes* — constrói-se em torno dela, ou com ela. A experiência de que se trata — à medida que dela podemos algo saber — nós a consideramos a região vazia em torno da qual a obra se forjou. Blanchot chama a isto *désœuvrement*. Palavra intraduzível, que tem sido, não obstante, comumente traduzida por “ociosidade”, ou ainda “inoperância”. A tradução literal seria “desobramento”, vocábulo inexistente em nossa língua, e sem força, a nosso ver, como neologismo. paulo de andrade sugere “desocupação”.⁴² Palavra central — com a ressalva de que o movimento de descentramento sempre a desloca — no pensamento de Blanchot, é encontrada não raramente em seus textos. Um exemplo apresenta-se na seguinte passagem:

⁴⁰ BATAILLE. *L’expérience intérieure*, p.42.

⁴¹ “J’ai voulu que l’expérience conduise où elle menait, non la mener à quelque fin donnée d’avance.” In: BATAILLE. *L’expérience intérieure*, p.15.

⁴² “É importante aqui atentarmos para a palavra *désœuvrement*, utilizada por Blanchot e que traduzimos por *desocupação*. Nas traduções para o português, tem-se preferido *ociosidade*. Apesar de *desocupação* não estabelecer, como no original francês, um jogo de palavras com *obra* (*oeuvre* / *désœuvrement*), ela mantém os sentidos de “ociosidade”, “sem ofício”, “livre”, e também de “esvaziamento”, como quando se diz “desocupação de um imóvel”, reiterado aí pelo prefixo *des-* (separação, transformação, intensidade, ação contrária, negação, privação) que se encontra igualmente no original. Preferimos, assim, mesmo correndo o risco de cair em sulcos costumeiros da língua, estar em meio a seu fluxo-e-refluxo (como a palavra em francês está) a, fugindo dele, forjar algo como o neologismo *desobramento*.” In: andrade. *Retira a quem escreve sua caneta*. Guimarães Rosa e a subtração da escrita, p.53, nota 92.

Je dirais même que toute œuvre littéraire importante l'est d'autant plus qu'elle met en œuvre plus directement et plus purement le sens de ce tournant, lequel, au moment où elle va émerger, la fait étrangement basculer, œuvre où se retient, comme son centre toujours décentré, le *désœuvrement*: l'absence d'œuvre.

L'absence d'œuvre où cesse le discours pour que vienne, hors parole, hors langage, le mouvement d'écrire sous l'attrait du dehors.⁴³

Essa passagem antecipa vários pontos — essenciais no pensamento de Blanchot — que nos acompanharão ao longo de nossa escrita: além do *désœuvrement*, o desvio, o centro descentrado, o movimento de bascula, obra, ausência de obra, o movimento de escrever sob a atração do exterior.

A etimologia, aqui, auxilia-nos mais que os conceitos filosóficos. E não temos como prosseguir, senão suportando os paradoxos sucessivos entre trabalho e ócio, entre atravessar e ser atravessado, entre exceder-se e perseverar, entre ultrapassar e preservar, entre aquietar-se e saltar.

A comunicação exigida pela experiência, segundo Bataille, está fundada nos laços de silêncio, apagamento e distância. Sabemos que, historicamente, o escritor foi ligado a “alguns outros”, que como ele atravessavam experiência e experiências. Era o tempo da segunda guerra. Aliaram-se — permitiram-se laços — na própria experiência, cujo objeto era “l'expérience du non-savoir”,⁴⁴ e, mais precisamente, na prática do *compte-rendu*, o que ligava um leitor a um autor: trata-se “d'une longue tradition — de Bayle à Saint-Beuve et Blanchot — où, depuis les *Nouvelles de la République des Lettres*, le recenseur engage ses idées personnelles en présentant rigoureusement le livre d'un autre”.⁴⁵ Após a guerra, Bataille engaja-se nos trabalhos da revista *Critique*.⁴⁶

Laços de escrita — silêncio, apagamento e distância — : laços de letra. Aqui, enfim, podemos fazer a redução de tamanha significação do conceito de experiência ao laço de letra e a um de seus suportes fundamentais, a escrita. Para Bataille, também, a experiência por ele inscrita na cultura foi a possibilidade perturbadora de uma obra — escandalosa e polêmica — bem mais ampla. Assim escreve ele: Bataille, batalha, próprio de seu nome. Não é de um inenarrável e incessante combate que ele nos conta, em sua tortuosa, agonizante/vivificante narrativa da experiência interior?

⁴³ BLANCHOT. *L'entretien infini*, p.45. (grifo nosso)

⁴⁴ BATAILLE. [Collège socratique] in: *Œuvres complètes*, t.VI, p.279 et seq.

⁴⁵ TARDITS. Communauté d'expérience, communauté de savoir. ESSAIM, n. 1, p.100.

⁴⁶ TARDITS. Communauté d'expérience, communauté de savoir. ESSAIM, n. 1, p.100.

Georges *escreve*, pois, seu verdadeiro nome. Seu sobre-o-nome. É nesse sentido que ele trava sua batalha interior, lutando para narrar, contar, fazer o relato, enfim, escrever a experiência. Mesmo que ele próprio tenha dito: “Escrevo para apagar meu nome”,⁴⁷ e tenha, durante muito tempo, assinado seus livros sob pseudônimo. Sabemos que esse nome a ser apagado, inicialmente, é seu nome imaginário, aquele que se associa ao indivíduo, à pessoa civil. Além desse, há outro nome, mais ou menos escrito, no sentido do risco, do traço e do apagamento. A própria escrita de Freud, já em seus textos teóricos, poderá nos esclarecer algo acerca do funcionamento disso, mais adiante, quando alcançarmos suas elaborações sobre aparelhos, ou aparatos, “de linguagem”, “psíquicos”, ou “da alma”.

A EXPERIÊNCIA DA ESCRITA

Retomando um pouco o fio que nos conduz aqui, reafirmamos que a apreciação que fizemos, progressivamente, de *experiência*, conduziu-nos a uma certa distância das experiências científica, religiosa e filosófica. Mas é necessário conservarmos a idéia de contração e ampliação, de excesso e de falta, quanto ao sentido que força, para se apor à experiência. Assim, num terreno movediço como esse, as distâncias não são fixas nem estáticas. De qualquer forma, a qualificação que mais se aproxima da experiência que vemos ressaltar em Freud, e que nos assalta, seria a experiência da arte, e dentro dela, a literária, declinada, ainda, para *experiência da escrita*.⁴⁸

Como vimos, os mais antigos registros da experiência de Freud — no sentido já enfatizado — são, precisamente, seus primeiros escritos, suas primeiras cartas e bilhetes. E o mais impressionante e contundente: trata-se de uma experiência que só cessa com sua morte.⁴⁹

A experiência da escrita destaca-se, dessa forma, da própria experiência. E da existência, da vida do escritor. Foi por isso que buscamos o começo. Acreditamos ter

⁴⁷ Cf. MORAES. Um olho sem rosto. BATAILLE. *História do olho*, p.7. Também o artigo citado na nota 40 informa-nos sobre o uso de pseudônimo nas primeiras publicações de *L'expérience intérieure*.

⁴⁸ Cf. nossa Dissertação de Mestrado, *A experiência da escrita nas memórias de Schreber*, particularmente os capítulos “A ordem da escrita” e “A ordem da obra”

⁴⁹ “Pendant les semaines qui précédèrent sa mort, alors qu’il lui fallait toute sa force pour tenir le stylo, il écrivit les quelques lettres qu’il fut capable de faire à la main.” In: SACHS. *Freud, mon maître et mon ami*, p.83.

apresentado, com algum comentário, as cartas — e similares — mais antigas do escritor. Com o já assinalado, o que chama atenção, desde esse conjunto de cartas, é que temos ali um escritor, ainda que seja “apenas” de cartas. E Freud, nelas, é demasiadamente humano: fala muito de seus sentimentos, de sua *entourage*, de seus medos, de um imenso e amplo imaginário, sempre no eixo eu-tu (ou eu-vós) — eu que escrevo e tu que deves me responder. Por que isso? Porque essa circunstância lhe permite ouvir, imaginar, antecipar a resposta do outro. Ler ou escutar, letra ou voz, o essencial é a antecipação, sem a qual tudo é insuportável. O outro responde, mesmo se a resposta demora, ou, por fim, nunca chega.

A carta é sempre endereçada: pode-se esperar, espera-se sempre a resposta. A carta obriga o outro a pronunciar-se. É uma interpelação imperativa. Isso é tão evidente, tão explícito, que pode ser encontrado abundantemente nos comentários que ele faz sobre a própria correspondência: motivos, circunstâncias, receios, humores, afetos de toda ordem que, precisamente, afetam o escrever ou o deixar de fazê-lo. Assim como atrasos, perdas, funcionamento dos correios, estados do tráfego postal, etc. É como se o escritor quisesse e tentasse apoderar-se, tomar para si, o poder de gerir, controlar, comandar a cadeia de acontecimentos que são os caminhos e descaminhos possíveis daquilo que ele acabou de escrever. De uma outra forma, num momento ainda anterior — instante de anterioridade —, tudo isso que aqui antecede pode ser visto como a imagem da pena, ou melhor, do ponto que liga a pena ao traço, aquele que sulcou o papel; esse ponto se prolonga justamente na pena e depois na mão, no corpo, no espírito do escritor; ele não quer que se desfaça esse ponto de contato, essa continuidade, esse prolongamento, que é a escrita de seu ser; então ele não pode deixar de se perguntar, sempre: por que não me responde? por que demora tanto? eu sempre explico por que não escrevi uma resposta (o que é muito raro), ou as razões da demora, e até mesmo me abismo quando não consigo explicar: problemas nos correios? — ??? —...

A escrita de cartas *sempre* acompanhou a escrita do que advirá como obra. A propósito, essa escrita precedeu, de muitos anos, aquela outra, dos artigos científicos, dos livros, de resenhas, prefácios, verbetes para enciclopédias, da obra enfim. As cartas parecem vir ao socorro do escritor, que, sem elas, sem a promessa que carregam, encontra-se inexoravelmente só, abandonado a si mesmo. Mais abandonado do que se estivesse sozinho, uma vez que, na impossibilidade de não escrever, há ali um desconhecido que o acompanha. O que ele escreve é ainda um desconhecido, até que o outro, algum outro, intervenha. Blanchot nos diz que alguns escritores, em vez de

cartas, escrevem diários. É uma forma diferente dessa outra escrita, aquém ou além da obra. O diário se prestaria a que o escritor não se esquecesse de si mesmo, na voragem em que é chamado e, por fim, em que é dragado, pela obra.⁵⁰

A escrita de cartas contém um outro elemento de ancestralidade. Pelo menos nessas cartas a que nos referimos, as de Freud e seus interlocutores, em fins do século XIX. O fato de serem *manuscritas* evidencia toda uma outra ordem de questões que se aproxima dessa idéia anterior, da continuidade de escritor-escrita-destinatário-retorno. Trata-se da caligrafia, do estilo de letra de cada escritor. Há uma passagem, muito conhecida e citada, em que Freud comenta o fato de, ao utilizar caracteres latinos, sofrer uma influência nefasta em sua escrita. Ele escrevia sempre em caracteres góticos. Ele diz: “Acho, realmente, muito difícil escrever o alemão em caracteres latinos, como é o caso hoje. Desaparece então, imediatamente, a minha facilidade, a minha inspiração, digamos assim, por coisas mais importantes.”⁵¹ Uma tal questão, de grafia, aqui desvelando outra, embora a mesma, e novamente a do traço, dos caprichos do traço ou caprichos daquele que traça, que risca, rabisca, que fere a superfície, desgasta o suporte de papel — tantos caprichos a lançar outras tantas vicissitudes do ato/experiência/acontecimento da escrita. Afãise do sentido, ou abertura da significação, na convocação que faz ao outro, destinatário ou não, de que interprete, advinhe, coloque ali algum sentido. E o retorno disso para o escritor não será sem importância, como vimos.

Uma outra modalidade de antecipação é aquela que se confunde — como freqüentemente se observa — com o próprio fio condutor da construção de uma nova teoria. Isso pode ser verificado em alto grau na obra de Freud: as conexões entre as fases de seu pensamento ou os períodos de sua pesquisa. As cartas dão progressivo e ininterrupto testemunho disso, quando apresentam idéias em seu primitivo surgimento, ou iluminações repentinas, aparentemente inusitadas, ou intuições que surpreendem o próprio escritor, ou soluções que parecem destinadas a um problema atual, mas que reaparecerão pouco ou muito adiante, reformuladas, reconstruídas, com outra luminosidade. Mesmo nos artigos e livros podemos seguir esse tipo de movimento, mas

⁵⁰ Cf. BLANCHOT. *Le livre à venir*, p.252-9: Le journal intime et le récit

⁵¹ MIJOLLA. Imagens de Freud através de sua correspondência *REVISTA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA PSICANÁLISE*, p.19. [Trata-se de uma carta a Ernest Jones, de 20.11.1926] Cf. no mesmo artigo, nos 4 parágrafos precedentes a esta citação, outras preocupações de Freud com seu grafismo, em passagens de outras cartas.

as cartas o fazem com a suplementar característica de já estarem em posição “de fora”, “exterior”.

A *antecipação* estrutura-se na experiência: transmitindo-se; no efeito de choque; na travessia e no franqueamento de limites; na força de para-além; no excesso momentâneo e na apropriação que promove, ao não deixar esvair-se ou perder-se.

Nas cartas da juventude somos tocados por núcleos, ao mesmo tempo fortes, densos, indelévels. Pontos ou passagens de antecipação. O colóquio dos cachorros. A argúcia com os movimentos da língua, da linguagem e de outras línguas. *Aventuras de realidade única no fortuito da linguagem*. A experiência da erudição literária. A escrita do cotidiano. A escrita da experiência.

O universo das cartas de Freud, até hoje pouco conhecido, foi estimado — como já anotamos no primeiro capítulo —, por Gerhard Fichtner, como da ordem de um número aproximado de vinte mil. Elas começaram a ser publicadas nos anos 50 — somente as cartas a Fliess, naquela década —, com enorme repercussão nos meios psicanalíticos e, com menor intensidade, nos meios literários. A *Revista Internacional de História da Psicanálise*, publicada em Paris, dedica seu segundo volume, de 1989, aos estudos então recentes sobre as cartas de Freud e as de alguns de seus correspondentes. Informa-nos, por exemplo, que Ernest Jones, enquanto trabalhou na biografia de Freud (anos 50), teve acesso a várias outras cartas — além daquelas, dirigidas a Fliess —, que continuavam inéditas. Somente a partir de 1960 foram surgindo e sendo editadas algumas

correspondências com alunos, colaboradores e amigos, onde, pela primeira vez, a voz de seu parceiro pode ser ouvida: Oskar Pfister (1963), Karl Abraham (1965), Lou Andreas-Salomé (1966), Arnold Zweig (1968), Georg Groddeck (1970), e finalmente a correspondência com C. G. Jung (1974) que, pela transparência de seus princípios de edição e por seu comentário exemplar, colocou novos critérios para a edição das correspondências de Freud.⁵²

No mesmo número da revista, encontramos outros artigos, com análises mais gerais de um grande número de cartas, e da *figura* de “Freud-escritor de cartas”. Citaremos aqui apenas algumas passagens interessantes, encontradas nesses artigos,

⁵² FICHTNER. As cartas de Freud como fonte histórica. *REVISTA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA PSICANÁLISE*, p.50.

com a indicação da página desse número da revista. Em 1923, após uma cirurgia na mandíbula: “Estou ainda incapacitado de realizar o menor trabalho. Posso apenas escrever cartas, nada mais”(p.22). Em 1933, após a morte de seu neto: “De resto, ainda estou vivo, como não fumo, não escreverei quase mais nada — a não ser cartas” (p.16). Em 1891, a sua cunhada: “O trabalho de consultas atualmente deixa-me bastante tempo para escrever cartas. Pergunto-me se não pendurarei uma foto minha na sala de espera com a inscrição: ‘Enfim só’” (p.16). Em 1916, para Lou Salomé: “Li entre as primeiras linhas a discreta recriminação de ter deixado uma de suas cartas sem resposta e concluo que uma das suas ou então a minha resposta deva ter se perdido” (p.27). Em 1898, para Fliess — seguido do comentário de Mijolla, autor do artigo em que a carta é citada: “Escreverei, mais freqüentemente, cartas breves’ (...) inaugurando assim a série de boas resoluções e de paliativos que conhecem bem aqueles que querem deixar de fumar ou de beber: cortar o cigarro ao meio, colocar água no vinho, neste caso cortar o texto...” (p.30). Para Jung, em 1909: “Agradeço muito o telegrama e a carta, que desde o primeiro momento deram fim à minha preocupação. Tenho aparentemente uma hiperestesia traumática quando uma correspondência diminui seu ritmo” (p.32). Outra carta endereçada a Jung, em 1912: “Fiquei muito feliz em receber uma carta sua. Não gosto muito de abstinências e não vejo glória nelas” (p.34).

Mijolla pronuncia-se, nesse artigo, sobre como vida e morte atravessam a escrita de cartas, para Freud. Numa outra carta a Lou Salomé: “Escrevo para que não pense que eu esteja morto” (p.41). Mais adiante, é o autor do artigo que se manifesta: “As únicas verdadeiras inibições que atingirão a escrita e o envio de cartas são ligadas a lutos que tocam Freud em sua realidade exterior: seu pai, sua filha, seu neto” (p.41). A última carta, de quatro dias antes de sua morte, a Schaeffer: “Nada que eu possa contar a respeito de mim mesmo será conforme a seus desejos. Entretanto, tenho atualmente mais de oitenta e três anos, conseqüentemente, estou em sursis e só me resta realmente apenas o conselho dado em seu poema: ‘Esperar, esperar’.”

Em 1960 fora publicado um volume, por Ernst L. Freud, filho de Sigmund, com uma seleção de trezentos e trinta e duas cartas, a cento e dois variados destinatários, que cobrem o período de 1873 a 1939. A edição brasileira é de 1982 e traz, como título, *Correspondência de amor e outras cartas*. Como o título indica, o maior número é de cartas à noiva, Martha Bernays. Até hoje, a correspondência

completa de Freud com sua noiva não foi publicada, o que nos chama a atenção, visto que esse conjunto é, talvez, o segundo maior, atrás apenas do conjunto das cartas a Fliess. De qualquer modo, as cartas do jovem Freud a sua noiva são a maior fonte de informação, de próprio punho, sobre sua vida, naquele período. Em muitos aspectos pode ser considerado um diário dos quatro anos de noivado, entre 1882 e 1886. Freud escrevia quase todos os dias e lamentava-se, intensamente, sempre que não podia fazê-lo, ou em qualquer situação em que se via constringido a esperar mais do que o previsto, pela chegada de uma carta da noiva. Antes de trazer aqui algumas passagens dessas cartas, vejamos esse pequeno trecho, dirigido a um amigo — Wilhelm Knöpfmacher —, em 1878, em que o manifesto é explícito demais sobre a atividade — incoercível e perene — de escrita:

Também lhe estou mandando, em anexo, uma coleção das minhas obras não completas, como tenho razão para desconfiar, porque estou esperando a correção de uma terceira, e uma quarta e uma quinta continuam a aparecer no meu espírito presciente, que se espanta com elas como Macbeth com os fantasmas dos reis ingleses: “O quê! Isso vai se estender até o Juízo Final?”⁵³

Em 1882, Sigmund reclama da Academia de Berlim, em uma carta a sua noiva: “Sua carta (não vou mais dizer ‘terna’, vou pedir à Academia de Berlim que aumente os adjetivos carinhosos: preciso tanto deles)”.⁵⁴ Viajando, de Viena a Hamburgo — onde vai visitar a noiva —, escreve em todas as paradas, envia as cartas e, deliciando-se com a perspectiva de encontrá-la, entrega-se ao devaneio de contracenar — ele, o autor — com sua própria carta: “Mas vamos competir para ver quem porá os olhos em Marta primeiro: eu ou estas garatujas. Estaremos viajando pelo mesmo trem, e então começam as horas felizes...”⁵⁵ Num belo domingo, após uma semana de estadia em Hamburgo, nessa mesma visita, Sigmund — impossibilitado de deixar de escrever! —, mesmo assim, escreve uma longa carta à noiva: uma nota de rodapé informa que ela fora entregue pessoalmente à destinatária!⁵⁶ Em julho de 1883: “Jardineiro Bünsow, homem feliz, que tem o

⁵³ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*, p.22. Ainda estudante, suas “obras não completas” eram constituídas pelos primeiros trabalhos científicos. As notas do editor dão maiores detalhes a respeito.

⁵⁴ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*, p.29.

⁵⁵ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*, p.36.

⁵⁶ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*, p.37.

privilégio de hospedar a minha querida namorada! Por que não me fiz jardineiro em vez de médico ou escritor?”⁵⁷ Três meses depois, perplexo frente ao suicídio de um colega, recém-chegado da lua de mel — Nathan Weiss —, Freud escreve, de forma aguda e detalhada, a sua noiva. Eis o comentário de Octave Mannoni:

Esse relato, longo demais para ser citado, denso demais para ser resumido, começa com esta observação: *Sua vida era tal que teria podido ser composta por um escritor...* e termina de maneira semelhante: *Sua morte foi como sua vida, talhada sobre o mesmo molde, ela clama por um romancista* (como o sangue de Abel por Deus) *para que ele assegure sua conservação na memória dos homens*. Esse relato dramático constitui o primeiro “estudo de caso” escrito por Freud, mas nada nele anuncia a psicanálise. Simplesmente, as qualidades aí presentes se reencontrarão intactas nas histórias clínicas psicanalíticas.⁵⁸

Um pouco antes de seu casamento, envia ao amigo Breuer — em setembro de 1886 —, da cidadezinha onde prestava o serviço militar, uma carta assim terminada: “Espero que você desculpe esta estúpida conversa fiada que me escapou da pena sem eu saber como, e aguardo o momento de visitá-los em Viena pela primeira vez com minha esposa.”⁵⁹

Fichtner afirma como provável ter Freud escrito sua primeira carta aos 7 ou 8 anos,⁶⁰ a seu meio-irmão Emmanuel, e pergunta-se quando e como o pequeno Sigismund teria aprendido e tomado gosto por essa prática. Esse artigo contém várias ilustrações: fotos de cartas manuscritas, as listas que Freud fazia, colocando na coluna da direita as cartas recebidas, e na esquerda as cartas já respondidas, e uma lista dele próprio, Fichtner, “Cartas publicadas e inéditas de Sigmund Freud”, em forma de um gráfico, ano a ano, de 1863 a 1939. O mesmo autor apresenta — em outro artigo, na mesma revista — o estado das pesquisas sobre as cartas de Freud até então conhecidas, em uma detalhada “Bibliografia das cartas de Freud”.⁶¹ Diante de seu

⁵⁷ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*, p.58.

⁵⁸ MANNONI. *Freud: uma biografia ilustrada*, p.39. Por questões de tradução, as versões de Mannoni e do livro das cartas são diferentes. Na *Correspondência de amor...* a carta começa à p.79.

⁵⁹ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*, p.262.

⁶⁰ Fichtner indica sua fonte (a que não tivemos acesso): Sigmund Freud (1976). *Sigmund Freud. Lieux, visages, objets*, ed. dir. E. Freud, L. Freud, I. Gubrich-Simitis, biogr. K. R. Eissler, Bruxelles-PARIS, Ed. Complexe Gallimard, 1979.

⁶¹ FICHTNER. Bibliografia das cartas de Freud. *REVISTA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA PSICANÁLISE*, p.75-103.

espanto frente ao número e à qualidade literária do material que o mobiliza nesse trabalho, Fichtner invoca Goethe, para concluir seu artigo:

Podemos, para concluir, fazer uma dupla afirmação: o motivo por que as cartas nos impressionam tanto, é — para usar uma vez mais as palavras de Goethe — por que elas “conservam o imediato da existência”. Mas as cartas são também um médium, uma ótica através da qual percebemos o mundo descrito.⁶²

Nesse duplo movimento — conservar o imediato, apresentar *a coisa*, a existência em si; e, representar, *traduzir* o mundo através de *uma* ótica, um *médium* —, podemos ver o que embasa as diferentes posições de trabalho daqueles que se defrontam com a escrita de Freud, sendo, de longe, prevalente, aquela orientada pelo segundo movimento. Por isso, é tão freqüente encontrarmos, na história da abordagem desses escritos, os debates mais variados acerca da natureza de cada conjunto de textos: “os pré-analíticos”, “os teóricos”, “as cartas”, “os literários”, “os científicos”, “as traduções”, “os prefácios”, “as notas de roda-pé”, etc. É verdade que a exegese de uma tal obra escrita torna isso inevitável. Mas tornamos a reiterar, nessa altura de nossa pesquisa, que o que aqui é atribuído às cartas — “conservar o imediato da existência” ou, como dissemos, apresentar a existência, ou ainda apresentar a experiência em si mesma —, está no próprio ato/acontecimento de escrever. Isso começou com as cartas, pois elas precederam os escritos teóricos, na vida de Freud, mas a experiência fundamental — experiência-limite, dirá Blanchot — acompanha toda a construção da obra, transita entre os textos, articula-os, inelutável trabalho de tessitura.

Retornaremos aos textos de Freud, ou melhor, ao movimento de sua escrita, que desliza entre as cartas, artigos científicos, traduções e notas, artigos para enciclopédias, prefácios e livros, sua experiência dos anos 1880 e 1890, aproximadamente. Esperamos, nesse passo, poder tornar, também aqui, ressonantes as palavras de Blanchot sobre o que ele chamou “experiência-limite”:

⁶² FICHTNER. As cartas de Freud como fonte histórica. *REVISTA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA PSICANÁLISE*, p.70. [As palavras de Goethe estão em *Dichtung und Wahrheit*.]

je voudrais en dire à nouveau ce qu'il y a bien d'années, lorsque parut *L'expérience intérieure*, j'en avais écrit en citant le jugement de Nietzsche sur Zarathoustra, et que vingt années de pensée, d'attention, de reconnaissance et d'amitié m'ont rendu toujours plus vrai: "Cette œuvre est tout à fait à part."⁶³

CORTE E RECORTE

Como um primeiro ensaio — concluindo provisoriamente o movimento de retorno —, faremos a partir daqui, um percurso através de alguns escritos em torno dos anos 1890. Um artigo: "Tratamento psíquico"; um "pequeno livro"⁶⁴ (*Afasia*, de 1891); um outro livro (*Estudos sobre a Histeria*, [1893] 1895); os escritos dirigidos a Fliess (1887-1904). E, depois, um pouco mais além. Esta pequena série é qualificada, sumariamente, da seguinte forma: "*Tratamento psíquico*": antecipações; *Afasia*: "momento onde a fala começa a falar-se";⁶⁵ *Estudos sobre a histeria*: invenção de uma nova narratividade; *escritos a Fliess*: um centro descentrado. De interesse especial será o *centro descentrado*, em que acreditamos poder escavar um pouco mais a importância da escrita de Freud para além do que já fora apontado até aqui. Como já assinalado, a escrita das cartas desenha o movimento mais amplo da experiência que nos interessa. Nelas, nas cartas, já havíamos surpreendido o escritor. Veremos, ainda, como elas escrevem, além de si mesmas, o próprio acontecimento da escrita. Parafraseando Maurice Blanchot, diremos:

Une œuvre, même fragmentaire, a une centre qui l'attire: centre non pas fixe, mais qui se déplace par la pression de l'œuvre et les circonstances de sa composition. Centre fixe aussi, qui se déplace, s'il est véritable, en restant le même et en devenant toujours plus central, plus dérobé, plus incertain et plus impérieux.⁶⁶

No corte já feito — alguns escritos dos anos 90 —, faremos então outro: o foco agora está no centro descentrado: *os escritos dirigidos a Fliess*. Esses escritos nos trazem alguns dos mais importantes traços e marcas da experiência da escrita, em Freud e, particularmente, seu apagamento. A princípio, nada mais são que papéis, folhas avulsas, nas quais se destaca o traço gótico da letra do escritor. Eles chegaram

⁶³ BLANCHOT. *L'entretien infini*, p.313.

⁶⁴ Assim Freud se refere a ele em carta a Fliess de 02.05.91.

⁶⁵ RODRIGUÉ. História do Projeto. LETRA FREUDIANA. *100 anos de Projeto Freudiano*, n.15. Cf. *Afasia*: pré-história do Projeto.

⁶⁶ Modificado de BLANCHOT, *L'espace littéraire*, p.9.

até nós como cartas, “rascunhos”, e contendo, ainda, um grande manuscrito que se destaca no conjunto.⁶⁷

É bem conhecida a história oficial desses papéis, narrada na biografia “autorizada” (Jones) e em outras, na introdução do editor inglês da *Standard* (Strachey) e na edição dita “completa” da correspondência Freud-Fliess (Masson). O que é menos conhecido, ou pensado, é o movimento, fora de toda ordem histórica ou biográfica, que resultou na singular passagem desses papéis avulsos primeiramente a livro e, posteriormente, à obra. Eles estão lá, geralmente sob a rubrica “origens”, ou “começos”, ou “nascimento” da Psicanálise. Mas, então, que começo é esse? E de que movimento se trata?

Lacan assim se manifesta acerca desses papéis:

Ce qui est alors pour Freud la parole qui polarise, organise toute son existence, c’est la conversation avec Fliess. Elle se poursuit en filigrane dans toute son existence comme la conversation fondamentale (...) ce vaste discours à Fliess qui sera ensuite toute l’œuvre de Freud.⁶⁸

Não é sem importância, para nós, o fato de que aquilo que Lacan designará como “fala”, “conversa” e “discurso” constitua-se, essencialmente, em escritos. A “conversa fundamental”, nas palavras de Lacan, nós a aproximamos da “conversa infinita”, de Blanchot. Esse é o caminho que escolhemos para manter viva a série de indagações que chegou até aqui. Mas, antes, um pequeno comentário sobre esses “escritos dirigidos a Fliess”. Lembremos que estamos diante de um *centro descentrado*.

O que é marcante, no texto freudiano, é sua força de atração, além do fato de que organiza a existência de Freud, no dizer de Lacan. E, além de tudo, o mais impressionante: uma escrita sobre a própria experiência de escrever. Como sabemos, essa correspondência cobre um período de trabalhos fundamentais de Freud, dentre os quais destacamos aquela pequena série. Nas cartas, encontramos o diário do escritor, as narrativas que relatam as condições, as circunstâncias, os avanços e recuos, o júbilo e a decepção, a alegria e a angústia, diante do trabalho maior em curso. Ritmo de escrita, condições externas da vida, assim como condições de saúde e de humor,

⁶⁷ Cf. o volume I da *ESB*, no qual foi editada uma seleção desses documentos, intitulada “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”.

⁶⁸ LACAN. *Le Séminaire*, Livre 2, p.170 (leçon de 09.02.55).

etc, são intensamente variáveis nesse período, mas o que é evidente é que a escrita não cessa. Há várias passagens em que o escritor associa suas condições psíquicas às produções de seus trabalhos. Interessa-se por seus próprios sonhos e começa a analisá-los. Já havia, em outro tempo, iniciado a escrita das queixas, sintomas e sonhos das pacientes. Os sonhos começam a revelar outra escrita e ganham progressivamente maior importância, sobretudo diante de seu próprio mal-estar, em épocas de algum grande malogro profissional ou perda existencial, como, por exemplo, a morte de seu pai em 1896. Então vemos Freud escutar pacientes e escrever; sonhar e escrever, amar e padecer, enfim, viver e escrever. Assim se organiza sua vida, assim se movimenta um começo: o começo da Psicanálise, que coincide com sua escrita.

Em meio às cartas, algumas essencialmente teóricas, estão também os rascunhos que conhecemos, e um grande manuscrito, sem nome, sem conclusão, aparentemente sem destinação. Esse manuscrito, de mais ou menos cem páginas, é um exemplo maior dos movimentos da escrita em Freud. Iniciada sua redação, de forma compulsiva, num vagão de trem, ela foi concluída em duas semanas, em setembro de 1895, mas sua história ocupa cartas de todo esse ano. Fora enviado a Fliess faltando a terceira parte, e nunca mais Freud referiu-se a ele.

Encontramos na introdução do editor inglês da Standard as exíguas informações que nos dão uma idéia não mais que fantasmagórica desse manuscrito. Em estilo gótico, as quatro primeiras páginas escritas a lápis, com inúmeras abreviações, “quarenta mil palavras do mais conciso raciocínio”. Não existe um texto alemão definitivo. Muito pouco podemos nós, hoje, imaginar acerca do manuscrito original, visto que só conhecemos suas versões anexadas à obra, todas elas com uma enorme gama de intervenções, a começar pelo nome. Referido genericamente nas cartas como “psicologia”, por Freud, ignoramos completamente as razões dos editores para darem a isso o nome de “Projeto”. Não podemos mais, hoje, distanciarmo-nos desse nome, quando nos referimos a ele. Mas, destinado ao apagamento, seus traços e sua marca chegaram até nós. Seus estilhaços, destroços, fragmentos de escrita, podem ser rastreados antes e depois dele mesmo, ao longo do conjunto das cartas, em movimentos de reescrita, abandono, retomada, avanço, recuo, síntese, alargamento, condensação.

Um curioso exemplo de outros fragmentos de escrita, nas cartas do final de 1897 e início de 1898, nomeados pelo próprio autor como “restos”, ou melhor,

“merdas”, são os “relatórios drecológicos”,⁶⁹ RD. Estes, como seu nome indica, não foram conservados, mas a referência a eles é da maior importância: a experiência da escrita não elide o que dela é resto, resíduo, dejetivo. Não teria sido o mesmo em relação ao grande manuscrito? Por algum motivo, o escritor não o destruiu, como os “RD”. E o grande manuscrito incorporou-se à obra, apesar do próprio autor. O mais importante, enfim, é salientar seu caráter de um escrito primordial, a princípio talvez mesmo dejetivo, mas que vem, nos últimos anos, revelando cada vez mais seu caráter de “um texto irreproduzível” que “não faz série, desafia a lei do simbólico e reaparece no real”.⁷⁰

Voltemos a começo e a movimento: movimento do começo. Seguindo uma pista de Freud — que se coloca, como vimos, na linhagem de Mallarmé⁷¹ —, invocaremos aqui a palavra de Blanchot: “depuis Mallarmé (pour réduire celui-ci à un nom et ce nom à un repère), (...) s’est fait jour l’expérience de quelque chose qu’on a continué à appeler ‘littérature’, mais avec un sérieux renouvelé et, de plus, entre guillemets.” Estas palavras estão na “Nota” que abre *L’entretien infini*.⁷² livro que trata, infinitamente, da experiência da escrita. Extrair, arrancar, decantar a experiência da escrita, do que conhecemos como “literatura”, eis o projeto de Blanchot. Em outro livro, *L’espace littéraire*, seguindo a infinitude de seu projeto, Blanchot cita duas passagens de Mallarmé: “J’ai senti des symptômes très inquiétants causés par le seul acte d’écrire” e “Malheureusement, en creusant le vers à ce point, j’ai rencontré deux abîmes qui me désespèrent. L’un est le Néant...’ (l’absence de Dieu, l’autre est sa propre mort)”.⁷³

Retornando à experiência freudiana, trata-se, como em Mallarmé, do “ato só de escrever”. Em Freud, trata-se de cavar, escavar, atormentar-se, sondar, não o verso, mas a palavra — escutada, sonhada, proferida, enfim, escrita — a um ponto que nada deixa a dever ao testemunho de Mallarmé; deparar-se com todo o *pathos* que daí advém (fartamente descrito nas cartas); atravessar a experiência da morte,

⁶⁹ Em grego no original: trocadilho com a palavra alemã *Dreck* (merda). Cf. MASSON, *A Correspondência completa...*, p.291-2. “Merdologia”, poderíamos dizer.

⁷⁰ Apresentação in: *Letra Freudiana. 100 anos de Projeto Freudiano*, n.15.

⁷¹ “Na psicanálise, o senhor encontrará reunidas, mesmo que transformadas em jargão científico, as três grandes escolas literárias do século XIX: Heine, Zola e Mallarmé estão reunidos em minha obra sob o patrocínio de meu velho mestre, Goethe.” Entrevista de Sigmund Freud ao escritor italiano Giovanni Papini, realizada em Viena, em maio de 1934. ANSERMET. Prefácio. In: GROSCHARD. *La psychose dans le texte*, 1989.

⁷² BLANCHOT. *L’entretien infini*, p.vi.

⁷³ BLANCHOT. *L’espace littéraire*, p.37.

particularmente a de seu pai; ousar decifrar sonhos. Eis o projeto freudiano, eis o que só é possível através da escrita.

O que conhecemos como “Projeto...”⁷⁴ é, pois, apenas um estilhaço — outro centro descentrado — dessa experiência maior, desse projeto maior. Um estilhaço tão fundamental, não só por tudo o que já explicitamos, mas pelo fato de ele demonstrar que só por um movimento da obra — “exigência da obra”, nos diz Blanchot — ele teve força de se transmitir, teve força para ser incorporado à obra. Merda, lixo, resto, dejetos. Talvez possamos dizer que aquele escrito desvele, deixe apreender bem um movimento de começo. Não que aí comece verdadeiramente alguma coisa. Ele “apenas” condensa e dispersa o que já vinha sendo trabalhado e que reaparecerá ao longo de toda a obra freudiana. Ele “apenas” aparece, desaparece, reaparece.

Blanchot pergunta-se pela “palavra começante”, intrigado que está com um poema de René Char, no qual é cantado o traço ancestral — pintura rupestre — nas grutas de Lascaux,⁷⁵ e sua proximidade com o pensamento de Heráclito. O que interessa a Blanchot, a partir da “palavra começante”, é a gênese da obra. Cito Blanchot:

Il est, dans l’expérience de l’art et dans la genèse de l’œuvre, un moment où celle-ci n’est encore qu’une violence indistincte tendant à s’ouvrir et tendant à se fermer, tendant à s’exalter dans un espace qui s’ouvre et tendant à se retirer dans la profondeur de la dissimulation: l’œuvre est alors l’intimité en lutte de moments irréconciliables et inséparables, communication déchirée entre la mesure de l’œuvre qui se fait pouvoir et la démesure de l’œuvre qui veut l’impossibilité, entre la forme ou elle se saisit et l’illimité ou elle se refuse, entre l’œuvre comme commencement et l’origine à partir de quoi il n’y a jamais œuvre, où règne le désœuvrement éternel.⁷⁶

Pensar a origem como um movimento de tal natureza, essencialmente ligado ao traço, à figura, ao traçado, à letra, à palavra, enfim — “palavra começante” —, permite-nos escapar ao recurso mítico, invariavelmente convocado quando o desafio é pensar a origem, qualquer origem. Nesse sentido seria possível fazer a crítica, acompanhando Erik Porge, do mito da auto-análise de Freud, como elemento fundamental na

⁷⁴ FREUD. *ESB*, I, p.385-522: “Projeto para uma psicologia científica”.

⁷⁵ “A besta inominável” é o poema de Char; *A besta de Lascaux* é o livro de Blanchot.

⁷⁶ BLANCHOT. *La bête de Lascaux*, p.34-5.

experiência de criação da psicanálise.⁷⁷ Nossa hipótese é explicitada ao apontarmos a importância dessa escrita primordial de Freud, exemplificada no corte que fizemos e no foco que colocamos sobre as cartas e o “Projeto”. Para enunciá-la de outra forma — nossa hipótese —, diremos que, se Freud não fosse escritor, a psicanálise seria outra coisa. Somente pelo fato de já estar tomado pela mais profunda experiência da escrita — no sentido de Mallarmé e Blanchot — é que Freud pôde escrever a *Traumdeutung*⁷⁸ tal como a conhecemos, ou seja, escrever o aparelho psíquico, aparelho de escrita. Livro fundador. Marca já da obra.

Ao final de um de seus escritos — “La direction de la cure” —, Lacan dirige-nos uma indagação: “La part ‘littéraire’ dans l’œuvre de Freud, pour un professeur de littérature à Zurich qui a commencé de l’épeler, qui a parmi nous tenté d’en articuler l’importance?”⁷⁹ E ele segue, nesse final, escrevendo: o desejo tomado ao pé da letra, o analista como um letrado, uma obra com as dimensões do (a) ser/letra (“l’être”). A direção do tratamento é uma operação da letra, como a escrita/experiência de Freud. Alguns anos mais tarde, Lacan reescreve tudo isso em “Lituraterre”.⁸⁰ Esse texto teria sido, então, a resposta de Lacan à questão, tão fundamental para a psicanálise, da experiência da escrita em Freud.

Mas esse já é um momento muito avançado, no pensamento de Lacan e na experiência da psicanálise, quando, após um “retorno a Freud”, outros movimentos de retorno se fizeram, mais complexos do que uma simples inversão do sentido ou da direção da experiência.

⁷⁷ Cf. PORGE. *Freud Fliess*. mythe et chimère de l’auto-analyse.

⁷⁸ Título original d’ *A interpretação dos sonhos*, que ocupa os volumes IV e V da *ESB*.

⁷⁹ LACAN. *Écrits*, p.641-2. Trata-se de Walter Muschg. Fornecemos, no primeiro capítulo desta tese, algumas de suas apreciações sobre a obra de Freud. As aspas no meio da frase estão conforme o original.

⁸⁰ Aula de 12 de maio de 1971. Cf. LACAN. *O seminário* Livro18: De um discurso que não seria do semblante. Também encontrado em LACAN. *Autres écrits*, p.11-20.

QUARTO CAPÍTULO

O CURSO DA OBRA

*C'est que l'histoire, dans le progress du temps, fait
l'historien bien plus qu'elle n'est faite pas par lui.
Mon livre m'a créé. C'est moi qui fus son œuvre.
Ce fils a fait son père. S'il est sorti de moi d'abord,
de mon orage (trouble encore) de jeunesse, il m'a
rendu bien plus en force et en lumière, même en
chaleur féconde, en puissance réelle de ressusciter
le passé. Si nous nous ressemblons, c'est bien. Les
traits qu'il a de moi sont en grande partie ceux
que je lui devais, que j'ai tenus de lui.*

Jules Michelet

O retorno à experiência levou-nos além da região de anterioridade — onde, mesmo com a estranheza, inicial e inevitável, do confronto com toda e qualquer escrita, reconhecêramos a marca genuína do escritor —, levou-nos a um espaço ainda aberto, mas já posterior, anunciado no futuro textual e gráfico, de escritos ainda por vir, de textos que se seguiram àqueles, primevos, em forma de carta. Retorno, pois, que traça um movimento duplo, um arco que não se detém no ponto que atingira, e que retorna a partir do próprio retorno, em outra direção, mas ampliando a segunda volta, mais aberta, mais extensa, e lançando-se além. Em outras palavras, ainda diremos que se trata de uma série de retornos e de movimentos múltiplos.

Se tínhamos, desde o início, como fio condutor, *sonho e linguagem* — “onde nos levaria o sonho de que temos a linguagem? ou o mútuo e inverso pertencimento de sonho e linguagem, como nos indica a frase?...” —, agora sabemos que ele fia-se, ainda, em cartas, as cartas que deram o suporte inicial à atividade do escritor, e que jamais deixaram de fazê-lo. Sabemos também que as cartas, além de não abandonarem o escritor, seguem aqui como o traço que pode conduzir-nos pelo bom caminho. Levemos adiante, então, o movimento de nosso arco. Por enquanto deixemos, ligeiramente à parte, o “littéraire”, o “l’être”, a *lettre*, e as proximidades semânticas que já se anunciaram.

Fichtner, em seu gráfico puntiforme da freqüência da atividade epistolar de Freud, mostra-nos que, ao período da correspondência com os amigos da adolescência — marcadamente aquele do pleno funcionamento da Academia Espanhola — seguiu-se imediatamente outro, de muito maior intensidade, ocupado pela febril e apaixonada correspondência com a noiva, Marta Bernays.¹ Dessa correspondência — que teve lugar entre 1882-1886 —, conhecemos apenas poucas cartas de Freud, das quais já destacamos alguns trechos de interesse. Relembramos aqui a passagem na qual o escritor, mesmo se encontrando diariamente com a noiva, numa visita que lhe fizera na cidade de Hamburgo, escreve-lhe uma carta e a entrega pessoalmente. Estranho acontecimento. Estranha força. Seria um apego a um ritual romântico, embora secular? Será a mão que não consegue se desprender da pena, da tinta e do papel, para dar livre curso ao que lhe escorre do coração, ao que não pode ser dito, falado, sequer sussurrado ao ouvido da namorada, senão através das letras, do desenho da letra, no suporte de papel, no objeto intensamente investido, realizado enfim através da escrita?

¹ FICHTNER. As cartas de Freud como fonte histórica. *Revista Internacional de História da Psicanálise*, p.55.

Interessa-nos, agora, um importante desvio no endereçamento das cartas que não cessam. O escritor, já casado, rapidamente descobre e elege um novo destinatário, a quem dirige, impetuosamente, o dardo irrefreável de sua escrita. Trata-se da correspondência com o médico Wilhelm Fliess, residente em Berlim, que acabara de assistir a uma aula de Freud em Viena, e que fora recomendado a este último por outro médico, amigo e protetor de Freud no início de sua carreira clínica, Joseph Breuer.

O editor inglês das *Obras completas* esclarece-nos que um grande conjunto de documentos, relegados por Freud ao esquecimento, fora resgatado por uma de suas alunas e analisadas na passagem dos anos 20 e 30. Trata-se da Princesa Marie Bonaparte. Quando Freud teve conhecimento disso, censurou esse procedimento e quis ressarcir-la, na intenção de reaver e destruir esses papéis. Mas a Princesa não cedeu às pressões de seu mestre. Segue-se, na biografia escrita por Jones, toda a melodramática história do salvamento desse conjunto, em meio à perseguição nazista, já logo após a morte de Freud (em 1939). Alguns anos mais tarde, em Londres, Anna Freud (a filha mais nova de Sigmund, que se tornou analista, e quem mais de perto acompanhou o pai até seus últimos momentos) e Ernst Kris estudaram, selecionaram e traduziram esse material, que enfim veio à luz. Trata-se de grande parte do que conhecemos como *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*, que, aliás, dá título ao primeiro volume da *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Aí encontramos vários documentos enviados a Fliess no período entre 1887-1902. Fazem parte desse conjunto cartas, rascunhos, esboços e um grande manuscrito intitulado “Psicologia para Neurologistas”. Tudo isso só fora publicado em 1950, em uma primeira edição alemã feita em Londres, e em 1954, em sua tradução inglesa. A tradução francesa é de 1956.

A esse capítulo Jones designou “O período Fliess (1887-1902)”, com o seguinte começo: “Chegamos aqui à única experiência realmente extraordinária da vida de Freud.” O biógrafo logo se explica: “Mas esse homem se libertar seguindo um caminho jamais trilhado por qualquer ser humano, explorando, em uma tarefa heróica, sua própria mente inconsciente — isso é extraordinário no mais alto grau.”² Trata-se, aqui, do que é conhecido, por psicanalistas e pesquisadores afins, como a “auto-análise” de Freud. Todos os historiadores e biógrafos fazem essa relação, entre as cartas a Fliess e o que seria a primeira “análise” da história, ou seja, a análise do primeiro analista. Algo

² JONES. *A vida e a obra de Sigmund Freud*, V. I, p.292.

como um auto-engendramento, uma análise *ex-nihilo*, ou “l’analyse originelle”, como a denomina Mannoni.³

O fato inequívoco, para os historiadores, é a importância dessa correspondência, que demonstra uma relação de intensa e complexa amizade e que tem sido objeto de uma ampla gama de interpretações psicanalíticas, com muitos de seus elementos essenciais: amor de transferência, vivências — traumáticas ou não — fundamentais, como a paternidade, o casamento, a filiação, a perda de alguém tão próximo como o pai, a força criadora, o tratamento de doenças nervosas, tudo isso com suas múltiplas implicações e conseqüências. O período da troca de cartas é atravessado por tudo isso e muito mais. É nele que Freud passa, da hipnose à *talking cure*, da teoria da sedução à concepção de *fantasia*. É ainda nesses anos que o escritor começa a se interessar de uma maneira toda especial pelos sonhos de seus pacientes, retomando e reforçando o antigo interesse que já possuía pelos seus próprios sonhos. Por fim, é nesse período que ocorre a escrita dos livros fundadores da psicanálise: os *Estudos sobre a histeria* e *A interpretação dos sonhos*.

Para nós, *os escritos dirigidos a Fliess* serão a tela de fundo, região de onde emana todo reflexo que retorna, mas que também lança luz, atravessando os escritos que elegemos como marcadores fundamentais de um movimento de começo.

Jean-Michel Rey chama nossa atenção para as diferentes designações que esse filho bastardo de Freud — o primeiro volume da *SE*⁴ obteve, segundo as diferentes línguas em que fora publicado, na década de 1950: no alemão, “Nos *começos* da psicanálise”; no inglês, “As *origens* da psicanálise”; e no francês, “O *nascimento* da psicanálise”. Três designações que não deixam de fazer alusão a um momento crucial, a uma ruptura entre o que é prévio, anterior, e o que já poderia, a partir desse momento, ser denominado como *psicanálise*. Questão mesma da origem. Rey enfatiza — naquela carta de Freud à noiva, de 1885, na qual ele anuncia a destruição de seus papéis — a frase que lhe parece fundamental para encontrarmos, nas palavras do próprio Freud, uma pista para pensar a questão das origens. Essa mesma carta já nos mostra algo de fundamental: a existência de escritos que não deixam seu autor indiferente; uma quantidade deles, julgada, por ele mesmo, não desprezível; um impulso de apagar as marcas, os traços, de alguma trajetória ou acumulação de importância; uma preocupação com o biografismo e o “desenvolvimento do herói”; enfim, o ato de destruição, “auto-

³ MANNONI. L’analyse originelle Cf. *Un commencement qui n’en finit pas*, p. 13-55.

⁴ Na *ESB*, esse primeiro volume tem o título: *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*.

de-fé”, como ele mesmo já dissera, anos antes, ao amigo de adolescência.⁵ A frase isolada por Rey é, no original alemão: *dem grossen Einschnitt in meinem Leben*. Rey a traduz como “le grand tournant de ma vie”. A edição brasileira registra: “do grande momento de decisão de minha vida”. Rey explora as nuances do substantivo *Einschnitt*:

une incision, une coupure, une entaille, un événement décisif, un moment qui prend la valeur d’un nouveau départ, qui a, à la limite, une détermination qui tient à couper l’histoire en deux et qui décide du passé, qui permet donc d’écrire pour l’avenir en mémoire du passé.⁶

Mesmo sabendo que tal corte da história em duas não é possível, a não ser arbitrariamente, o autor insiste, aqui, em tentar apreender o instante desse acontecimento. Carrega de gravidade, pois, os entrelaçamentos possíveis entre corte, acontecimento, passado e futuro, a costura possível não sendo outra coisa senão a escrita disso.

Decidido a apontar o que dá título a seu livro, o “material” ou o fundamento, a coisa freudiana, enfim, o que exatamente pode-se extrair dessa obra que a torna algo diferente de tudo que a precede, Rey esbarra com essa questão da origem. E, num procedimento que ele consegue identificar, em várias passagens da escrita freudiana — a de uma preocupação filológica, ou seja, a preocupação com a apresentação das possibilidades semânticas de certas palavras essenciais que o escritor utiliza —, e que constitui, para ele mesmo, uma forma essencial de sua própria investigação,⁷ Rey esbarra também, inevitavelmente, com os embaraços e a impossibilidade de tratar essa questão de forma satisfatória ou conclusiva, assim como alguns outros autores, de quem ele faz a crítica. Para sair dessa dificuldade, não há outro recurso senão recorrer à palavra do poeta:

Pourquoi ne pas relire la très belle variation de Francis Ponge intitulée tout simplement *La Fabrique du pré*, ce texte dans lequel les préparatifs d’écriture font partie, de plein droit, de l’écrit lui-même, où la question des préalables se trouve déployée dans tous les sens possibles, au plus près de l’usage même de la langue?⁸

⁵ Trata-se da carta número 65, à p.168, da edição brasileira: FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*. Citada também no primeiro capítulo desta tese, à p.15.

⁶ REY. *Le matériau freudien*, p.19.

⁷ É de se registrar aqui o sugestivo título de outro livro, sobre a obra freudiana, desse autor: *Des mots à l’œuvre*.

⁸ REY. *Le matériau freudien*, p.34.

A ênfase aqui, para além do que é prévio, anterior, preliminar, precedente, é no *uso da língua* e nas relações entre *escrito* e *escrita*. Já inúmeras vezes utilizamos esses dois últimos termos, em nossa pesquisa. Não há como cindir o que desejamos dizer sobre o acontecimento, a experiência de que se trata, e a apresentação, a maneira de fazê-lo. Rey investiga precisamente isso na obra freudiana. É um trabalho muito próximo do nosso, mas com a ênfase mais no uso da língua do que, propriamente, no fato em si do acontecimento/experiência da escrita. Não há dúvidas: os pontos de confluência são significativos entre estas duas formas de abordar uma obra. Lacan, na conferência “Freud no século” — pronunciada por ocasião do centenário do nascimento de Freud, em maio de 1956 —, qualificada por ele mesmo de um “retorno à verdade de Freud”, aponta a direção que nos indica esse retorno:

É aquela de um estudo positivo cujos métodos e cujas formas nos são dados nessa esfera das ciências ditas humanas que concerne à ordem da linguagem, à lingüística. A psicanálise devia ser a ciência da linguagem habitada pelo sujeito. Na perspectiva freudiana, o homem é o sujeito preso e torturado pela linguagem.⁹

Na mesma conferência, Lacan designa de “longa autobiografia” a trilogia na qual encontramos, sob a perspectiva desse retorno, “o recurso ao literal” como forma de *uso da língua*: “a *Traumdeutung*, a *Psicopatologia da vida cotidiana*, e o *Witz*”.¹⁰ De certo modo, a experiência freudiana está, aqui, plenamente justificada: ao escrever, Freud escreve-se; sua obra não é, senão, sua autobiografia; a obra criou o escritor. Sujeito é aqui, agente e meio (assujeitado) da ação.¹¹

O caminho que levou Rey a convocar o poeta levou-o, ainda, a abrir mão de uma pesquisa sobre *um* começo, *uma* origem, e, ainda mais, sobre *um* nascimento. Ele é conduzido à expressão: “le hasard des commencements”.¹² A expressão descarta a unicidade de qualquer movimento de começo. E o articula com acaso, contigência, circunstância... Com a própria escrita/escrito.

Outro retorno aqui: agora a alguns artigos e livros “científicos” de Freud, sem nos afastarmos das cartas.

⁹ LACAN. *O seminário*, Livro III, p.276.

¹⁰ LACAN. *O Seminário*, Livro III, p. 266. A *Psicopatologia da vida cotidiana* ocupa todo o volume VI da *ESB* e foi publicada originalmente em 1901; o *Witz*, publicado em 1905, ocupa, sob o nome de “Os chistes e suas relações com o inconsciente”, parte do volume VIII da *ESB*.

¹¹ Cf. nosso artigo “Para que serve a escrita? Freud escreve(-se)”, *Aletria*, p.31-41.

¹² REY. *Le matériau freudien*, p.35.

TRATAMENTO PSÍQUICO (OU ANÍMICO)

Este artigo de Freud é emblemático por uma série de razões. A começar pelo fato de sua excentricidade, no conjunto dos escritos freudianos. Escrito em 1890, e publicado em uma enciclopédia — *Die Gesundheit*, “um manual coletivo de medicina em dois volumes, de caráter semipopular”—,¹³ somente em sua terceira edição, de 1905, o artigo chamou a atenção — de quem? —, a ponto de, em algum momento posterior, de reunião dos escritos ou trabalhos de Freud, ele ser considerado como sendo de 1905. Por este motivo, ele se encontra editado no volume VII da *SE*, juntamente com outros artigos daquele ano (1905). Em 1897, Freud redige uma sinopse de seus trabalhos científicos, escritos entre 1877 e 1897, a serem apresentados como parte do processo de candidatura ao cargo de “Professor Extraordinarius” da Universidade de Viena.¹⁴ O presente artigo fora omitido de tal lista, assim como vários outros.¹⁵ Da mesma forma bastante enigmática, são pouquíssimas as referências ao mesmo, de um modo geral, em praticamente todas as biografias consultadas. Encontramos, em Jones, uma referência em duas linhas, no capítulo dedicado aos anos 1901-1906, do volume II da grande biografia.¹⁶ Jones, portanto, ainda não tinha conhecimento da datação correta. Somente em 1966, informa-nos Strachey, um professor da Washington University reconheceu o engano, localizando a primeira edição de *Die Gesundheit*, de 1890.¹⁷ Como esse artigo nunca fora reescrito, a versão de que dispomos é a de 1890.

As cartas de Freud desse ano — apenas três cartas a Fliess! — também silenciam sobre o artigo, fato incomum no cenário não menos inusitado de tão poucas cartas nessa altura da vida do escritor. O gráfico de Fichtner registra apenas aquelas três cartas ao amigo berlinense. Trata-se, pois, de um tempo em que o silêncio chama a atenção. De quê silêncio se trata? A escassez de vestígios não deixa de suscitar questões, como, aliás, sempre, diante de qualquer presença negativa, de qualquer ausência. E o que pensar de um escrito cujo título seja, talvez, o mais aproximativo possível do que será a denominação da obra — psicanálise —, um título duplo: *PSYCHISCHE BEHANDLUNG* (*SEELENBEHANDLUNG*), como se o escritor já tentasse, por

¹³ FREUD. *ESB*, I, p.111.

¹⁴ Essa sinopse encontra-se em FREUD. *ESB*, III, p.206-231. Encontra-se também nos anexos desta tese, porém acrescida de vinte itens, omitidos por Freud na época.

¹⁵ Encontramos, no livro de Max Kohn, uma lista de cinqüenta e oito trabalhos escritos entre 1877 e 1897, enquanto que na lista de Freud constam apenas trinta e oito. Cf. KOHN. *Freud et le yiddish*, p.81

¹⁶ JONES. *A vida e a obra de Sigmund Freud*, V. II, p.27.

¹⁷ FREUD. *ESB*, I, p.111, e também *ESB*, III, p.266.

antecipação, defender-se de mal-entendidos? De qualquer maneira, já ficaram claras suficientes razões para considerá-lo esquisito, invulgar, excêntrico. Ou bizarro? esquipático? estrambótico? macavenco? patusco? surpreendente? estúrdio?...

Cabe ressaltar que, em 1890, Freud encontrava-se em pleno período — do que se convencionou chamar, em suas biografias e na história da psicanálise — de envolvimento com a hipnose e a sugestão. Antes de se casar, no ano letivo 1885-1886, estivera em Paris estudando com o renomado professor Jean-Martin Charcot, de quem conservara fortes impressões, particularmente no tocante às relações entre histeria e hipnose. Em 1889, passa três semanas em Nancy, estudando com Bernheim e Liébault as aplicações da sugestão em quadros nervosos. Começara sua clínica privada, em Viena, em 1887, como especialista em doenças nervosas, cujo arsenal terapêutico era escasso e com poucas chances de sucesso. Nessas circunstâncias, os conhecimentos adquiridos nos últimos anos, sobre hipnose e sugestão, foram, então, impondo-se ao jovem médico. A *SE* data, entre 1888 e 1892, os “Artigos sobre hipnotismo e sugestão”.¹⁸ Subjacente a tudo isso, um interesse todo especial pela histeria, desde o início da influência de seu primeiro amigo e protetor, Joseph Breuer.

“Psyche” é uma palavra grega e se concebe, na tradução alemã, como *alma*. Tratamento psíquico significa, portanto, *tratamento anímico*. Assim, poder-se-ia pensar que o significado subjacente é: tratamento dos fenômenos patológicos da vida anímica. Mas não é este o sentido dessas palavras. “Tratamento psíquico” quer dizer, antes, tratamento que parte da alma, tratamento — seja de perturbações anímicas ou físicas — por meios que atuam, em primeiro lugar e de maneira direta, sobre o que é anímico no ser humano.¹⁹

São essas as palavras que abrem o misterioso artigo. Uma introdução incisiva, para não deixar dúvidas sobre a pretensa intenção do autor, embora ele esteja aí, já de início, discutindo, exatamente, o sentido de algumas palavras, sugerindo que elas se prestam a engano. No parágrafo seguinte: “as palavras são também a ferramenta essencial do tratamento anímico”.²⁰ O escritor começa, então, a discorrer generosamente sobre as conquistas, então recentes, da ciência e da arte médicas, sem omitir a ressalva de que acreditar em “meras palavras”, como recurso terapêutico, pode parecer bruxaria,

¹⁸ FREUD. *ESB*, I, p.109-91.

¹⁹ FREUD. *ESB*, VII, p.267.

²⁰ FREUD. *ESB*, VII, p.267.

mas “as palavras de nossa fala cotidiana não passam de magia mais atenuada”, e será necessário um “caminho indireto” para compreender como a ciência pode “restituir às palavras pelo menos parte de seu antigo poder mágico”.²¹

O autor percorre, nos vinte primeiros parágrafos, diversos aspectos sobre as relações do corpo físico com as forças anímicas, observados comumente, no próprio cotidiano. Assim, por exemplo, diversos males de saúde, muito comuns, mas com combinatória e evolução as mais diversas possíveis, sem corresponder a nenhum diagnóstico conhecido. Esses quadros não correspondem, tampouco, a nenhuma configuração anátomo-patológica verificável, seja em vida, seja após a morte (através de autópsia). Seus portadores são “doentes do sistema nervoso”, ou neuróticos, ou neurastênicos, ou psicastênicos, histéricos. Curiosamente, muitos nomes para o que não tem nome.

O autor continua, chamando atenção para as influências dos mais diversos afetos sobre a mobilização das forças anímicas, e como isso pode atuar a favor ou contra a saúde, a favor ou contra a doença. Compara as curas milagrosas com outros estados de forte influência de uma expectativa positiva, como no caso de feridos em uma batalha que está sendo vitoriosa.

Mais ou menos a meio do artigo, anuncia: “Agora começamos também a compreender a ‘magia’ das palavras. É que as palavras são o mediador mais importante da influência que um homem pretende exercer sobre outro”. Mas o parágrafo seguinte já evidencia uma objeção: “Todas as influências anímicas que se revelaram eficazes na eliminação das doenças têm algo de incerto”. Assim a narrativa avança, com afirmativas e objeções, caracterizando um verdadeiro tateamento no escuro. O tom claramente afirmativo não elide as dúvidas e incertezas, mas vai adiante. Começa, então, a descrever, pormenorizadamente, a *hipnose* e sua utilização terapêutica.

Vemos, assim, desfilar, através da narrativa, alguns dos embriões mais promissores, que serão encontrados mais tarde, como base dos conceitos psicanalíticos. Dentre eles, o *rapport*, entre hipnotizador e hipnotizado, como prenúncio à *transferência*, onde o poder de influência do médico pode ser observado. Freud chega ao seguinte ponto de elaboração:

²¹ FREUD. *ESB*, VII, p.267.

A representação que o hipnotizador forneceu ao hipnotizado através da palavra provocou nele precisamente a relação anímico-físico correspondente ao conteúdo da representação. Existe nisso, de um lado, a obediência, mas de outro há um aumento da influência física de uma idéia.²²

Percebe, ainda, que o sentimento em vigor no *rapport* “só é encontrado *nos filhos perante os pais amados* (...) e em algumas *relações amorosas* plenas de dedicação”.²³

Outro ponto importante é a cisão da memória, em diferentes grupos mnêmicos, alguns com caráter eminentemente onírico, outros ligados ou religados, exatamente, através das *representações* utilizadas pelo médico. Observa a falta de autonomia psíquica nos pacientes sob hipnose e o poder da influência do médico. Reconhece as “forças pulsionais” em jogo e tece considerações de caráter ético, a serem observadas pelo médico que adota esse recurso terapêutico. Distingue o caráter “alucinatório” de alguns fenômenos observados no estado de hipnose, o que permitiria indagar sobre semelhanças e relações com outros estados em que ocorre o mesmo fenômeno. Identifica *resistências* e dificuldades, tanto do lado do doente quanto do médico. Afirma claramente que, mesmo sob sugestão hipnótica, a “renúncia à doença” pode significar um “grande sacrifício” ao doente. Não deixa de registrar que o “hábito” da hipnose pode levar o doente a uma “dependência” do médico, o que não é, de modo algum, desejável.

Após descrever, entusiasticamente, *hipnose* e *sugestão* — inclusive como o avanço, então recente, da ciência, sobre um campo tão obscuro e ameaçador para os médicos, como este, das forças anímicas, ou psíquicas —, Freud faz outro relato, de tantas dificuldades e objeções que o método coloca, quando saímos do estado ideal, do doente perfeitamente conduzido ao melhor grau de hipnose (o mais profundo), e sob o grau de maior susceptibilidade, para as circunstâncias um tanto adversas apresentadas pela experiência prática, do cotidiano. Enuncia então o que seria um tratamento ideal.

Nesse ponto do artigo, é interessante notar, através de duas diferentes versões — a portuguesa, na *ESB*, e a castelhana, de Lopez-Ballesteros y de Torres —, como o tempo verbal é modificado. Na versão da *ESB* é utilizado o futuro do pretérito e o subjuntivo, colocando tudo como possibilidade. Na versão castelhana, encontramos os enunciados sempre no presente, seja do indicativo, seja do futuro, colocando tudo como

²² FREUD. *ESB*, VII, 279.

²³ FREUD. *ESB*, VII, 279-80.

estabelecido e já conquistado. O texto em alemão comprova que a versão da *ESB* está mais próxima dos enunciados do escritor, pois utiliza os mesmos tempos verbais, ou seja, os modos que expressam possibilidades, dúvidas, incertezas, intuições. Lemos nesse trecho:

Surgiria assim um padrão simples para o tipo de cura mediante tratamento anímico: o médico poria o doente em estado hipnótico, far-lhe-ia a sugestão, modificada conforme as circunstâncias, de que ele não estava doente, ou de que não sentiria mais seus sintomas ao acordar, depois o acordaria e confiaria na expectativa de que a sugestão cumprisse seu dever contra a doença. E se uma única aplicação desse procedimento não fosse suficiente, ele seria repetido tantas vezes quantas fossem necessárias.²⁴

Parece-nos emblemático esse escrito, como um texto rico em alusões muito caras, muito precisas a desenvolvimentos posteriores, dentre os mais importantes e fundamentais do pensamento freudiano. Nesse sentido, é impressionante verificar a qualidade, o potencial de acerto ou de veracidade no tatear do escritor, como alguém que apalpa no escuro, sonda o desconhecido, através de uma narrativa/especulação que indica vários pontos de não-saber, a partir do já conhecido. Embora pareça uma ótima resenha do estado, então atual, dos conhecimentos sobre *hipnose* e *sugestão*, a escrita aqui porta uma grande força evocadora do que sobrevirá. Desde o primeiro parágrafo, já fica claro o princípio fundamental do que se trata. E o texto é assim concluído:

Podemos antecipar a expectativa segura de que o moderno tratamento anímico sistemático, que representa uma revivescência inteiramente nova de antigos métodos terapêuticos, venha a colocar nas mãos dos médicos armas ainda muito mais fortes para lutar contra a doença. Um discernimento mais profundo dos processos da vida anímica, cujas origens primordiais repousam justamente em vivências hipnóticas, há de apontar os meios e modos de chegarmos a isso.²⁵

Freud já havia apontado, largamente, nos primeiros parágrafos desse texto, as milenares práticas de cura associadas às mais diversas culturas, em contexto quase sempre religioso ou espiritual, nas quais se podia perceber uma estreita ligação com

²⁴ FREUD. *ESB*, VII, p.281.

²⁵ FREUD. *ESB*, VII, p.285.

vários aspectos dos fenômenos da hipnose e sugestão. Por isso ele escreve, aqui, “revivescência de antigos métodos terapêuticos”. No momento em que escreve, porém, ele está experimentando em sua clínica todo o conhecimento adquirido, disponível na época e já com um enfoque científico, dessas práticas. A relação de seus trabalhos, na sinopse que indicamos acima (nota 14), ou na lista de Kohn (1877-1897), mais ampla, mostra, ainda, que ele se dedicou à escrita de vários trabalhos e de traduções de autores franceses, nesses e em outros assuntos. No final de seu artigo, o escritor indica, claramente, que seu olhar está apontando para o futuro, para o que pode advir. Ele já sabe das limitações da hipnose e da sugestão, embora não saiba o que pode substituí-las. Nesse sentido, o *SEELENBEHANDLUNG* é uma verdadeira soletração do desconhecido, um caminho tortuoso, ou um exercício de ampliação, onde não há ainda saber, mas onde já está apontado algo que lhe interessa. Não teria ele escrito, com todas as letras, “mas será preciso tomarmos um caminho indireto (...) para restituirmos às palavras pelo menos parte de seu antigo poder mágico”? Ou, no castelhano, “mas sera necesario que nos explayemos un tanto para explicar como la ciencia ha logrado restituir a la palabra humana una parte, por lo menos, de su antigua forza mágica”?

Como veremos mais adiante, Freud já conduzia tratamentos de doentes nervosos, tendo como base uma atenção inteiramente nova e especial, na fala e nas palavras do paciente. Nesses anos da década anterior a esse artigo, aprendera com Charcot que a histeria é uma afecção psíquica e não simulação — como pensava, quase hegemonicamente, a medicina da época —, e era particularmente susceptível aos efeitos de sugestão sob hipnose; com Bernheim e Liébault, avançara em seus conhecimentos sobre aplicações e limitações da hipnose e sugestão, em estados nervosos ou sadios; com Breuer, soubera de um tratamento inédito: a aplicação da hipnose e da sugestão em um caso de histeria, com efeito catártico.

O desconhecido que acompanha o escritor Freud realmente ainda não tem forma nem conteúdo. Apenas há algo que o sonda, à medida que escreve. A atividade de escrita não pode ser detida, refreada ou atenuada. Vejamos o que ele nos diz, nas passagens de suas cartas — raras e preciosas — dessa época, todas elas dirigidas a Fliess. Na primeira, de 24 de novembro de 1887: “Tenho-me ocupado com a redação simultânea de três artigos, um dos quais se refere à anatomia do cérebro”.²⁶ Em 28 de dezembro do mesmo ano:

²⁶ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.16.

Nessas últimas semanas, atirei-me à hipnose e logrei toda espécie de sucessos pequeninos, mas dignos de nota. Tenciono também traduzir o livro de Bernheim sobre a sugestão. Não me aconselhe em contrário; já estou preso por um contrato. À guisa de recreação, tenho trabalhado simultaneamente em dois artigos, “Anatomia Cerebral” e “Características Gerais das Afecções Histéricas” na medida em que o permitem meus estados mutáveis de ânimo e o trabalho.²⁷

Em 4 de fevereiro de 1888, na terceira carta, novamente a expressão de uma dificuldade inconciliável, mas inexorável, entre os dois trabalhos, o clínico e o de escrita: “visitar e conversar com pessoas para convencê-las e demovê-las de coisas — pois é nisso que consiste minha ocupação — rouba-me o melhor tempo de trabalho. A anatomia cerebral está onde estava, mas a histeria tem progredido e o primeiro rascunho está pronto.”²⁸ Em 28 de maio do mesmo ano: “Tenho uma pequena razão para escrever-lhe, embora pudesse tê-lo feito há muito tempo sem razão alguma.” Na mesma carta: “Neste momento, tenho reclinada diante de mim uma senhora em hipnose e, por conseguinte, posso continuar a escrever em paz.” E, ao final da mesma: “o tempo da hipnose está esgotado. Saúdo-o cordialmente. Com muita pressa, Dr. Freud.”²⁹ Ainda em 1888, mas em 29 de agosto: “Estive em silêncio por muito tempo, mas, afinal, minha resposta se revela impressionante: um livro, um artigo e uma fotografia; não se pode esperar mais nada para acompanhar uma carta.”³⁰

O primeiro não é o primeiro: *ressassement éternel*. Tradução ou criação, teoria ou comunicação pessoal, não se trata disso aqui. Mas a escrita pode mesmo tomar variadas formas de se apresentar. O escritor encontra-se, furtivamente, envolto e assolado por palavras e falas.

²⁷ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.17.

²⁸ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.19.

²⁹ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.21-2.

³⁰ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.23. O livro citado por Freud é sua primeira tradução de Bernheim, *Die Suggestion und ihre Heilwirkung*.

O PRIMEIRO LIVRO

Nous pouvons seulement en conclure que les fibres, arrivant au cortex après passées par les substances grises, conservent encore une relation avec la périphérie du corps, mais ne sont plus capables d'en donner une image topographiquement semblable. Elles contiennent la périphérie du corps comme un poème contient l'alphabet — *pour emprunter un exemple au sujet qui nous occupe ici* — dans un réaménagement qui sert d'autres buts, où les divers éléments topiques peuvent êtres associés de façon multiple, l'un d'eux pouvant y être représenté plusieurs fois, alors qu'un autre pas du tout.³¹

Em 1891 Freud publica “seu” primeiro livro, *Contribution à la conception des aphasies*: une étude critique, cujo título original é *Zur Auffassung der Aphasien*: eine kritische studie.

No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, encontraremos sobre o verbete *afasia*:

1 Rubrica: filosofia.

no ceticismo grego, silêncio filosófico, abstenção consciente de qualquer juízo originada pelo reconhecimento da ignorância a respeito de tudo que transcenda as possibilidades cognitivas do ser humano

2 Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado. Rubrica: neurologia.

enfraquecimento ou perda quase total do poder de captação, manipulação e por vezes de expressão de palavras como símbolos de pensamentos, em virtude de lesões em alguns centros cerebrais e não devido a defeito no mecanismo auditivo ou fonador; logastenia³²

Retenhamos, a princípio, o segundo sentido do termo. O escritor que seguimos até aqui era neurologista e neuropatologista. Podemos dizer que ele utiliza o termo dentro da delimitação que o dicionário acusa. Como vimos, ele estava ocupado com a fala e a palavra. O médico investiga a afecção que acomete uma e outra.

O autor expressou-se, mais de uma vez, sobre suas relações com esse primeiro rebento. Agora que entramos pouco a pouco no universo da fabulosa correspondência de Freud com Fliess, não é mais possível citar todas as referências do escritor sobre sua escrita: isso é permanente e está em toda parte. Bastam-nos, neste momento, as

³¹ FREUD. *Contribution à la conception des aphasies*, p.103.(grifo nosso).

³² HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p.99.

seguintes: “Dentro de poucas semanas darei a mim mesmo o prazer de enviar-lhe um pequeno livro sobre a afasia, pelo qual eu próprio nutro um sentimento caloroso”, em carta de 2 de maio de 1891.³³ Na próxima, de 17 de agosto do mesmo ano, lemos o seguinte começo, que não pode passar despercebido, por motivos óbvios: “Caro amigo e correspondente retardatário/ Até que enfim! Senti medo de ter estragado as coisas com o Sr. *por causa da afasia*, agora, aguardo com interesse sua apreciação, bem como suas objeções.”³⁴ Na importantíssima carta, de 21 de maio de 1894, à qual teremos de voltar mais adiante, encontramos:

Há algo de curioso na incongruência entre o apreço que se dá ao próprio trabalho intelectual e o valor que os outros lhe atribuem. Veja esse livro sobre as diplegias, que arrumei às pressas, com um mínimo de interesse e esforço, quase com frivolidade. Tem alcançado um sucesso tremendo. (...)

E, das coisas realmente boas, como a *Afasia*, as “Idéias Obsessivas”, que agora ameaçam sair em texto impresso, e a futura “Etiologia e Teoria das Neuroses”, nada posso esperar além de um respeitável fracasso.³⁵

Na autobiografia (de 1925), um comentário bastante distanciado, mas com a interessante inflexão sobre as razões dessa escrita: “O fruto *dessa indagação* foi um pequeno livro crítico e especulativo, *Zur Auffassung der Aphasien*.”³⁶

A história registra um grande fracasso: o livro fora esquecido e banido da obra. Jones, escrevendo talvez antes da tradução inglesa do livro, informa: “Dos 850 exemplares impressos, 257 foram vendidos em nove anos, quando o restante foi transformado em pasta de papel. Não há um único exemplar em nenhuma biblioteca da Grã-Bretanha.”³⁷ Em 1953, aparece a versão inglesa, *On aphasia*; em 1973, a francesa — estamos trabalhando com a 4ª edição dessa versão. Grubrich-Simitis informa-nos sobre uma reedição alemã, em formato “livro de bolso”, em 1992.³⁸ Não temos conhecimento

³³ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.28.

³⁴ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.29. (grifo nosso).

³⁵ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.74.

³⁶ FREUD. *ESB*, XX, p.30 (grifo nosso).

³⁷ JONES. *A vida e a obra de Sigmund Freud*, 1, p.223. Esta informação coincide com a de Stengel, em sua introdução à tradução inglesa.

³⁸ GRUBRICH-SIMITIS. *De volta aos textos de Freud*, p.301, na Bibliografia de Freud. No capítulo 3 da parte III de seu livro, a autora faz importantes considerações sobre o livro das afasias, com vistas a uma nova edição crítica das obras de Freud em alemão.

de outras traduções. E o mais inusitado: a própria *SE* inclui, como anexos ao texto metapsicológico “O inconsciente”, de 1915, dois excertos do livro sobre as afasias.³⁹

O editor inglês da *SE* faz uma longa introdução ao que ele próprio denominara “Artigos sobre metapsicologia”, a partir da informação, de Freud — em uma nota de rodapé —, sobre sua intenção de publicar, em forma de livro, o que teria sido “Preliminares a uma metapsicologia”.⁴⁰ Essa publicação nunca chegou a existir, mas cinco artigos escritos em 1915 — segundo Strachey e Jones — foram reunidos sob aquela rubrica. Em sua nota de pé de página, Freud informa: “A intenção da série é esclarecer e levar mais a fundo as suposições teóricas sobre as quais um sistema psicanalítico poderia ser fundado.”⁴¹ Curiosa ressonância da postura do pesquisador, de sua enunciação, em 1915, com aquela outra, ao final do pequeno trecho que destacamos, do artigo sobre hipnose e sugestão, tantos anos antes, em 1890, à página 119 acima, (cuja nota é a 25). E na introdução de Strachey ao artigo “O inconsciente”, encontramos: “Se a série ‘Artigos sobre metapsicologia’ talvez seja considerado como o mais importante de todos os escritos teóricos de Freud, não há dúvida alguma de que esse ensaio sobre ‘O inconsciente’ constitui seu ponto culminante.”⁴²

A edição alemã das obras completas, *Gesammelte Werke*, não trazem esses excertos como apêndices ao artigo metapsicológico “O inconsciente”. Nela tampouco encontramos qualquer denominação que delimite as obras como “psicológicas”, tal como na *SE* e, por extensão, na *ESB*. Aqui entramos numa região obscura, improvável, esquiva, onde não é possível saber detalhes — anódinos ou de importância — sobre os processos tão complexos de definição de um *corpus* da obra. Em algum momento o escritor preocupou-se com isso? Que caminhos tortuosos percorreria a obra que porta seu nome, até seu formato atual, conjunto de tantos livros, difundido pelo mundo antes mesmo de sua morte? E esta última: que efeito exerceu sobre as vicissitudes do percurso da coleção e de seus escritos — *Collected Papers* de 1924 —, após 1939? Pretendendo nos ater aos escritos e à escrita, a que somos nós irremediavelmente expostos? No trabalho de apreender o *matériau* freudiano, Jean-Michel Rey escreve algo que nos interessa aqui:

³⁹ Cf. FREUD. *ESB*, XIV, p.236-245.

⁴⁰ FREUD. *ESB*, XIV, p.123 e 253.

⁴¹ FREUD. *ESB*, XIV, p.253, nota 1.

⁴² FREUD. *ESB*, XIV, p.185.

A titre de rappel ceci: le mot latin *corpus* a une extension tout à fait significative. Il désigne, en effet, le corps, la substance, l'essentiel d'une matière, la personne (l'individu), le cadavre, l'ensemble (le tout), le corps d'ouvrage. *Corpus*, opposé à *anima*, désigne aussi bien le corps vivant que le corps inanimé: ce qui entraîne, comme effet sémantique, que *corpus* signifie aussi tout objet matériel (par différence d'avec ce qui est insaisissable), que le terme s'emploie également pour dire les choses formées d'une réunion.

James Joyce dans *Ulysses*: “*Corpus*. Body. Corpse. Good idea the Latin.” (“*Corpus*. Un corps. Un cadavre. Trouvaille le latin.”)⁴³

O que começamos a vislumbrar são movimentos apreensíveis na movimentação da escrita, num vai-e-vem incontrolável de enunciações e enunciados, interior à experiência de narrar, expor, especular, avançar e recuar, e no ato de grafar tudo isso. A obra ou “As obras psicológicas...” carregam toda a gravidade apontada pelo lembrete, pelo chamamento, de Rey. Um conjunto de escritos, não sem o corpo, não sem o cadáver do escritor. Animada ou inanimada, há uma presença faltante, há o que se toma nas mãos, o que se agarra com os olhos, o que se acredita ouvir, na voz imaginada do escritor, e há o inapreensível, que na palavra francesa traz o rastro significante de *sable*. *Areia*, aquela que nos oferece a ilusão de ser contida, segurada, em seu conjunto, no punhado, com uma tensão mínima entre os dedos cerrados da mão, mas que se esvai, pronta ou lentamente, tão logo qualquer distração ou descuido desvia a força mínima de apreensão. A areia é também o que pode cegar os olhos. Apoiada, inicialmente, num corpo vivo, a escrita, mais adiante, apóia-se sobre nada, sobre o nada, sobre o vazio demarcado pelos despojos: “La présence cadavérique établit un rapport entre ici et nulle part.”⁴⁴

Tradicionalmente, a história de Freud e da psicanálise é dividida — dentre outras formas de fazê-lo —, entre o neurologista e o psicanalista. Com essa divisão coincide uma outra, também bastante difundida, e quase consensual, entre os escritos pré-analíticos e os analíticos. Os defensores dessa forma de considerar a obra argumentam que ele próprio, Sigmund Freud, ao reunir pela primeira vez seus escritos, em 1924, nos *Collected Papers* (Nova Iorque, Londres e Viena) e nos *Gesammelte Schriften/GS* (Viena), fora bastante incisivo sobre isso, e mesmo muito antes, na época em que grande parte de seus esforços estavam voltados para a defesa da psicanálise contra os

⁴³ REY. *Le matériau freudien*, p.14-5.

⁴⁴ BLANCHOT. *L'espace littéraire*, p.344.

ataques ostensivos e constantes que sofria. Esses ataques começaram logo que a psicanálise, já fundamentada em escritos e experiências de peso, ultrapassou o círculo restrito de seu fundador e de seus primeiros aprendizes e colaboradores, ganhando, rapidamente, extenso terreno no campo terapêutico das afecções nervosas e psiquiátricas, nos anos 10 e 20.

O livro das afasias fora renegado, precisamente, porque considerado uma obra do Freud neurologista, e, portanto, um livro da fase pré-analítica. E assim somos conduzidos, mais uma vez, à questão da origem. Uma interessante passagem, sobre os impasses da questão da origem, pode ser encontrada num autor, que, não obstante, escreve sobre o período pré-analítico de Freud, mas o articulando a outras questões: o *witz* e o *íidiche*. Ele esclarece que se além às indicações do próprio escritor, uma vez que o conjunto com o qual trabalha — o “pré-analítico”, os escritos do período 1877-1897 — fora excluído, por ele mesmo, da obra. Corpo presente, cadáver ausente — ou o contrário, em forma de um quiasma? Max Kohn escreve:

Dans le préanalytique nous assistons à des déplacements de mots et d’objets où le resserement du sujet de l’énoncé au sujet de l’énonciation se fait pas à pas, chaque travail de Freud tenant compte du frayage du travail précédent, et où la désignation de l’existence de l’inconscient à partir de l’hystérique n’est que la désignation par un concept du trajet hystérique de Freud dans les sciences, même s’il est pris sous un registre obsessionnel. L’autoanalyse ne saurait être l’événement fondateur de la psychanalyse, jalonnée qu’elle est au contraire dans sa naissance par une série d’événements de discours qui introduisent à chaque fois une rupture (Anzieu). Il n’y a pas de coupure épistémologique absolue dont un événement serait la trace une fois pour toutes, par exemple selon Anderson le moment où Freud utilise pour la première fois le terme psychanalyse em 1896; ou pour Nassif le moment où Freud parle pour la première fois d’appareil de langage, em 1891, à propos de l’aphasie, comme si Freud n’entretenait pas avant um rapport original au langage dans la langue allemande.⁴⁵

Essa passagem é rica em indicações de uma justa maneira de tomar a tarefa de pensar a origem: não há corte epistemológico que a indique, não há eventos específicos

⁴⁵ KOHN. *Freud et le Yiddish*, p.85-6. As obras citados por Kohn nesse trecho são: ANZIEU. *L’auto-analyse de Freud*, 1959; ANDERSON. *Studies in the prehistory of psychoanalysis*, 1962; NASSIF. *Freud, l’inconscient*, 1977.

que tomem seu lugar, não há cessação do passo a passo, do encadeamento do traçado e das trilhas no trabalho do escritor. Cada escrito de Freud abre caminhos e exige outros. Além disso esses escritos apontam, senão para a primazia da enunciação, pelo menos para a maneira como ela se impõe, o que nos atrai para as questões da forma, ou pelo menos não as deixa permanecer relegadas a planos tão secundários. A pequena revisão que fizemos sobre as relações de Freud com a literatura já havia deixado claro que isso não seria possível. A escrita de Freud porta essa força em sua experiência, aquilo de que ele fala estando, sempre, cerradamente, associado à forma com que o faz.

Para Kohn, a relação original do escritor com a língua alemã é da estrutura do *witz*, e de sua relação (dele, Freud) com o iídiche, como língua recalcada por seus antepassados. Mas veremos, ao final de seu trabalho, como esse pesquisador também se desloca, da percepção do imaginário de uma escrita freudiana amparada pela presença do autor — corpo vivo, corpo da obra — para a percepção de uma outra experiência, que não nos exime, e a nenhum outro leitor, da tarefa de continuá-la, continuar a especificidade da obra: a psicanálise e sua escrita. Ao final de seu livro, Kohn escreve:

Nous partions à la recherche d'un corps vivant, et n'avons rencontré qu'un cadavre; il nous en a fallu faire l'autopsie pour savoir ce qu'il y avait d'irréductible qui a fait la psychanalyse.

Et nous demeurons devant une énigme: Freud aurait pu ne pas être. Aucune archéologie du savoir ne saurait servir de fondement à la psychanalyse. Son moment inaugural est à produire et non à retrouver.⁴⁶

Tentamos aqui, não obstante, desvelar uma outra relação do autor com a língua: aquela que se apresenta como experiência de escrita. Não podemos dizer que não há corpo, esse corpo eternamente dilacerado, que aparece nas cartas o tempo todo queixando-se de si mesmo; nem que não haja intervalo, demarcado pelo corpo que já não se queixa — cadáver —, presença entre aqui e parte alguma, sendo, pois, um intervalo sem começo nem fim. Impossibilidade de morrer, dirá Blanchot, em várias passagens, morte sem fim, continuará, ele mesmo, escrevendo. Impossibilidade de escrever, única possibilidade de fazê-lo.⁴⁷

⁴⁶ KOHN. *Freud et le yiddish*, p.256.

⁴⁷ Cf. o artigo de Vania Baeta, De uma morte sem fim. In: BRANCO, BARBOSA, SILVA (Orgs.). *Maurice Blanchot*, p.71-8.

No livro das afasias, Freud, segundo Ernest Jones, “possui o raciocínio cerrado, a lucidez, a argumentação persuasiva e desencadeadora de pensamento, a discussão imparcial de objeções e a notável capacidade de ordenação de seu material que se tornaram tão característicos de seus textos”.⁴⁸ Um exemplo da linguagem utilizada por Freud nesse livro é o que se segue:

Je voudrais maintenant faire remarquer que les nouvelles acquisitions de l’anatomie cérébrale ont rectifié certains points essentiels de la conception *meyertiennne* de la structure du cerveau et ont mis en question le rôle qu’il attribuait au cortex. Ces corrections sont liées surtout au parcours de la voie la plus importante et la mieux connue qui va du cortex aux muscles du corps. Tout d’abord on ne conçoit plus le corps strié comme un ganglion interrompant le faisceau moteur. Les cliniciens, Charcot en tête, ont montré qu’une lésion de celui-ci n’était redevable de son influence sur la motilité qu’à sa promiscuité avec la dite capsule interne, tandis que les lésions du ganglion, sans influence sur la capsule interne, ne pouvaient provoquer aucune paralysie. Wernicke a prouvé alors qu’il manquait...⁴⁹

Se voltamos agora à citação que abre essa seção sobre o primeiro livro, haveremos de estranhar a frase destacada: *pour emprunter un exemple au sujet qui nos occupe ici*.

Em resumo, Freud passa em revisão toda a literatura médica mais atualizada e disponível sobre a questão das afasias, analisa suas pertinências, suas contradições e suas insuficiências, e por fim se posiciona — em franco desacordo com as autoridades no assunto —, propondo uma concepção *funcional* do aparelho de fala, em lugar da concepção *anatômica*, ou seja, aquela que postula haver regiões do Sistema Nervoso Central responsáveis por cada componente do complexo da fala, e, por conseguinte, com a possibilidade de relacionar cada distúrbio da fala com a lesão de sua região específica.

Para o autor, o funcionamento não obedece a localizações, mas às inumeráveis formas com que elas se ligam ou deixam de se ligar. Surge aqui a importante noção de *associação*. E outra mais: a de *representação*. E ainda outra: a de *rearranjo*. E no trecho que estamos lendo, o que se discute é, nada menos, que a maneira como *o corpo é representado* pelas fibras nervosas que partem de sua periferia para o centro nervoso, o cérebro. Não há como não ver aqui o deslocamento do raciocínio, a irrupção de uma

⁴⁸ JONES. *A vida e a obra de Sigmund Freud*, v.I, p.221.

⁴⁹ FREUD. *Contribution à la conception des aphasies*, p.98.

idéia nova, mas também das palavras, como já havia escrito Kohn. E o mais espantoso: como é que — muito além da idéia inteiramente nova da ênfase na função — aparecem, irrompem, em meio ao raciocínio mais cerrado e fiel às descrições médico-científicas da época, com a densidade de manejo do material que ocupa o escritor, como é que surgem as palavras *alfabeto, poema*? E qual é, precisamente, o assunto ou o objeto que ocupava ali o escritor? Anatomia cerebral, fibras nervosas, feixes de fibras, substância cinzenta, córtex, subcórtex, medula? Ou, alfabeto, poema, representação do corpo, formas diversas de rearranjos: *pour emprunter un exemple au sujet qui nos occupe ici*. Ambigüidade, equívocidade, imprecisão. Abertura.

É intrigante depararmo-nos com um tal livro, numa época em que Freud ocupava-se de tratamentos nervosos, com sua confessa dificuldade para levar seus doentes a níveis profundos de hipnose e mesmo já tendo expressado sua consciência em relação a limitações realmente desencorajadoras sobre sua ineficácia, assim como da sugestão. Talvez ele estivesse, realmente, preocupado com a questão mais central, mais essencial de seu trabalho: as palavras e a fala. E suas afecções: as afasias.

A parte desse livro que mereceu alguma atenção dos seguidores mais próximos de Freud — aqueles que se responsabilizaram, de alguma forma, por sua obra —, foi seu esquema das representações de palavra e de objeto, e como elas se relacionam. Esta foi uma das partes anexadas ao artigo metapsicológico “O inconsciente” (além de uma outra, em que Freud rende homenagem ao grande neurologista inglês, Hughlings-Jackson, com a concepção do “paralelismo psicofísico”). É a partir da crítica à concepção de “projeção” das fibras nervosas da periferia para o centro que Freud retoma e reinveste uma noção que tomara de empréstimo a Franz Brentano: *Vorstellung*. A partir daí, as afasias serão definidas de acordo com os funcionamentos de, e entre, *Dingvorstellung* (representação de coisa) e *Wortsvorstellung* (representação de palavra).⁵⁰ Segundo Claudia de Moraes Rego, Freud, aqui, avança em relação ao uso do conceito de *representação*. Ela diz: “A *Vorstellung* não é um ícone do objeto, mas uma associação de imagens; é, portanto, complexa. E relaciona-se com outras representações que são também complexas.”⁵¹ Vários são, portanto, os componentes de cada uma dessas duas representações: de palavra e de objeto. A ligação entre uma e outra é feita, pela *imagem sonora* da representação-palavra com a *imagem visual* da

⁵⁰ FREUD. *Contribution à la conception des aphasies*, p.127.

⁵¹ REGO. *Traço, letra, escrita*, p.92.

representação-coisa. Há, então, privilégio do *acústico* da palavra, e privilégio do *visual* do objeto.⁵²

A maioria dos comentadores da obra de Freud localiza o livro das afasias como o ponto de partida da longa e complexa teorização axial da psicanálise: a metapsicologia.⁵³ Rodrigué utiliza algumas interessantes expressões para qualificar esse livro: “um mirante do inconsciente”; “concepção que se adianta em cinco anos as idéias do ‘Projeto’”; “momento onde a fala começa a falar-se”; “o discurso afásico não alcançou o estatuto do ‘discurso histérico’, ainda que sua antecipação seja hoje em dia evidente.”; “aí estava o *quid* da questão”⁵⁴. Podemos ver, nas palavras de Rodrigué — ao longo do capítulo que ele dedica a esse livro de Freud —, um certo cuidado, uma certa esquivia em determinar o começo da psicanálise, ainda que ele observe que “a fala começa a falar-se”. Trata-se, aí, de uma referência ao movimento em espelho — *mis-en-abîme*? De qualquer maneira, em outro ponto de seu capítulo — designado, em seu livro, de “O aparelho da linguagem” —, Rodrigué diz que esse livro “marcará o início da obra freudiana”. Já vimos, por todo o percurso que fizemos até aqui, que isso também é insustentável. Afinal, onde começa a obra? Onde começa a experiência que a ela conduz, ou que a sustém? Pronunciando-se sobre aquele trecho das *Afasias*, com que iniciamos aqui nosso comentário — alfabeto, poema, rearranjo, associação, representação —, Patrick Lacoste escreve: “Modèle de pensée qui donnera lieu à la conceptualisation du travail du rêve... et à l’aventure épique de l’écrit freudien.”⁵⁵

Há um momento, no livro das afasias, em que Freud introduz a questão da *representação de palavra* e escreve: “nous voulons séparer autant que possible le point de vue psychologique du point de vue anatomique”.⁵⁶ Eis aqui um passo claramente definido, precisamente enunciado, ainda que na forma de uma possibilidade. Ao contrário de outros, em que não se pode captar precisão alguma, nenhuma inequivocidade. Mas, em 1915, no artigo metapsicológico “O inconsciente”, a correspondência anatômica das instâncias psíquicas, já então formuladas — consciente e

⁵² Sugerimos ao leitor visualizar o esquema proposto por Freud, que pode ser encontrado à p.244, em FREUD. *ESB*, XIV.

⁵³ Cf. FREUD. *ESB*, XIV, p.293, onde, ao final dos “Artigos metapsicológicos”, encontramos uma “Relação dos trabalhos de Freud que tratam principalmente da Teoria Psicológica Geral”, começando com o “Projeto para uma Psicologia Científica”, de 1895, e terminando com “Algumas lições elementares de psicanálise”, de 1938.

⁵⁴ RODRIGUÉ. *Sigmund Freud*, v.I, p.260, 262, 264, 265.

⁵⁵ LACOSTE. Préparations anatomiques: en lisant Freud - Contribution à la conception des aphasies. *L’écrit du temps*, n. 6, p.120.

⁵⁶ FREUD. *Contribution à la conception des aphasies*, p.122.

inconsciente — com o córtex e o subcórtex cerebral, respectivamente, será considerada impossível, mas com uma ressalva. Ele escreve (em 1915): “Nossa tópica psíquica *por enquanto* nada tem a ver com a anatomia; ela se refere a regiões do aparato psíquico, onde quer que elas de fato possam estar localizadas no corpo, e não a localizações anatômicas”.⁵⁷ Notável esta última frase. Soa como um passe, não de mágica, mas da magia das palavras e da enunciação: localizar-se no corpo, sem relação alguma com a anatomia.

Vemos, então, o escrito de 1915 confirmar o que o de 1891 já intuía. Assim caminha a escrita, porque faz avançar a experiência. A última frase de Freud, nas *Afásias*, é bastante condensada, mas igualmente aberta: “Il nous semble maintenant que l’importance du facteur de la localisation pour l’aphasie a été exagérée et que nous ferions bien de nous occuper à nouveau des conditions fonctionnelles de l’appareil du langage.”⁵⁸ Com relação a esse aspecto, Cláudia Moraes Rego avança num sentido que lhe parece inevitável: “Em seu conhecido esquema (ver nota 52), é forçoso deduzir que o psíquico coincide com a linguagem.”⁵⁹ Esta seria já uma condição para o passe de enunciação de 1915, e mesmo de outros, anteriores aos artigos metapsicológicos.

OUTRO PRIMEIRO LIVRO

Nas férias de verão do ano de 189.. fiz uma excursão ao Hohe Tauern para que por algum tempo pudesse esquecer a medicina e, mais particularmente, as neuroses. Quase havia conseguido isso quando, um belo dia, desviei-me da estrada principal para subir uma montanha que ficava um pouco afastada e que era renomada por suas vistas e sua cabana de hospedagem bem administrada. Alcancei o cimo após uma subida estafante e, sentindo-me revigorado e descansado, sentei-me, mergulhando em profunda contemplação do encanto do panorama distante. Estava tão perdido em meus pensamentos que, a princípio, não relacionei comigo estas palavras, quando alcançaram meus ouvidos: “O senhor é médico?” Mas a pergunta fora endereçada a mim, e pela moça de expressão meio amuada, de talvez dezoito anos de idade, que me servira a refeição e à qual a proprietária se dirigira pelo nome de “Katharina”. A

⁵⁷ FREUD. *ESPI*, 2, p.27.

⁵⁸ FREUD. *Contribution à La conception des aphasies*, p.155.

⁵⁹ REGO. *Traço, letra, escrita*, p. 92.

julgar por seus trajes e seu porte, não podia ser uma empregada, mas era sem dúvida filha ou parenta da hospedeira.

Voltando a mim, respondi:

— Sim, sou médico, mas como você soube disso?

— O senhor escreveu seu nome no livro de visitantes. E pensei que, se o senhor pudesse dispor de alguns momentos... A verdade, senhor, é que meus nervos estão ruins. Fui ver um médico em L — por causa deles, e ele me receitou alguma coisa, mas ainda não estou boa.

Assim, lá estava eu novamente às voltas com as neuroses — pois nada mais poderia haver de errado com aquela moça de constituição forte e sólida e de aparência tristonha. Fiquei interessado ao constatar que as neuroses podiam florescer assim, a uma altitude superior a 2.000 metros; portanto, fiz-lhe outras perguntas. Relato a conversa que se seguiu entre nós tal como ficou gravada em minha memória, e não alterei o dialeto da paciente.⁶⁰

Esse trecho foi tomado ao acaso e é o início de um dos relatos que Freud faz no livro *Estudos sobre a histeria*. Nada, nesse trecho, faz alusão a um livro científico, ou a uma forma de escrever própria aos médicos vienenses do final do século XIX. Mais parece um diário ou uma carta, ou um fragmento de conto ou romance. A narrativa segue em forma de diálogo — entre o escritor e a personagem que o aborda —, por mais algumas poucas páginas, em meio a reflexões, algumas poucas considerações de ordem teórica que compareciam à memória do autor, assim como algumas hesitações diante do fato tão inusitado daquela cena, que o tomara tão repentinamente. Em certa altura, o diálogo dá lugar ao discurso indireto: “*Eu* também não tinha nenhuma idéia. Mas disse-lhe que continuasse e que me contasse qualquer coisa que lhe ocorresse... Bem, ela passou a descrever como afinal havia contado sua descoberta à tia...”⁶¹ Ao final, uma página e meia de “discussão”, onde o autor articula hipóteses teóricas mais gerais com o relato que a “moça de expressão meio amuada” lhe fizera. Esse é o “caso” mais curto do livro e, por isso mesmo, considerado exemplar por alguns estudiosos. Exemplar da maneira de Freud fazer um relato, com todos os elementos que lhe interessam e com o ponto de chegada assegurado acerca de seu raciocínio.

Srta. Anna O., Sra. Emmy Von N., *Miss* Lucy R., Katharina___, Srta. Elisabeth von R.: estas são as protagonistas do livro. Pseudônimos famosos de heroínas dos

⁶⁰ FREUD. *ESB*, II, p.143.

⁶¹ FREUD. *ESB*, II, p.146-7.

inícios, dos começos — *hasard des commencements* — da psicanálise. O trecho destacado acima é do caso 4, mais conhecido como “caso Katharina”.

Editado em 1895, esse livro tem uma história não menos peculiar do que tantas outras, de outros dos livros de Freud. Muitos pesquisadores e historiadores o consideram como o livro inaugural da psicanálise.⁶² Sua história é relatada em todas as biografias de Freud, e em muitos outros estudos de história ou de exegeses. Uma boa forma de escrever aqui alguns momentos cruciais dessa história — apenas alguns — é retornarmos àquela carta em que Freud lamentava-se, à noiva, do fato de ser médico ou escritor, e não jardineiro; madrugada de 13 de setembro de 1883: a certa altura — Freud está relatando a visita que acabara de fazer a seu amigo Joseph Breuer —, a carta diz o seguinte: “tivemos uma longa conversa médica sobre a insanidade moral, doenças nervosas e casos clínicos estranhos — sua amiga Berta Pappenheim também veio à baila”.⁶³ Casos estranhos; insanidade moral; uma amiga de Marta.

Entre 1880 e 1882, Breuer trata a Srta. Berta de uma maneira até então jamais conhecida, utilizando-se de uma mistura de hipnose, atenção especial aos relatos que a moça fazia, numa extensão também inusitada da anamnese e do tempo dispendido em cuidados a ela, além de inumeráveis outras ramificações que fazem, desta, a história mais complexa e também inaugural de alguma coisa, como veremos. Assim, naquela visita a Breuer, a história chega aos ouvidos do jovem Freud, que fica intensamente impressionado com todo o relato.

Em 1886, como já vimos, o neurologista inicia sua clínica particular em Viena, dedicada ao tratamento de doenças nervosas. No ano anterior havia estudado com Charcot em Paris e com Bernheim e Liébault em Nancy, aprofundando conhecimentos sobre hipnose e sugestão. Não sabemos precisamente quando foi que o neurologista iniciou prática semelhante às descritas por seu amigo Breuer, mas a relação de seus trabalhos escritos ao longo da década de 1880 revela um grande interesse pela *histeria*, além dos que já ressaltamos. Mais de um artigo dessa época foi dedicado a essa “doença nervosa”, e todos com um grau bastante elevado de acuidade e cuidado clínicos.

Nos *Estudos sobre a histeria*, Freud relata quatro casos, além de fragmentos de mais outros três. A cronologia desses casos é ligeiramente variante, mas cobrem o período entre 1888 e 1893. Em 28 de junho de 1892, em carta a Fliess, lemos: “A razão

⁶² Cf. GRUBRICH-SIMITIS. *Freud: primeiros textos e textos da maturidade*, ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise*, verbete *Estudos sobre a histeria*; MAHONY. *Sobre a definição do discurso de Freud*.

⁶³ FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*, p.59.

de eu lhe escrever é que Breuer me declarou sua disposição de publicarmos juntos nossa teoria pormenorizada da ab-reação, bem como nossos outros chistes (*Witze*) em comum sobre a histeria.”⁶⁴ É, no mínimo, curiosa a afirmação do editor da correspondência completa entre Freud e Fliess, pois não encontramos nenhuma outra referência, nos vários fragmentos que compõem os esboços e as versões da “Comunicação preliminar” — assinada em 1892, mas publicada em janeiro de 1893 — sobre o *Witz*. Derrisão, ironia, sarcasmo de Freud? Talvez.

Nas circunstâncias da época, a “teoria pormenorizada da ab-reação” bem podia soar mesmo como um chiste, uma piada, mais ou menos espirituosa. De fato, a descoberta era tão significativa, tão fenomenal, tão assustadora para os próprios médicos que exigiu a soma de muitas características de dois grandes homens: a experiência clínica de um e a voracidade de saber de outro; a prudência de um e a impetuosidade de outro. Mesmo assim, a história registrou muitas hesitações, muitas relutâncias entre acreditar e não acreditar, entre atribuir descobertas, responsabilidades, ousadias, delírios teóricos, criação, invenção, a um e a outro, ora a um, ora a outro, e, por tudo isso, a disposição anunciada na carta fora tomada, por Freud, com grande satisfação, ainda mais considerando a possibilidade de tudo isso inscrever-se no terreno de um grande *Witz*.

Em 12 de junho de 1892, em carta a Fliess: “Minha histeria, nas mãos de Breuer, foi transformada, ampliada e restrita e, nesse processo, evaporou-se parcialmente. Estamos escrevendo a coisa juntos, cada qual trabalhando por seu turno em diversos capítulos que ele assinará, mas ainda em completo acordo.”⁶⁵ Há poucas referências diretas, nas cartas de Freud a Fliess, sobre o processo de escrita de seus artigos nesse livro. Mas os anos 93 e 94 são de intenso trabalho teórico, além do atendimento clínico. Em 11 de dezembro de 1893, Freud escreve: “Estou literalmente carregado de novidades sobre as neuroses e neuropsicoses, mas é tudo ainda bastante caótico. Agora mesmo estou escrevendo o trabalho sobre a histeria, que não será ruim.”⁶⁶ Constatamos, realmente, uma intensa produção teórica, que pode ser verificada em sete “esboços” ou “rascunhos”: de A a G, conforme convencionou-se denominá-los na *SE*. Mesmo assim, em 22 de junho de 1894, ele escreve ao amigo: “O livro que estou preparando com

⁶⁴ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.31. O editor explica, em nota de rodapé: “O texto impresso em *Anfänge* diz *Mitteilungen*, mas, na verdade, o manuscrito traz a palavra *Witze*.” [*Mitteilungen* significa “comunicações, informações, participações.”]

⁶⁵ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.32.

⁶⁶ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.63.

Breuer conterà cinco casos clínicos, um ensaio dele, do qual me dissocio inteiramente, sobre as teorias da histeria (sumariamente e crítico), e um de minha autoria sobre terapia, que ainda não comecei.”⁶⁷ E nas vésperas do envio do livro ao editor, em 8 de março de 1895: “estou agora escrevendo, página após outra de ‘A Terapia da histeria’”.⁶⁸

O livro é, pois, uma obra conjunta de Freud e Breuer. A relação dos dois autores, assim como a parte que cabe a cada um, a diversa postura de um e de outro, as apostas quanto ao futuro científico..., tudo isso tem sido enormemente explorado por quem se dedica a estudar mais a fundo os *Estudos sobre a histeria*. O livro foi publicado em 1895, em co-autoria. As edições alemãs de 1909, 1916 e 1922 não continham alterações, mas, nos *GS*, de 1925, e nas *GW*, de 1952, as contribuições de Breuer foram retiradas (o caso de Anna O. e um capítulo teórico). Na *SE*, com a tradução de Strachey, a composição original foi retomada. A *ESB* publicou, no volume I, “Esboços para a ‘comunicação preliminar’ de 1893”; no volume II, os *Estudos sobre a histeria*, de Breuer e Freud. O primeiro caso clínico é o da paciente “Anna O.”, de Breuer, talvez a mais conhecida das histéricas pioneiras da psicanálise.

Os principais aspectos teóricos: o *princípio de constância* (o esforço do aparelho psíquico na manutenção do nível de tensão o mais baixo possível, ou pelo menos constante); a *ab-reação* (processo pelo qual ocorre descarga afetiva ligada a fatos traumáticos, tendo como resultado a anulação do potencial patogênico de tais fatos, ou ocorrências); o *método catártico* (a ab-reação das diversas vivências traumáticas).

O memorável filme *Freud, além da alma*, de John Huston, com roteiro de Jean-Paul Sartre, mostra uma bem montada composição de alguns dos casos clínicos relatados nesse livro, com maior ênfase para o de Anna O. (O filme não se restringe aos casos clínicos, mas aborda os primórdios da nova ciência e prática clínica, nos acontecimentos envolvendo os trabalhos de Freud mais conhecidos do período das décadas 80 e 90 do XIX).

A novidade era a forma de tratar doentes nervosos e, mais ainda, a forma de escrever-lhes a narrativa. Uma e outra coisa se entrelaçam, compõem-se conjuntamente. Nunca, antes disso, as “anamneses” foram tão estendidas. Nem poderíamos, rigorosamente, denominar o que ocorria nos diálogos entre médico e doente, como

⁶⁷ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.83.

⁶⁸ FREUD. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p.119. Esta é a parte teórica, escrita por Freud, além dos casos clínicos, dos *Estudos sobre a histeria*.

anamnese. O procedimento, que em seu início não diferia de uma conversa comum, tradicional entre um médico cuidadoso e seu paciente, estendia-se de uma forma em que o doente era estimulado intensamente a completar lacunas de seu relato com um esforço da memória, era chamado a reconstituir as histórias de seus sintomas, histórias que muitas vezes se enovelavam, enredavam-se com ramificações estranhas, aparentemente bizarras, mas que, com o seu avanço, acabavam por demonstrar conexões de impressionantes conotações semânticas e, por fim, faziam sentido.

Enfim, os sintomas tinham histórias e estas podiam ser relatadas. As pacientes eram estimuladas a fazer esses relatos e os médicos, com a finalidade e a decisão de comunicar tudo isso ao mundo científico — com a consciência da gravidade do acontecimento em que estavam envolvidos —, não podiam, absolutamente, isentar-se de, eles próprios, refazerem esses relatos. Entretanto, refazer aqueles relatos — tão contundentes, envolvendo uma gama tão ampla de sintomas, em suas formas e suas gravidades, representando uma enorme fatia do que já era conhecido pela semiologia médica, mas em campos tão diversos, das várias especialidades já delimitadas, e com as combinações as mais inusitadas —, relatos que mergulhavam na história, nas histórias mais pessoais e íntimas das doentes, e ainda declarando desejos inconfessáveis, despertando sentimentos e reações absolutamente fora do controle delas mesmas e dos médicos, refazer esses relatos não era, não seria qualquer coisa.

Entre procedimento e método, cabe ressaltar a inevitabilidade de algo mais. Alguma força, alguma decisão, insistência, exigência. O método, enfim, caracterizou-se, a partir de um de seus efeitos mais proeminentes: a *catarse*, o método catártico.

A historiografia é profusa em afirmar que Breuer abandonara o procedimento, após o tratamento de Anna O., e especular sobre seus motivos. Freud, contudo, interessou-se cada vez mais, sentindo-se tragado pelos acontecimentos, reconhecendo sua absoluta novidade e, ao mesmo tempo, sendo capaz de sustentar e enriquecer suas premissas: a principal delas sendo a íntima decisão de não recuar, subjetivamente, aos desafios que os relatos e as atitudes das doentes apresentavam ao médico, a quem eram claramente dirigidos. Sobre esse ponto, encontramos uma das primeiras manifestações de Lacan, comentando os *Estudos sobre a histeria*, no primeiro seminário que dele foi conservado — o livro I, “os escritos técnicos de Freud” —, em aulas dos dias 20 e 27 de janeiro de 1954, e já dentro do grande acontecimento por ele designado como “retorno a Freud”:

Freud était engagé dans la recherche d'une vérité qui l'intéressait lui-même totalement jusque dans sa personne, donc aussi dans sa présence au malade, dans son activité, disons, de thérapeute — encore que le terme soit tout à fait insuffisant pour qualifier son attitude. Au dire de Freud lui-même, cet intérêt a donné à ses rapports avec ses malades un caractère absolument singulier.⁶⁹

Estranha conjunção, entre uma descoberta clínica que mudou para sempre a história da civilização e o escritor. O escritor desdobra a experiência, apropria-se inteiramente dela, o que significa, e inclui, como vimos, o ato que o caracteriza como tal, a *escritura*. Ainda nas palavras de Lacan, na mesma ocasião apontada acima: “L’analyse est une expérience du particulier. L’expérience vraiment originale de ce particulier prend donc une valeur encore plus singulière.”⁷⁰

Entendemos, então, o fato de esse livro e os eventos que o tornaram possíveis estarem, permanentemente, ligados aos começos da psicanálise. Ao contrário do livro das *Afásias, Estudos sobre a histeria* pode ser lido como romance. E não se trata, aqui, de novidade para Freud, pois mesmo tendo ele declarado: “ainda me causa estranheza que os relatos de caso que escrevo pareçam contos”,⁷¹ Roudinesco o compara com obras de Flaubert e Balzac; Rodrigué aproxima a idéia de “insanidade moral” (expressão que aparece na carta de Freud a Marta, em 1883) dos autores alemães, do “bovarismo” da psiquiatria francesa, ou seja, as mais variadas descrições de comportamento e formas de ser e sentir — sem qualquer evidência de vinculação a quadros patológicos, mas que ao mesmo tempo, não tinham lugar entre o normal e o doentio —, amplamente observados na sociedade e descritos na literatura do XIX.⁷² Para o mesmo autor, a “insanidade moral” teria antecipado o que veio, ao final do XIX, a constituir a categoria das “doenças nervosas”.⁷³

Outro exemplo ao acaso:

1º de maio de 1889. — Essa senhora, quando a vi pela primeira vez, estava deitada num sofá com a cabeça repousando numa almofada de couro. Parecia ainda jovem e as feições eram delicadas e marcantes. O rosto tinha uma expressão tensa e penosa, as pálpebras estavam cerradas e os olhos, baixos; a testa apresentava profundas

⁶⁹ LACAN. *Le séminaire*, Livre I, p.37-8.

⁷⁰ LACAN. *Le séminaire*, Livre I, p.38.

⁷¹ FREUD. *ESB*, II, p.172.

⁷² Cf. ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise*, p.204, verbete *Estudos sobre a histeria*; RODRIGUÉ. *Sigmund Freud*, v.I, p. 285-6.

⁷³ RODRIGUÉ. *Sigmund Freud*, v.I, p.285-6.

rugos e as dobras nasolabiais eram acentuadas. Falava em voz baixa, como se tivesse dificuldade, e a fala ficava de tempos em tempos sujeita a interrupções espásticas, a ponto de ela gaguejar. Conservava os dedos firmemente entrelaçados, e eles exibiam uma agitação incessante, parecida com a que ocorre com a atetose.

Tomei conhecimento do seguinte sobre as circunstâncias de sua vida: sua família era originária da Alemanha Central, mas duas de suas gerações haviam fixado residência nas províncias bálticas da Rússia, onde possuía grandes propriedades. Ela era a décima terceira de quatorze filhos. Apenas quatro dentre eles sobreviveram. A paciente recebeu uma educação cuidadosa, mas sob a disciplina rígida de uma mãe excessivamente enérgica e severa. Quando contava vinte e três anos...⁷⁴

Este é um trecho do caso de Emmy Von N. O que leva o escritor a uma tal riqueza de detalhes, na descrição da personagem que pouco a pouco entrará num longo e tortuoso *script*, exemplar do que se designou, na época, como *histeria*? Em vários de seus trabalhos e em várias notas dos editores, ficamos sabendo da freqüente “demora”, de um freqüente intervalo, entre o término da escrita de um artigo ou livro e seu envio para a publicação. Voltaremos a isso, a propósito de outros momentos da escrita freudiana. Quanto aos casos clínicos, sabemos que são grandes construções narrativas, que resultam, em última instância, de criações fictícias, que se prestam à necessidade de comunicação, circulação, transmissão. Entre o gesto ficcional mínimo, de utilizar pseudônimos para as pacientes cujas histórias clínicas são relatadas, e a extensão e profundidade de descrições e narrativas, como a que acabamos de apreciar, muita escrita, muita “literatura secundária”,⁷⁵ não pôde deixar de se forjar. Talvez trate-se de uma força irrefreável da escrita. Quanto a Freud, temos visto continuamente a ação dessa força. E, nesse caso específico dos relatos clínicos que fizeram a história mais precoce da psicanálise — ao lado de tantos outros escritos, em dura linguagem técnico-científica —, o fato de tornarem-se paradigmáticos e fundadores está intimamente relacionado a sua escrita.

História de histórias: escrita de escritas: Anna O. — celebrizada com a expansão e crescimento da psicanálise como experiência, como disciplina teórica e prática —, uma vez desvendada sua verdadeira identidade, decide negar, veementemente, toda a construção escritural da qual fora suporte, principalmente quanto a sua suposta cura.

⁷⁴ FREUD. *ESB*, II, p.79-80.

⁷⁵ A expressão é de GRUBRICH-SIMITIS em *Freud: primeiros textos e textos da maturidade*, p.43.

Roudinesco manifesta-se sobre o aspecto paradoxal da construção ficcional, na avaliação que faz do primeiro livro clínico de Freud:

Sob esse aspecto, esse grande livro inaugural é realmente a expressão de uma divisão que separa a história da loucura da história da psicopatologia. Sabe-se, com efeito, que a consciência crítica do estudioso não é da mesma natureza que a consciência trágica do doente ou do louco. Por conseguinte, todos os estudos de caso se constroem como ficções destinadas a validar as hipóteses dos estudiosos, e um caso só tem valor de verdade por ser redigido como uma ficção. Daí as revisões necessárias, que em geral evidenciam o quanto o doente real rejeita a roupagem da ciência e a validade do discurso científico, do qual se sente vítima. Assim, a verdadeira Bertha Pappenheim negaria permanentemente ter sido Anna O.⁷⁶

A revelação foi feita por Jones, em 1953, no volume I da grande biografia, e causou um misto de espanto, revolta e exultação. Ou seja, setenta anos após a menção que Freud faz, na carta endereçada a sua noiva, num momento em que nem ele, nem Breuer, nem literatura secundária, nem futuro gráfico-textual algum pudessem prever o *script* dessa odisséia. Entre a primeira menção ao nome de Bertha Pappenheim sob a caneta de Freud e sua figuração na biografia do fundador da psicanálise, um pseudônimo ocupou o jorro ficcional que jamais deixou de assediar a verdade. Mas “a verdade tem estrutura de ficção”, dirá Lacan.

Na primeira edição, de 1895, o prefácio é assinado conjuntamente pelos dois autores. Nele é reafirmada a importância da “Comunicação preliminar”, de 1893, e são fornecidas algumas explicações sobre dificuldades da publicação. As dificuldades referem-se à seleção do material clínico, principalmente aos eventos de natureza sexual, o que exigiu a renúncia a grande parte do material mais instrutivo e convincente.

Assim, ocorre que só conseguimos apresentar provas muito incompletas em favor de nosso ponto de vista de que a sexualidade parece desempenhar um papel fundamental na patogênese da histeria, como fonte de traumas psíquicos e como motivação para a “defesa” — isto é, para que as idéias sejam recalçadas da consciência.⁷⁷

⁷⁶ ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise*, p.205.

⁷⁷ FREUD. *ESB*, II, p.35.

Antes de uma menção, em caráter meio seco, meio polido, sobre possíveis divergências entre os dois autores, uma meia frase que tem a maior importância para nós: “propõe-se a técnica do ‘método catártico’ tal como se desenvolveu nas mãos do neurologista”.⁷⁸ Sem qualquer interesse, aqui, na enxurrada de literatura dedicada a questões de prioridade, autoria, parcelas de contribuição, etc, etc, é admirável a afirmação, no prefácio, de que o que se apresenta no livro fora desenvolvido pelas mãos do neurologista. Breuer era clínico e, portanto, não há dúvida de quem se trata em termos de autoria. Mas “pelas mãos” percute intensamente bem além da metonímia e bem além da expressão figurativa óbvia, que nos atrai a atenção, a partir do gesto freqüente de Freud, nos relatos clínicos, do uso de suas mãos, fazendo pressão na testa ou nas têmporas do doente, como avanço em relação à hipnose. *Pelas mãos* — aquela que escreve e aquela outra, que arranca à primeira a pena. Blanchot define esse momento como “preensão persecutória”, e assim a descreve:

La maîtrise de l'écrivain n'est pas dans la main qui écrit, cette main “malade” qui ne lâche jamais le crayon, qui ne peut le lâcher, car ce qu'elle tient appartient à l'ombre, et elle-même est une ombre. La maîtrise est toujours le fait de l'autre main, celle qui n'écrit pas, capable d'intervenir au moment où il faut, de saisir le crayon et de l'écarter. La maîtrise consiste donc dans le pouvoir de cesser d'écrire, d'interrompre ce qui s'écrit, en rendant ses droits et son tranchant à l'instant.⁷⁹

Vemos, aqui, movimentos de lançar-se — ou de não resistir à exigência de escrita —, e de deter-se, onde é necessário, onde não é mais possível, onde a força do próprio acontecimento impõe que assim seja.

No prefácio à 2. edição, de 1908, os dois autores já se encontravam bastante distanciados, social e teoricamente. Assinam o prefácio, pois, separadamente. As palavras de Freud são incisivas quanto ao caráter de “primeiras aproximações de um conhecimento que só poderia ser plenamente adquirido após longos e continuados esforços”.⁸⁰ Afirma, ainda, que seus pontos de vista mudaram acentuadamente ao longo dos treze anos de trabalho e que deseja a reimpressão do livro sem alterações. Isso pode ser entendido como reiteração de seu julgamento acerca das experiências que possibilitaram o livro e sua importância em seu advir.

⁷⁸ FREUD. *ESB*, II, p.35.

⁷⁹ BLANCHOT. *L'espace littéraire*, p.19.

⁸⁰ FREUD. *ESB*, II, p.37.

O último capítulo do livro, escrito por Freud com o título de “A psicoterapia da histeria”, na verdade retoma toda a teoria, volta aos casos apresentados e avança formulações que já vinham forçando a mão do escritor, nos vários escritos que vinham emergindo de sua escrita. Assim, por exemplo: “É muito mais freqüente o surgimento de uma representação que é um elo intermediário na cadeia de associações entre a representação da qual partimos e a representação patogênica que procuramos...”⁸¹ Além disso, Freud descreve, amplamente, o novo procedimento que adotara, diante da dificuldade de conseguir e manter estados hipnóticos profundos na maioria dos pacientes: a pressão, com as mãos, na testa ou nas têmporas do doente, que permanecia deitado e com os olhos fechados. Foi assim que chegou a uma descrição minuciosa de seus resultados, particularmente de como lidava com o importantíssimo material das falas dos pacientes. Fragmentos de frases (lembranças) — ou mesmo de palavras isoladas —, obscuras, com o trabalho de forçar e buscar, através da memória, as “ligações”, iam tecendo as narrativas — agora sim, fazendo sentido —, ou configurando quadros, cada vez mais figurativos. Há todo um trabalho de “passar” da pré-consciência para o consciente. O processo todo chega a ser bastante complexo, com “núcleos patogênicos”, “núcleos acessórios”, “idéias intermediárias”, “vias principais” e “vias secundárias” de associação. A “resistência” e as manobras necessárias à sua superação. As diversas formas que a “resistência” toma, para cada paciente. Os resultados parciais, para o doente, da possibilidade de continuar o trabalho e da superação de cada “resistência”, e, por fim, o resultado final, de ab-reação do afeto ligado à causa traumática.

Freud utiliza-se de várias comparações, na tentativa que está fazendo para esclarecer o que tem a dizer sobre as formas que a análise toma, no método catártico. Ele diz: “Abordo esta última parte de minha exposição na expectativa de que as características psíquicas a serem nela reveladas possam um dia adquirir certo valor como matéria-prima para a dinâmica da representação.”⁸² Vemos assim o autor com o olhar sempre adiante. Algumas de suas comparações: o material psíquico “como uma estrutura de várias dimensões, estratificada de pelo menos três maneiras diferentes”; um “arquivo de documentos”; “temas concêntricamente estratificados”; “a cadeia lógica corresponde não apenas a uma linha retorcida, em ziguezague, mas antes a um sistema

⁸¹ FREUD. *ESB*, II, p.267.

⁸² FREUD. *ESB*, II, p.279.

de linhas em ramificação convergente.”; “um sintoma é sobredeterminado”,⁸³ “desfiladeiro da consciência” (idéia correlata daquela mais comum do “camelo que passa pelo buraco de uma agulha”) para afirmar que as lembranças passam para a consciência, apenas uma de cada vez. Em certo ponto o escritor volta-se sobre a própria escrita e nos diz, entre parênteses:

(Estou usando aqui diversos símiles, dos quais todos apresentam apenas uma semelhança muito limitada com meu assunto e, além disso, são incompatíveis entre si. Estou ciente disso e não corro o perigo de superestimar seu valor. Mas meu propósito ao utilizá-los é lançar luz de diferentes direções sobre um tópico altamente complexo, *que nunca foi representado até hoje*. Arriscar-me-ei, portanto, nas páginas seguintes, a introduzir outros símiles da mesma maneira, embora saiba que isso não está livre de objeções.)⁸⁴

Não deixa de ser admirável o resultado desse exercício do escritor, ao utilizar “símiles”, na tentativa de representar algo, até então, *sem representação*. Estão ali, sob sua pena, diversos aspectos essenciais — e já com inúmeras inovações em relação ao método de Breuer — do que, poucos anos depois, ele próprio denominará *psicanálise*. Não sabemos se foi algum desses trechos que Lacan comentou, naquelas aulas de 1953, já citadas aqui. Mas essa passagem certamente vale a pena que a escreveu:

Ce qu’il y a de frappant dans le passage que vous invoquez, c’est qu’il décolle de la métaphore pseudo-anatomique évoquée lorsque Freud parle des images verbales déambulant le long des conducteurs nerveux. Ici, ce qui c’est stratifié autour du noyau pathogène évoque une liasse de documents, une partition à plusieurs registres. Ces métaphores tendent invinciblement à suggérer la matérialisation de la parole, non pas la matérialisation mythique des neurologistes, mais une matérialisation concrète — la parole se met à couler dans du feuillet manuscrit imprimé. La métaphore de la page blanche, du palimpseste, vient aussi à son tour. Elle est venue depuis à la plume de plus d’un analyste.⁸⁵

Retomamos, assim, o fio que vem nos conduzindo, desde a magia das palavras, até sua extração da anátomo-fisiologia do cérebro e do aparelho de linguagem — como

⁸³ FREUD. *ESB*, II, p.280-1.

⁸⁴ FREUD. *ESB*, II, p.282 (destaque nosso).

⁸⁵ LACAN. *Le séminaire*, Livre I, p.39.

representações complexas —, avançando agora sobre maneiras de se associarem, de se escreverem, na apresentação de uma experiência que já carregou a designação de “doença nervosa”, além da clássica designação de *histeria*. Mas, na pena de Freud, e muito mais além, encontraremos outros modos de nomear o que esse fio vem inscrevendo.

QUINTO CAPÍTULO

A TERCEIRA MARGEM:

O ALÉM DE FREUD

*beira do mar
lugar comum
começo do caminhar
pra beira de outro lugar*

*à beira do mar
todo mar é um
começo do caminhar
pra dentro do fundo azul*

*a água bateu
o vento soprou
o fogo do sol
o sal do senhor*

*tudo isso vem
tudo isso vai
pro mesmo lugar
de onde tudo sai*

João Donato e Gilberto Gil

A Srta. Rosalia H., de vinte e três anos de idade, vinha há alguns anos estudando para tornar-se cantora. Tinha boa voz, mas se queixava de que, em certas partes de seu registro, perdia o controle sobre ela. Tinha uma sensação de sufocamento e de constrição na garganta, de modo que sua voz soava velada. Por esse motivo seu professor ainda não pudera consentir que ela se apresentasse em público como cantora. Embora essa imperfeição lhe afetasse apenas o registro médio, não podia ser atribuída a um defeito no próprio órgão. Às vezes a perturbação desaparecia por completo e seu professor expressava grande satisfação; em outras ocasiões, bastava ela estar um pouco agitada, algumas vezes sem nenhuma causa aparente, para que a sensação de constrição reaparecesse e a produção da voz fosse prejudicada. Não foi difícil reconhecer uma conversão histérica nessa sensação extremamente perturbadora. Não tomei nenhuma providência para descobrir se havia de fato uma contratura dos músculos das cordas vocais. Durante a análise hipnótica que realizei com a moça vim a saber dos seguintes fatos sobre sua história e, conseqüentemente, sobre a causa de seu problema. Ela perdera os pais cedo e fora levada para morar com uma tia que tinha muitos filhos. Em conseqüência disso, envolveu-se numa vida familiar muito infeliz. O marido da tia, que era uma pessoa visivelmente patológica, maltratava de maneira brutal a esposa e os filhos. Feria os sentimentos deles, sobretudo pela forma como demonstrava uma evidente preferência sexual pelas criadas e amas da casa; e quanto mais os filhos foram crescendo, mais ofensivo isso se tornou. Após a morte da tia, Rosalia tornou-se a protetora da multidão de crianças que agora eram órfãs e oprimidas pelo pai. Ela levava seus deveres a sério e superou todos os conflitos a que sua posição a conduziu, embora isso requeresse grande esforço para reprimir o ódio e o desprezo que sentia pelo tio. Foi nessa época que a sensação de constrição na garganta começou. Todas as vezes que tinha de refrear uma resposta, ou se obrigava a ficar calada em face de alguma acusação ultrajante, sentia a garganta arranhar e apertar e perdia a voz — todas as sensações localizadas na laringe ou na faringe que agora interferiam com o canto. Não era de admirar que ela buscasse uma oportunidade para se tornar independente e escapar das agitações e das experiências aflitivas que ocorriam diariamente na casa do tio. Um professor de canto muito competente ajudou-a de modo desinteressado e lhe assegurou que sua voz justificava que escolhesse o canto como profissão. Ela começou então a tomar lições com ele em segredo. Mas muitas vezes saía às pressas para a aula de canto enquanto ainda tinha a constrição na garganta, que costumava persistir após cenas violentas em casa. Como conseqüência, estabeleceu-se com firmeza uma ligação entre o canto e sua paraestesia histérica — uma ligação para a qual o caminho foi preparado pelas sensações orgânicas provocadas pelo canto. O aparelho sobre o qual ela deveria ter pleno controle quando cantava revelou-se catexizado com resíduos de inervação que sobram das numerosas cenas de emoção reprimida. Depois dessa

época, ela abandonou a casa do tio e se mudou para outra cidade, para ficar longe da família. Mas isso não eliminou sua dificuldade.¹

Não menos admirável que essa narrativa que o escritor acaba de extrair e de forjar, juntamente à experiência com as pacientes — o que falam, o que apresentam, o que não falam, o que encenam, o que desdizem, o que resta disso tudo na memória do escritor e o que, enfim, engendra-se de sua pena, como uma partitura em diversos registros, como a fala que se põe a fluir num folheto manuscrito impresso e em cuja imagem, o talhe do palimpsesto não deixa de nos impressionar —, é o relato que faz, complexo, límpido, denso, detalhado, leve e sucinto, das construções teóricas que a experiência também exige. Assim, um exemplo, ainda tomado do que Freud escrevera em *Estudos sobre a histeria*, mas agora em um capítulo teórico:

As representações que se originam das camadas mais profundas e que formam o núcleo da organização patogênica são também aquelas que são reconhecidas com extrema dificuldade como lembranças pelo paciente. Mesmo quando tudo termina e os pacientes são dominados pela força da lógica e convencidos pelo efeito terapêutico que acompanha o surgimento precisamente dessas representações — quando, digo eu, os próprios pacientes aceitam o fato de terem pensado isso ou aquilo, muitas vezes acrescentam: “Mas eu não consigo me *lembrar* de ter pensado isso.” É fácil chegar a um acordo com eles dizendo-lhes que os pensamentos estavam *inconscientes*. Mas como enquadrar esse estado de coisas em nossas próprias concepções psicológicas? Devemos desprezar essa negação de reconhecimento por parte dos pacientes, quando, agora que o trabalho terminou, não existe mais nenhum motivo para que eles ajam dessa forma? Ou devemos supor que estamos de fato lidando com pensamentos que nunca ocorreram, que meramente tiveram uma *possibilidade* de existir, de modo que o tratamento consistiria na realização de um ato psíquico que não se verificou na época? É claro que é impossível dizer qualquer coisa a esse respeito — isto é, sobre o estado em que se encontrava o material patogênico antes da análise — até que tenhamos chegado a uma elucidação completa de nossas concepções psicológicas básicas, em especial quanto à natureza da consciência. Resta, penso eu, como elemento digno de séria consideração, o fato de que em nossas análises podemos seguir uma cadeia de pensamentos desde o consciente até o inconsciente (isto é, até algo que de modo

¹ FREUD. *ESB*, II, p.179-80.

algun é reconhecido como uma lembrança), de que podemos mais uma vez acompanhá-la por certa distância através da consciência, e de que podemos vê-la terminar de novo no inconsciente, sem que essa alternância de “revelação psíquica” cause qualquer modificação na própria cadeia de pensamentos, em sua coerência lógica e na interligação entre suas várias partes. Uma vez que essa cadeia de pensamentos se colocasse diante de mim como um todo, eu não seria capaz de adivinhar qual de suas partes seria reconhecida pelo paciente como lembrança e qual não o seria. Vejo apenas, por assim dizer, os cumes da cadeia de pensamentos mergulhando no inconsciente — o inverso do que foi afirmado quanto a nossos processos psíquicos normais.²

Ao ressaltar, além de muitos outros pontos de importância, algo que está para além da memória, algo que está alhures — posto que até o uso da palavra *inconsciente* parece, ainda, intimidar o inventor — e, mais ainda, o que permanece em aberto, até melhor elucidação, acerca de *nossas concepções psicológicas básicas*, o escritor afirma, sem o dizer explicitamente, que é preciso continuar. Sim, é preciso. Recorreremos novamente às cartas a Fliess, que, nesse período, fornecem-nos dessa exigência um testemunho inigualável. A impressão que nos fica, logo de início — na leitura dessa “correspondência de mão-única”, pelas circunstâncias históricas —,³ é que as descobertas de Freud são tão intensamente vividas, tão impostas a ele, e ao mesmo tempo por ele investidas, que na solidão essencial da autoria/invenção, insuperável pelas circunstâncias, insuportável em si mesma, fizessem-lhe estabelecer um ponto, um ancoradouro, no invisível e na escuridão absoluta, para não se perder, não sucumbir, para que ele pudesse ir adiante. Um ponto cego, mas que ilumina, em sua falta de luz, que está ali, como que ao alcance da mão, embora sempre inalcançável, posto que sempre mais adiante. Como não dispomos das cartas de Fliess, a impressão é essa. Impressão de que Freud fala a um outro que não existe. Não existe? Mas as cartas, as letras estão lá, estiveram em algum lugar e estão agora aqui, compondo ao menos um circuito com um modo incessante de existir/não existir.

² FREUD. *ESB*, II, p.289-90 (os destaques são do autor).

³ Somente as cartas de Freud foram conservadas.

E, então, retomemos nossa pergunta: o que nos chama na escrita freudiana? A terceira confiança “é que não há contemporâneos, mas elos de ausências presentes; há um anel de fuga. Na prática, é uma cena infinita — o lugar onde somos figuras.”⁴

Como vimos, ao final do terceiro capítulo, o *Projeto para uma psicologia científica* é um desses escritos anômalos, tal sua história, tal percurso, entre a escrita e sua inserção na obra, nas *Gesammelte Werke*. Quando foi escrito, seu destino foi não ter existência. Sabemos que é contemporâneo dos *Estudos sobre a histeria*, e que, enquanto escreve a parte teórica desse último, Freud escreve muito mais. Dos *Estudos...* pouco fala, apenas uma notícia aqui e ali. Mas, em todas as cartas, dá notícias de outra elaboração que o toma por inteiro, da qual não pode fugir. Vamos ver que se trata de uma *ausência presente*, que seguirá na construção de uma *cena infinita*. E, o mais importante — após toda a história, das descobertas de papéis até então insuspeitos e de sua importância, e da relevância que eles ganham no corpo da obra, e enfim, para nossa pesquisa —, *um anel de fuga*.

RETORNO AO PROJETO...

Em 8 de março de 1895 — antes de terminar o capítulo teórico sobre as histerias — encontramos, em carta a Fliess: “Há uma outra idéia curiosa, de natureza diferente, que só lhe confiarei depois...”⁵ Em 28 do mesmo mês, aparece a primeira referência, um tanto vaga, ao que virá a ser o *Projeto...*: “A psicologia tem me atormentado muito.”⁶ As cartas desse período são cheias de referência a um intenso mal-estar de Freud, quase cotidiano, mas sem qualquer interferência em sua disposição de escrever. Na carta seguinte, de 11 de abril: “No que concerne a minhas pesquisas psicológicas, esfalfei-me até os ossos e agora vou dar o assunto por encerrado. Apenas o livro que estou

⁴ LLANSOL. *Inquérito às quatro confidências* — Diário III, p.48. Cf. citação 102 de nosso primeiro capítulo.

⁵ FREUD. *correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.119.

⁶ FREUD. *correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.124. O livro que está a escrever com Breuer é, justamente, os *Estudos sobre a histeria*.

escrevendo com Breuer continua a progredir”.⁷ Três cartas adiante, mas ainda no mesmo mês, em 27, o escritor lamenta-se ao amigo: “a distância e a redação de cartas são um grande infortúnio sobre o qual nada se pode fazer. Especialmente, pelo menos, quando se escreve tanto quanto eu e, vez por outra, fica-se familiarizado com o *horror calami*”.⁸ Mas encontramos também, na mesma carta, outra notícia sobre a *Psicologia*, assunto ainda não encerrado: “Cientificamente, estou num mau caminho, a saber, preso na ‘Psicologia para neurologistas’, que me consome sistematicamente por completo, até que, verdadeiramente esgotado, sou forçado a interromper.”⁹

Nessa altura, já é bastante evidente a atmosfera caótica — envolvendo trabalho intelectual, esforços de raciocínio, estados de ânimo, sentimentos variados — entre o escritor e algo que ainda não sabemos se e como estão escritos, se e como estariam anotados. Nem para o amigo mais íntimo, na verdade o único amigo, de um período, segundo todas as biografias, de intensa solidão intelectual e de pesquisa, o que o escritor vem maquinando não é apresentado. Na carta de 25 de maio, podemos ver isso escrito por ele mesmo:

Tenho tido uma quantidade desumana de coisas por fazer e, após períodos de dez a onze horas de trabalho com as neuroses, fico regularmente impossibilitado de tomar a pena para escrever-lhe um pouco, embora, na verdade, muito tivesse a dizer. A principal razão porém é esta: um homem como eu não pode viver sem um cavalo de batalha, sem uma paixão devoradora, sem — nas palavras de Schiller — um tirano. Encontrei um. A serviço dele não conheço limites. Trata-se da psicologia, que foi sempre minha meta distante a acenar-me, e que agora, desde que deparei com o problema das neuroses, aproximou-se muito mais.(...)Nestas últimas semanas, tenho dedicado cada minuto livre a esse trabalho; tenho gasto as horas noturnas, das onze às duas, com fantasias, interpretações e palpites e, invariavelmente, só me detenho quando, em algum momento, esbarro num absurdo ou sinto-me real e seriamente esgotado pelo trabalho, de modo que nenhum interesse me resta por minhas atividades médicas diárias. Ainda se passará muito tempo antes que você possa me perguntar sobre os resultados.¹⁰

⁷ FREUD. *correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.125.

⁸ FREUD. *correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.128 (destaque do autor).

⁹ FREUD. *correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.128.

¹⁰ FREUD. *correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.130.

Curiosa carta, na qual Freud tenta a impossível justificativa de dizer que não tem tempo ou energia para escrever ao amigo: trata-se de uma longa carta, que aborda muitos outros assuntos. Na verdade, pressentimos, há algo que insiste para vir à luz, como texto, mas que, no espírito do escritor, ainda é sem forma, sem palavras, sem escrita possível. Ele mesmo utiliza uma expressão metafórica para dizer isso, na carta seguinte (12 de junho): “Fazer um relatório sobre ela [a psicologia] agora seria como mandar a um baile um feto feminino de seis meses.”¹¹ Aqui, a alusão a uma gestação não parece fora de lugar, tal a intensidade com que o autor refere-se ao processo que está vivendo. Pode até falar disso, mas não pode ainda apresentar algo de material, de concreto. Os dois amigos estão prestes a se encontrar, numa visita que Freud faz a Fliess, em Berlim, e por isso discutem, nas cartas, os detalhes desse encontro. O mais comum, no entanto, era outro tipo de reunião, a que chamavam “congressos” (Freud sai de Viena; Fliess sai de Berlim; encontram-se em algum local entre as duas cidades, dependendo das facilidades da malha ferroviária). Esses encontros, de poucos dias de duração, eram dedicados ao deleite da conversa livre de interferências de toda ordem — trabalho, família, sociais — e aos temas científicos de cada um. Outra metáfora embriológica, ou de gravidez, em carta em que tratam da viagem de Freud a Berlim: “quanto a mim, chegarei carregado de rudimentos e embriões em germinação”.¹²

Nas cartas seguintes, vai havendo uma mutação acerca da natureza das relações que Freud mantém com a *Psicologia*. Em carta de 6 de agosto: “Ela não está nem perto de ficar pronta, mas ao menos posso falar a respeito (...). Ela é ousada, mas bela, como você verá.”¹³ Em 16 de agosto de 1895, o estado de ânimo e o interesse de Freud mudaram significativamente e, mais uma vez, ele diz que vai desistir *dela*: “Tive uma estranha experiência com a $\phi\psi\omega$ (...). Assim, deixei toda a coisa de lado e venho-me convencendo de que não estou nem um pouco interessado nela.”¹⁴ E, na mesma carta, sua sinceridade é quase pueril:

A psicologia é mesmo uma cruz. Jogar boliche ou catar cogumelos, pelo menos, são passatempos muito mais saudáveis. Tudo o que eu estava tentando fazer era explicar a defesa, mas experimente só tentar explicar algo que vem do âmago da natureza!

¹¹ FREUD. *correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.132.

¹² FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.134.

¹³ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.136

¹⁴ FREUD. *Correspondência Completa com Wilhelm Fliess*, p.136. Freud referia-se à “psicologia” também dessa forma, utilizando as três letras gregas que davam nome aos três sistemas do aparelho psíquico em construção no *Projeto*.

Tive que abrir caminho palmo a palmo através do problema da qualidade, do sono e da memória — em suma, a psicologia inteira. Agora não quero mais ouvir falar nisso.¹⁵

Há aqui um tom confessional meio ingênuo, meio juvenil, como de alguém que fala de algo sem importância, de um desejo qualquer, uma bobagem, e enfim, apesar dos esforços já despendidos, faz um trejeito de abandono, de desistência da *coisa*.

No início do mês seguinte, ocorre o encontro com Fliess e, na primeira carta após esse “congresso”, carta de 15 de setembro, em meio à extensa narrativa de tudo que se passou na viagem de trem, Freud anuncia que começou a escrever o primeiro rascunho da psicologia! E ainda, na carta seguinte, de 23 de setembro:

Tenho-lhe escrito tão pouco apenas por estar escrevendo muitas coisas para você, ou seja, escrevendo aquilo que comecei no trem: um relato sumário da $\phi\psi\omega$, que você poderá usar como base para sua crítica e ao qual tenho dado prosseguimento em minhas horas de lazer e nos intervalos entre os atos de minha clínica médica (...) Existe já um volume considerável — rabiscos, é claro, mas mesmo assim, uma base, segundo espero, para seus acréscimos.¹⁶

A história mais íntima desse escrito não termina aqui. Na carta seguinte, Freud envia ao amigo mais um grande rascunho — designado de rascunho I na *SE*, onde esses esboços tomaram uma denominação segundo as letras do alfabeto —, dedicado às enxaquecas, assunto mais da lavra de Fliess, mas com o qual Freud não deixa de colaborar. Comunica ainda a existência de dois cadernos de notas, inteiramente preenchidos pela *Psicologia* e muitas idéias novas que lhe parecem esclarecer definitivamente os mecanismos das duas neuroses básicas, presentes em seu dia-a-dia clínico: histeria e neurose obsessiva. A luta com a *Psicologia* tem nova comunicação em 15 de outubro: “É uma loucura minha correspondência, não é? Por duas semanas estive em plena vasca da febre de escrever e acreditei ter desvendado o segredo; agora sei que ainda não o fiz e tornei a pôr tudo de lado.”¹⁷ Continua permanente a impressão de que

¹⁵ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.137.

¹⁶ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.140.

¹⁷ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.145.

Freud trava um incessante combate, do qual aparecem os avanços e os recuos, as iluminações e os mergulhos na treva, e até alusões a movimentos táticos, como o de retirada, ou a decisão de um esforço extremo, como se fosse o derradeiro para vencer a guerra. Em 20 de outubro, vamos encontrar:

Numa noite laboriosa da semana passada, quando eu estava sofrendo daquele grau de dor que propicia as condições ótimas para minhas atividades mentais, as barreiras ergueram-se subitamente, os véus caíram e tudo se tornou transparente — desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência. Tudo pareceu encaixar-se, as engrenagens se entrosaram e tive a impressão de que a coisa passara realmente a ser uma máquina que logo funcionaria sozinha. Os três sistemas de neurônios; os estados livres e ligados de Qn (quantidade); os processos primário e secundário; a tendência principal e a tendência de compromisso do sistema nervoso; as duas regras biológicas da atenção e da defesa; as características de qualidade, realidade e pensamento; o estado do grupo psicosexual; a determinação sexual do recalçamento; e, por fim, os fatores que determinam a consciência como função da percepção — tudo ficou e continua correto até hoje! Naturalmente, mal consigo conter minha alegria. (...) Outras confirmações acerca das neuroses estão chovendo sobre mim. A coisa é mesmo verdadeira e genuína.¹⁸

Temos aqui um resumo, muito conciso, do próprio autor, sobre o que veio a ser o *Projeto para uma psicologia científica*, projeto que, como assinala Freud, desenha as margens de uma alegria quase incontrolável, quase incontida. Quase. Porque, tendo enviado os dois cadernos de notas ao amigo, e antes de enviar o terceiro, que fecharia seu sistema, retornam as dúvidas sobre a validade de toda aquela construção. Ele as expressa na carta de 31 de outubro, dizendo precisar colocar tudo aquilo de lado e mencionando, talvez, o que o tenha detido naquele momento: “Felizmente para mim, todas essas teorias precisam fluir para o estuário clínico do recalçamento, onde tenho oportunidades diárias de ser corrigido ou esclarecido.”¹⁹ O terceiro caderno, de que não se tem notícia, trataria exatamente da articulação do mecanismo do recalque na máquina neuro-psíquica construída por Freud. Os biógrafos, de qualquer maneira, sempre fazem

¹⁸ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.147-8.

¹⁹ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.149.

referência a este terceiro caderno, mas não se sabe se chegou a ser escrito, o que nos parece o mais provável.

Há aqui, realmente, um abandono ou uma desistência. Freud ainda se manifesta sobre a *Psicologia*, nos seguintes termos, nas próximas cartas: “Desde que pus a $\phi\psi\omega$ de lado, sinto-me abatido e desencantado”(8 de novembro).²⁰ Na ocasião, Freud faz um intervalo para escrever um artigo sob encomenda — “As paralisias infantis” —, no qual não tem, por sinal, qualquer interesse, segundo ele diz em várias cartas. Em 29 de novembro, ele declara estar em excelente forma para trabalhar e colher, todos os dias, em sua clínica, toda sorte de materiais novos, “coisas lindíssimas, é claro”. Mas, em tom de lamento, na mesma carta: “Não entendo mais o estado mental em que maquinei a psicologia; não consigo conceber como posso tê-lo infligido a você (...) para mim, parece ter sido uma espécie de loucura.”²¹ Mesmo assim, Freud não abandona a elaboração sobre o aparelho psíquico, o que aparece em todas as cartas subsequentes. À de 8 de dezembro de 1895, por exemplo, é anexado um longo relato clínico — que na *SE* está designado como “Rascunho J”. A carta seguinte, de 1º de janeiro de 1896 — à qual é anexado o “Rascunho K”, ironicamente intitulado por Freud como “Um conto de fadas natalino” —, retoma amplamente a análise da *Psicologia*, mas vemos o autor, nesse ponto, já desapegado da idéia de formatar o que havia escrito — as anotações, os rabiscos dos dois cadernos — como uma publicação separada, autônoma, coerente em seu conjunto.

Contudo, ainda no conteúdo da carta, em meio a diversos outros assuntos (não do Rascunho K), ele escreve: “Suas observações sobre a enxaqueca levaram-me a uma idéia em conseqüência da qual todas as minhas teorias $\phi\psi\omega$ precisariam ser completamente revistas — algo que não posso aventurar-me a fazer agora. Tentarei, no entanto, dar-lhe uma idéia do assunto.”²² Segue-se, assim, uma longa exposição, de duas páginas e meia, sobre o funcionamento de sua máquina $\phi\psi\omega$. Quanto ao Rascunho K, o “Conto de fadas natalino”, Freud reescreve ali toda a teoria, já formulada e necessária à distinção entre as formas de neurose: “Posso apenas traçar uma comparação entre a histeria, a neurose obsessiva e uma forma de paranóia”,²³ diz ele, em torno das questões de *defesa*, *prazer*, *desprazer* e *recalcamento*. O Rascunho K é a base de um artigo publicado naquele mesmo ano — “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de

²⁰ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.151

²¹ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.153.

²² FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.160.

²³ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.163

defesa”, que consta da *SE*. Em 6 de fevereiro de 1896: “Tenho trabalhado arduamente, atravessando um de meus ataques trimestrais de escrever, e utilizei-o para produzir três comunicações breves (...) e uma apresentação ampla...”²⁴ Na semana seguinte, encontramos a primeira referência de Freud ao que já vem se formando a partir de sua experiência: “Tenho-me ocupado continuamente com a psicologia — na verdade com a *metapsicologia*(...)Espero estar bem provido de interesses científicos até o fim de minha vida.”²⁵ Essas referências não faltarão ao longo de toda essa correspondência, que se estende até 1902. Eis um último fragmento da escrita de Freud nas cartas, que, a nosso ver, sinaliza os primeiros indícios de uma “nova” e fundamental empreitada — em 16 de março de 1896:

Hoje, assim como tendem a fazer os jovens poetas, coloquei o seguinte título numa folha de papel:

Preleções sobre as Grandes Neuroses

(Neurastenia, Neurose de Angústia, Histeria, Neurose Obsessiva)

pois percebo que, por ora, não estou chegando a parte alguma em minha compreensão das neuroses comuns, mas também não preciso revogar nada. Assim, vou começar a fazer o trabalho e juntar as coisas. Por trás disso paira uma segunda e mais bela obra:

Psicologia e Psicoterapia das Neuropsicoses de Defesa,

para a qual tenho-me proporcionado anos de preparação e na qual colocarei toda a minha alma. (...) Volto repetidamente à psicologia; não consigo escapar de seu chamado imperativo. O que tenho, provavelmente, não é nem um milhão, nem sequer um *kreuzer* ainda, e sim um punhado de minério bruto que contém uma quantidade incalculável de metal precioso. Grosso modo, estou satisfeito com meu progresso, mas venho combatendo a hostilidade e vivo em tal isolamento que se poderia imaginar que descobri a maior das verdades.²⁶

Esse fragmento parece apaziguar-nos no apaziguamento do escritor que ele revela. É verdade que Freud rememora e brinca com palavras que retornam, talvez, aos

²⁴ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.170.

²⁵ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.173 (o grifo é do autor).

²⁶ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.179-80.

tempos da Academia Espanhola: não fora ele, na intimidade secreta, um “jovem poeta”? Mas, vemos ali uma exigência que o ultrapassa, de que ele não consegue escapar. Blanchot, em diferentes passagens de seus livros, tentará cernir esse imperativo, essa força que traga o escritor, denominando-a, mais freqüentemente, a *exigência da obra*.²⁷

E que desejos inconfessáveis rondarão o médico maduro, pai de numerosa família, orgulhoso de reiterar, sempre que possível, a cientificidade de sua pesquisa? Seu procedimento, à primeira vista destituído de qualquer dado ou movimento especial, interroga-nos em sua espiral inusitada: impulso de juventude/ papel branco/ escrevo o que há tempos me atormenta, mas que não me leva a parte alguma/ já sei que por trás disso.../ não tenho força para resistir ao chamado imperativo/ só conto para você/ uma quantidade incalculável de metal precioso. Eis aí o *anel de fuga* e a *cena infinita*. Eis aí o movimento do escritor. O *Projeto...* é “esquecido” com o amigo; é descartado, é deitado fora. Sem a fuga, sem o esquecimento, não haveria mais escrita. A “mais bela obra” pode então advir, agora que o longo parto — lembramos aqui: o escritor estava grávido? — concluiu-se sem traumas irreparáveis: ele ainda escreve. E a cena infinita da obra — que, como sabemos, já está em curso, *hasard des commencements* — será demarcada, fixada, por “uma segunda”.

Isso. Nunca pelo primeiro, sempre pelo segundo é que começa o começo. O segundo título ali no fragmento, em itálicos, é a versão mais antiga, brincadeira do escritor com palavras, da *Traumdeutung — A interpretação dos sonhos*. Assim ele ensaia, com o “fracasso”, o que não pode se deter: o “começo” que está adiante. O movimento, então, pode ser descrito pelo que lemos nessas palavras de Blanchot:

Mouvement qu'on peut éclairer — non expliquer — en évoquant ces formes et ces crises appelées “complexes”. Leur essence, c'est qu'au moment où elles se produisent, elles se sont déjà produites, elles ne font jamais que se reproduire; c'est là leur trait caractéristique: elles sont l'expérience du recommencement. “A nouveau!; à nouveau!”, c'est le cri de l'angoisse aux prises avec l'irréversible, avec l'être. A nouveau, à nouveau, telle est la blessure fermée du complexe: cela a lieu à nouveau, cela recommence, encore une fois. Le recommencement de l'expérience, et non pas le fait que celle-ci ne réussit pas, voilà le fondement de l'échec. Tout recommence toujours — oui, encore une fois, à nouveau, à nouveau.²⁸

²⁷ Uma das passagens em que esta questão é mais diretamente tratada por Blanchot é o capítulo III, em *L'espace littéraire: L'espace et l'exigence de l'œuvre*.

²⁸ BLANCHOT. *L'espace littéraire*, p.327.

E se seguíssemos lendo, com todo o cuidado, as cartas a Fliess, o que veríamos é a aparição — *Aparição?* —, o surgimento desse livro — a *Traumdeutung* —, ou melhor, a experiência que a ele conduz. Naquelas cartas, podemos encontrar muito mais. O difícil atravessamento do luto pela morte do pai; o mergulho de Freud em sua própria atividade psíquica — não só manifesta, mas também latente, quando começa a analisar os seus sonhos —; a escrita e a publicação de outros pequenos livros; e um quase diário de seu dia-a-dia, da vida de sua família, pequenas viagens, etc. Cotejar a escrita da *Traumdeutung* com o que dela Freud escreve nas cartas a Fliess é, sem dúvida, uma outra, e inigualável experiência, pesquisa que exigiria dedicação a esse foco preciso. Tendo sido um livro destinado, por seu autor, à publicação, a *Traumdeutung* não conheceu o itinerário enviesado do *Projeto* — e o lugar de presença ausente deste último. Mas sua construção, cheia de idas e vindas, avanços e recuos, paixões ardorosas e semblantes de desistência, vividas pelo autor, além da produção de outros escritos contemporâneos (que desviavam a atenção e a memória do escritor) e acréscimos e/ou reduções em todas as reedições, fazem desse livro um outro testemunho exemplar da experiência de escrita na psicanálise.

Duas semanas após a carta da qual retiramos aquele último fragmento, Freud volta a falar em *metapsicologia*. Os amigos preparam um novo “congresso” e Freud acrescenta essa passagem, muito conhecida em suas biografias:

Quando jovem, eu não conhecia nenhum outro anseio senão o de conhecimentos filosóficos, e agora estou prestes a realizá-lo, à medida que vou passando da medicina para a psicologia. Tornei-me terapeuta contra minha vontade; estou convencido de que, dadas certas condições relativas à pessoa e ao caso, posso definitivamente curar a histeria e a neurose obsessiva.²⁹

Mais uma vez o retorno a um tempo e a um espaço (psíquico), comumente tingidos pelo atávico — a juventude. É verdade que Freud, nos anos 1896-1900, intensificará, significativamente, esse movimento de retorno sobre si mesmo, o que o levará a falar em auto-análise e, ainda que ele mesmo indique que tal experiência não é

²⁹ FREUD. *Correspondência Completa com Wilhelm Fliess*, p.181.

possível, no rigor da palavra, a auto-análise de Freud ficará para sempre associada a esse período de sua vida, e a muito mais. Entretanto, o que nos interessa aqui é o movimento de retorno, a confissão até certo ponto inusitada — o anseio único pela filosofia —, a passagem da medicina à psicologia, e seu inequívoco sentimento de certeza quanto a sua clínica. Esse pequeno trecho nos dá pistas sobre a *metapsicologia*. Mas a primeira vez que essa palavra apareceu impressa em algum de seus trabalhos — segundo Strachey — foi em 1901, em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, na seguinte passagem, em que Freud tece considerações teóricas, no fim do livro, após apresentar inúmeros exemplos de esquecimentos, lapsos de fala, equívocos na ação, superstições e erros:

O obscuro reconhecimento (a percepção endopsíquica por assim dizer) dos fatores psíquicos e das relações do inconsciente espelha-se (...) na construção de uma *realidade sobrenatural*, que se destina a ser retransformada pela ciência na *psicologia do inconsciente*. Poder-se-ia ousar explicar dessa maneira os mitos do paraíso e do pecado original, de Deus, do bem e do mal, da imortalidade etc., e transformar a *metafísica em metapsicologia*.³⁰

Mas o curso da obra — e poderemos dizer também: o curso da experiência — mostrará que o trabalho de Freud não opera, simplesmente, uma passagem, uma “forçação” epistemológica, da filosofia à psicologia. Somente quinze anos mais tarde, no artigo “O inconsciente”, o escritor volta a utilizar a idéia, que, como podemos notar, percorre um longo processo de conceitualização:

Não será descabido dar uma denominação especial a essa maneira global de considerar nosso tema, pois ela é a consumação da pesquisa psicanalítica. Proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação *metapsicológica*. Devemos afirmar, de imediato, que no presente estado de nosso conhecimento há apenas alguns pontos nos quais essa tarefa terá êxito.³¹

³⁰ FREUD. *ESB*, VI, p.223-4.

³¹ FREUD. *ESB*, XIV, p.208 (o destaque é do autor).

O primeiro parágrafo de outro livro, publicado em 1920 — *Além do princípio do prazer* — termina quase com as mesmas palavras. Esse pequeno deslocamento que fizemos aqui, para situar a *metapsicologia*, tem a sua importância. Em particular, o conceito ficou restrito aos artigos de 1915 — como explicitado na parte dedicada ao livro das *Afásias*, em nosso quarto capítulo —, mas, no conjunto da obra freudiana, reconhece-se amplamente que a *metapsicologia* começa em algum ponto das tentativas de teorização do aparelho psíquico e remonta, pelo menos, como vimos, exatamente ao livro das *Afásias*. E, de forma mais geral, esse conceito é bem próximo, em toda a obra de Freud, de *teorização*. Garcia-Rosa, que reúne quatro volumes de sua obra sob o título *Introdução à metapsicologia freudiana*, lembra bem, no prólogo de seu primeiro volume, a maneira como Freud a ela se refere, em momento tardio do curso de sua obra. Trata-se de uma passagem de “Análise terminável e interminável”, texto de 1937. Citando Goethe, no momento em que Fausto apela, de má vontade, à bruxa, pedindo-lhe o segredo da juventude, Freud escreve:

Deve-se dizer a si mesmo: “É hora de entrar a feiticeira”. Mais precisamente, a feiticeira metapsicologia. Sem especulação e teorização metapsicológicas — quase disse: fantasiar — não se dá um passo à frente.³²

Mais do que um fio condutor do que seria a *teorização* freudiana, a metapsicologia, assim associada à bruxa e ao fantasiar, remete-nos à *feiticeira* de Michelet,³³ e associa-se, assim, mais fortemente, ao acontecimento da escrita, como o que, da experiência, se dá à luz, ao conhecimento, ao saber e à transmissão. Nesse sentido, ela é também experiência da escrita, pois a exige e com ela se confunde, exatamente pelo poder, em ambas, de indicar e compelir ao além, ao “passo à frente”.

A importância, afinal, de todo esse destaque é que o vislumbre de um *meta*, de um *para-além* da psicologia, ocorre, precisamente, no momento em que o escritor, sem

³² PORTUGAL. *O vidro da palavra*, p.29, na nota de rodapé. A autora, no capítulo “Freud em dobras: a feiticeira metapsicologia”, associa, etimologicamente, a feiticeira com o “fazer ficcional”; ou “de escrita”, diríamos nós. Esse trecho é encontrado também em FREUD. *AE*, XXIII, p.228, e FREUD. *ESB*, XXIII, p.257.

³³ Cf. o capítulo “A narrativa do método e a arte da história”, in: TEIXEIRA. *A profetisa e o historiador*, p.128-190, no qual a *Feiticeira* micheletiana é interpretada como um ato de inscrição discursiva de uma experiência histórica radical, porque incapaz de se deixar apreender pelos sistemas de interpretação e conhecimento modernos.

estar completamente desvencilhado, desembaraçado de seu grande projeto de escrever um conjunto e uma síntese da psicologia, começa, pouco a pouco, a movimentar-se novamente, movimentar sua pena de escrita. A “psicologia” teve que ser abandonada, mas a experiência que ali o conduz não só impõe que ele continue, como exige, ainda, que seja *para-além*.

Retomemos o curso dos acontecimentos para vermos mais claramente: durante o ano de 1895, Freud escreve, dentre outros artigos, o último capítulo de *Estudos sobre a histeria*, que é publicado ainda no primeiro semestre. Desde o início do ano ele vem dando sinais a Fliess de suas preocupações e investidas com “minha psicologia”. No segundo semestre do mesmo ano, seguem-se todas aquelas cartas em que Freud expõe ao amigo a evolução de sua atormentada, complexa e intensa relação com sua “ $\phi\psi\omega$ ”. Começa então a escrevê-la, ainda no trem, voltando de Berlim, no mês de setembro. Em outubro, continua a escrevê-la e remete a Fliess mais ou menos cem páginas de manuscrito. Em novembro, frente às dificuldades, declara ter desistido de tudo, e ter jogado todas as anotações restantes dentro de uma gaveta. As cartas, entretanto, continuam a dar, profusamente, notícias de que o assunto não está resolvido para Freud. Na passagem de 1895 a 1896, Freud envia ao amigo um importante rascunho — o rascunho K —; as cartas subseqüentes vão dando, progressivamente, notícias de que “a psicologia” está mesmo abandonada, como projeto atual de escrita, com a forma originalmente pretendida. Mas não está morta. Freud então descobre que ela está um pouco mais além. Do avesso de tudo que, até então, vinha tentando, sobrevém-lhe a pequena mudança: *metapsicologia*.

Aqui é da maior importância atentarmos para o fato de que a experiência de Freud que se inscreveu na civilização é sempre reduzida ao enquadre do psicanalista escutando seu paciente, restando o relato que disso ele faz, relegado a um segundo plano, a não ser pelo fato de seu conteúdo carregar o saber, o *modus operandi* de que se tornou método, técnica, terapêutica, enfim. A *metapsicologia* poderia ser um fio condutor de toda a obra. Mas e os relatos clínicos? Mesmo na impossibilidade de separá-los rigorosamente — metapsicologia e relato de caso —, em muitos dos textos de Freud os relatos de caso constituem uma outra série, e ainda poderíamos identificar outras. Vimos a diferença de dicção narrativa e semântica entre estas duas séries, nas longas citações que recortamos, a propósito dos *Estudos sobre a histeria*. O trabalho com as cartas — às vezes seguindo de perto as circunstâncias da elaboração de artigos

contemporâneos, outras vezes surpreendendo-nos com lampejos de teorização ou investidas repentinas de intertextualidade com a literatura clássica — torna impossível sustentarmo-nos sem desconforto nessa cisão. Qual a experiência mais importante? Escutar, tratar ou elaborar? Percebemos, claramente, que esse alinhamento pede outro termo, e a indagação não é de prioridade ou importância, mas de conexão, alinhavo, tessitura. A experiência, para um passo além, pede sua *escritura*.

Esse longo caminho que fizemos em torno do *Projeto para uma psicologia científica*, cheio de citações das cartas a Fliess, contemporâneas daquele escrito, foi necessário para acentuar sua importância e sua posição, tanto na obra freudiana quanto em nossa pesquisa. Trata-se de um exemplo incomparável, por suas dimensões, sua importância no *corpus* teórico futuro — que pode ser verificado na numerosa recorrência que é feita a esse texto, nas notas de Strachey, em muitos dos principais livros publicados posteriormente —, por sua história tão peculiar, a natureza do processo de sua incorporação à obra e, enfim, pelo fato de contarmos, ainda, com o seu avesso, o que dele aparece nas cartas, disforme ou com outras formas, particularmente aquela da experiência de seu autor.

Em vários aspectos, esse exemplo não é exatamente único: tanto algumas cartas, ou fragmentos delas, quanto alguns dos “rascunhos” ou “esboços” foram também incorporados ao *corpus*. Muitos deles têm elementos muito importantes e significativos sobre o curso da elaboração freudiana, e não deixam de ser referência para o estudo da evolução de seu pensamento, sobre pontos específicos. Mas o *Projeto* foi uma tentativa bastante ousada de sintetizar uma gama enorme de questões e problemas que vinham se acumulando e de articulá-los num texto coerente. A parte que *realmente* ficou faltando é aquela, exatamente, que descreve um mecanismo que — no conjunto da metapsicologia — *faz faltar*: a explicação sobre o *recalque*.

Então, as cartas a Fliess — e todo o conjunto que delas faz parte, como os rascunhos e o grande texto, sem nome, inacabado, apelidado por seu autor, sempre provisoriamente, como “a psicologia”, ou “meu φψω” — foram *incorporadas*. E assim foram reconhecidas, legitimadas como parte ou partes do corpo, mesmo que o corpo já não estivesse mais presente: *corpus*, *body*, *corpse*, *cadavre*, *cadáver*. Postumamente pode-se evocar tudo isto: pequenas operações, alterações de letra ou um elemento estranho na série ou na frase... A alusão cadavérica estabelece uma relação entre aqui e parte alguma. Estamos, pois, interrogando a bruma que envolve esse *retorno*, retorno

desses pedaços ao corpo. Por enquanto, consideremos: eles são um testemunho vivo — vivo? — da experiência. Qual experiência? Isso, a tal ponto e nesse ponto, é algo que abarca tanta coisa, tantos acontecimentos, até mesmo o de sua escrita, que a própria vida do escritor poderia ser aí inserida.

Mas uma vida é então escrita. Na medida de sua possibilidade, uma vida foi escrita: no registro da elaboração do pensamento e da especulação — que resultaram nos livros que conhecemos —, mas também no registro do que acontece, do dia-a-dia, das circunstâncias, e aqui vale lembrar o quanto o homem tomado pela escrita dela faz uso, escreve, e escreve, e escreve. Escreve tanto quanto lhe é possível, o impossível ficando nas entrelinhas, nos suspiros, no padecimento/*pathos* cotidiano, nas disfunções do corpo, nas perdições do intelecto, na errância das paixões ou além, um pouco mais além.

Essas cartas foram incluídas. No entanto, sabemos, há outras, muitas outras, anteriores e posteriores a essas. Mas essas carregam em si a gravidade do contemporâneo ao que emerge de novo, inédito, somatório do saber e da experiência prévios, e ao que resulta de tudo isso — em suma, uma experiência que quer a assunção de si mesma. Há descoberta, há invenção — como decidir entre uma e outra? —, há vida, há avanço, há retrocesso. Há. E como a experiência se desprega de si mesma? Como a vida se desfaz ou, em sentido contrário, como ela se apropria de sua sombra ou de suas projeções? Ela se escreve. A vida escreve-se, a experiência, enfim, escreve-se. E, na cena da escrita, tal como até agora ela vem se desenhando e sussurrando a nossos ouvidos, impossível não ler, não escrever o Há:

Algo que se parece com aquilo que se ouve ao aproximarmos o ouvido de uma concha vazia, como se o vazio estivesse cheio, como se o silêncio fosse um barulho. Algo que se pode experimentar também quando se pensa que, ainda se nada existisse, o facto de que “há” não se poderia negar. Não que haja isto ou aquilo; mas a própria cena do ser estava aberta: há. No vazio absoluto, que se pode imaginar, antes da criação: há.³⁴

Posteriormente à publicação das cartas a Fliess, outras foram sendo tiradas das gavetas empoeiradas dos espólios do escritor ou das escrivatinhas errantes de seus

³⁴ LÉVINAS. *Ética e infinito*, p.40. Lembramos também que o “há” percorre todo o livro de Maria Gabriela Llansol — *Inquérito às quatro confidências* —, e que as estrutura (as confidências).

herdeiros, e dos herdeiros dos correspondentes de Freud, e foram sendo “descobertas”, ou seja, redescobertas. Que pó, que terra, que limalha, que esquecimento as cobriam? Talvez Rodrigué tenha razão, mesmo desarrazoado como é, propondo um “hipertexto”: como fazer perdurar, como desconhecer, como sermos cúmplices de uma tal cisão entre textos de variadas naturezas, entre obra e ex-obra? Entre o teórico e o cotidiano, entre *corpus* teórico e *corpus* do dia-a-dia? Seria a nossa própria experiência tão vulgar ou tão empobrecida, a ponto de relegar a escrita e a leitura a devaneios datados, historicizados, e por isso sem valor, como dejetos, *belles-lettres* ou coisa que o valha?

Mesmo considerando toda a historicidade da escrita — sua aquisição, sua apropriação paulatina pelo homem, pelo cidadão, etc, na história que conhecemos —, o escritor que aqui tentamos cingir através de sua experiência, e mesmo que por um olhar enviesado, mais do que estabelecer as bases de uma ciência ou de uma arte, foi de uma experiência que ele nos legou uma obra. Somente a essência dessa experiência poderia acolher essa conjunção, que tanto seduz os psicanalistas quanto os embaraça: ciência e arte.

Além do *Projeto*, as cartas e os rascunhos dirigidos a Fliess trouxeram enormes mudanças no curso da psicanálise, particularmente por uma concorrência histórica da maior relevância. Suas primeiras publicações, em alemão e em inglês, coincidiram com o início do ensino do psicanalista francês Jacques Lacan, nos primeiros anos da década de 1950. Esse ensino foi designado, por seu autor, como um *retorno a Freud*, e teve a forma de transmissão oral, em seminários. De certa forma, é possível destacar aqui duas incidências dentre as mais importantes, numa tentativa de demarcação desse ensino. Já nos primeiros seminários, Lacan pronuncia-se a respeito da situação da psicanálise da época — para ele caótica —, uma vez que os pós-freudianos da primeira e segunda gerações não teriam compreendido a profunda reformulação operada por Freud, a partir do texto *princeps* da chamada “segunda tópica freudiana”: o *Além do princípio do prazer*.³⁵ E mais: não compreendendo, desviaram-se profundamente de todo o sentido da obra freudiana.

Nesse contexto, já no seminário do ano letivo 1954-1955, Lacan inicia um extenso comentário do *Além do princípio do prazer*, localizando-o como um dos quatro esquemas fundamentais da evolução da elaboração freudiana. Naquela forma de

³⁵ Na aula de 17 de novembro de 1954 ele diz: “l’œuvre de métapsychologie de Freud après 1920 a été lue de travers, interprété de façon délirante par la première et la seconde génération après Freud”. LACAN. *Le séminaire*, Livre II: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse, p.20-1.

exposição, o primeiro esquema é exatamente o *Projeto*, seguindo-se o capítulo VII d' *A interpretação dos sonhos* (1900), e a *Introdução ao narcisismo* (1914).³⁶ Ou seja, ele começa pelo fim, mas também pelo começo, pois o texto de 1920 — o *Além...* — teria sido o início da desorientação geral no campo psicanalítico e, ao mesmo tempo, o aprofundamento do que se pode configurar como um verdadeiro retorno à letra de Freud. Eis como Lacan refere-se àquele texto, na sequência de haver pronunciado que “c'est justement pour retrouver le sens de son expérience que Freud a écrit *Au-delà du principe du plaisir*”:

Je vous demande à tous de lire ce texte extraordinaire de Freud, incroyablement ambigu, voire confus, de le lire plusieurs fois — sinon, vous ne saisissez pas la critique littéraire que j'en ferai.

Les derniers paragraphes sont littéralement demeurés lettre close et bouche fermée. Ils n'ont jamais été encore élucidés. Ils ne peuvent être compris que si on voit ce que l'expérience de Freud a voulu apporter.³⁷

Não obstante a seqüência que Lacan dá a estas frases, no seminário, é da maior importância a explicitação de que se trata de um texto fora de ordem, fora da ordem: além de desordenado — extraordinário —, e que só possa ser iluminado pela experiência de Freud. Além disso, vemos na crítica *litoral*, que Lacan dispõe-se a fazer, de um texto de Freud, uma *operação da letra* — “retorno à letra de Freud”, ele mesmo dirá em outro momento. E isso é absolutamente diverso de uma operação de crítica “literária”.³⁸ É da mesma operação, da letra, que se fundamenta todo o procedimento de Blanchot frente à “experiência literária”, que, como já vimos, declina-se para *experiência da escrita*.

A segunda incidência do início do ensino de Lacan, contemporâneo então da leitura do *Além...*, é um comentário, precisamente, do *Projeto*. E Lacan posiciona-se, ali, como um leitor primeiro de um texto de Freud, ou seja, de um texto até então inédito e, portanto, virgem de exegese. O *Projeto* não deixa de ser bastante valorizado, como primeiro esquema de teorização, e retornará em alguns seminários de anos posteriores, em momentos cruciais da elaboração lacaniana. A importância disso está

³⁶ Essa esquematização encontra-se à p. 146 da mesma referência da nota anterior (aula de 02 de fevereiro de 1955). Mas, na aula de 24 de novembro de 1954, Lacan sugere um programa bem mais amplo para o estudo daquele ano. Cf. LACAN. *O seminário*, Livro 2, p.33.

³⁷ LACAN. *Le séminaire*, Livre II, p.57. (aula de 1º de dezembro de 1954).

³⁸ Neste sentido, lamentamos o desacerto da versão brasileira deste Seminário de Lacan, que registra ali: “crítica literária”. Cf. LACAN. *O seminário*, Livro 2, p.54 (aula de 1º de dezembro de 1954).

em consonância com a atribuição principal que Lacan dá a seu ensino, posto que o *retorno* é, nesse caso, não só literal, mas a uma verdadeira *letra* de Freud: no caso do *Projeto*, é como se uma carta — uma letra —, desviada de sua destinação, reencontrasse-a nas lentes e no punho de Lacan. Uma letra reencontra seu lugar no grande escrito de que faz parte, no projeto de Freud. Ainda no seminário de 1955, encontramos:

La conversation de Freud avec Fliess, la parole fondamentale, qui est alors inconscient, est l'élément dynamique essentiel. Pourquoi est-elle inconsciente à ce moment-là? Parce qu'elle déborde infiniment ce que tous les deux, en tant qu'individus, peuvent alors en appréhender consciemment.

La découverte de l'inconscient, telle qu'elle se montre au moment de son surgissement historique avec sa dimension pleine, c'est que la portée du sens déborde infiniment les signes manipulés par l'individu.³⁹

Como já assinalamos mais acima, essa conversa exigiu e produziu escrita. Esse momento-Fliess da conversa fundamental⁴⁰ é constituído de cartas, rascunhos e um grande manuscrito. Sua continuação recebeu variados títulos e apresentações, até a figurabilidade da obra, que sempre querem(os) dizer completa. A passagem do adjetivo ao substantivo (inconsciente/ o inconsciente), do “elemento dinâmico essencial” à “descoberta com sua dimensão plena”, perpassa, ainda, as passagens da escrita. Lacan ainda nos dá, disso, uma passagem essencial: o alcance do sentido ultrapassa — na acepção de “ir além” —, infinitamente, os signos. Eis aqui outra face da *cena infinita*, da terceira confiança. Ir além é consequência inevitável nessa conversa, nessa escrita, e na psicanálise.

Trata-se, aqui, pois, de um duplo retorno — embora, como já vimos, o retorno seja freqüente, em livros e artigos publicados —:⁴¹ uma gama enorme de escritos de Freud “retorna”, após um desvio significativo e incomum, ao mesmo tempo em que, como veremos, traça um dos movimentos essenciais da experiência de escrever. E o

³⁹ LACAN. *Le séminaire*, Livre II, p.170 (aula de 9 de fevereiro de 1955).

⁴⁰ Ver nota 68 de nosso terceiro capítulo e a citação de que se trata.

⁴¹ Em FREUD. *ESB*, I, p.396, lemos, na introdução do editor inglês: “Quem examinar os índices bibliográficos dos volumes posteriores da *Standard Edition* terá a surpresa de encontrar em cada um deles referências, não raro profusas, às cartas a Fliess e ao *Projeto*. E, como corolário, verificará, nas notas de rodapé das páginas que se seguem, muitas referências aos volumes posteriores da *SE*. Essa circunstância é expressão da admirável verdade de que o *Projeto*, apesar de ser manifestamente um documento neurológico, contém em si o núcleo de grande parte das histórias psicológicas que Freud desenvolveria mais tarde.”

Além... também retorna, agora com uma leitura que não estanca a si própria, que não impede sua continuidade, seu avanço. Uma leitura, enfim, que não recua diante do empuxo do próprio texto, um empuxo para *mais além*. Poderíamos dizer que o *retorno a Freud*, realizado por Lacan, é um retorno para ir mais além.

Mas o que interessa tanto a Lacan no texto do *Além...?* Nesse seminário, dedicado ao estudo do “eu”, ele faz todo um percurso que vai de uma crítica à concepção naturalista do eu e da consciência — que as confunde ou identifica — até os fundamentos da ordem simbólica. No texto de 1920, o psicanalista francês valoriza e toma, para sua reflexão, uma das interrogações fundamentais de Freud: o que é escrito, na pena do autor, *Wiederholungszwang*. Lacan traduz o termo como “compulsão à repetição”, mas, em muitos momentos, prefere utilizar o substantivo “insistência” para dizer que algo se repete, insiste, sem cessar. É nisso que ele se apóia, para esclarecer a questão de que o sujeito, desde Freud, já aparece como submetido à ordem simbólica. Aqui, o sujeito não é o indivíduo ou o cidadão, mas sujeito do inconsciente. Lacan demonstra no seminário, de várias formas, como Freud embarçou-se com a questão da “consciência”, desde o início de suas formulações metapsicológicas. Pois repetição ou insistência são o substrato necessário para se falar em “insistência da cadeia significante”, e submissão do sujeito a essa cadeia. Ao final da aula de 19 de janeiro de 1955, parece ficar claro o que ele diz sobre a repetição, a linguagem e a sombra da pulsão de morte:

Forme circulaire d’une parole qui est juste à la limite du sens et du non-sens, qui est problématique.

Voilà ce qu’est le besoin de répétition tel que nous le voyons surgir au-delà du principe du plaisir. Il vacille au-delà de tous les mécanismes d’équilibration, d’harmonisation et d’accord sur le plan biologique. Il n’est introduit que par le registre du langage, par la fonction du symbole, par la problématique de la question dans l’ordre humain.

Comment cela est-il littéralement projeté par Freud sur un plan qui est en apparence d’ordre biologique? (...) La vie n’est prise dans le symbolique que morcelée, décomposée. L’être humain lui-même est en partie hors de la vie, il participe à l’instinct de mort. C’est de là seulement qu’il peut aborder le registre de la vie.⁴²

⁴² LACAN. *Le séminaire*, Livre II, p.127-8 (19 janvier 1955).

No seguimento do seminário, a fundamentação da ordem simbólica vai utilizar a análise do conto de E. Alan Poe — *The purloined letter* —, cujo escrito abrirá, mais de dez anos depois, os *Écrits* de Lacan. Mai Wegener escreve um texto a que dá o seguinte nome: “L’*Entwurf* de Freud — une lettre volée”.⁴³ Após analisar vários aspectos da relação Freud-Fliess, à luz da correspondência e outros, sobre o *Projeto* (*Entwurf* em alemão), o autor escreve: “L’*Entwurf* est caractérisé par l’hybridation et l’hystérisation qui caractérise la relation de Freud avec Fliess (et bien sûr aussi avec la science) — l’acte d’écrire ainsi que l’écrit qui en est né.”⁴⁴ A escrita, então, escreve a experiência: a própria escrita e o que dela advém. A carta roubada do projeto freudiano, após o grande desvio que conhecemos, retorna, para mais além continuar a escrever a psicanálise. O próprio *Seminário II* faz convergir o *Projeto...* (*Entwurf...*) e o *Mais além...* (*Jenseits...*). O comentário do conto de Poe introduz a fundamentação, absolutamente essencial, da ordem simbólica e de sua tomada do sujeito. Ali a carta circula como a letra, e inicia-se, no ensino de Lacan, no retorno a Freud, um longo percurso sobre a *lettre*, ao qual deveremos nos remeter mais adiante, em um de seus pontos essenciais.

De qualquer maneira, esse é um momento em que Lacan trabalha, intensamente, a passagem de uma visada predominantemente “imaginária” do funcionamento da psicanálise, para outra, sob a primazia do simbólico. Desde seu importante trabalho sobre o “estádio do espelho”,⁴⁵ escrito em 1936, e suas primeiras incursões na teoria freudiana, anterior ao “retorno”, é a categoria do “imaginário” que prevalece. Mas, como que advertido pela primeira confidência do texto que chamamos a acompanhar aqui este nosso texto — “A primeira confidência é que nada somos _____ (‘Não se irrite’). O *eu como nome* é nada. Há um lugar de servidão.”⁴⁶ —, o curso da obra, percurso da psicanálise, escrever-se-á mesmo de outra forma.

⁴³ WEGENER. L’*Entwurf* de Freud — une lettre volée. ESSAIM, n.12, printemps 2004.

⁴⁴ WEGENER. L’*Entwurf* de Freud — une lettre volée, in: ESSAIM, n° 12, printemps 2004. p. 194.

⁴⁵ Publicado em 1966, sob o título: “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je”, in: LACAN, *Écrits*, pp. 93-100.

⁴⁶ LLANSOL. *Inquérito às quarto confidências*, p. 48.

UM PASSO ALÉM

*Et pourtant, même sur la mort sans phrases,
il reste à méditer, peut-être sans fin,
jusqu'à la fin.
"Une voix vient de l'autre rive.
Une voix interrompt le dire du déjà dit."
(Emmanuel Levinas).*

Maurice Blanchot

Ao final daquela carta, do dia 20 de outubro de 1895 — de onde retiramos a citação da p.153 acima (correspondente à nota 18) —, Freud escreve a Fliess alguns versos: *Was man nicht erfliegen kann, muss man erhinken. Die Schrift sagt, es ist keine Sünde zu hinken./Ao que não podemos chegar voando, temos de chegar manquejando. O Livro diz-nos que não é pecado claudicar.*⁴⁷ E logo em seguida: “Outras confirmações acerca das neuroses estão chovendo sobre mim. A coisa é mesmo verdadeira e genuína.”⁴⁸ Se voltarmos algumas páginas acima, retomaremos a passagem que explica esse momento: Freud havia abandonado a escrita do *Projeto...*, mas não fora abandonado por ela. Ela insiste, não o deixa em paz. E mais: a coisa é *genuína e verdadeira*. E mais ainda: escrita e “coisa” deverão procurar outros caminhos, certamente alguns desvios, e atravessar o tempo.

Vinte e cinco anos depois, o livro publicado sob o nome *Jenseits des Lustprinzips/ Além do princípio do prazer* é concluído com os mesmos versos, após ter sido escrita a seguinte frase: “Podemos confortar-nos também, pelos lentos avanços de nosso conhecimento científico, com as palavras do poeta”.⁴⁹ Vinte e cinco anos,

⁴⁷ FREUD. *Correspondência completa com Wilhelm Fliess*, p.148. Utilizamos aqui a versão que se encontra na nota de rodapé. In: FREUD. *ESB*, XVIII, p.85.

⁴⁸ FREUD. *ESB*, XVIII, p.148.

⁴⁹ FREUD. *ESB*, XVIII, p.85. Encontramos a referência completa desses versos na nota 137, em *ESPI*, 2, p.198, e na nota 2, em *AE*, XVIII, p.62: “Últimos versos da poesia ‘Die beiden Gulden’, da tradução de Rückert de *Die Verwandlungen des Abu Seid Von Serug oder Die Makamen des Hariri* (1826 e 1837, 2 volumes), dos *Maqâmât* (quadros literários) de Abu Hariri, escritor e filólogo árabe.

esquecimento, desvios, dezenas de livros e artigos, centenas de cartas escritas. A primeira nota de rodapé — do editor inglês da *SE* —, ao primeiro parágrafo do texto, faz menção ao artigo metapsicológico “O inconsciente”, e a segunda, ao final do segundo parágrafo, lembra o *Projeto...*, que, além do mais, será lembrado diversas vezes no *Além...* Esse encadeamento, para quem está habituado com a sucessão dos volumes e artigos da *ESB*, não causa qualquer surpresa, susto ou angústia. Nenhum de nós viveu a perplexidade do inesperado acontecimento da descoberta das cartas a Fliess e seus efeitos sobre o estudo e o conhecimento da obra de Freud. Sequer poderíamos esquecer, no movimento de ausência-presença que o pensamento permite, para a assunção de um retorno, na lembrança, do jogo incessante das possibilidades da linguagem.

Mas, uma vez que tudo isso nos foi contado — narrativa que encontramos na vasta literatura que se ocupa, para além da obra, das histórias —, não podemos desconhecer, ou menosprezar, o fato desse encadeamento. No *Além...* Freud retoma e escreve algo que se havia paralisado, que havia impossibilitado seu avanço ou sua conclusão, no momento em que escrevia o *Projeto...* Tanto no primeiro parágrafo, em que todo o trabalho é colocado no campo metapsicológico, quanto no fechamento, com os versos do poeta, vemos o espectro fantasmagórico daquele escrito desaparecido. E reaparecido, mais adiante.

Vejam como surgem, como gotejam, nas *lettres* do escritor, os traços que vão, pouco a pouco, apresentando o texto que ele nomeia *Jenseits des Lustprinzips*. A referência mais antiga que encontramos — em uma carta a Ferenczi, de 17 de março de 1919 — fala-nos de intensa produção teórica, de fome, e algo mais:

J’ai terminé un article “fort” de 26 pages sur la genèse du masochisme, qui porte le titre: Un enfant est battu. Un deuxième, au titre énigmatique: Au-delà du principe de plaisir, est en gestation. Je ne sais si c’est le printemps frileux ou l’alimentation végétarienne qui me rend soudain aussi productif. Au demeurant, on est en train de devenir plus généreux dans notre économie alimentaire. On s’appête à supprimer les semaines sans viande pour les remplacer par des mois sans viande. Une stupide plaisanterie d’affamé!⁵⁰

O fato de ser tão produtivo não é surpresa nenhuma. Freud, quase sempre está trabalhando em mais de um livro ou artigo ao mesmo tempo. Guardemos, no entanto, o

⁵⁰ FREUD; FERENCZI. *Correspondance*, Tome II, p.371.

“título enigmático”, a “economia” e a “fome”, além da ironia de todo o trecho. Em 31 do mesmo mês, ainda escrevendo a Ferenczi, encontraremos:

Je n'en visage pas actuellement d'entreprises scientifiques plus importantes, mais j'aimerais voir sauvegardées celles déjà en chantier.

Je suis encore occupé, mais j'écris en même temps mon nouvel essai, 'Au-delà du principe de plaisir' (...) Je dis là beaucoup des choses bien peu claires, dont le lecteur devra s'arranger. Impossible, parfois, de faire autrement. J'espère cependant que vous y trouverez des choses intéressantes. Malheureusement, cela ne vaut pas un échange d'idées de vive voix.⁵¹

Distintamente do que víamos na correspondência com Fliess, Freud, nesse momento, não deseja expor as idéias que são o motivo de seu trabalho escrito. É preciso protegê-las, ainda no canteiro de obras. Além do mais, há muitas coisas ali pouco claras, que não facilitarão a vida dos leitores, não obstante a aposta de que esses leitores se arranjarão de alguma forma. Esse trabalho de maneira alguma é vão para o escritor. Confessa ainda que, pelo menos nesse caso, não é possível que fosse de outra forma. Mas o autor acredita em seu trabalho, embora diga, *en passant*, não tratar-se de coisa mais importante, e aposta, também, na perspicácia de seu interlocutor. E resta, ainda, uma observação da maior relevância: não vale a pena uma troca de idéias, daquelas idéias, de “viva voz”. Ou seja, somente a escrita pode suportar as idéias.

Na correspondência com Lou Salomé — em carta de apenas dois dias após ter escrito a Ferenczi —, Freud responde à pergunta de sua amiga sobre o estado em que estaria a *Metapsicologia*, dizendo que as dificuldades são enormes, frente à natureza fragmentária de suas experiências e ao caráter esporádico de sua inspiração. *A elaboração sistemática de uma matéria lhe é impossível*. Mas ele acrescenta que está trabalhando em *Au-delà du principe du plaisir* e roga-lhe uma apreciação sintético-crítica.⁵² No mês seguinte, em 12 de maio de 1919, volta a tocar nesse assunto com Ferenczi, escrevendo:

⁵¹ FREUD; FERENCZI. *Correspondance*, Tome II, p.378.

⁵² Cf. carta de Freud a Lou Salomé de 2 de abril de 1919. In: ANDREAS-SALOMÉ. *Correspondance avec Sigmund Freud*, p.122.

J'ai non seulement terminé le projet de l'“Au-delà du principe du plaisir”, qui sera recopié pour vous, mais aussi repris ce petit rien sur l'“inquiétante étrangeté” et tenté, au moyen d'une idée simple, de donner une base $\psi\alpha$ à la psychologie des foules. Il faut maintenant que cela repose.⁵³

Aqui já ficamos sabendo que Freud trabalha, simultaneamente, em quatro (!) de seus escritos que marcaram incisivamente o curso de sua obra. Trata-se, além do *Jenseits...*, dos trabalhos que conhecemos como “Uma criança é espancada”, “O estranho”, e “Psicologia de grupo e análise do eu”, segundo a *ESB*, nos volumes, XVII, para os dois primeiros, e XVIII, para o último. Mas o que mais chama nossa atenção nesse fragmento é a última frase: *é preciso que tudo aquilo repouse*. As cartas a Jones, do mesmo período, também informam sobre esses trabalhos. Elas trazem as curiosidades de Freud queixar-se do incômodo de escrever com uma “mauvaise plume” e de se envergonhar do fato de não conseguir escrever quando está com a “saúde perfeita”.⁵⁴

Veremos, no seguimento da correspondência múltipla de Freud, que o *Jenseits* ainda é revisado em meados do ano seguinte, sendo, então, publicado somente no outono de 1920. Repouso, revisão, adiamento, rearranjo, esquecimento, fragmentação da experiência, vários trabalhos em curso simultaneamente, impossibilidade: desvios. Em todos os fragmentos das *lettres*, destacamos questões, às vezes detalhes, aparentemente insignificantes, mas que nos remetem à experiência da escrita. Imerso nessa experiência, o escritor parece despossuído de um julgamento sobre o valor do que escreve. Ou, talvez, possuído de um grande esquecimento. No curso de sua obra, freqüentemente podemos observar um intervalo entre a escrita e a publicação de seus trabalhos.⁵⁵ Nessa região, nesse espaço, ele encontra-se, permanentemente, em luta com a possibilidade, em luta com a impossibilidade de que falava, em carta, a Lou Salomé. Ficariamos incomodados — a propósito da última carta citada aqui, a Ferenczi — com o

⁵³ FREUD/FERENCZI. *Correspondance*, Tome II, p.391-2. “Inquiétante étrangeté” é o nome francês para o artigo “Das Unheimliche” (“O estranho”, na versão brasileira).

⁵⁴ Cf. as cartas de 18 de abril e de 28 de julho de 1919. In: FREUD; JONES. *Correspondance complète*, p. 409 e 423.

⁵⁵ O adiamento da publicação, por vários anos, d'*A interpretação dos sonhos* e da “Análise de um caso de histeria” (o caso Dora), é lembrado pelo próprio Freud, no início do artigo “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos”. In: FREUD. *ESB*, XIX, p.309, embora a razão que ele nos apresenta ali seja bem distinta daquela a que aludimos aqui.

juízo do escritor, designando como “este pequeno nada” o ensaio sobre o “O estranho” e dizendo tentar, com “uma idéia simples”, dar uma base psicanalítica (ou metapsicológica) a um texto tão importante como a “Psicologia de grupo...”? Poderemos acreditar em uma modéstia que soa falsa? Blanchot lembra-nos, em um pensamento sobre a experiência-limite, alguns desses detalhes que ressaltamos na escrita de Freud:

Lorsque nous apercevons que nous parlons parce que nous pouvons oublier, nous apercevons que ce pouvoir-oublier n'appartient pas seulement à la possibilité. D'un côté, oublier est un pouvoir: nous pouvons oublier, Grace à quoi nous pouvons vivre, agir, travailler et nous souvenir — être présent: parler ainsi utilement. D'un autre côté, l'oubli échappe. Cela ne signifie pas simplement qu'une possibilité, par l'oubli, nous est ôtée, et une certaine impuissance révélée, mais que la possibilité qu'est l'oubli est glissement hors de la possibilité. En même temps que nous nous servons de l'oubli comme d'un pouvoir, le pouvoir d'oublier nous remet à l'oubli sans pouvoir, au mouvement de ce qui dérobe et se dérobe, le détour même.⁵⁶

O esquecimento que nos trouxe até aqui é aquele, já diversamente apontado, do *Projeto...* Um esquecimento tingido de abandono, desistência, repúdio. Ou um simples esquecimento, sem mais. Blanchot, no entanto, recoloca o esquecimento no cerne da experiência-limite. Além do poder esquecer, que resulta em poder lembrar e, assim, enfim viver, o esquecimento pode nos escapar. Nesse ponto, a possibilidade desliza para a impossibilidade. E o movimento que disso resulta é aquele que oculta e se oculta. Eis, por fim, o desvio, experimentado por quem aí se coloca: no limite.

Tomemos novamente a *lettre* de Freud, para alcançarmos, através de nosso desvio, o *Jenseits des Lustprinzips*. Essa *lettre* desdobra-se, no punho da amiga Lou Salomé. E nós voltamos a 1919. Em carta de 7 de julho, Lou descreve um longo caso clínico que a ocupa no momento. Um sonho e uma carta. A passagem da carta enfatizada por Lou diz: “toute la vie, peur d'un certain thème de réflexions, qui, en fin de compte, paralysait toute pensée — jusqu'à ce que le sujet fit connaissance des œuvres de Freud.”⁵⁷ A análise em questão está paralisada, por não conseguir superar as

⁵⁶ BLANCHOT. *L'entretien infini*, p.290.

⁵⁷ ANDREAS-SALOMÉ. *Correspondance avec Sigmund Freud*, p.125.

“resistências”, diz Lou. A escritora termina a carta assim: “Comme vous le voyez, je me permets sans discrétion de vous faire une visite avec plume et encre, seulement pour le cas où vous accepteriez à ce propos de laisser tomber quelque parole inappréciable.”⁵⁸ Notável o caráter encerrado na troca de cartas, fazendo-nos relembrar o que Freud já dissera sobre cartas e amizade, nos tempos da Academia Espanhola. Notável como a escrita, na circulação das cartas, materializa um acontecimento: uma visita de pena e tinta. Lou esteve lá, dentro do gabinete de Freud, em sua intimidade, em seu acolhimento, à espera de alguma palavra inestimável. A resposta é enviada em 1º de agosto, comentando rapidamente o caso, dando notícias do suicídio de um amigo comum — Viktor Tausk — e terminando com as seguintes palavras: “J’ai choisi maintenant comme aliment le thème de la mort, j’y suis venu en butant sur une curieuse idée des pulsions et me voici obligé de lire tout ce qui concerne cette question, comme par exemple, et pour la première fois, Schopenhauer”.⁵⁹ O escritor volta à metáfora da fome, ao referir-se a um tema que o ocupa e que será tratado com letras, ou seja, será escrito. Ele já havia anunciado, em carta anterior, a ela mesma, a decisão de escrever o *Au-delà...* E aqui parece ressoar um pouco mais alto o que transita entre várias escritas: aquela, da carta do analisante de Lou — o medo de um certo tipo de reflexão, que paralisa o pensamento —; a outra, na carta dela mesma, Lou Salomé — uma visita indiscreta, que não pede licença, tentando surpreender uma palavra preciosa de seu mestre —; e a de Freud, comunicando que o tema das pulsões ainda não o deixa descansar e, nessa senda, é a morte que agora será espreitada.

Nessa volta, nessa (re)volta do curso da experiência de Freud, querendo tomar, mais uma vez, a pulsão como tema, o escritor é novamente tomado por ela, a pulsão, a pulsão da escrita.⁶⁰ Porque isso, como vamos verificando progressivamente, não pára. E ele tenta orientar-se por um ponto que, na altura do curso de sua obra, parecia estar razoavelmente formulado: o *princípio do prazer*, como ele escreve na primeira frase de seu texto: “Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio do prazer”.⁶¹ No entanto, e ao que parece pelas informações contidas nas cartas do autor, desde o início ele

⁵⁸ ANDREAS-SALOMÉ. *Correspondance avec Sigmund Freud*, p.125.

⁵⁹ ANDREAS-SALOMÉ. *Correspondance avec Sigmund Freud*, p.126.

⁶⁰ “Pulsão de escrita”: expressão utilizada pela escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, e estudada em ANDRADE. *Luz preferida: a pulsão da escrita em Maria Gabriela Llansol e Thérèse de Lisieux*.

⁶¹ FREUD. *ESB*, XVIII, p.17.

escreve uma tentativa de delimitar o campo onde, na nova incursão, ele pretende retornar ao princípio do prazer (*Lustprinzip*): ele escreve *Jenseits des Lustprinzips*.

A palavra alemã “jenseits”, assim, escrita com minúscula, é advérbio, e tem uma conotação espacial: “do outro lado de”, ou “na outra margem”; escrita com maiúscula é substantivo — das *Jenseits* —, e carrega o sentido metafórico de “o além”, “o outro mundo”, que, nas origens, na Antigüidade, era muito real, associada à travessia do rio da morte (Estige) ou do esquecimento (Letes). Assim temos: “o sentido primeiro, mais imediato de ‘jenseits’ é claramente espacial, sugerindo a imagem do rio, com uma margem de cá (*diesseits*), e outra de lá (*jenseits*).”⁶² Trata-se de palavras compostas, cujo segundo termo é sempre o genitivo de *Seite* (lado, margem, flanco, beira, mas também... *página*). O genitivo é o “caso”⁶³ que exprime a relação de posse, ou de alguns sentidos limitativos, entre um nome e seu complemento ou adjunto.

Essa etimologia, que não é simples, interessa-nos aqui de forma especial. Acreditamos que o sentido que prevaleceu amplamente, não só entre a maioria dos analistas, é tributário da tradução inglesa, aquele que diz “além”, no sentido do que está adiante, posterior, na frente. Tanto que encontramos, freqüentemente, “Mais além...”, ou “Para além...”. A versão espanhola é, sempre, “*Más allá...*”. Por outro lado, a insistência de “além”, em todas as traduções, mostra como prevaleceu a idéia que ficou, definitivamente, associada a esse texto: a *morte*, ainda que sob a forma de um epíteto da pulsão, ou melhor, ainda que como uma forma ou um dos tipos de pulsão. Enfim, o que nos parece evidente é que a prevalência tenha sido do significante da língua alemã: **jenseits**. A significância que se volatiliza a partir daí — não sem a densidade, mínima e necessária, para aspergir sentidos, sem deixá-los dispersarem-se, perderem-se — desconhece a cisão classificatória dos vocábulos na análise sintática: advérbio ou substantivo. O que importa, o que vale, é a nuvem de significância que se forma em cada momento em que o significante é convocado — falado, escrito ou apenas representado. Talvez Freud tenha agido, tenha experimentado em sua essência aquilo que aparece sob o trabalho de sua pena, na *lettre* de 17 de março de 1919 a Ferenczi: “um título enigmático” (p.169 acima). Não terá sido apenas aos leitores que ele reservara o trabalho de se “arranjarem” com o enigma e as coisas pouco claras com que

⁶² Devo este esclarecimento etimológico ao Professor João Barrento, em comunicação pessoal.

⁶³ *Caso*: “nas línguas de declinação, cada uma das diferentes formas de uma palavra flexionável que indicam a função sintática da palavra na frase”. In: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*.

trabalha nesse artigo. E não podemos deixar de notar que, ao tentar restringir o campo semântico — atributo do genitivo —, o escritor amplifica-o ainda mais com o poder evocador do significante que utiliza. De qualquer maneira, ficamos intrigados com o fato de este título não ter despertado atenção do ponto de vista de sua amplitude-enigmática ou de isso ter acontecido apenas de forma muito particular ou limitada. Não encontramos tal discussão em nenhuma das traduções que utilizamos. Tampouco o novo — louvável e corajoso — projeto de tradução da obra de Freud, diretamente do alemão para o português,⁶⁴ o faz. Na introdução a esse artigo, o tradutor brasileiro discute, longamente, os problemas relativos à versão de outro vocábulo: *Angst*. Mas, quanto ao título, silêncio.

Eduardo Vidal explora a complexidade dessa etimologia: “A preposição **jenseits**, cuja regência é o genitivo, pode ser traduzida como ‘no outro lado, na outra margem’, e também ‘além de’, na acepção de ‘para lá de’. Mais do que indicar ultrapassagem, **jenseits** aponta para algo fora do domínio, e necessário para a demarcação.”⁶⁵ Seria necessário explorar um pouco mais essa investida no enigmático do título. Se pensarmos na “outra margem” de um rio e em seu “para lá desta margem”, o que teríamos? Algo heterogêneo, que não é rio, não é o leito do rio. E se a margem for de uma página, o que seria o “para além” dessa página? Não poderia ser, simplesmente, outra página, nem sequer o outro lado da página, no sentido do avesso, que, na língua de Freud, levaria à utilização de *Rückseite* = a parte de trás, ou das costas. Para além da página, ou melhor, de sua margem de lá, não temos nada, ou temos a falta de página, uma ausência, um vazio ou o espaço, mas que, no fim das contas, é também algo diverso, outro, diferente. Para além da borda do rio, temos algo heterogêneo, que não é rio, diferente da água, diferente de seu leito, diferente da margem de lá.

Voltemos à demarcação de Vidal: o título de Freud o conduziu para “algo fora do domínio, e necessário para a demarcação”. E nos conduziu ao “heterogêneo, diferente, outro”. A leitura de Vidal sugere-nos que, para além da borda de lá, estando pois, fora do domínio, isso ainda demarca outras coisas: haverá outras margens, outras bordas, por lá. Guardemos, em suspenso, a morte, que, como vimos, já fora “fixada”, ou “ficçada” à expressão alemã utilizada por Freud. Guardemos, ainda, o esquecimento, que já se

⁶⁴ A edição *ESPI*, com a direção geral de tradução sob responsabilidade de Luiz Alberto Hanns. Cf. Bibliografia, ao final desta tese.

⁶⁵ VIDAL. A torção de 1920. *Letra Freudiana* Pulsão e gozo, p.22.

presentificou aqui em nossa escrita e na orla semântica antiga da letra de Freud. Recorreremos, entretanto, às palavras dele mesmo, Freud, no início de seu quarto capítulo, no *Jenseits des Lustprinzips*:

O que se segue é pura especulação, que muitas vezes remonta ao passado longínquo e que cada um, de acordo com sua posição subjetiva, poderá levar em consideração ou desprezar. De resto, trata-se de uma tentativa, movida por pura curiosidade, de explorar uma idéia até o final, apenas para saber aonde ela pode nos levar.⁶⁶

Como não há qualquer simetria no texto de Freud, não podemos dizer que esse parágrafo encontra-se “no meio”, ou “na metade” dele. Isso talvez sinalizasse alguma coisa. Mas o fato é que a palavra *especulação* e alguns de seus correlatos e expressões em que ela está contida (“suposições especulativas”, “hipóteses especulativas”) são indispensáveis ao escritor e estão disseminadas do início ao fim de seu trabalho. Podemos dizer que a ousadia de atingir o para além do lado de lá não pode recusar essa expressão que revela um certo cuidado, um certo receio. Não há razão para fazer o inventário disso aqui. E, antes de seguirmos adiante, antes de procurarmos sair do desvio e conjecturar algumas graves conseqüências do que ali se escreveu, detenhamo-nos no brado de um outro escritor:

On peut assurément écrire sans se demander pourquoi l'on écrit. Un écrivain, qui regarde sa plume tracer des lettres, a-t-il même le droit de la suspendre pour lui dire: Arrête-toi! Que sais-tu sur toi-même? En vue de quoi avances-tu? Pourquoi ne vois-tu pas que ton encre ne laisse pas de traces, que tu vas librement de l'avant, mais dans le vide, que si tu ne rencontres pas d'obstacle, c'est que tu n'a jamais quitté ton point de départ? Et pourtant tu écris: tu écris sans relâche, me découvrant ce que je te dicte et me révélant ce que je sais; les autres, en lisant, t'enrichissent de ce qu'ils le prennent et te donnent ce que tu leur apprends. Maintenant, ce que tu n'a pas fait, tu l'as fait; ce que tu n'as pas écrit est écrit: tu es condamnée à l'ineffaçable.⁶⁷

Nesse veemente protesto, o escritor pergunta-se por seu direito. Queixa-se, sobretudo, de sua própria experiência. Talvez da experiência em si. Indaga sobre a

⁶⁶ FREUD. *ESPI*, 2, p.149. Escolhemos esta versão por ser a mais clara e abrangente.

⁶⁷ BLANCHOT. *La part du feu*, p.293.

escrita e o escrever. Quer saber de seu direito de não escrever. E, no entanto, escreve-se. Sua pena não se detém, embora não saia de seu ponto de partida. A escrita aos poucos revela-lhe o que ele, escritor, contém em si mesmo, em sua experiência, mas que ainda não é nada. Ou, então, é pura especulação. Mas, e a obra? Temos a obra de Freud, ela o fez escritor. Da experiência que age, que acontece, entre um e outro, o que sabemos nós? O pouco que sabemos, os restos dessa experiência, são lampejos da obra. E o *Jenseits...*, certamente nos diz alguma coisa.

Nesse escrito, Freud discorre sobre várias passagens anteriores de sua obra. Revela que a *compulsão à repetição* tem uma incidência e um funcionamento para além do que até então já se lhe havia revelado. Trata-se de algo mais primitivo, mais originário, mais elementar, mais irracional, mais impulsivo, que o “princípio de prazer”. As neuroses traumáticas e os sonhos dos pacientes por ela acometidos também lhe chamam a atenção por algo que é diferente, é outra coisa. Coisa semelhante acontece com formas de repetição de analisantes, com seus comportamentos frente ao analista e alguns sonhos, atravessando o que ele nomeara de “neurose de transferência”. Freud descobre, em uma apurada observação de jogos infantis, a mesma repetição, mas com novos significados, novas conseqüências para sua elaboração do desenvolvimento e funcionamento do aparelho psíquico.

Tudo isso coloca em xeque a dominância do “princípio do prazer”, assim definido pelo autor, ainda no início de seu texto: “Nossa premissa é a de que cada vez que uma tensão desprazerosa se acumula, ela desencadeia processos psíquicos que tomam, então, um determinado curso. Esse curso termina em uma diminuição da tensão, evitando o desprazer ou produzindo o prazer.”⁶⁸ A explicitação de vários pressupostos e várias decorrências desse último, no segundo parágrafo, está entremeada de expressões do tipo: “trata-se da região mais obscura e inacessível da mente”. Mas é isso mesmo que o leva a escrever, logo em seguida: “já que não podemos evitar travar contato com ela, a hipótese menos rígida será a melhor”.⁶⁹ Esse é apenas um exemplo e uma sondagem cuidadosa, no escuro, eivada de receios, mas que não impede que o escritor siga adiante. Nesse mesmo ponto, tão inicial do texto, uma nota do editor inglês diz o seguinte: “Os conceitos de ‘quantidade’ e de excitação ‘vinculada’ que perpassam todos os escritos de Freud encontram aquilo que talvez seja seu mais pormenorizado exame no primitivo

⁶⁸ FREUD. *ESPI*, 2, p.135.

⁶⁹ FREUD. *ESB*, XVII, p.17-8.

‘Projeto’”.⁷⁰ Ou seja, a referência essencial do texto do *Jenseits*, a margem do lado de cá — que perpassa toda a obra de Freud —, está, sempre esteve, no manuscrito “desaparecido”, que retornou, após seu próprio esquecimento e seu desvio.

O jogo infantil, objeto da observação de Freud — descrito no capítulo II —, constitui uma passagem à parte, que nos estudos e exegese do texto configuraram o que se conhece como a experiência do *Fort da*. Tal experiência é, em si mesma, objeto de intensa pesquisa e com importantes contribuições para a teoria psicanalítica em geral e particularmente para a teoria do desenvolvimento inicial do aparelho psíquico. E há aqui uma conexão notável, entre a significância de *jenseits* — do lado de lá, além da beira de lá — e estas duas palavrinhas do idioma alemão, escutadas no balbuciar de uma criança de um ano e meio. O que Freud ouvia era um O.O.O.O.O.O!..., e depois a.a.a.a.a.a.!, correspondendo àquelas palavras, *Fort* e *da*: ambas delimitando espaço, entre *lá*, longe, embora (*Fort*) e *cá* (*da*): as bordas presentes no *jenseits*, num momento inaugural, de entrada de uma criança no campo do simbólico.⁷¹

Ao final do capítulo III, o escritor invoca a *coragem*⁷² (ou a *ousadia*)⁷³ para ir adiante. Ou seja: com tudo isso que até aqui ficou explicitado, ainda assim precisamos ir além, mas... Aqui então voltaremos ao texto sobre as quatro confidências — presente desde nosso primeiro capítulo —, que cada vez acerca-se, estreita-se mais desse outro texto, de Freud, e deste outro, que aqui se escreve. Ele diz: “E para que a coragem não faltasse nunca ao meu companheiro filosófico, tive impulso de lhe falar na quarta confidência. Mas guardei-a para mim, para uma hora — a hora que haveria de vir —, que nos exigisse a coragem derradeira.”⁷⁴

O quarto capítulo é aquele iniciado com a citação que destacamos três páginas acima e perfaz, em perfeito desvio, recapitulações de pontos anteriores, já escritos em outros livros — (ce que tu n’as pas écrit est écrit: tu es condamnée à l’ineffaçable) —, e que mantêm toda a sua validade. Assim, por exemplo, “quando formulamos a proposição de que *a consciência surge em vez de um traço de memória*, a assertiva merece consideração, pelo menos com o fundamento de que é estruturada em termos

⁷⁰ FREUD. *ESB*, XVII, p.17-8.

⁷¹ A observação narrada, sua interpretação e suas conseqüências são muito mais complexas do que foi aqui remarcado. A esse respeito ver: VIDAL. A torção de 1920. *Letra Freudiana*. Pulsão e gozo, p.22-8.

⁷² FREUD. *ESB*, XVIII, p.36; FREUD. *ESPI*, 2, p.148.

⁷³ FREUD. *AE*, XVIII, p.22

⁷⁴ LLANSOL. *Inquérito às quatro confidências*, p.67.

bastante precisos.”⁷⁵ Sabemos que essa proposição remonta à carta número 52, de Freud a Fliess (segundo a *SE*): a importantíssima carta de 6 de dezembro de 1896, que desenvolve e deixa mais claros vários pontos do *Projeto*...

Além dessas retomadas, do que já estava estabelecido na metapsicologia, Freud envereda por tortuosas explorações biológicas, imaginando um ser vivo em sua mais radical primariedade: “Imaginemos um organismo vivo em sua forma mais simples possível, como uma vesícula indiferenciada de uma substância que é susceptível de estimulação.”⁷⁶ Mas todo o capítulo segue o preceito do primeiro parágrafo, sem deixar de apresentar as variadas e devidas escusas de que ainda não chegamos à outra margem, mas seguiremos. Assim, por exemplo: “Parece melhor, contudo, expressarmo-nos tão cautelosamente quanto possível sobre esses pontos.”⁷⁷ Ou: “Sei que essas observações devem soar muito obscuras, mas tenho de limitar-me a essas sugestões.”⁷⁸ E, queixando-se de tanta indefinição, ou melhor, da falta de precisão de algumas descrições da metapsicologia, ele conclui: “Por conseguinte, ficamos operando todo o tempo com um grande fator desconhecido, que somos obrigados a transportar para cada nova fórmula.”⁷⁹

O capítulo seguinte retoma o exame da *compulsão à repetição* — aprofundando o questionamento de suas relações com o “princípio de prazer” e as variadas conseqüências disso para o funcionamento do aparelho mental. Avança para a afirmação do caráter pulsional da repetição, mas, como isso contradiz a dominância do “princípio do prazer”, algo de novo descortina-se aí, algo cujo caráter, como já assinalamos, é mais antigo, mais originário, mais elementar, mas também mais impulsivo. Nesse ponto, o autor destaca, em itálico, sua afirmação:

Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de

⁷⁵ FREUD. *ESB*, XVIII, p.41. (destaque em itálico, do autor)

⁷⁶ FREUD. *ESB*, XVIII, p.41

⁷⁷ FREUD. *ESB*, XVIII, p.42.

⁷⁸ FREUD. *ESB*, XVIII, p.44.

⁷⁹ FREUD. *ESB*, XVIII, p.46.

elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica.⁸⁰

A partir disso, Freud mesmo o explicita, não há como escapar à tentação de perseguir, até sua conclusão lógica, tal hipótese. Em nota de rodapé, acrescentada cinco anos após a publicação do *Jenseits*, essa tentação é reforçada: “o leitor não deve desprezar o fato de o que se segue ser *o desenvolvimento de uma linha extrema de pensamento*.”⁸¹ Na edição *ESPI*, a nota diz: “desenvolvimento ao limite de uma idéia”.⁸² Isso já estava expresso naquele parágrafo inicial do quarto capítulo — “explorar uma idéia até o final, apenas para saber aonde ela pode nos levar” —, mas esta ênfase, reiterada cinco anos após a primeira edição do livro, chama a nossa atenção. Pois o movimento da escrita, até aqui, é claramente assentado sob as seguintes bases: *quero ir além, mais além, até, do que a outra margem — ao Além, talvez; trata-se de pura especulação, mas algo, alguma força me impele adiante, até o extremo do pensamento, ou ao limite da idéia, ou a uma idéia-limite; ressalto, todavia, e a todo momento, que não sei bem se posso seguir por esse caminho, se devo afirmar isso ou aquilo, pois estamos em terreno absolutamente desconhecido*.

Vemos aqui, no movimento da escrita de Freud, algo muito semelhante ao que ele persegue, especula, formula, em termos da metapsicologia. O que impele o escritor, na experiência de escrever, parece ser algo da mesma natureza daquilo que ele formula, nos limites — *no limite* — de sua “ciência”. Aqui podemos voltar à *experiência interior*, de Bataille, posto que ela é colocada também no limite e como limite.

Blanchot, na tradição do *compte-rendu* (como explicitado em nosso terceiro capítulo), preocupa-se em situar a experiência-limite — “celle que Georges Bataille nomma ‘l’expérience intérieure’” —,⁸³ não como um fenômeno estranho ou a singularidade de um espírito extraordinário, mas de forma que ela guarde seu poder de

⁸⁰ FREUD. *ESPI*, 2, p.160(destaque do autor). O tradutor dessa versão explica, em uma nota, a dificuldade de sua tarefa: “*Drang*, ‘força impelente’; alternativas: ‘pressão’, ‘afã’, ‘ânsia’, ‘urgência’. Este trecho do texto mostra com clareza como os termos *Drang* (pressão), *Trieb* (pulsão) e *Zwang* (coerção, coação, compulsão) podem se aproximar, formando uma ‘trama enfática’. Nesse trecho Freud define a relação entre o que é pulsional (*triebhaft*) com a compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*), explicando que a pulsão (*Trieb*) é uma ‘ânsia’ (*Drang*) de restaurar um antigo estado que habita o orgânico vivificado.”

⁸¹ FREUD. *ESB*, XVIII, p.55 (destaque nosso).

⁸² FREUD. *ESPI*, 2, p.194 (nota F90).

⁸³ BLANCHOT, *L’entretien infini*, p.302.

interrogação para nós. Ele escreve: “L’expérience-limite est l’expérience de ce qu’il y a hors de tour, lorsque le tout exclut tout dehors, de ce qu’il reste à atteindre, lorsque tout est atteint, et à connaître, lorsque tout est connu: l’inaccessible même, l’inconnu même”.⁸⁴ Tal experiência expressa bem o paradoxo da (im)possibilidade. Somente por um recurso de insistir, continuar, forçar o limite, é que a possibilidade de ultrapassá-lo, ainda que permaneça na impossibilidade, torna-se viável. Pelo menos no registro da escrita.

É assim, atravessando uma tal experiência, reiterada várias vezes por Freud sob a forma de “perseguir uma idéia ou pensamento até onde ele pode nos levar”, ou “até o seu limite”, que, ainda no quinto capítulo do *Jenseits...*, o autor não pode passar ao largo de escrever, ainda que no condicional:

Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões *internas*, então podemos dizer que: *O objetivo de toda vida é a morte*, e remontando ao passado: *O inanimado já existia antes do vivo*.⁸⁵

Tal suposição acarreta um grande desarranjo na estruturação, até então estabelecida, do funcionamento das pulsões. Como admitir que forças pulsionais conduzam à morte, frente ao que sempre vinha sendo sustentado teoricamente, acerca de outras forças, também pulsionais, encarregadas de conservar e fazer evoluir o organismo vivo? Freud, mais uma vez, não se deixa tomar pelo recuo e chega, mais um passo à frente, à afirmação surpreendente: sim, o organismo deseja morrer, mas somente a partir de suas próprias leis internas. Morrer, pois, não seria qualquer coisa: há forças no organismo que impedem um curto-circuito, uma morte antecipada. “Ele [o organismo vivo] quer morrer à sua maneira, e, assim, também essas pulsões que preservam a vida na verdade foram originalmente, serviços da morte.”⁸⁶

O sexto capítulo é o mais extenso exercício especulativo do livro, através de um longo périplo por teorias biológicas, chegando a seu limite quanto ao que interessa aqui:

⁸⁴ BLANCHOT, *L’entretien infini*, p.304-5.

⁸⁵ FREUD. *ESPI*, 2, p.161 (*ESB*, XVIII, p.56) (destaques do autor).

⁸⁶ FREUD. *ESPI*, 2, p. 162. (*ESB*, XVIII, 57).

“o conceito de morte lhes escapa das mãos” (dos biólogos).⁸⁷ Mas é onde, por outro lado, pela primeira vez, Freud escreve “pulsão de morte”. Em certa altura, fica mais clara a mudança operada na teoria das pulsões: a originária oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais, agora está formulada como sendo entre pulsões de vida e pulsões de morte. Ainda assim, Freud explora diversas objeções ou pontos fracos no desenvolvimento de seu raciocínio e, nessa mudança tão fundamental, no cerne da metapsicologia. Chega, então, ao limite do discurso científico e passa, com a devida medida, àquele, “fantástico ou mítico”, segundo suas próprias palavras. Recorre à “teoria que Platão colocou na boca de Aristófanes no *Symposium* — sobre a origem da pulsão sexual e de suas variações em relação ao objeto” —,⁸⁸ para logo indicar, em longa e detalhada nota de rodapé, a probabilidade de que a fonte desse mito esteja, muito antes de Platão, nos *Upanishads* ou na *Babilônia*. Freud deixa-se levar, durante todo um parágrafo, pela sugestão do filósofo, escrevendo três ou quatro longas perguntas sobre partículas, fragmentos estilhaçados e suas evoluções. Até que se detém, aparentemente, de modo mais decisivo: “Mas aqui, acho eu, chegou o momento de interromper-nos.”⁸⁹ Entretanto, a frase imediatamente seguinte, no início do próximo parágrafo, (re)começa tudo: “Não, contudo, sem o acréscimo de algumas palavras de reflexão crítica.”⁹⁰ E aqui se segue uma passagem brilhante, repetitiva, enfática, apaixonada, insana, enigmática:

Poderiam me perguntar se, e em que medida, eu mesmo estou convencido das hipóteses desenvolvidas aqui. Minha resposta seria a de que nem estou convencido, nem peço aos outros que acreditem nelas. Para ser mais exato, eu diria que nem sei até que ponto acredito nelas. Contudo, não vejo razão por que o fator afetivo da convicção deveria ser considerado aqui. Penso que é perfeitamente lícito que o ser humano persiga o fio da meada de alguma hipótese até onde quer que seja, ou por simples curiosidade científica, ou no papel do *advocatus diaboli*, que nem por isso vendeu a alma ao diabo.⁹¹

O que é isso? Trapacear o diabo? Enganar a morte? Escapar ao império da pulsão? Não, não é bem assim. Mas quase! O que Freud anuncia aí é uma exigência que mal consegue explicar, embora tudo pareça tão trivial. Fazer o papel do diabo, mas sem

⁸⁷ FREUD. *ESPI*, 2, 167. (*ESB*, XVIII, 64).

⁸⁸ FREUD. *ESB*, XVIII, p.78.

⁸⁹ FREUD. *ESB*, XVIII, p.79.

⁹⁰ FREUD. *ESB*, XVIII, p.80.

⁹¹ FREUD. *ESPI*, 2, p.178 (*ESB*, XVIII, p.80).

qualquer comprometimento com ele. Que espaço é esse, que posição é essa de exercer uma função, sem se comprometer com a essência daquilo que a define? A retórica desse trecho combina em alto grau um movimento contraditório, entre o que é do sujeito, singular, no caso aquele que aí escreve — *acredito? não acredito? até que ponto...?* —, e os outros — não me preocupo se os outros acreditam... —. Da mesma forma, a contraposição entre a posição muito especial, individual, particular — de *advocatus diaboli* sem vender-lhe a alma — e a universal do *ser humano*, que, como qualquer outro, pode perseguir o fio da meada... Por outro lado, nesse fragmento, o escritor reitera, mais uma vez, o que já havia dito no início do quarto capítulo: o que ele escreve exigirá, realmente, de cada um que aqui comparece como leitor — e na gravidade da “posição subjetiva” de cada um — alguma resposta. E isso não parece ser nada de mais, diante da idéia geral de “explorar uma idéia até o final, etc”. Ele quer ser *exato*, mas isso se revelou impossível; isso o obriga a dizer mais alguma coisa sobre “convicção” e “fator afetivo”.⁹²

Estamos caminhando para o final do *Jenseits*. O escritor mantém alta a tensão entre aquilo que ele persegue, escrevendo, e a incredulidade maleável frente aos resultados a que vai sendo conduzido. E o mais importante: ele não pára. Mais uma vez a pergunta: por que enveredei por esse caminho? E, ainda mais: por que decidi publicar essa obra? Sua resposta não nega qualquer movimento de todo o percurso que o trouxera até aqui: “Bem, somente posso responder que algumas analogias, associações e relações me pareceram suficientemente dignas de consideração para achar que valia a pena correr o risco.”⁹³ Ou seja: *quero ir além, mais além...; trata-se de pura especulação...; mas algo, alguma força, me impele adiante...; até uma idéia-limite...; que não sei bem se posso seguir por esse caminho...; estamos em terreno absolutamente desconhecido; já nem sei por que enveredei-me por essa trilha; ...por que decidi torná-la pública; pensando bem, vale a pena correr o risco.*

O término é incisivo, em um pequeno capítulo. Roudinesco assim o descreve:

Pela altivez de seu tom, o último capítulo anuncia a firmeza de que Freud daria mostra em seguida, sobretudo em *O mal-estar na cultura* e no *Esboço de psicanálise*, frente aos ataques do qual esse avanço teórico seria objeto. Empenhado em defender

⁹² Em outras palavras, podemos dizer que Freud obedece, premido pela exigência da obra, à máxima llansoliana “Vejamos onde nos leva a escrita”.

⁹³ FREUD. *ESPI*, 2, p.179 (*ESB*, XVIII, p.82).

seu ponto de vista, ele esclarece em poucas linhas, como se esse fosse um argumento esquecido, que, diversamente das pulsões de vida, ruidosas em suas buscas e perigosas em razão das tensões internas que provocam, as pulsões de morte são silenciosas e, como tais, difíceis de localizar. Este último comentário inspirou-lhe uma profissão de fé epistemológica que condenou sem apelação as crenças científicas. E conferiu a esse livro o toque final de modernidade a que grande parte do pensamento do século XX não deixaria de render homenagens.⁹⁴

O capítulo sétimo é curto, faz uma síntese do caminho percorrido, reafirma o que parece ter sido inquestionavelmente estabelecido até então — e o avanço não foi pequeno em termos de metapsicologia, uma vez que o caminho ficou aberto para a concepção da “segunda tópica” do aparelho psíquico —,⁹⁵ abre novas questões e escreve o que se pode considerar o seu ponto de chegada, tendo em vista seu ponto de partida: “O princípio de prazer parece, de fato, estar a serviço das pulsões de morte.”⁹⁶ O final do texto, nós já o conhecemos e não poderia mesmo ser sem a palavra poética — *Ao que não podemos chegar voando, temos de chegar manquejando. O Livro diz-nos que não é pecado claudicar*. Ao fazê-la sua, o escritor confessa que não chegou onde pretendia e, portanto, não vai parar, não pode parar, mesmo que claudicando. Além disso, o verbo *parecer*, desse ponto de chegada, marca uma ética, marca a fidelidade do escritor a seu ofício e do psicanalista a sua experiência: página e rio foram atravessados? Sim, podemos dizer: página de escrita, rio do discurso do inconsciente; até a beira de lá foi forçada e franqueada, mas, o que se apresenta lá, além, Além, não se pode escrever com a conotação categórica do verbo *ser*. Aqui poderemos dizer que o ponto de chegada de Freud articula-se bem com “algo fora do domínio, e necessário para a demarcação”. Fora do domínio: a morte; necessário para demarcação: como escrevê-la. Nesse além, para lá da beira de lá, haverá outras demarcações a fazer. Diremos, também, que o ponto de chegada de Freud já estava contido em seu ponto de partida: *Jjenseits*, o significante.

Ao começar a escrever o aparelho psíquico, Freud já se dava conta de que a morte rondava-o, acompanhava-o, passo a passo. Mas, durante o longo trajeto, até 1920, ela ainda não tem nome, não pode ser nomeada dentro de sua obra. Não obstante suas

⁹⁴ ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise*, p.489, verbete *Mais além do princípio do prazer*.

⁹⁵ Na primeira tópica (1890-1920), Freud distinguia o inconsciente (Ics), o pré-consciente (Pcs) e o consciente (Cs). Na segunda (1920-1939) formulou três instâncias: o Eu, o Isso e o Supereu.

⁹⁶ FREUD. *ESPI*, 2, p.181 (*ESB*, XVIII, p.85).

migalhas, pulverizadas e dispersadas, mas presentes ao longo de seus longos dia-a-dias de trabalho e de escrita, de que nos dão testemunho suas cartas a Fliess. Não obstante seu descuido — dela, a morte —, quando Freud reage como reage à morte de seu pai, em 1896 (iniciando sua “auto-análise” e a redação da *Traumdeutung*), quase se deixando capturar nos sonhos, nas cartas e ainda em muito mais coisa que não veio à luz, por ter-se perdido, ou por não ter tido o tratamento da escrita.

Mas a morte segue rondando-o, estreitando-lhe, seguindo-o, cada vez mais de perto, cada vez mais insinuante, disseminando em seu trajeto as marcas que, inevitavelmente, o conduzirão a seu deciframento, como que desenhando em seu entorno a imagem impossível de não ver, ou soletrando a palavra, impossível de não se escrever. Assim, a escrita do aparelho psíquico — organismo vivo, escrita viva! — e sua experiência, presente e atuante no próprio Freud, em seus pacientes, em seus colegas, no funcionamento de outra escrita viva — a psicanálise —, que engatinha, mas cresce e amplia-se vigorosamente. A escrita que originalmente era apenas a do aparelho psíquico — posto que emergira do sistema nervoso, do cérebro, da anatomia, enfim, do corpo — estende-se progressivamente para a escrita daquilo que é sua própria base: a linguagem, ou seja, a escrita da escrita. A morte, então, precipita-se, deixa-se nomear, em meio ao funcionamento de todo o aparato, do aparato todo da obra em curso, de um curso inexorável. Mesmo assim ela vem disfarçada, maquiada, transvestida sob a roupagem, o manto da pulsão. Como Madame Edwarda — a chave de ler a *Expérience intérieure*:

Elle passa un bolero blanc, dissimula sous un domino sa nudité: le capuchon du domino lui couvrait la tête, un loup à barbe de dentelles lui masqua le visage. Ainsi vêtue, elle m'échappa et dit:

— Sortons!

(...)

Elle était noire, entièrement, simple, aingoissante comme un trou: je compris qu'elle ne riait pas et même, exactement, que, sous le vêtement qui la voilait, elle était maintenant absente.

(...)

J'ai fini.

Du sommeil qui nous laissa, peu de temps, dans le fond du taxi, je me suis éveillé malade, le premier... Le reste est ironie, longue attente de la mort...⁹⁷

⁹⁷ BATAILLE. *Œuvres complètes*, Tome [], p.22, 24 e 31.

A escrita de Freud — já podemos aqui limitarmo-nos a dizer tão-somente: a *escrita* — reconhece no além algo que, fora de seu domínio, delimita-a, faz contorno ou borda. O além que o escritor escreveu é o além que a linguagem impõe às coisas, através das palavras: a palavra é a morte da coisa. É o desvio essencial, entre a coisa e seu nome; distanciamento que é a própria possibilidade da distância. Mas, tornando-se, por sua vez, também coisa, atingimos a materialidade da linguagem: paradoxo essencial. Por tudo isso, o *Além do princípio do prazer* é um ponto limite na escrita de Freud. Embora não seja o seu fim, o seu termo. Ao contrário, só atravessando a experiência como limite pode-se ir mais além. Nesse texto, a linguagem do escritor encontra suas bordas, a sua negação, no próprio curso, em seu curso normal, como se ainda funcionasse. A escrita ali é conduzida a seu impasse e o ponto que alcança — a pulsão de morte — é um nó do qual não pode mais recuar, não podendo, igualmente, por ora, avançar. É a crise da linguagem, na experiência da escrita. O além que Freud tenta escrever é o além que a linguagem impõe às coisas, através das palavras: a palavra é a morte da coisa, sendo, ela também, coisa. E a escrita é sua materialidade mais radical. Radicalidade própria à morte, uma morte sem fim, como veremos.

É exatamente por esse motivo que não vemos sentido algum na interpretação forçada que alega que Freud só teria escrito esse texto devido às circunstâncias que vivia. No imediato pós-guerra, em 1919, vivendo no país vencido, naquele intervalo abissal entre o fim das ações bélicas e os acordos, os tratados entre vencedores e vencidos — que, como sabemos, estendeu-se até 1920 (o Tratado de Versailles) —, e cercado de mortes tão próximas como a de Viktor Tausk (julho de 1919), de Sophie, sua (de Freud) filha de 26 anos (janeiro de 1920), e do amigo Anton von Freund (janeiro de 1920). Este último fora, em tempos tão sombrios como aquele, um mecenas da psicanálise, num momento em que se procurava fortalecer os laços entre os primeiros analistas, seguidores de Freud, e também fundar uma editora, dedicada à publicação de seus trabalhos científicos. O próprio Freud opusera-se a tal interpretação, de imediato, inclusive desautorizando seu primeiro biógrafo, Fritz Wittels, em 1926, acerca disso.

Recentemente, Grubrich-Simitis, pesquisando manuscritos de Freud na biblioteca do Congresso americano, descobre duas versões do *Jenseits* e, analisando conteúdo e prováveis datações de cada um, relembra a polêmica interpretação, contradizendo o argumento do autor. Ele dissera, na época, que o essencial de seu artigo

já estava concluído antes de 1920 — o que, aliás, está documentado em algumas de suas cartas de 1919. Grubich-Simitis argumenta, no entanto, que a versão mais recente, a de 1920, é a que contém o sexto capítulo, o mais extenso do livro, e a contundente expressão “pulsão de morte”. Com base nisso, ela acredita poder amparar o ponto de vista daqueles que viram nesse texto, essencialmente, o fruto das circunstâncias subjetivas de seu autor.⁹⁸ Mas é ele mesmo que, em 1926, em entrevista a Viereck, dirá: “A Morte é companheira do Amor. Juntos eles regem o mundo. Isso é o que diz meu livro *Além do Princípio do Prazer*.”⁹⁹

No texto “La littérature et le droit à la mort”, Blanchot faz um caminho quase paralelo ao texto de Freud no *Jenseits...* O fragmento que apresentamos à p.177, acima, é seu ponto de partida; nele, o que Blanchot interroga, sob a designação de *littérature*, é precisamente a experiência da escrita. Em certa altura, atingindo também a materialidade da linguagem, ele pode escrever:

Le nom cesse d’être le passage éphémère de la non-existence pour devenir une boule concrète, un massif d’existence; le langage, quittant ce sens qu’il voulait être uniquement, cherche à se faire insensé. Tout ce qui est physique joue le premier rôle: le rythme, le poids, la masse, la figure, et puis le papier sur lequel on écrit, la trace de l’encre, le livre. Oui, par bonheur, le langage est une chose: c’est la chose écrite, un morceau d’écorce, un éclat de roche, un fragment d’argile où subsiste la réalité de la terre. Le mot agit, non pas comme une force idéale, mais comme une puissance obscure, comme une incantation qui contraint les choses, les rend *réellement* présentes hors d’elles mêmes. Il est un élément, une part à peine détachée du milieu souterrain: non plus un nom, mais un moment de l’anonymat universel, une affirmation brute, la stupeur du face à face au fond de l’obscurité. Et, par là, le langage exige de jouer son jeu sans l’homme qui l’a formé.¹⁰⁰

Assim, Blanchot leva às últimas conseqüências essa realidade material que ultrapassa muito a palavra falada, o significante, o fonema. Esse além da materialidade já evidencia a insensatez da linguagem ou a loucura de que ela não pode afastar-se definitivamente ou abolir fatalmente. “Felizmente”, pode-se dizer, a princípio, mas, para

⁹⁸ Cf. GRUBRICH-SIMITIS. *De volta aos textos de Freud*, p.189-98.

⁹⁹ SOUZA. *Sigmund Freud e o gabinete do Dr Lacan*, p.120.

¹⁰⁰ BLANCHOT. *La part du feu*, p. 316-7.

logo adiante reconhecer uma potência obscura, as coisas fora delas mesmas, esse poder de evocar o avesso do que é aparente, da luminosidade do dia, na ilusão da imagem da realidade. E trata-se de um jogo que dispensa aquele que, aparentemente, é quem o materializa, escrevendo: é a própria linguagem que age em sua profundidade, que o constringe a escrever, escrever, escrever. Trata-se da coisa escrita em que subsiste a realidade da terra, do barro animado por “forças externas” (Freud), mas que porta seu aniquilamento, a morte, e *nela se mantém*.

Essa morte, que faz da palavra coisa, levará Blanchot a escrever: “Mais le langage est *la vie qui porte la mort et se maintient en elle*.”¹⁰¹ Mas como entender tal paradoxo, tão próximo daquele ao qual Freud é conduzido, quando se pergunta o que haverá para além de além daquilo que mantém a vida — o princípio do prazer? Ao tentar explicá-lo, Freud é obrigado ou a recuar, ou a se desculpar, ou a mudar de discurso. E, como não pode livrar-se da força que o obriga a escrever, chega a seu enunciado central, como já citado à p.181 acima: *O objetivo de toda vida é a morte*. Ou, nas palavras de Lacan: “L’être humain lui-même est en partie hors de la vie, il participe à l’instinct de mort. C’est de là seulement qu’il peut aborder le registre de la vie”¹⁰² A metapsicologia conduz Freud a esse ponto. Mas o que é a metapsicologia, senão a feiticeira, senão a impossibilidade de não viver a experiência, a impossibilidade de não escrever?

Blanchot segue adiante e é levado a outro paradoxo: o de pensar a morte sem o final, sem o que é último, derradeiro. Ele escreve:

Tel est le paradoxe de l’heure dernière. La mort travaille avec nous dans le monde; pouvoir qui humanise la nature, qui élève l’existence à l’être, elle est en nous, comme notre part la plus humaine; elle n’est morte que dans le monde, l’homme ne la connaît que parce qu’il est homme, et il n’est homme que parce qu’il est la mort en devenir. Mais mourir, c’est briser le monde; c’est perdre l’homme, anéantir l’être; c’est donc aussi perdre la mort, perdre ce qui en elle et pour moi faisait d’elle la mort. Tant que je vis, je suis un homme mortel, mais, quand je meurs, cessant d’être un homme, je cesse aussi d’être mortel, je ne suis plus capable de mourir, et la mort qui s’annonce me fait horreur, parce que je la vois telle qu’elle est: non plus mort, mais impossibilité de mourir.¹⁰³

¹⁰¹ BLANCHOT. *La part du feu*, p.324 (destaque do autor).

¹⁰² LACAN. *Le séminaire*, Livre II, p.128 (19 janvier 1955).

¹⁰³ BLANCHOT. *La part du feu*, p.324-5.

profusão — *hasard des commencements* — da escrita de Freud. Primeira mesmo, primeiríssima, não sendo possível determinar. O *Jenseits...* é uma aposta bem adiante, como vimos, que abre, precisamente, a possibilidade de que o retorno não cesse. A assunção da morte, em termos metapsicológicos, que inaugura a segunda tópica freudiana, já contém em si o germe da terceira: mesmo que Lacan tenha que dedicar uma vida, uma vida inteira, para traçar o seu percurso, inciso no curso da obra de Freud. Esse retorno de Lacan à letra de Freud “acabaria desembocando na substituição do apoio biológico freudiano pelo recurso à lingüística moderna e, mais tarde, à lógica formal e à topologia matemática.”¹⁰⁶

Dos primeiros rabiscos, primeiros bilhetes, *lettres* do adolescente, a escrita legou-nos uma obra, cuja continuidade, para além de seu criador, tem, precisamente na *lettre*, a perenidade de seu curso. Examinemos, na celeridade e na provisoriedade de uma “conclusão”, um dos momentos da incisão da letra no curso da psicanálise.

¹⁰⁶ ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise*, p.513 verbete Metapsicologia.

A EXPERIÊNCIA LITURATERÁRIA

*Nuvens em árvore diante do sol.
A parte superior do céu levemente nublada,
a inferior mais pesada.
Cumulus leves do lado oeste*

Goethe

*Estar nas nuvens é realmente isso,
sem se saber.
Uma espécie de audácia galante,
de indiferença atenta*

Maria Gabriela Llansol

Não dispondo das *lettres* de Lacan, e supondo-as tão importantes para o texto que aqui se escreve — como ficou demonstrado com o que já escrevemos, acerca do texto de Freud, e do curso da psicanálise —, tomaremos de empréstimo duas das cartas deste último a Ferenczi, já citadas às páginas 169 e 170 acima, para demarcarmos o ponto de onde partimos. Uma diz que o artigo em gestação (de Freud) tem um “título enigmático”; a outra, que, em tal artigo, o autor “diz muitas coisas bem pouco claras, e que o leitor deverá se arranjar: impossível, às vezes, fazer de outra forma”. Ele mesmo, Lacan, poderia ter escrito tais palavras, se escrevesse uma carta comentando um de seus textos — aquele nos ocupará aqui.

Do retorno a Freud, ao sobre-retorno que Lacan faz, sobrevoando seu próprio percurso, e indo além, no curso da experiência que escreve, ele chega, entretanto, a *Lituraterra*. A letra,¹ ali, ao nos ocupar, talvez então nos desvie da preocupação acerca da falta de suas cartas.

Poderíamos ser tentados, nesse momento, a tomar o partido de uma *Lituramar* — quase escrevia Litur’Amar (verbo intransitivo) —, posto que, é certo, Lacan escutou o canto das sereias, deixou-se tomar por esse canto inumano, atravessou ares e mares, fez o longo caminho de navegação até elas e tornou-se abismado — tomou e foi tomado pelo abismo. Mas, como ele mesmo nos diz — nos parágrafos 34 e 35 de “Lituraterra”, à página 14 da edição francesa dos *Autres écrits* —,² é um outro discurso, que não o universitário, nem o científico, que ampara a experiência, a partir da qual ele fala, ele escreve.

E, também, é precisamente por isso, sabemos, que não fomos nós criados por qualquer espécie de evolução biológica a partir de algum organismo elementar habitante dos mares. Nós viemos, mais uma vez o sabemos, foi mesmo da terra, do pó, do barro, animados, ainda, pela linguagem que habitamos, posto que falamos. Então: *Lituraterra*.

Por isso mesmo, por haver descartado o poder da técnica — que permitira a Ulisses ludibriar e vencer as sereias —,³ Lacan pôde abismar-se, mas num ponto bastante preciso, sobre o qual ele escreve no parágrafo 25 de seu texto. Ali, Lacan apresenta claramente como se coloca perante o saber de uma experiência da qual faz a

¹ Entre nós são vários os trabalhos em torno da apuração do conceito de letra, ou de sua utilização na psicanálise e na literatura. Cf. na bibliografia, os trabalhos de CASTELLO BRANCO; MANDIL; PORTUGAL; MAIA, CASTRO; VIEIRA; GUIMARÃES; RITVO; ANDRADE; REGO, dentre outros.

² LACAN. *Autres écrits*. A numeração dos parágrafos é a mesma para a edição brasileira desse livro, que conta, ainda, com o número da paginação do original (francês), entre colchetes, às margens de cada página. Cf. LACAN. *Outros escritos*.

³ Tomamos como referência aqui o capítulo de Blanchot, “Le chant des Sirènes”. In: BLANCHOT. *Le livre à venir*, p.7-37.

transmissão: “un savoir en échec: comme on dit figure en abyme, c’est ne pas échec du savoir.”⁴

Que Lacan tenha escapado do destino de Ulisses e Homero, podendo manter-se na experiência do que se escreve — a narrativa —, e não tenha caído simplesmente na literatura, no romanceamento, na navegação prévia ao acontecimento, ele mesmo o testemunha, com sua escrita, invocando, antes, a nós, leitores, a espantar nosso espanto: “On ne s’étonnera pas de m’y voir proceder d’une démonstration littéraire puisque c’est là marcher du pas dont la question se produit. En quoi pourtant peut s’affirmer ce qu’est une telle démonstration.”⁵ O que Lacan declara aí é que, justamente, já ultrapassou a literatura — embora proceda com uma “demonstração literária” —, já se encontra em literaterra, após ter tomado de empréstimo os traços, para tentar indicar o que lhe parece produzir a letra a partir do vivo.

Assim Lacan escreve o acontecimento, fazendo desse escrito, e também da lição de 12 de maio de 1971 (“D’un discours qui ne serait pas du semblant”), verdadeiros acontecimentos, eles mesmos. Trata-se de um escrito enigmático, ambíguo, fora de ordem, desordenado, extraordinário — gongórico —,⁶ que desafia a decifração, que sorve o leitor que dele se aproxima. Não existe o leitor para tal texto: ele é/está sempre antes ou por vir, a não ser que, fazendo ele próprio, leitor, a experiência do texto, tudo mude: escrito e leitor já não são mais os mesmos.

Mas, afinal, por que ter evocado aqui o canto das sereias? O que nos interessa e nos trouxe até aqui para finalizar nosso escrito é exatamente a escrita/experiência. Em seu texto, Blanchot, então, responde-nos:

Le récit est mouvement vers un point, non seulement inconnu, ignoré, étranger, mais tel qu’il ne semble avoir, par avance et en dehors de ce mouvement, aucune sorte de réalité, si impérieux cependant que c’est de celui seule que le récit tire son attrait, de telle manière qu’il ne peut même “commencer” avant de l’avoir atteint, mais cependant c’est seulement le récit et le mouvement imprévisible du récit qui fournissent l’espace où le point deviant réel, puissant et attirant.⁷

⁴ LACAN. *Autres écrits*, p.13.

⁵ LACAN. *Autres écrits*, p. 15.

⁶ Cf. CAMPOS. O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalingua (Freud, Lacan e a escritura). In: CESAROTTO (org.), *Idéias de Lacan*, p.175-95.

⁷ BLANCHOT. *Le livre à venir*, p.14.

Trata-se, sem dúvida, como ele mesmo escreve, de uma relação muito delicada, uma espécie de extravagância. Mas podemos também voltar aqui na imagem do *mise en abîme*, pois é disso que se trata, dito de outra forma por Blanchot no fragmento acima.

Teria sido a escrita japonesa — “une langue (...), en tant que le travail de l’écriture” — o canto das sereias para Lacan? É possível, é provável. Ele nos dá todas as pistas acerca disso, nos últimos parágrafos de seu texto, particularmente devido ao fato de que tal funcionamento ultrapassa a questão de saber o que seria, o que constituiria a anterioridade, no que se refere à escrita e à fala, e também pelo fato de poder pensar, de outra forma, uma das conseqüências da relação do sujeito com a linguagem, como, por exemplo, o recalque. Assim ele escreve:

Singulièrement ceci semble porter le résultat qu’il n’y ait rien à défendre de refoulé, puisque le refoulé lui-même trouve à se loger de la référence à la lettre.
En d’autres termes le sujet est divisé comme partout par le langage, mais un de ses registres peut se satisfaire de la référence à l’écriture et l’autre de la parole.⁸

Tudo isso demonstra o que é essencial, mas também limite na teorização/escrita que não cessa.

Após ter feito todo o percurso até elas, as sereias, é num retorno — no segundo, não no primeiro: *ressassement éternel* —, que Lacan pôde viver o acontecimento que impõe sua escrita. É, como ele diz, sua visão do ravinamento das águas na planície siberiana, estando ele, ao mesmo tempo, suspenso junto com a fonte dessas mesmas águas, pois trata-se de um vôo que atravessa as nuvens. Lacan vê a neblina, o nimbo, como “ce qu’il en est du signifiant: soit le semblant par excellence”,⁹ e, na precipitação da matéria ali em suspenso, na ruptura dessas nuvens carregadas, vislumbra um diáfano véu, “anúguas de chuva”.¹⁰ Eis, enfim, o que ele escreve como ruptura do semblante. O segundo momento é o ravinamento propriamente dito: a erosão causada no solo pelo escoamento das águas. Entre ruptura e ravinamento: o escoamento, assim descrito pelo autor: “Le ruissellement est bouquet du trait premier et de ce qui l’efface”.¹¹ Há aqui uma conjunção, e Lacan chama a atenção para isso, embora assinale também uma

⁸ LACAN. *Autres écrits*, p.19.

⁹ LACAN. *Autres écrits*, p.17.

¹⁰ Devo esta última expressão a paulo de andrade, em sua tradução, ainda inédita, de *L’amour*, de Marguerite Duras. Cf. ANDRADE. *Nada do dia se vê da noite esta passagem*: amor, escrita e tradução em Marguerite Duras.

¹¹ LACAN. *Autres écrits*, p.16.

temporalidade desdobrada: dois tempos. Este é apenas um dos exemplos de figura complexa que ele desenha, como aquela de que fala Blanchot: entre a narrativa e o acontecimento. Deste “bouquet”, diz Lacan, é preciso que se distinga a “rasura”, limalha, risco de traço nenhum que lhe seja anterior. “É isso que do litoral faz terra. *Litura* pura é o literal.”¹²

Chegamos aqui à terceira margem, ao litoral. Terceira, porque além da margem de lá; ou porque o que há para além da margem de lá é outra coisa, é heterogêneo e não recíproco, como diz Lacan. Mas dentre outras coisas que separa, o litoral faz deslizar, para um lado, a terra, e para o outro a *Litura*, lettera, letra, literal: *Lituraterra*.

Muito longe ainda leva essa escrita. Por exemplo: “l’écriture est dans le réel le ravinement du signifié.”¹³ E há um ponto que é ainda necessário destacar aqui: “Pour lituraterri moi-même, je fais remarquer que je n’ai fait dans le ravinement qui l’image, aucune métaphore. L’écriture est ce ravinement même”.¹⁴ Soletramento da imagem.¹⁵ Escrita ao pé da letra. Escrita do acontecimento. Tal escrita é o quadro que o escritor pinta, pintando-se a si mesmo pintar. Escrita/acontecimento/experiência.

Aonde nos leva esse escrito, senão para além dele mesmo? Sua derradeira frase¹⁶, um derradeiro quadro: uma leveza (ascèse), um riscado (“c’est écrit”), o infinito assintótico (o tempo condicional de uma impossibilidade). A julgar por uma fidelidade, e pela ressonância constante da escrita que nos trouxe até aqui — com a qual *Lituraterra* faz linhagem —, onde chegaríamos, a partir de então, claudicando?

Talvez aos limites entre o saber e o mais além — o gozo —; talvez aos limites entre o simbólico e o real (o que chove do semblante); e certamente aos limites entre a literatura e a psicanálise, como demarca Lacan. Mas talvez — e esse ponto é, para nós precioso — tudo isso tenha se escrito a partir da invenção de Freud e da narrativa/acontecimento de sua experiência, para atingirmos, por fim, a quarta confidência, aquela que, durante toda esta escrita sustentou a noção blanchotiana de experiência literária, com a qual nos propusemos ler a experiência de Freud — sua experiência lituraterária —: a de que a nós, que nada somos, foi-nos dado, afinal, um nome não consistente, mas que é verbo. E esse nosso verbo é tão-somente: escrever.

¹² LACAN, *Outros escritos*, p.21.

¹³ LACAN. *Autres écrits*, p.17.

¹⁴ LACAN. *Autres écrits*, p. 18.

¹⁵ Cf. capítulo dedicado ao soletramento da imagem. In: GUIMARÃES. *Imagens da memória*, p.208-25.

¹⁶ “Une ascèse de l’écriture ne me semble pouvoir passer qu’à rejoindre un ‘c’est écrit’ don’t s’instaurerait le rapport sexuel.” LACAN. *Autres écrits*, p.20.

ANEXOS

Seria este o ponto extremo, a região onde vaga, vagamente, a experiência? Horror da escrita ou o que a torna tão medonha: “Escreverei livremente...; uma narrativa...; dez palavras...; isso é que a torna tão medonha...; estou certo de que as palavras que não deveriam ser escritas serão escritas”.¹⁰⁴

O encadeamento entre o *Entwurf...* e o *Jenseits...* deslocou a questão da origem da psicanálise para o seu devir. Freud, enquanto escrevia a experiência, escreveu trabalhos científicos, relatos de casos, suas elaborações teóricas, narrativas íntimas, cartas, pequenos escritos de toda ordem. Pode-se tomar o partido de, frente a tudo isso, tentar demarcar o que é e o que não é psicanálise. O escritor, tomado pela exigência da obra, desviado sempre de seu centro, forçado ao esquecimento que torna possível o retorno, ainda assim é a personagem menos provável, menos existente, menos consistente. “L’écivain se sent la proie d’une puissance impersonnelle qui ne le laisse ni vivre ni mourir: l’irresponsabilité qu’il ne peut surmonter devient la traduction de cette mort sans mort qui l’attend au bord du néant.”¹⁰⁵ Como vimos, ele só pode ser a grande sombra que tudo recobre, cada partícula de cada pequena sombra que obscurece a distância entre as palavras e as coisas. Seu trabalho é aquele condenado ao *ressassement éternel*, espécie de recorrência, repetição, retorno, retomada, sem qualquer chance de fazer parar o que não pára, nunca. Sem sequer descansar sob a possibilidade da morte, uma vez que a escrita o antecede e a ele se segue: “non plus mort, mais impossibilité de mourir.”

Na clave daquilo que retorna sob a pena de quem destaca e reescreve esse encadeamento, melhor será designá-lo: *enodamento*. Eis o que se escrevera, quando o *Entwurf* retorna à obra, e quando o *Jenseits*, antes mesmo desse retorno, retorna ele mesmo, no movimento da escrita. Lacan, para entrar nessa escrita, fará apelo à topologia e à teoria dos nós. Sob sua palavra e sua pena, o que seria uma “terceira tópica” – imaginário, simbólico e real —, esse enodamento que se coloca fora do curso linear do tempo, retorcido ou recortado, ou tomado por alguma figura topológica complexa, e a que ele designará como “retorno à letra de Freud”, é, na verdade, uma (re)invenção da psicanálise. A invenção “primeira” perdera-se na multiplicidade ou

¹⁰⁴ BLANCHOT. *Pena de morte*, p.10.

¹⁰⁵ BLANCHOT. *La part du feu*, p.327.

RELAÇÃO DOS ESCRITOS DE FREUD ENTRE OS ANOS 1877-1897

- 1) E por falar em enguias (1877)
- 2) Um “petromyzon”: primeira descoberta (1877)
- 3) Segundo trabalho sobre o “petromyzon” (1877)
- 4) O intermezzo Stricker (1878)
- 5) Primeiro método de coloração freudiana (1878)
- 6) Primeira tradução: Mill (1880)
- 7) Um caranguejo (1882)
- 8) Teoria da correlação freudiana (1882)
- 9) O bacilo da tuberculose (1883)
- 10) A cocaína (1884)
- 11) O bacilo da sífilis (1884)
- 12) Segundo método de coloração (1884)
- 13) Versão inglesa do segundo método de coloração (1884)
- 14) Um paciente atacado pelo escorbuto (1884)
- 15) Coca (1884)
- 16) A ação geral da cocaína (1885)
- 17) As diversas preparações de cocaína (1885)
- 18) A ação da cocaína (1885)
- 19) O corpo olivar (1885)
- 20) Atrofia muscular (1885)
- 21) O sintoma de Brodie (1886)
- 22) “Lições sobre as doenças do sistema nervoso” de Charcot (1886)
- 23) Neurite múltipla (1886)
- 24) O corpo estriado (1886)
- 25) A origem do *N. Acusticus* (1886)
- 26) Hemianestesia em um homem histérico (1886)
- 27) Neurastenia aguda (1887)
- 28) Tratamento da neurastenia (1887)
- 29) Monoplegia anaesthetica (1887)
- 30) O *Baú* do cérebro segundo Obersteiner (1887)
- 31) Verificar o trajeto dos nervos (1887)
- 32) De novo o método de coloração (1887)
- 33) Um livro de Borgherini (1887)
- 34) Um livro de Nussbaum (1887)
- 35) Cocainomania e medo da cocaína (1887)
- 36) Primeira tradução de Bernheim (1888)
- 37) O artigo “Afasia” do Villaret (1888)
- 38) O artigo “Cérebro” do Villaret (1888)
- 39) O artigo “Histeria” do Villaret (1888)
- 40) O artigo “Histeroepilepsia” do Villaret (1888)
- 41) A hemianopsia da primeira infância (1888)
- 42) Resenha de uma obra de A. Forel sobre o hipnotismo (1889)
- 43) O artigo “Paralisia infantil” do Villaret (1891)
- 44) O artigo “Paralisia” do Villaret (1891)
- 45) O artigo “Hipnose” do léxico de A. Bum (1891)
- 46) A Afasia (1891)

- 47) A Hemiplegia cerebral das crianças (1891)
- 48) Segunda tradução de Charcot (1892)
- 49) Segunda tradução de Bernheim (1892)
- 50) Resenthal e Rosenberg: as duas teses orientadas por Freud (1892-1893)
- 51) Um sintoma que acompanha a enuresia noturna nas crianças (1893)
- 52) As diplegias cerebrais da infância (1893)
- 53) As formas familiares de diplegias cerebrais (1893)
- 54) As diplegias cerebrais infantis (1893)
- 55) Resenha de L. Edinger (1895)
- 56) A propósito da histeria (1895)
- 57) A coxa de Jacó (1895)
- 58) Paralisia cerebral infantil (1897)

ARQUIVOS DA “ACADEMIA ESPANHOLA”¹

Fora isso ainda estão presentes: o meu “Novo Ma-Nischtana,”² uma poesia improvisada, incluindo, por fazer parte dela, a horripilante figura de Cristo e a inscrição

ABI
TUR
IENT³

Panfletos avulsos, de nós dois, daquela época das revelações românticas, meu memorial concernente à greda, que trouxe por consequência a destituição de G. A minha tenebrosa peça noturna em que rivalizava com Poe, e o seu terrível episódio do romance “Konrad”, em que rivalizavas com Balzac. O início de uma novela iniciada por mim, “A viagem para Roznau”, que por sorte permaneceu um torso.

Minha carta de consolo, ao ficarmos sabendo que terias de ir para Braila, em puro castelhano. Uma “Cornélia”,⁴ fazendo referência às nossas aulas de espanhol. Os meus bilhetes de visita, para quando eu não te encontrava em casa, em parte elaborados com grotescos caracteres. As anotações teatrais que redigias para nosso teatro infantil. As cópias que fazias dos diários de minhas irmãs. O meu lembrete comemorativo, escrito às 12 horas de 13-14/1, 1873. Meu vade-mécum escrito para ser lido a bordo, abençoando e amaldiçoando os montes Rhadiska⁵ e Rhadost.⁶ Um relato meu sobre um estranho encontro com a Ichth.⁷ A folha de um diário com um idêntico relato. Minha famosa dissertação ‘de mediis, quibus in amoribus efficiendis utuntur poetae’⁸, que por si era suficiente para me efficiendis como o feliz sucessor de Aristóteles.⁹ O meu precioso romance falência,¹⁰ com as tuas mais apreciadas interpolações, cuja leitura me proporcionou a mais divertida hora desde um meio ano para cá. Com exceção do final, que é frouxo, ele é, de fato, primoroso. Faço-te lembrado das cartas entre D. Berganza e D.Cipião. As travessuras de D. Kürschner, os penares de amor de D. Möller; seus lamentos de amor, por ti escritos, as cenas na casa da Ichtyosaura, o seu sofrido monólogo, o seu lamento bíblico por Roznau, a sua atitude com relação a Aquiles, Heitor e Briséia, e todas as demais tolices, enfim, Amor e Cazadora. Além disso, duas idéias de minha irmã Rosa, que realmente revelam humor. Tua novela Manuela, e finalmente felicitações para o teu aniversário em nosso nobre espanhol.

¹ Conforme a edição brasileira, nas páginas 110-1, com as notas do editor alemão. As diferenças de grafia, referentes aos nomes dos montes, das notas 5 e 6, estão conforme ambas as edições (brasileira e francesa).

² Ma-Nischtana: i. é., por que se diferencia; as duas primeiras palavras da pergunta “Por que se diferencia esta noite de todas as outras noites?”, que, depois do segundo cálice, na noite da Páscoa judaica, é feita ao mais recente membro da mesa de comensais e para a qual há quatro repostas.

³ *Abiturient*, aluno que presta o exame final do 3. grau.

⁴ Correlação pouco clara. Talvez Freud e Silberstein tenham se identificado com ambos os Gracos, cuja mãe, Cornélia, os educou e ensinou com especiais cuidados.

⁵ O Hradisko, de 769 m de altura, está situado na fronteira oeste da Moravia.

⁶ O Radhost, de 1.130 m de altura, está situado na fronteira leste da Moravia, ao pé do qual encontra-se Roznau.

⁷ Refere-se ou ao descrito encontro com o irmão de Gisela, a 25 de março de 1872, ou a um outro encontro, com a própria Gisela.

⁸ Dos meios que os poetas costumam empregar nas questões amorosas.

⁹ Dando continuação à *Poética* de Aristóteles.

¹⁰ Está relacionado talvez ao romance de duas partes (“Dalles” e “Riches”), ao qual Freud faz alusão na sua carta a Martha Bernays, de 15 de abril de 1884.

ESBOÇO DO CANTO DO CASAMENTO*

I [ou F?]
 In [ou e?] infeliz sina,
 Dá-me, ó amigo, tua musa, pois a minha já “empacotou” [?] há muito tempo.

Revestir em palavras alemãs [a] desolação repelente e terrível, que tua carta lançou tão súbito no âmago do coração —

Ela, o xxx [em vez de o xxx *eventualmente* a pérola?], sim [*eventualmente* sinete para Gisela],
 a musa da “Academia” [aspas do transcritor],
 casada [casada *modificado para* entregue] já a um dos netos de Jacó. —
 Ai de mim, ó ai; eu endoideço, o sofrimento afunda com o peito. Mal consigo eu entender a terrível sina. —

Amigo, querido tu, sou a ti [ou o?] xxx xxx xxx [*eventualmente*, sinete para Ichthyosaura xxx Fluss *com flexão da desinência*]

Envia-me de imediato 2 cianetos de potássio, 2 vedes,
 5 gotas de éter, mas nenhuma [?] planta [?] da cicuta,
 9 belos xxx, recém-colhidos, por ti xxx preparados,
 Arsênico, bem alvos e genuínos envia-me hoje. —
 [Texto riscado] lugar a [mim] um [Ms. A um *em vez de u*]
 navalha afiada [faca],
 um revólver também, de 6 canos raiados —
 balas de chumbo com sucata, mas tudo em bom estado e sólido —
 pois não suporto por mais tempo a repelente sina.

Ela, a fiel noiva, (que pode ser vista *depois riscado*) nos braços de um outro contemplada.
 Toda a felicidade e o prazer do amor feliz gozando. —
 Quando imagino de que maneira ela ao amado esposo está acariciando agora mesmo o queixo a sussurrar baixinho [?]
 xxx lhe dá, xxx, o amor apenas fantasiando, beija-lhe os lábios e a testa,
 que xxx, ó ai de mim, ai de mim,
 ainda isso, embora xxx, há muito a antiga xxx.

Oh, meu Deus Abraão [Abraão *complementação por cima da linha*],
 como veio a ser aniquilado tão cruelmente [?]
 xxx [*antes da palavra ilegível, uma multiplicação escrita no sentido contrário*].
 Viajo amanhã, partindo daqui às 5 [horas] da noitinha, chego às
 4 horas da manhã em Lemberg, onde [eu] te espero, agora mesmo
 xxx xxx xxx.

Certo, chego às 4 horas da manhã em Lemberg, onde te espero.
 xxx o itinerário não foi possível.
 [Sig]mund

* A difícil transcrição de uma folha dobrada longitudinal e transversalmente, escrita na linguagem estenográfica de Gabelsberger, na versão antiga, com alguns deslizes pessoais, que constituem o esboço escrito por Freud, devemos agradecer ao Dr. R. N. Smid e à Dra. Ursula Panzer do Arquivo Husserl da Universidade de Colônia; grande parte do acervo de Edmund Husserl foi conservada nessa forma de estenografia que hoje apenas poucos especialistas dominam. Entre colchetes encontram-se as observações críticas ao texto, feitas pelos transcritores; o sinal xxx representa, em cada caso, um símbolo estenográfico que não foi possível transcrever.

Canto do Casamento
de um homérica da AC. Esp.

Canta-me, musa, a fama de Ichthyosaura communis,
 antanho poderosa em Lias e noutras formações,
 que resplandescente modelo foi da Academia,
 tanto que um prêmio à sua aparência foi por eles outorgado.
 — Mas ela esmagou o ímpeto da greda que se lhe seguia, até que esta
 se fragmentasse — pois que nada na terra é eterno.
 Tal lembrança guarda-me musa, e alegra-te com a notícia de que tu há
 pouco escaldante, entusiasmada recebeste do amigo.
 Mas, como hei de começar, ignorante do lésbico alaúde
 para louvar aquela, Helena em beleza, que, irresistível,
 conquista os corações dos homens, aos quais entrega aos lamentos?
 Não muito grande era seu porte, não se assemelhava ao choupo,
 que, de impecável crescimento, ergue-se reto de encontro ao céu,
 nem ao pinheiro e ao abeto, a jóia das florestas nórdicas,
 nem ao cedro do Líbano, a clássica árvore dos judeus,
 senão que às formas mais elevadas, o ideal dos portes esbeltos,
 — esférica aparecia ela e magnificamente toda rechonchuda,
 redondo o rosto com as centelhas espirituais dos olhos lançando chispas,
 redondo o contorno do ventre e quando ao poeta é concedido,
 que o olhar contemplativo penetre no que aos olhares comuns é encoberto,
 não duvida ele que a rotundidade do princípio se confirma nas formas,
 que o feliz esposo revela à bem-aventurada noite.
 Invejosos afirmam, e os que têm ódio, que todos Ichthyosauri,
 — que Lineu assim denominou e Jussieu, o erudito
 — dotados de cabeças em forma de abóbora andam pela terra,
 mas nenhum olho mortal percebeu na Ichthyosaura o defeito,
 — a não ser, talvez, o cabelereiro — porque brilhante caía-lhe do alto da
 cabeça
 e das fontes os cabelos em ondulante maré marítima,
 ora desbastados em tranças, ora movendo-se livres ao vento,
 ora com o brilho do sol, ora opacos como a cor da palha,
 parecendo esplêndidos adornos da bela, invejados em Madri e em
 Sevilha.
 Mas, ó musa, deplora a impetuosa morte dos tempos,
 e o correio expresso, que não permite indecisão,
 nem para descrever dos olhinhos o brilho e a interna cor,
 a qual, se cinzenta, se verde, nenhum juízo mortal decide,
 nem a conformação do nariz, do queixo e a configuração das orelhas,
 porém com fugaz olhar te faz louvar resplandecente a virgem,
 que agora se une ao homem, fazendo-se dona de casa,
 mas a dúvida ainda a me resolver, ó musa, pois me parece opressiva.
 Zombadores, ridicularizadores, desprezadores de Deus, ignorantes do
 resguardo,
 momos, críticos também, que a criança no ventre da mãe
 já criticam, antes que o olho de um ser humano a tenha visto,
 dizem em geral — Zeus os arruíne, o vingador do mal

— que no ventre ensolarado apenas se move, apático, o espírito insignificante e fraca no estreito cérebro reina a razão, oprimida pela possessão das fitas e laços e tranças, que o raio de delicada formação nunca o olho o capta, nunca brilhou na compreensão das forças espirituais reinantes, nunca com olhar admirado olhou nas profundezas do saber, nunca cobiçou olhar, como o olho da toupeira a revolver a terra. Minerva e Juno, as deusas ambas, nunca a adornaram, a qual somente preferida foi da sorridente Afrodite.

Resolve-me, musa, a dúvida. Tu sabes melhor que aqueles, tu a viste ir à escola, auscultaste seus pensamentos, ouviste da língua dos gauleses ela balbuciar, a boca inchada de orgulho, e as ciências todas — até onde convém à menina e é ensinada no pensionato — a ela sabes tu que ela possui. Também na habilidade ainda não encontras tu outra a ela igual. Rápida cresce nas suas mãos a meia com o matraquear das agulhas, diligente dirige o instrumento que remenda buracos nos vestidos, sempre onde o bocejo dos poros permitiu ao ar a possessão. Hável, divide ela do arenque o ventre e o lava com água, separa o leite da carne e leva à mesa a refeição. Saboroso é seu confeito, não carecendo de sal e açúcar, nem de tempero as sopas, tão rica é sua habilidade.

Portanto, não há por que se envergonhar de a mão oferecer ao jovem, que na Alemanha estudou a arte de ganhar dinheiro, Rosenzweig chamado, porque, tendo ele por ramo, floresce ela como rosa.

Felizes sejam ambos e ricos, bem-abençoado seu leito nupcial —. Bênção abarrote sua casa, nunca descanse no fogo o assado, nunca fique vazio do papel o cofre guarnecido a ferro, e assim possam ambos o fado completar da vida como os insetos e os vermes que povoam a nossa terra, dotados de imperturbável respiração e alimentação, nunca tocados pelo *espírito* é o que deseja a *Academia*.

OBRAS REFERIDAS NO SEU CONJUNTO:

FREUD. *AE*: para *Obras completas*, tradução direta do alemão para o espanhol por José Luis Etheverry. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2005-2006 (1978-1985 para a 1ª edição) Seguida de algarismo romano para o volume, e de algarismo arábico para a página.

FREUD. *ESB*: para a *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989. Seguida de algarismo romano para o volume, e de algarismo arábico para a página.

FREUD. *ESPI*: para *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004(vol 1); 2006(vol 2); 2007(vol 3) Seguida de algarismo arábico para o volume, e o mesmo para a página.

FREUD, *SE*, para *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

OUTRAS OBRAS E REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Título original: *DIZIONARIO DI FILOSOFIA*.

ALETRIA: revista de estudos de literatura, v. 1-5, 1993/97 – Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG. Periodicidade anual. ISSN: 1679-3749.

ANDRADE, Mauro Cordeiro. *A experiência da escrita nas memórias de Schreber*. 2002. 163 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

ANDRADE, Mauro Cordeiro. Para que serve a escrita? Freud escreve(-se). *Aletria*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 31-41, abril, 2005.

andrade, paulo de. *Nada do dia se vê da noite esta passagem*. amor, escrita e tradução em Marguerite Duras. Orientadora: Lucia Castello Branco. 2005. 230f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

andrade, paulo de. *Retira a quem escreve sua caneta*. Guimarães Rosa e a subtração da escrita. 2001. (.f.) Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

ANDRADE, Vania Maria Baeta. *Luz Preferida: a pulsão da escrita em Maria Gabriela Llansol e Thérèse de Lisieux*. Orientadora: Lucia Castello Branco. 2006. 311 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Correspondance avec Sigmund Freud: suivi du Journal d'une année (1912-1913)*. Traduit de l'allemand par Lily Jumel. Avant-propos et notes d'Ernst Pfeiffer. Paris: Gallimard, 1970. Título original: *Briefwechsel Sigmund Freud-Lou Andreas-Salomé 1912-1913 In der Schule bei Freud*.

ANSERMET, François. Prefácio. In: GROSRICHARD, Alain. *La psychose dans le texte*. Paris : Navarin, 1989. (Trad. Ana Paula Ávila Pinto. Inédito)

BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Trad. Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodrê. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (coleção Roland Barthes)

BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal* Ed. Jacques Dupont. Paris: Flammarion, 1991.

BATAILLE, Georges. *História do olho*. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac&Naify, 2003. Título original: *Histoire de l'oeil*.

BATAILLE, Georges. *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard, 1986 (1943 et 1954)

BATAILLE, Georges. *Œuvres complètes*. 12 vol. Paris: Gallimard, 1970-c1988.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, 1. reimpressão. Título original: *Das Passagen-Werk*

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita: a palavra plural*. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001. Título original: *L'entretien infini* (tradução das p. I-XXVI e 1-116 do original)

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita: a experiência limite*. Trad. João Moura Jr.. São Paulo: Escuta, 2007. Título original: *L'entretien infini* (tradução das p. 117-418 do original)

BLANCHOT, Maurice. *Après coup*. Paris: Les Éditions du Minuit, 1983.

BLANCHOT, Maurice. *L'arrêt de mort*. Paris: Gallimard, 1948.

- BLANCHOT, Maurice. *La Bête de Lascaux*. Paris: Fata Morgana, 1982.
- BLANCHOT, Maurice. *La part du feu*. Paris: Gallimard, 1999 (1949).
- BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.
- BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire*. Paris: Gallimard, 2000 (1955) (collection Folio Essais).
- BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir*. Paris: Gallimard, 1996 (1959) (collection Folio Essais).
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Título original: *Le livre à venir*.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Maria Regina Louro. Lisboa: Relógio d'Água, 1984. Título original: *Le livre à venir*.
- BLANCHOT, Maurice. *Pena de morte*. Trad. Ana de Alencar. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991 (Coleção Lazuli).
- BLANCHOT, Maurice. *Pour l'amitié*. Paris: Fourbis, 1996.
- BRANCO, Lucia Castello, Org.; BARBOSA, Márcio Venício, Org.; SILVA, Sérgio Antônio, Org. *Maurice Blanchot*. São Paulo: Annablume, 2004.
- BRANCO, Lucia Castello. *Os absolutamente sós*. L'lansol – A letra – Lacan. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/UFMG, 2000.
- CAMPOS, Haroldo de. O Afreudisíaco Lacan na galáxia de lalíngua (Freud, Lacan e a escritura). In: CESAROTTO, Oscar. (Org.) *Idéias de Lacan*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 175-95.
- CASTRO, Marcelo Matta de. *A escrita de Michel Leiris como uma interrogação sobre as formulações da letra em Jacques Lacan*. Escrita e Lalíngua. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- CAYGILL, Howard. *Dicionário Kant*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Título original: *A Kant Dictionary*.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Obras completas*. Tomo II. Madrid: Aguilar, 1975 (1940).
- CESAROTTO, Oscar. (Org.) *Idéias de Lacan*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

COELHO, Maria Barcelos de Carvalho. *Arte/clínica: a revelação do escritor. uma leitura dos fragmentos de Sigmund Freud entre os anos de (1887 - 1904)*. 2001. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Teoria Literária) Faculdade de Letras; Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

COMPANGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago, Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COMTE-SPONVILLE. *Dicionário filosófico*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Título original: *Dictionnaire philosophique*.

COTTINGHAM, John. *Dicionário Descartes*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. Título original: *A Descartes Dictionary*.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ESSAIM. Erès. Erik Porge (directeur de la publication), 1998. Revue semestrielle. ISBN: 2-86586-590-8.

EXPÉRIENCE. In: ENCYCLOPÉDIE philosophique universelle. Publié sous la direction d'André Jacob. Volume II. *Les notions philosophiques – Dictionnaire*. Tome 1: Philosophie occidentale: A-L. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

EXPERIÊNCIA. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Título original: *DIZIONARIO DI FILOSOFIA*.

EXPERIÊNCIA. In: COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Título original: *DICIONNAIRE PHILOSOPHIQUE*.

EXPERIÊNCIA. In: FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. Tomo II (E-J). Trad. Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2001. Título original: *Diccionario de Filosofia*, Tomo II (E-J). Nueva edición revisada, aumentada y actualizada por el professor Josep-Maria Terricabras

FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. Tomo II (E-J). Trad. Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2001. Título original: *Diccionario de Filosofia*, Tomo II (E-J). Nueva edición revisada, aumentada y actualizada por el professor Josep-Maria Terricabras

FERREIRA, Vergílio. *Fotobiografia*. Org. Helder Godinho e Serafim Ferreira. Lisboa: Bertrand Editora, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. I 1954 - 1975. Paris: Quarto Gallimard, 2001.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. – 8. ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

FREUD, Sigmund. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*: 1871-1881. (Org. Walter Boehlich) Trad. Flávio Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1995. Título original: *Sigmund Freud Jugendbriefe an Eduard Silberstein*

FREUD, Sigmund. *Contribution à la conception des aphasies*: une étude critique. 4a Ed. Traduit de l'allemand par Claude van Reeth. Paris: Presses Universitaires de France, 2002. Título original: *Zur auffassung der aphasien*: eine kritische studie.

FREUD, Sigmund. *Correspondência de amor e outras cartas*: 1873-1939. Trad. Agenor Soares Santos. Ed. preparada por Ernst L. Freud. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Título original: *Letters of Sigmund Freud*

FREUD, Sigmund. *Lettres de jeunesse*. Trad. de l'allemand par Cornélius Heim Paris: Gallimard, 1990.

FREUD, Sigmund/FERENCZI, Sándor. *Correspondance* Tome II: 1914-1919. Édité par les soins de Eva Brabant et Ernst Falzeder avec la collaboration de Patrizia Giampieri-Deutsch sous la direction d'André Haynal. Transcrit par Ingebord Meyer-Palmedo. Traduit de l'allemand par le groupe de traduction du Coq-Héron, composé de Suzanne Achache-Wiznitzer, Judith Dupont, Suzanne Hommel, Christine Knoll-Froissart, Pierre Sabourin, Françoise Samson, Pierre Thèves, Bernard This. Paris: Calmann-Lévy, 1996.

FREUD, Sigmund/FERENCZI, Sándor. *Correspondance* Tome III 1920-1933: Les années douloureuses. Édité par les soins de Eva Brabant et Ernst Falzeder avec la collaboration de Patrizia Giampieri-Deutsch sous la direction d'André Haynal. Transcrit par Ingebord Meyer-Palmedo. Traduit de l'allemand par le groupe de traduction du Coq-Héron: Suzanne Achache-Wiznitzer, Judith Dupont, Suzanne Hommel, Christine Knoll-Froissart, Pierre Sabourin, Françoise Samson, Pierre Thèves, Bernard This. Paris: Calmann-Lévy, 2000.

FREUD, Sigmund/JONES, Ernest. *Correspondance complète* (1908-1939). Édité par R. Andrews Paskauskas. Introduction par Ricardo Steiner. Traduit de l'anglais et de l'allemand par Pierre-Emmanuel Dauzat avec la collaboration de Marilène Weber et Jean-Pierre Lefebvre. Paris: Presses Universitaires de France, 1998. Título original: *The Complete Correspondence of Sigmund Freud and Ernest Jones, 1908-1939*.

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. 4 volumes. 4. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

GAY, Peter. *Freud*: Uma vida para nosso tempo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 719 p. Título original: *Freud: a life of our time*.

GOETHE, Johann Wolfgang. *O jogo das nuvens*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

GRUBRICH-SIMITIS, Ilse. *De volta aos textos de Freud: dando voz aos documentos mudos*. Trad. Inês Lohbauer. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

GUIMARÃES, César. *Imagens da memória: entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras/Estudos Literários – Fale/UFMG; Ed. UFMG, 1997.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (coleção Os pensadores).

JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 3 vol. Título original: *The life and work of Sigmund Freud*.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (coleção Os Pensadores).

KEMPER, Jochen. *Freud: uma avaliação crítica do reducionismo nas edições da obra freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

KOHN, Max. *Freud et le yiddish. Le préanalytique (1877-1897)*. Paris: Ed. ECONOMICA, 2005.

KOHN, Max. *Freud e o Idche: o pré-analítico*. Trad. Marcella Mortara. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994. Título original: *Freud et le yiddish*.

KON, Noemi Moritz. *Freud e seu duplo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1996.

LACAN, Jacques. *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le séminaire, Livre I: les écrits techniques de Freud. 1953-1954*. Paris: Éditions du Seuil, 1975. (Collection “Points Essais”).

LACAN, Jacques. *Le séminaire, Livre II: le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse. 1954-1955*. Paris: Éditions du Seuil, 1978. (Collection “Points Essais”).

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 2 : o eu na teoria de Freud e na técnica psicanálise*. 2. ed. Trad. Marie Christine Laznik Penot e colaboração de Antônio Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário Livro 3. As psicoses*. Trad. Aluisio Menezes. 2a Ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1992. Título original : *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre III : Les psychoses (1955-1956)*.

- LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACOSTE, Patrick. Préparations Anatomiques. En lisant Freud; Contribution à la conception des aphasies (1891). In: L'ÉCRIT DU TEMPS. *Psychanalyse: moments d'histoire*. N. 6, printemps 1984. Paris: Les Éditions du minuit, 1984. p. 111-127.
- LANGENSCHIEDT. *Dicionário de Bolso: das línguas portuguesa e alemã*. Tomo Segundo (pelo Prof. Dr. Albin Eduard Beau) Berlin und Munich: Langenscheidt KG, 1969.
- L'ÉCRIT DU TEMPS. *Psychanalyse: moments d'histoire*. N° 6, printemps 1984. Paris: Les Éditions du minuit, 1984.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LETRA FREUDIANA. *100 anos de Projeto Freudiano*. Ano XIV, n° 15. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- LETRA FREUDIANA. Pulsão e Gozo. Ano XI, n° 10/11/12. Rio de Janeiro: Dumará, s/d
- L'EXPÉRIENCE INTERIÉURE. In: ENCYCLOPÉDIE philosophique universelle. Publié sous la direction d'André Jacob. Volume I. *L'Univers Philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Inquérito às quatro confidências — Diário III*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig 1: O encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Na casa de julho e agosto*. Lisboa: Relógio D'Água, 2003.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades*. Porto: Edições Afrontamento, 1977.
- LLANSOL, Maria Gabriela. O sonho de que temos a linguagem. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n.143/144, p.7-18, janeiro-junho, 1997.
- LOPES, Silvina Rodrigues. *A legitimação em literatura*. Lisboa: Edições Cosmos, 1994.
- LOPES, Silvina Rodrigues. *Literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Vendaval, 2003.
- LOUREIRO, Ines Rosa Bianca. *O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico*. São Paulo: Escuta; FAPESP, 2002.
- MAHONY, Patrick. *Freud como escritor*. Trad. Elizabeth Saporiti. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Título original: *Freud as a writer*.

MAHONY, Patrick. *Sobre a definição do discurso de Freud*. Trad. Francisco Inácio Pinkusfeld Bastos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990. Título original: *On defining Freud's discourse*.

MANNONI, Octave. *Freud: uma biografia ilustrada*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 192 p. Título original: *Freud*.

MANNONI, Octave. *Un commencement qui n'en finit pas*. Paris, Éditions du Seuil, 1980.

MAIA, Maria Elisa Arreguy. *Textualidade Llansol: letra e discurso*. Orientadora: Lucia Castello Branco. 2005. 210 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

MANDIL, Ram. *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Belo Horizonte: Contracapa Livraria/Faculdade de Letras UFMG, 2003.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. (Org. e Ed.) *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MIJOLLA, Alain de. *Dicionário Internacional da Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005. 2 vol. Título original: *Dictionnaire international de la psychanalyse: concepts, notions, biographies, œuvres, événements, institutions*

MUSCHG, Walter. Freud écrivain. Trad. Jacques Schotte. In: *La Psychanalyse*, Paris, 5, 69-124. Título original: *Freud als Schriftsteller*.

PAZ, Octavio. *Los hijos del limo: Del romanticismo a la vanguardia*. 4. ed. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1993.

PEREIRA, Vanda Pignataro. Enlaçando a psicose no espaço ENTRE (II). *Transfinitos*. Belo Horizonte, v. 1, n. 5, p. 95-102, junho 2007.

PINTO, Ana Paula Ávila. *Sigmund Freud, Homem de Letras: quando teoria e ficção se enredam*. Orientadora: Ruth Silviano Brandão. 2000. 108 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

PORGE, Erick. *Freud Fliess Mythe et chimère de l'auto-analyse*. Paris: Anthropos/Economica, 1996.

PORTUGAL, Ana Maria. *O vidro da palavra: o estranho, literatura e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REGO, Cláudia da Moraes. *Traço, letra, escrita: Freud, Derrida, Lacan*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

REY, Jean-Michel. *Des mots à l'œuvre*. Paris: Aubier-Montaigne, 1979

REY, Jean-Michel. *Le matériau freudien*. Paris: Éditions Ramsay, 1987.

REVISTA INTERNACIONAL DA HISTÓRIA DA PSICANÁLISE vol 2, 1989. *Freud, sua correspondência e seus correspondentes / A história da "formação mais apropriada..." na França / Documentos Inéditos*. Trad. Laurice Levy Hoory. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Título original: *Revue Internationale d'Histoire de la Psychanalyse* (sous la direction de Alain de Mijolla)

REVUE INTERNATIONALE D'HISTOIRE DE LA PSYCHANALYSE. (sous La direction de Dr. Alain de Mijolla) *Freud, sa correspondance et ses correspondants / Sur la formation psychanalytique em France*. Vol 2. Paris: Presses Universitaires de France, 1989 (530 p).

RIMBAUD, Arthur. *O rapaz raro: iluminações e poemas*. Trad. Maria Gabriela Llansol. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

RITVO, Juan. O conceito de letra na obra de Lacan. *A Prática da Letra*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 26, p. 9-24, 2000.

ROBERT, Marthe. *La révolution psychanalytique: La vie et l'œuvre de Sigmund Freud*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2002. 568 p.

RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud. O século da psicanálise: 1895-1995*. São Paulo: Editora Escuta, 1995. 3 vol.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Os dez amigos de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 2 vol.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Histoire de la psychanalyse en France: la bataille de cents ans*. Paris: Seuil, 1986. 2 vol.

SACHS, Hanns. *Freud, mon maître et mon ami*. Trad. Claude Davenet. Paris: Éditions Denoel, 1977. 177 p. Título original: *Freud: Master and Friend*.

SCHOTTE, Jacques. Introduction à la lecture de 'Freud écrivain'. In: *La Psychanalyse*, Paris, 5, 51-68, 1959.

SCHUR, Max. *La mort dans la vie de Freud*. Trad. De Brigitte Bost. Paris: Gallimard, 1975. 688 p. Título original: *Freud: living and dying*.

SOUZA, Paulo César (Org.) *Sigmund Freud e o Gabinete do Dr Lacan*. Artigos de Peter Gay; Philip Rieff; Richard Wollheim; Jean Maugüé; Marilene Carone e Paulo César Souza. Trad. Isa Mara Lando e Paulo César Souza. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

TARDITS, Annie. Communauté d'expérience, communauté de savoir. *Essaim*, Erès, n. 1, p. 85-106, printemps, 1998.

TEIXEIRA, Maria Juliana Gambogi. *A Profetisa e o Historiador*. O pensamento em imagens de Jules Michelet. Orientadora: Lucia Castello Branco. 2005. 275 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2005.

VIDAL, Eduardo. A torção de 1920. *Pulsão e Gozo*, Rio de Janeiro, ano XI, n° 10/11/12, p. 22-28, s/d.

VIDAL, Eduardo. Uma letra que não se lê. *A Prática da Letra*, Rio de Janeiro, ano XIX, n° 26, p. 25-30, 2000.

VIEIRA, Márcia Maria Rosa. *Poe, Lacan, Derrida*: o destino da letra. 199 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

WEGENER, Mai. L'Entwurf de Freud – une lettre volée. Traduction de l'allemand par Brigitte Aubenas. *Essaim*, Erès, n. 12, p. 175-195, printemps, 2004.